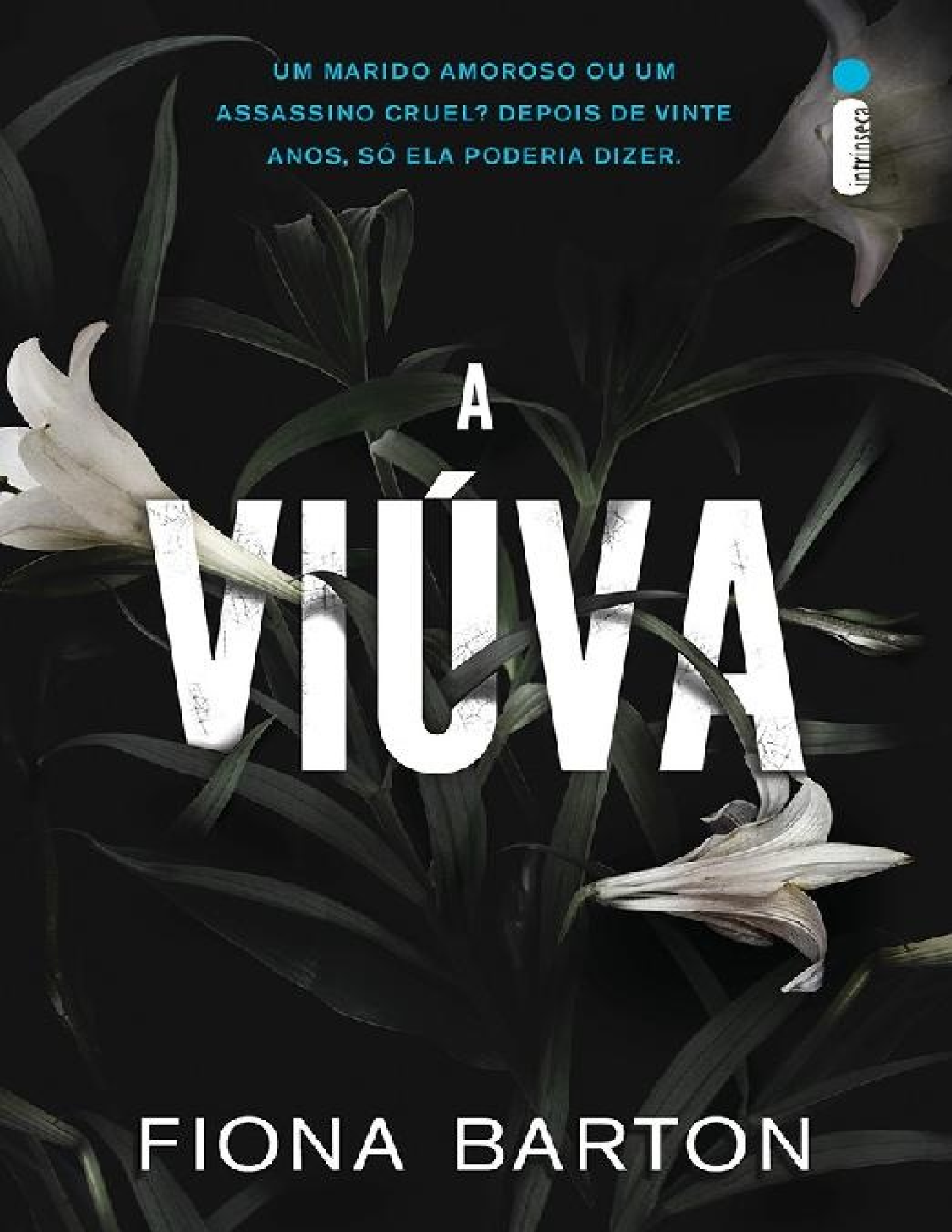
UM MARIDO AMOROSO OU UM ASSASSINO CRUEL? DEPOIS DE VINTE ANOS, SÓ ELA PODERIA DIZER.



A VIÚVA

FIONA BARTON

Copyright © Fiona Barton 2016

TÍTULO ORIGINAL
The Widow

PREPARAÇÃO
Breno Barreto

REVISÃO
Victor Almeida
Juliana Werneck

DESIGN DE CAPA
R. Shailer/TW

FOTOS
© Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Márcia Quintella

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

E-ISBN
978-85-510-0103-5

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para Gary, Tom e Lucy, sem os quais nada teria significado.

CAPÍTULO 1

Quarta-feira, 9 de junho de 2010

A VIÚVA

Dá para ouvir o ruído de alguém pisando o cascalho no caminho de entrada da casa. Pés pesados em saltos altos. Ela está quase à porta, hesitando e afastando o cabelo do rosto. Bela roupa. Paletó de botões grandes, um vestido razoável por baixo e óculos no alto da cabeça. Não é testemunha de Jeová nem membro do Partido Trabalhista. Deve ser jornalista, mas não uma habitual. É a segunda vez hoje — a quarta esta semana, e ainda é quarta-feira. Aposto que vai dizer: "Lamento incomodá-la em um momento tão difícil." Todos dizem a mesma coisa e fazem aquela cara idiota. Como se eles se importassem.

Vou esperar para ver se ela toca a campainha duas vezes. O homem que veio de manhã não tocou. Alguns, obviamente, estão entediados demais para insistir. Vão embora assim que tiram o dedo da campainha. Voltam pelo mesmo caminho o mais rápido possível, entram no carro e partem. Contarão aos chefes que bateram à porta, mas que não havia ninguém. Patético.

Ela toca duas vezes. Depois bate com força daquele jeito rá-tá-tá-tá-tá, feito um policial. Ela me vê olhando por uma fresta na lateral das cortinas de tule e dá um grande sorriso. Um sorriso de Hollywood, minha mãe diria. Depois bate novamente.

Quando abro a porta, ela estende a garrafa de leite que estava na soleira e diz:

— Você não vai querer deixar isto do lado de fora. Vai estragar. Posso entrar? Está com a chaleira no fogo?

Não consigo respirar, muito menos responder alguma coisa. Ela sorri novamente, inclinando a cabeça.

— Meu nome é Kate. Kate Waters, repórter do *Daily Post*.

— Eu sou… — começo, e de repente me dou conta de que ela não perguntou.

— Eu sei quem você é, Sra. Taylor. — Não são ditas as palavras *Você é a matéria*. — Não vamos ficar paradas aqui fora.

E, de algum modo, ela entra enquanto está falando.

Eu me sinto chocada demais com o rumo dos acontecimentos para responder, e a mulher toma meu silêncio como permissão para entrar na cozinha com a garrafa de leite e preparar uma xícara de chá para mim. Vou atrás dela em direção à cozinha — não é um cômodo grande, e temos que nos encolher um pouco enquanto ela circula, enchendo a chaleira e abrindo todos os meus armários à procura de xícaras e açúcar. Apenas fico ali, deixando que tudo isso aconteça.

Ela está tagarelando sobre os armários.

— Que cozinha linda, parece novinha; adoraria que a minha fosse assim. Você mesma montou?

É como conversar com uma amiga. Não pensei que falar com um jornalista seria assim. Achei que seria como um depoimento para a polícia. Que seria um suplício, um interrogatório. Foi o que o meu marido, Glen, disse. Mas não é.

— Sim, nós escolhemos portas brancas e puxadores vermelhos porque pareciam bem despojados — respondo.

Estou em casa discutindo armários de cozinha com uma repórter. Glen teria um ataque.

— É por aqui, não é? — diz ela, e eu abro a porta que dá para a sala de estar.

Não sei bem se quero que ela fique — não sei direito como me sinto. Não parece certo protestar agora — ela está apenas sentada, batendo papo com uma xícara de chá na mão. É engraçado, estou gostando bastante da atenção. Fico um pouco solitária nessa casa, agora que Glen se foi.

E ela aparenta estar no comando das coisas. É realmente agradável ter alguém cuidando de mim outra vez. Eu estava começando a entrar em pânico por ter que lidar com tudo sozinha, mas Kate Waters está me dizendo que vai resolver tudo.

Só o que preciso fazer é lhe contar tudo sobre a minha vida, diz ela.

A minha vida? Na verdade, ela não quer saber sobre mim. Não foi até a minha porta para ouvir sobre Jean Taylor. Ela quer saber a verdade sobre ele. Sobre Glen, meu marido.

Veja bem, ele morreu há três semanas. Atropelado por um ônibus bem em frente ao supermercado Sainsbury’s. Em um minuto, meu marido estava ali, me dando um sermão sobre o tipo de cereal que eu deveria ter comprado, e no instante seguinte estava morto na rua. Traumatismo craniano, disseram. Morto, de qualquer forma. Simplesmente fiquei ali olhando para ele caído. As pessoas corriam de um lado para outro procurando cobertores, e havia um pouco de sangue na calçada. Mas não muito. Ele teria ficado contente. Não gostava de ver nada bagunçado.

Todos foram muito gentis e tentaram me impedir de ver o corpo dele, e eu não podia lhes dizer que estava contente por ele ter partido. Eu havia me livrado de seus absurdos.

CAPÍTULO 2

Quarta-feira, 9 de junho de 2010

A VIÚVA

A polícia foi ao hospital, claro. Até mesmo o detetive Bob Sparkes apareceu na emergência para falar sobre Glen.

Não contei nada a ele nem a qualquer um dos outros. Disse que não tinha nada a declarar, que estava chateada demais para falar. Chorei um pouco.

O detetive Bob Sparkes tem feito parte da minha vida há muito tempo — já passa de três anos —, mas acho que ele vai acabar desaparecendo junto com você, Glen.

Não digo nada disso a Kate Waters. Ela está sentada na outra poltrona da sala de estar, bebericando seu chá e balançando o pé.

— Jean — diz ela; percebi que não havia mais "Sra. Taylor" —, esta última semana deve ter sido um horror para você. E depois de tudo pelo que já passou.

Não respondo nada, me limito a olhar para o meu colo. Ela não tem ideia do que passei. Ninguém tem, na verdade. Nunca consegui contar a ninguém. Glen disse que era melhor assim.

Esperamos em silêncio, depois ela tenta outra abordagem. Então se levanta e pega uma foto nossa na moldura da lareira — nós dois rindo de alguma coisa.

— Vocês parecem muito novos nesta foto — observa ela. — Isso foi antes de se casarem?

Faço que sim com a cabeça.

— Vocês já se conheciam havia muito tempo? Se conheceram na escola?

— Não, não foi na escola. Nos conhecemos em um ponto de ônibus — respondo. — Ele era bem bonito e me fazia rir. Eu tinha dezessete anos, era aprendiz de cabeleireira em Greenwich, e ele trabalhava em um banco. Era um pouco mais velho, vestia terno e usava sapatos de qualidade. Era diferente.

Estou fazendo a história parecer um romance, e Kate Waters está adorando, rabiscando no bloco, me espiando por cima daqueles óculos pequenos e anuindo como se entendesse. Ela não me engana.

Na verdade, Glen não parecia ser do tipo romântico no início. Nosso cortejo se dava principalmente no escuro — do cinema, do banco de trás do seu carro, do parque —, e não havia muito tempo para conversar. Mas me lembro de quando ele disse pela primeira vez que me amava. Fiquei toda arrepiada, como se pudesse sentir cada centímetro da minha pele. Até então, nunca tinha me sentido viva. Respondi que também o amava. Desesperadamente. Que não conseguia comer nem dormir, só pensava nele.

Ao me ver suspirando pela casa, minha mãe dizia que era "fascínio" da minha

parte. Eu não sabia o que significava “fascínio”, mas queria estar com Glen o tempo todo, e na época ele comentou que sentia a mesma coisa. Acho que mamãe estava com um pouco de ciúmes. Ela dependia de mim.

— Ela depende demais de você, Jeanie — disse Glen. — Não é saudável ir para todos os lugares com a filha.

Tentei explicar que mamãe tinha medo de sair sozinha, mas Glen alegou que ela estava sendo egoísta.

Ele era superprotetor. Nos pubs, escolhia lugares para mim longe do bar — “Não quero que seja barulhento demais para você” —, e, nos restaurantes, fazia os pedidos por mim para que eu provasse coisas diferentes — “Você vai adorar isto, Jeanie. Apenas prove”. Então eu provava, e às vezes as coisas novas eram muito gostosas. Se não fossem, eu não dizia nada para não magoá-lo. Ele ficava calado quando o contrariava. Eu odiava aquilo. Eu me sentia como se o tivesse decepcionado.

Eu nunca estivera com uma pessoa como Glen, alguém que sabia o que queria da vida. Os outros garotos eram apenas isto — garotos.

Dois anos depois, Glen não se ajoelhou quando me pediu em casamento. Ele me puxou bem para perto e sussurrou: “Você me pertence, Jeanie. Nós pertencemos um ao outro... Vamos nos casar.”

De qualquer forma, ele já havia conquistado mamãe nessa época. Glen chegava com flores. “Uma coisinha para a outra mulher da minha vida”, dizia, para arrancar uma risadinha dela, depois conversava sobre a novela ou a família real, e mamãe adorava. Ela dizia que eu era uma garota de sorte. Que ele me fizera desabrochar. Que me transformaria. Ela sabia que ele iria cuidar de mim. E cuidou.

— Como ele era na época? — pergunta Kate Waters, inclinando-se para a frente procurando me encorajar. *Na época*. Ela quer dizer antes das coisas ruins.

— Ah, ele era um homem adorável. Muito amoroso, nada nunca era demais para mim — respondo. — Sempre me trazia flores e presentes. Dizia que eu era única. Eu ficava emocionada com tudo aquilo. Só tinha dezessete anos.

Ela adora isso. Escreve tudo em um rabisco engraçado e olha para mim. Estou tentando não rir. Sinto a histeria chegando, mas sai como um soluço, e ela estende a mão para tocar meu braço.

— Não fique triste — diz. — Agora tudo acabou.

E ela está certa. Chega de polícia, chega de Glen. Chega dos absurdos dele.

Não consigo me lembrar bem de quando passei a chamar aquilo assim. Tivera início muito antes que eu pudesse dar um nome. Eu estava ocupada demais tornando nosso casamento perfeito, a começar pela cerimônia em Charlton House.

Meus pais achavam que eu era muito nova para casar aos dezenove anos, mas nós os convencemos. Bem, na verdade Glen os convenceu. Ele estava muito determinado, muito dedicado. No final, papai disse “Sim”, e celebramos com uma garrafa de Lambrusco.

Eles pagaram uma fortuna pelo casamento porque eu era filha única, e passava o tempo todo vendo fotos em revistas de noivas com mamãe e sonhando com o meu grande dia. Meu grande dia. Como me aferrei a isso e preenchi minha vida com isso. Glen nunca interferiu.

— Esse é o seu departamento — dizia ele, e ria.

Glen deu a entender que também tinha um departamento. Achei que provavelmente era seu trabalho; ele era o principal responsável pelo ganha-pão, dizia. “Sei que isso parece antiquado, Jeanie, mas quero cuidar de você. Você ainda é muito jovem, e temos uma vida pela frente.”

Glen sempre tinha grandes ideias, que pareciam muito estimulantes quando ele falava a respeito. Ele seria o gerente da filial, depois sairia para abrir um negócio. Seria seu próprio patrão e ganharia muito dinheiro. Eu conseguia imaginá-lo em um terno elegante, com uma secretária e um carrão. E eu estaria lá para quando ele precisasse. “Nunca mude, Jeanie. Eu a amo do jeito que você é”, dizia.

Então compramos a Casa 12 e nos mudamos após o casamento. Ainda estamos aqui, depois de todos esses anos.

A casa tinha um jardim na frente, mas nós cobrimos a área com cascalho, “para não precisar cortar a grama”, explicou Glen. Eu adorava a grama, mas Glen gostava das coisas arrumadas. No começo foi difícil, quando fomos morar juntos, porque eu sempre fui um pouco desorganizada. Mamãe toda vez encontrava pratos sujos e meias sem par misturadas à poeira sob a minha cama em casa. Glen teria morrido se tivesse visto aquilo.

Posso vê-lo agora, trincando os dentes e apertando os olhos ao me flagrar espanando com a mão as migalhas da mesa depois de tomarmos chá certa noite, no começo do casamento. Eu nem havia notado que estava fazendo aquilo — devia ter feito centenas de vezes sem pensar, mas nunca mais repeti. Ele foi bom para mim nesse sentido, me ensinou a fazer as coisas da maneira correta para que a casa ficasse bonita. Ele gostava dela bonita.

Nos primeiros dias, Glen me contou tudo sobre o trabalho no banco — as responsabilidades que tinha, como os mais novos dependiam dele, as brincadeiras que os funcionários faziam uns com os outros, o chefe que ele não suportava — “Ele acha que é melhor que todo mundo, Jeanie” — e as pessoas com as quais trabalhava. Joy e Liz, do departamento administrativo; Scott, um dos caixas, que tinha uma pele horrível e ruborizava por causa de tudo; May, a

trainee que continuava cometendo erros. Eu adorava escutá-lo, adorava ouvir sobre o seu mundo.

Imagino que contasse a ele sobre o meu trabalho, mas parece que sempre voltávamos para o banco muito rapidamente.

— Fazer penteados não é o trabalho mais emocionante do mundo — dizia ele —, mas você faz isso muito bem, Jeanie. Eu me orgulho muito de você.

Glen me dizia que estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor comigo mesma. E conseguia. Ser amada por ele me deixava muito segura.

Kate Waters está olhando para mim, fazendo de novo aquela coisa com a cabeça. Ela é boa, tenho que reconhecer. Eu nunca tinha falado com jornalistas, a não ser para mandá-los embora, muito menos deixado um deles entrar na minha casa. Eles tinham batido à porta durante anos, de tempos em tempos, e ninguém havia conseguido entrar até hoje. Glen garantia isso.

Mas ele não está aqui agora. E Kate Waters parece diferente. Ela me disse que sente "uma ligação verdadeira" comigo. Que tem a sensação de que nos conhecemos há séculos. E eu sei o que ela quer dizer.

— A morte dele deve ter sido um choque terrível — afirma ela, apertando meu braço mais uma vez.

Faço que sim com a cabeça, muda.

Não consigo contar a ela que comecei a passar as noites em claro desejando que Glen estivesse morto. Bem, não exatamente morto. Eu não queria que ele sentisse qualquer dor, que passasse por qualquer sofrimento ou algo assim. Só queria que não estivesse mais lá. Eu fantasiava sobre o momento em que receberia uma ligação de um policial.

"Sra. Taylor", diria uma voz grave, "lamento muito, mas tenho más notícias." A ansiedade pelo resto quase me fazia rir. "Sra. Taylor, temo que seu marido tenha falecido em decorrência de um acidente."

Então, eu me via — realmente me via — soluçando e pegando o telefone a fim de ligar para a mãe dele e contar. "Mary, lamento muito. Recebi uma notícia ruim. É sobre Glen. Ele está morto."

Consigo perceber o choque ao ouvir seus arquejos. Posso sentir sua dor. Sentir a compaixão dos amigos pela minha perda, a família se reunindo ao meu redor. Depois a vibração secreta.

Eu, a viúva de luto. Ah, conta outra.

Claro que quando aconteceu de verdade não pareceu de modo algum tão real. Por um momento a mãe dele deu a impressão de estar quase tão aliviada quanto eu por tudo ter acabado; depois, pousou o telefone, chorando por seu menino. E não houve amigos a quem contar, apenas um punhado de parentes se reunindo ao meu redor.

Kate Waters fala animada sobre precisar ir ao banheiro e fazer outra xícara de chá, e deixo que vá em frente, dando a ela minha xícara e mostrando o lavabo. Quando ela sai, olho ao redor da sala rapidamente, certificando-me de que não haja nada de Glen. Nenhuma lembrança que ela possa roubar. Glen me alertou. Ele me contou muitas histórias sobre a imprensa. Ouço a descarga do banheiro e ela finalmente reaparece com uma bandeja e volta a falar sobre que mulher impressionante eu devo ser, tão leal.

Continuo observando a fotografia de casamento na parede acima da lareira. Parecemos tão jovens que poderíamos até estar vestindo as roupas dos nossos pais e continuaríamos jovens. Kate Waters me vê olhando a foto e a retira da parede.

Ela se acomoda no braço da minha poltrona e olhamos para a imagem. Seis de setembro de 1989. O dia em que juntamos os nossos trapos. Não sei por quê, mas começo a chorar — minhas primeiras lágrimas de verdade desde a morte de Glen —, e Kate Waters coloca o braço à minha volta.

CAPÍTULO 3

Quarta-feira, 9 de junho de 2010

A REPÓRTER

Kate Waters se remexeu na cadeira. Ela não deveria ter tomado aquela xícara de café mais cedo — a combinação com o chá fez sua bexiga enviar sinais de emergência, e ela talvez tivesse que deixar Jean Taylor sozinha com os próprios pensamentos. Não era uma boa ideia àquela altura, especialmente porque Jean tinha ficado um tanto silenciosa, bebericando o chá com um olhar distante. Kate estava desesperada para não estragar a relação que estava construindo com ela. Ambas se encontravam em um estágio delicado. Uma perda de contato visual, e todo o clima poderia mudar.

Seu marido, Steve, uma vez comparara o trabalho dela a perseguir um animal. Ele já havia bebido taças demais de Rioja e estava se exibindo em um jantar.

“Ela chega cada vez mais perto, oferecendo pequenas porções de gentileza e humor, uma insinuação do dinheiro que receberiam, a oportunidade de contar o lado deles da história, até que eles comam na palma da sua mão. É uma verdadeira arte”, dissera aos convidados à mesa da sala de jantar.

Eram os colegas dele do departamento de oncologia, e Kate ficara sentada ali, usando seu sorriso profissional e murmurando: “Vamos lá, meu bem, você sabe que não sou assim.” Os convidados davam risadas nervosas e tomavam vinho. Mais tarde, enquanto lavava a louça, ela estava furiosa, espirrando água com sabão no chão ao arremessar as panelas na pia, mas Steve dera um abraço nela e a beijara para fazer as pazes.

“Você sabe quanto eu a admiro, Kate”, dissera ele. “Você é brilhante no que faz.”

Ela aceitara o beijo, mas ele estava certo. Às vezes era um jogo ou uma dança de sedução estabelecer uma ligação instantânea com um estranho desconfiado — e até mesmo hostil. Ela adorava isso. Adorava a descarga de adrenalina de chegar primeiro à porta, à frente do bando, tocar a campainha e ouvir os sons da vida dentro da casa, ver a luz mudar no vidro fosco à medida que a pessoa se aproximava, e depois, quando a porta se abria, começar a interpretar um papel.

Os repórteres tinham diferentes técnicas para usar na porta da casa dos outros; um colega com quem ela tinha se formado lançava mão do “último filhotinho no cesto”, que era como ele chamava seu olhar para conquistar simpatia. Outra sempre culpava o editor por obrigá-la a bater à porta novamente, enquanto uma enfiava um travesseiro embaixo do suéter para fingir que estava grávida e pedir para usar o banheiro de modo a conseguir entrar.

Esse não era o estilo de Kate. Ela tinha as próprias regras: sorrir sempre,

nunca ficar perto demais da porta, não começar com um pedido de desculpas e tentar esquecer que está atrás de uma matéria. Ela já usara outras vezes a tática da garrafa de leite, mas os leiteiros eram uma espécie em extinção. Ficou muito contente consigo mesma por conseguir passar por aquela porta com, aparentemente, tamanha facilidade.

Na verdade, ela nem queria ir, para início de conversa. Precisava passar na redação e pedir o ressarcimento de suas despesas antes que a fatura do cartão de crédito chegasse e zerasse seu saldo na conta. Mas seu chefe de reportagem não aceitou.

— Vá até lá e bata na porta da viúva; fica no seu caminho — gritara Terry Deacon ao telefone; ao fundo, as manchetes retumbavam no rádio ligado ao seu lado. — Nunca se sabe. Hoje pode ser o seu dia de sorte.

Kate tinha suspirado. Soube imediatamente o que Terry queria dizer. Só havia uma viúva que todo mundo queria entrevistar naquela semana, mas ela também sabia que era uma estratégia já bem gasta. Três dos seus colegas do *Post* já haviam tentado, e ela estava quase certa de que devia ser a última repórter do país a bater àquela porta.

Quase.

Ao chegar ao acesso à rua de Jean Taylor, Kate automaticamente começou a procurar outros jornalistas e logo viu o cara do *The Times* ao lado de um carro. Gravata sem graça, reforços de couro nos cotovelos do paletó e cabelo repartido. Clássico. Ela avançou com o carro enquanto o trânsito se arrastava para a frente pela rua principal, mas ficou de olho no inimigo. Teria que dar a volta no quarteirão e torcer para que ele tivesse ido embora quando ela voltasse.

— Droga — murmurou, ligando o pisca-pisca e entrando à esquerda em uma rua secundária para estacionar.

Depois de quinze minutos e uma espiada nas notícias do dia, Kate recolocou o cinto de segurança e ligou o carro. Seu telefone tocou, e ela enfiou a mão no fundo da bolsa para encontrá-lo. Ao tirar, viu o nome de Bob Sparkes na tela e desligou de novo a ignição.

— Olá, Bob, como vai? O que está acontecendo?

O inspetor Bob Sparkes queria alguma coisa, isso era óbvio. Ele não era o tipo de sujeito que telefonava para bater papo, e ela apostou que a ligação iria durar menos de sessenta segundos.

— Oi, Kate. Bem, obrigado. Muito movimentado, você sabe como é. Tenho dois casos em andamento, mas nada interessante. Olhe, Kate, só fiquei aqui me perguntando se você ainda estaria trabalhando no caso Glen Taylor.

— Jesus Cristo, Bob, você está me vigiando pelas câmeras ou algo assim? Estou prestes a bater à porta de Jean Taylor.

Sparkes riu.

— Não se preocupe, você não está na lista da vigilância, pelo que sei.

— Tem alguma coisa que eu precise saber antes de ir vê-la? — perguntou Kate. — Alguma novidade desde a morte de Glen Taylor?

— Não, na verdade não — respondeu ele, e ela percebia a decepção em sua voz. — Estava me perguntando se você teria ouvido alguma coisa. De qualquer modo, agradeceria se me avisasse caso Jean fale algo.

— Ligo para você depois — prometeu. — Mas ela provavelmente vai bater a porta na minha cara. Foi o que fez com todos os outros repórteres.

— Certo, conversamos depois.

A ligação foi encerrada. Kate conferiu o telefone e sorriu. Quarenta e um segundos. Um novo recorde. Tinha que provocá-lo com isso na próxima vez que o encontrasse.

Cinco minutos depois, ela havia entrado na rua de Jean Taylor, agora livre da imprensa, e se aproximado da casa.

Agora precisava da matéria.

Ah, pelo amor de Deus, não consigo me concentrar, pensou, cravando as unhas na mão para se distrair. Não, não adiantou.

— Desculpe, Jean, mas haveria algum problema se eu usasse o toalete? — perguntou, sorrindo como se pedisse desculpas. — O chá passa direto pela gente, não? Eu faço outro para nós se você quiser.

Jean assentiu e se levantou da cadeira para mostrar o caminho.

— É por aqui — disse, colocando-se de lado para que a repórter pudesse se esgueirar para o lavabo encantador que ficava no primeiro andar.

Enquanto lavava as mãos com o sabonete perfumado das visitas, Kate olhou para a frente e flagrou sua expressão no espelho. Parecia um pouco cansada, pensou, ajeitando o cabelo desgrenhado e dando tapinhas nas olheiras com a ponta dos dedos, como orientou a garota que cuidava da sua pele de vez em quando.

Sozinha na cozinha, leu preguiçosamente as anotações e observou os ímãs na geladeira enquanto esperava a água na chaleira ferver. Listas de compras e lembranças de férias, nada muito interessante. Uma foto dos Taylor tirada em um restaurante na praia mostrava o casal sorrindo e erguendo as taças para a câmera. Glen Taylor, cabelo escuro desarrumado e sorriso de férias, e Jean, cabelo louro-escuro penteado para a ocasião e cuidadosamente preso atrás das orelhas, maquiagem ligeiramente borrada por causa do calor e aquele olhar de soslaio para o marido.

Adoração ou assombro?, perguntou-se Kate.

Os dois anos anteriores haviam provocado danos na mulher da foto, isso era

claro. Jean estava sentada esperando por ela. Vestia calça cargo, camiseta larga e cardigã, o cabelo escorregando de um rabo de cavalo curto e espesso. Steve sempre a provocava sobre como ela conseguia perceber as pequenas coisas, mas aquilo fazia parte do trabalho. “Sou uma observadora treinada”, brincava ela, e se deliciava em destacar pequenos detalhes reveladores. Notara imediatamente as mãos ásperas e rachadas de Jean — *mãos de cabeleireira*, pensou consigo mesma — e a pele ao redor das unhas gastas de tanto serem roídas com nervosismo.

As rugas que emolduravam os olhos da viúva contavam sua própria história.

Kate pegou o celular e fotografou a imagem do casal durante as férias. Notou que tudo na cozinha era imaculado — de modo algum parecida com a sua, onde os filhos adolescentes sem dúvida haviam deixado uma trilha de detritos do café da manhã abandonado: canecas sujas de café, leite azedando, torradas comidas pela metade, um pote de geleia destampado com uma faca dentro. E o obrigatório uniforme de futebol imundo apodrecendo no chão.

A chaleira desligou, junto com as lembranças de casa. Ela preparou o chá e levou as xícaras em uma bandeja.

Jean estava olhando para o nada, enquanto roía o polegar.

— Melhor assim — disse Kate, acomodando-se. — Peço desculpas pela demora. Onde estávamos?

Ela precisava admitir que estava começando a se preocupar. Passara quase uma hora com Jean Taylor e tinha um bloco cheio de fragmentos de sua infância e o começo da vida de casada. Mas era só. Sempre que chegava um pouco mais perto da história, Jean mudava de assunto para algo mais seguro. Em algum momento elas haviam travado um longo debate sobre os desafios de criar filhos, depois houvera um breve intervalo, quando Kate finalmente atendera uma das insistentes ligações da redação.

Terry ficou extasiado quando soube onde sua repórter estava.

— Brilhante! — berrou ele ao telefone. — Bom trabalho. O que ela está dizendo? Quando você pode escrever?

— Espere um minuto, Terry. O sinal não está bom aqui — murmurou Kate, sob os olhos atentos de Jean Taylor.

Em seguida, saiu para o quintal, fazendo para Jean um gesto com a mão em uma irritação fingida.

— Pelo amor de Deus, Terry, eu estava sentada ao lado dela. Não posso falar agora — sibilou. — Está um pouco devagar, para ser honesta, mas acho que ela está começando a confiar em mim. Deixe-me continuar com isso.

— Você já fechou um contrato com ela? — perguntou Terry. — Feche um contrato e então teremos todo o tempo para arrancar tudo.

— Não quero assustá-la forçando a barra, Terry. Vou fazer o melhor possível. Depois nos falamos.

Kate desligou o telefone com convicção e pensou no próximo movimento. Talvez só precisasse ir direto ao ponto e mencionar o dinheiro. Ela já estava cansada de chá e simpatia, tinha que parar de enrolar.

Afinal, Jean podia estar em dificuldades agora que o marido havia morrido.

Ele não estava mais lá para sustentá-la. Ou para impedi-la de falar.

CAPÍTULO 4

Quarta-feira, 9 de junho de 2010

A VIÚVA

Ela continua aqui, uma hora depois. Antes de hoje eu teria pedido que fosse embora. Nunca tive dificuldade em despachar o pessoal da imprensa quando eles batiam à porta. É fácil quando eles são tão grosseiros. “Olá”, dizem, depois passam logo para as perguntas. Perguntas horríveis, intrometidas. Kate Waters não perguntou nada difícil. Ainda.

Conversamos sobre todo tipo de coisa: quando Glen e eu compramos a casa, quanto custam as propriedades por ali, o que tínhamos feito no nosso imóvel, o preço da tinta, o bairro, onde eu havia sido criada e qual escola eu frequentara, esse tipo de coisa. Ela comenta tudo que digo. “Ah, fui a uma escola assim. Odiei os professores, você não?” Faz com que eu sinta que estou conversando com uma amiga. Que ela é como eu. Realmente engenhoso, mas talvez ela faça isso em todas as entrevistas.

Na verdade, ela é melhor do que eu imaginava. Acho até que poderia gostar dela. É divertida e parece gentil, mas talvez seja tudo encenação. Ela está me falando sobre o marido — seu “velho”, como o chama — e que precisa ligar depois para dizer que talvez volte tarde para casa. Não sei bem por que ela chegaria tarde — ainda não é nem hora do almoço, e ela mora a apenas trinta minutos pela Circular Sul —, mas digo que tem que ligar imediatamente, ou ele ficará preocupado. Glen teria ficado preocupado. Ele transformava minha vida em um inferno se eu ficasse fora sem avisar. “Não é justo comigo, Jeanie”, ele teria dito. Mas não conto isso a ela.

Kate dá uma risada e confessa que seu velho já está acostumado, mas vai reclamar por ter que cuidar das crianças. Ela me diz que é mãe de adolescentes, Jake e Freddie, que não têm modos nem respeito.

— Ele vai ter que fazer o jantar — conta. — Mas aposto que vai pedir uma pizza. Os garotos vão adorar.

Pelo visto, os garotos estão levando Kate e o marido à loucura, porque não arrumam os quartos.

— Eles moram em um chiqueiro, Jean — explica ela. — Você não acreditaria em quantas tigelas de cereal encontrei no quarto de Jake. É praticamente um serviço completo de jantar. E eles perdem meias toda semana. Nossa casa é o Triângulo das Bermudas das meias — diz, e ri mais uma vez, porque ama os dois, sendo porcos ou não.

Eu só consigo pensar em: Jake e Freddie, que belos nomes. Eu os reservo para mais tarde, para a minha coleção, enquanto assinto, como se entendesse a

situação. Mas não entendo, certo? Eu teria adorado os problemas dela, adorado ter um adolescente a quem atormentar.

De qualquer forma, eu me pego dizendo, em voz alta:

— Glen podia ser um pouco difícil quando eu deixava a casa bagunçada.

Eu só queria mostrar a ela que tinha minha cota de problemas, que era feito ela. Que idiota, francamente. Como eu poderia um dia ser feito ela? Ou como qualquer um? Eu.

Glen sempre dizia que eu era diferente. Quando saíamos ele me exibia, contando aos colegas que eu era especial. Eu realmente não conseguia entender isso. Eu trabalhava em um salão chamado Cabelelesley — era brincadeirinha da dona, Lesley — e passava o tempo todo lavando cabelos e preparando xícaras de café para mulheres na menopausa. Eu achava que o trabalho de cabeleireira seria divertido — até mesmo glamoroso. Achava que cortaria cabelos e criaria novos estilos, mas aos dezessete anos eu estava na base da pirâmide.

“Jean”, Lesley me chamava lá do outro lado, “poderia lavar o cabelo dessa senhora e depois varrer ao redor das cadeiras?” Sem por favor nem obrigada.

As clientes eram legais. Elas gostavam de me contar suas novidades e seus problemas porque eu escutava e não tentava dar conselhos, como Lesley. Eu concordava, sorria e sonhava acordada enquanto elas tagarelavam sobre o neto que cheirava cola ou a vizinha que ficava jogando a sujeira que o cachorro fazia por cima da cerca. Dias se passavam sem que eu desse uma opinião além de “Interessante”, inventando programas para o fim de semana só para manter a conversa. Mas me aferrei àquilo. Fiz os cursos, aprendi a cortar e a tingir cabelo, e comecei a ter minhas próprias clientes. Não era muito bem remunerado, mas eu realmente não servia para mais nada. Não fui bem na escola. Mamãe dizia às pessoas que eu era disléxica, mas a verdade é que eu não me importava.

Então Glen apareceu e, de repente, me tornei “especial”.

As coisas no trabalho não mudaram muito. No entanto, eu não socializava com as três outras garotas, porque Glen nunca gostou que eu saísse sem ele. Ele dizia que as outras garotas eram solteiras e saíam em busca de sexo e álcool. Glen provavelmente estava certo, a julgar pelas histórias que elas contavam nas manhãs de segunda-feira, mas eu simplesmente dava desculpas, e em determinado momento elas pararam de me convidar.

Eu gostava do meu trabalho porque podia deixar a cabeça vagar e não havia estresse. Fazia com que me sentisse segura — os cheiros de produtos químicos e cabelos alisados, os sons de conversas e água corrente, secadores de cabelos rugindo e a previsibilidade de tudo aquilo. A agenda com os horários das clientes, marcada a lápis de grafite grosso, governava o meu dia.

Tudo já estava decidido, até mesmo o uniforme, composto de calças pretas e

camiseta branca — afora no sábado, quando tínhamos que usar jeans. “É degradante para uma mulher com a sua experiência. Você é uma cabeleireira, não uma novata, Jeanie”, dissera Glen, mais tarde. De qualquer modo, o uniforme significava que eu não tinha que decidir o que vestir — ou fazer — na maioria dos dias. Nada de angústia.

Todas elas adoravam Glen. Ele aparecia para me pegar aos sábados e se apoiava na escrivaninha para conversar com Lesley. Ele sabia muito, o meu Glen. Sabia tudo sobre o lado comercial das coisas. E conseguia fazer as pessoas rirem mesmo falando sobre assuntos sérios.

“Ele é tão inteligente, o seu marido”, dizia Lesley. “E é tão bem-apessoado. Você é uma garota de sorte, Jean.”

Sempre achei que ela não conseguia acreditar que Glen havia me escolhido. Às vezes eu também não. Ele riria se eu dissesse isso e me puxaria para perto. “Você é tudo o que eu quero”, diria. Glen me ajudava a ver as coisas como eram de fato. Ele me ajudou a crescer, imagino.

Quando nos casamos, eu não sabia absolutamente nada sobre dinheiro e sobre como cuidar de uma casa. Então Glen me passava semanalmente as tarefas que eu deveria executar e um caderno para anotar tudo o que gastava. Depois nos sentávamos e ele fazia a contabilidade. Aprendi muito com ele.

Kate está falando novamente, mas perdi o começo. É alguma coisa sobre um “acordo”, e ela está falando sobre dinheiro.

— Me desculpe — digo. — Minha cabeça estava a quilômetros daqui.

Ela dá um sorriso paciente e se inclina mais uma vez em minha direção.

— Sei como isso é difícil, Jean. Ter a imprensa na sua porta noite e dia. Mas, honestamente, a única forma de você se livrar dela é concedendo uma entrevista. Depois todos eles perderão o interesse e a deixarão em paz.

Eu faço que sim com a cabeça para mostrar que estou escutando, e ela fica toda animada, achando que estou de acordo.

— Espere — digo com uma pontinha de pânico. — Não estou dizendo nem que sim nem que não. Preciso pensar bem nisso.

— Ficaremos felizes de fazer um pagamento; para compensá-la pelo seu tempo e ajudá-la neste momento difícil — diz ela rapidamente.

Não é engraçado como eles tentam maquiar as coisas? Compensar! Ela quer dizer que me pagarão para abrir o bico, mas ela não quer correr o risco de me ofender.

Recebi um monte de ofertas ao longo do tempo, o tipo de dinheiro que só se ganha na loteria. Você tinha que ver as cartas que os repórteres empurravam para dentro da minha caixa de correio. Elas fariam qualquer um corar, de tão falsas. Ainda assim, suponho que seja melhor do que as cartas ofensivas.

Às vezes as pessoas rasgam uma matéria de jornal sobre Glen e escrevem a palavra MONSTRO em maiúsculas grossas, sublinhada muitas vezes. Às vezes sublinham com tanta força que a caneta rasga a página.

Enfim, os repórteres fazem o oposto. Mas a verdade é que eles são igualmente repugnantes.

"Cara Sra. Taylor" — ou às vezes apenas Jean —, "espero que não se incomode por eu estar lhe escrevendo neste momento difícil, blá-blá-blá. Muito já foi escrito sobre você, mas gostaríamos de lhe dar a chance de contar o seu lado da história. Blá-blá-blá."

Glen costumava lê-las em voz alta com uma das vozes engraçadas que ele fazia, e então ríamos e as enfiávamos em uma gaveta. Mas isso era quando ele ainda estava vivo. Não haveria ninguém com quem partilhar esta oferta.

Volto a olhar para o meu chá. Agora está frio e tem uma película em cima. É aquele leite integral no qual Glen insiste. Insistia. Agora vou poder comprar leite desnatado. Eu sorrio.

Kate, que está vendendo a imagem de que o jornal onde trabalha é muito sensato e responsável, e mais Deus sabe o quê, vê o sorriso como outro sinal positivo. Ela está se oferecendo para me levar a um hotel por umas duas noites.

— Para se afastar dos outros repórteres e de toda a pressão — explica ela. — Para lhe dar uma folga, Jean.

Preciso de uma folga, penso.

E, como se aproveitando a deixa, a campainha toca. Kate espia pelas cortinas de tule e sibila:

— Droga, Jean, tem um cara da emissora de TV local do lado de fora. É só ficar quieta que ele vai embora.

Sigo as instruções. Como de hábito. Veja, ela está assumindo o lugar deixado por Glen. Encarregada. Está me protegendo da imprensa lá fora. Exceto, claro, pelo fato de que ela também é a imprensa. Ai, Deus, estou aqui dentro com o inimigo.

Eu me viro para dizer algo, mas a campainha toca novamente e a portinhola da caixa de correspondência é levantada.

— Sra. Taylor? — grita uma voz para dentro do corredor vazio. — Sra. Taylor? É Jim Wilson, da Capital TV, eu só queria um minuto do seu tempo. Só uma palavrinha. A senhora está aí?

Kate e eu ficamos sentadas olhando uma para a outra. Ela está muito tensa. É estranho ver outra pessoa passando pelo que eu passo duas ou três vezes por semana. Quero contar a ela que aprendi a simplesmente ficar calada. Às vezes até mesmo prendo a respiração para que não saibam que há uma alma viva em casa. Mas Kate não consegue ficar parada. Então, pega o celular.

— Vai ligar para um amigo? — pergunto, tentando quebrar a tensão, mas é claro que o sujeito da televisão me escuta.

— Sra. Taylor, sei que está aí. Por favor, venha até a porta. Prometo que vai levar apenas um momento. Só preciso falar com a senhora. Queremos lhe dar uma oportunidade...

Kate de repente grita.

— Some daqui, porra!

Eu olho para ela. Glen nunca teria permitido que uma mulher dissesse aquela palavra na casa dele. Ela olha para mim e articula a palavra "Desculpe" sem emitir som, depois leva o dedo aos lábios. E o homem da televisão vai embora.

— Bem, isso obviamente funciona — digo.

— Me desculpe, mas essa é a única linguagem que eles entendem — responde ela, e começa a rir. É um belo riso, parece sincero, e não tenho escutado muitas risadas ultimamente. — Então, agora, vamos resolver essa coisa do hotel antes que apareça outro jornalista.

Eu apenas aceno com a cabeça. A última vez que estive em um hotel foi quando Glen e eu passamos um fim de semana em Whitstable, alguns anos atrás, em 2004. Foi nosso aniversário de quinze anos de casados.

"Quinze anos, Jeanie", dissera ele. "É mais do que a maioria dos assaltantes à mão armada pega."

Ele gostava de uma piada.

De qualquer modo, Whitstable ficava a apenas uma hora de casa, mas nos hospedamos em um lugar lindo de frente para o mar, comemos peixe com fritas e caminhamos pela praia de pedras. Peguei pedras achatadas para Glen, ele as arremessou na superfície da água e contamos juntos quantas vezes elas quicaram. Havia o barulho das velas nos mastros dos barquinhos e o vento bagunçando meu cabelo, mas acho que eu estava realmente feliz. Glen não falou muito. Ele só queria andar, e eu estava feliz por receber alguma atenção dele.

Veja bem: Glen realmente estava desaparecendo da minha vida. Ele estava lá, mas não estava lá, se é que você me entende. O computador era mais esposa do que eu. De todas as formas, acabou sendo mesmo. Glen tinha uma espécie de câmera, para que ele e as pessoas pudessem se ver enquanto conversavam. A iluminação nessas coisas faz todo mundo parecer que está morto. Como zumbis. Eu simplesmente o deixei em paz. Com os absurdos dele.

"O que você fica fazendo lá a noite inteira?", eu perguntava. Ele dava de ombros. "Apenas conversando com amigos. Nada de mais." Entretanto, ele era capaz de passar horas fazendo o que quer que aquilo fosse. Horas.

Às vezes eu acordava durante a madrugada e ele não estava lá, ao meu lado na cama. Podia ouvir o murmúrio da voz dele vindo do outro quarto, mas sabia que

não devia perturbá-lo. Ele não gostava da minha companhia quando estava ao computador. Quando eu levava uma xícara de café para ele, tinha que bater à porta antes de entrar. Glen dizia que eu o assustava quando entrava no quarto de repente. Então eu batia, ele desligava a tela e pegava a xícara comigo.

"Obrigado", dizia.

"Alguma coisa interessante no computador?", eu perguntava.

"Não. Só o de sempre", respondia ele.

Fim da conversa.

Nunca usei o computador. Isso era o departamento dele.

Mas acho que sempre soube que havia alguma coisa acontecendo lá. Foi quando comecei a chamar isso de os absurdos dele. Assim eu podia falar disso em voz alta. Glen não gostava que eu chamasse desse jeito, mas na verdade ele não podia falar nada, podia? Era uma palavra inofensiva. Absurdo. Algo e nada. Mas não era nada. Era imundície. Coisas que ninguém deveria ver, muito menos pagar para ver.

Glen me disse que não tinha sido ele quando a polícia encontrou aquilo no seu computador.

"Eles encontraram coisas que eu não baixei — coisas horríveis que simplesmente entram no seu disco rígido enquanto você está vendo outras coisas", argumentou. Eu não entendia nada de internet nem de discos rígidos. Poderia ter acontecido, não poderia?

"Muitos sujeitos estão sendo acusados de maneira equivocada, Jeanie", disse ele. "Aparece nos jornais toda semana. Pessoas roubam cartões de crédito e usam para comprar essas coisas. Eu não fiz isso. Eu disse isso à polícia."

Não falei nada, e ele continuou. "Você não sabe como é ser acusado de algo assim quando não se fez nada. Isso o despedaça."

Eu me aproximei e acariciei seu braço, e ele agarrou minha mão.

"Vamos tomar uma xícara de chá, Jeanie", falou. Então fomos à cozinha para esquentar a chaleira.

Quando eu estava tirando o leite da geladeira, olhei para as fotos na porta — de nós na véspera de ano-novo, muito elegantes, nós pintando o teto da sala, cobertos de gotas de tinta com cor de magnólia, nós nas férias, nós na feira. Nós. Nós éramos um time.

"Não se preocupe. Você tem a mim, Jeanie", dizia ele quando eu chegava em casa depois de um dia ruim ou algo parecido. "Nós somos uma equipe." E éramos mesmo. Havia coisas de mais em jogo para nos separarmos.

E estávamos tão envolvidos nisso que eu não podia ir embora. Eu havia mentido por ele.

Não era a primeira vez. Começou com ligações para o banco para dizer que

ele estava doente quando não queria ir ao trabalho. Depois vieram as mentiras sobre ter perdido o cartão de crédito quando ele dissera que estávamos com problemas financeiros, para que o banco não cobrasse alguns saques.

"Isso não faz mal a ninguém, Jeanie", dizia ele. "Vamos lá, só desta vez."

Claro que não foi só uma vez.

Acho que é sobre isso que Kate Waters quer ouvir.

Ouço a repórter chamar meu nome no corredor, e quando me levanto para olhar, ela está conversando ao telefone, pedindo que alguém venha para nos resgatar.

Glen às vezes me chamava de princesa, mas estou certa de que ninguém está vindo em um cavalo branco para me salvar hoje.

Volto e me sento novamente, e espero para ver o que vai acontecer.

CAPÍTULO 5

Segunda-feira, 2 de outubro de 2006

O DETETIVE

Bob Sparkes sorriu na primeira vez que ouviu o nome de Bella Elliott. Sua tia preferida — que estava entre o bando de irmãs mais jovens da mãe — se chamava Bella; a brincalhona do grupo. Foi a última vez em semanas que ele sorriu.

O chamado de emergência fora recebido às 15h38. A voz feminina estava ofegante de angústia.

— Ela foi levada — disse. — Ela só tem dois anos. Alguém a levou...

Na gravação, repetida diversas vezes nos dias seguintes, o tom contralto tranquilizador do agente compunha um dueto sofrido com o soprano esganiçado da interlocutora.

— Qual é o nome da sua menininha?

— Bella... Ela se chama Bella.

— E com quem estou falando?

— Eu sou a mãe dela. Dawn Elliott. Ela estava no jardim da frente. Da nossa casa. Manor Road, 44a, Westland. Por favor, me ajude.

— Vamos ajudar, sim, Dawn. Sei que é difícil, mas precisamos saber mais algumas coisas que nos auxiliem a encontrar Bella. Quando você a viu pela última vez? Ela estava sozinha no jardim?

— Ela estava brincando com o gato. Sozinha. Depois da soneca. Ela não estava lá fora havia muito tempo. Só alguns minutos. Saí para pegá-la por volta das três e meia, mas ela havia sumido. Olhamos por toda parte. Por favor, me ajudem a encontrá-la.

— Certo. Continue comigo, Dawn. Como é a Bella? Que roupa está usando?

— Ela tem cabelo louro, estava preso em um rabo de cavalo. Ela é muito pequenininha. É só um bebê... Eu não consigo lembrar o que ela estava vestindo. Camiseta e calças, eu acho. Ai, meu Deus, não consigo pensar. Ela estava de óculos. Redondinhos com armação cor-de-rosa... É porque ela é um pouco estrábica. Por favor, encontrem ela. Por favor.

*

Apenas trinta minutos depois, após dois agentes da polícia de Hampshire terem confirmado a história de Dawn Elliott e realizado uma busca imediata na casa, o nome de Bella chamou a atenção do detetive Sparkes.

— Menina de dois anos desaparecida — disse o sargento, entrando na sala do

detetive. — Bella Elliott. Sumida há quase duas horas. Estava brincando no jardim da frente da casa, depois desapareceu. É um conjunto habitacional no limite de Southampton. A mãe está arrasada; o médico está com ela agora.

O sargento Ian Matthews colocou uma pasta fina na mesa do chefe. O nome de Bella Elliott estava escrito com caneta preta na capa e um clipe de papel prendia a foto colorida de uma garotinha.

Sparkes tamborilou na foto, analisando-a antes de abrir a pasta.

— O que estamos fazendo? Onde estamos procurando? Onde está o pai?

O sargento Matthews se sentou jogando todo o peso na cadeira.

— Até agora na casa, no sótão, no jardim. Nada. Nenhum sinal dela. A mãe acha que o pai é de Midlands; os dois tiveram um caso rápido e ele foi embora antes que Bella nascesse. Estamos tentando localizá-lo, mas a mãe não está ajudando. Disse que ele não precisa saber.

— E quanto a ela? Como ela é? O que estava fazendo enquanto a filha de dois anos brincava do lado de fora? — perguntou Sparkes.

— Disse que estava fazendo chá para a filha. A cozinha dá para o quintal dos fundos, então ela não podia vê-la. Só há uma parede baixa na frente, mal é uma parede.

Um pouco descuidado deixar uma criança tão pequena sem companhia, pensou Sparkes, tentando se lembrar dos dois filhos quando tinham essa idade. James estava com trinta — um contador, quem diria —, e Samantha tinha vinte e seis e acabara de ficar noiva. Será que Eileen e ele já haviam deixado os dois filhos no jardim quando bebês? Para ser honesto, ele não conseguia se lembrar. Ele provavelmente não estava por perto naquela época, sempre trabalhando. Perguntaria a Eileen quando chegasse em casa; isto é, se voltasse para casa naquela noite.

O detetive Sparkes pegou o paletó, pendurado em um gancho atrás dele, e tirou de um bolso as chaves do carro.

— Melhor eu ir até lá dar uma olhada, Matthews. Conferir o local, conversar com a mãe. Você fica aqui e organiza as coisas para o caso de precisarmos de uma sala de investigações. Ligo para você antes das sete.

No carro, a caminho de Westland, ele ligou o rádio para ouvir o noticiário. Bella era a principal notícia do boletim, mas o repórter não descobrira nada que Sparkes já não soubesse.

Graças a Deus, pensou. Decididamente, ele nutria sentimentos confusos com relação à imprensa local.

Da última vez que uma criança desaparecera, as coisas tinham ficado feias depois que os repórteres começaram a própria investigação e pisotearam todas as provas. Laura Simpson, uma menina de cinco anos de Gosport, havia sido

encontrada suja, com medo e escondida em um armário na casa do tio de consideração — “Era uma daquelas famílias cheias de agregados, em que todo mundo era tio, tia...”, dissera a Eileen.

Infelizmente, um dos repórteres pegara o álbum de família do apartamento da mãe, de modo que a polícia não tinha visto nenhuma foto de tio Jim — um criminoso sexual registrado — nem se dado conta de sua ligação com a menina desaparecida. Ele tentara fazer sexo com a criança, mas não conseguira, e Sparkes acreditava que o homem a teria matado enquanto os detetives corriam em círculos, algumas vezes a poucos metros de seu cativeiro, se outro membro da grande família não tivesse ficado bêbado e ligado para dar seu nome. Laura escapou com a mente e o corpo feridos. Ele ainda conseguia ver os olhos dela ao abrir a porta do armário. Terror — não havia outra palavra para aquilo. Terror de que ele fosse igual a tio Jim. Sparkes chamara uma policial para pegar Laura no colo. Finalmente segura. Todos tinham lágrimas nos olhos, menos Laura. Ela parecia entorpecida.

Ele sempre achara que, de alguma forma, havia falhado com a menina. Deveria ter descoberto mais cedo a ligação. Deveria ter feito perguntas diferentes. Deveria tê-la encontrado mais rápido. Seu chefe e a imprensa haviam tratado a descoberta como um triunfo, mas ele não conseguia festejar. Não após ter visto aqueles olhos.

Onde será que ela estará agora?, refletiu. *Onde tio Jim estará?*

*

A Manor Road estava tomada de repórteres, vizinhos e policiais, todos entrevistando uns aos outros em uma orgia verbal.

Sparkes abriu caminho por entre o bolo de pessoas junto ao portão do número 44a, cumprimentando com a cabeça os jornalistas que conseguiu reconhecer.

— Bob — chamou uma voz feminina. — Oi. Alguma novidade? Alguma pista?

Kate Waters se adiantou e deu um sorriso falsamente cansado. Ele a vira pela última vez durante o caso de um assassinato medonho em New Forest, e eles haviam desfrutado de dois drinques e algumas fofocas nas semanas que foram necessárias para apanhar o marido.

Tinha começado muito antes, com eles se esbarrando com frequência em diferentes casos e recomeçando do ponto em que haviam parado. Não exatamente uma amizade, pensou ele. Era apenas trabalho, com certeza, mas Kate era legal. Da última vez ela segurara uma informação que havia descoberto até que ele estivesse pronto para que a notícia fosse divulgada. Ele devia uma a

ela.

— Oi, Kate. Acabei de chegar, mas talvez tenha alguma coisa a dizer mais tarde — respondeu, passando pelo agente que protegia a casa.

Havia um cheiro forte de gatos e cigarro na sala. Dawn Elliott estava encolhida no sofá, os dedos trêmulos agarrando um celular e uma boneca. O cabelo louro estava afastado do rosto em um rabo de cavalo desarrumado, fazendo com que parecesse ainda mais jovem do que era. Ela ergueu os olhos para o homem alto de aparência séria no umbral, o rosto dela desmoronando.

— Você a encontrou? — perguntou, a muito custo.

— Sra. Elliott, sou o detetive Bob Sparkes. Estou aqui para ajudar a encontrar Bella, e quero que você me ajude a fazer isso.

Dawn olhou para ele.

— Mas eu já contei tudo à polícia. Do que adianta me fazer as mesmas perguntas o tempo todo? Simplesmente a encontrem! Encontrem a minha menina! — gritou com voz rouca.

Ele assentiu e se sentou ao lado dela.

— Vamos lá, Dawn, vamos fazer isso juntos — disse gentilmente. — Você talvez se lembre de algo novo.

Então ela contou sua história, soluços secos travavam suas palavras. Bella era a filha única de Dawn Elliott, fruto de uma relação fadada ao fracasso com um homem casado que ela conhecera em uma boate; uma garotinha doce que adorava assistir a filmes da Disney e dançar. Dawn não convivia muito com os vizinhos.

— Eles me olham com desprezo; eu sou uma mãe solteira vivendo de pensão do governo; eles acham que sou uma parasita — contou a Bob Sparkes.

No entanto, enquanto eles conversavam, a equipe dele e uma legião de voluntários da comunidade, muitos ainda com as roupas de trabalho, estavam vasculhando quintais, latas de lixo, sebes, sótãos, porões, barracões, carros, canis e pilhas de compostagem por todo o conjunto habitacional. A luz começava a desvanecer do lado de fora, e de repente uma voz soou alta:

— Bella! Bella! Onde você está, querida?

Dawn Elliott se levantou com um pulo para olhar pela janela.

— Dawn, volte e sente-se — ordenou Sparkes. — Quero saber se Bella se comportou mal hoje.

Ela fez que não com a cabeça.

— Você brigou com ela por causa de alguma coisa? — prosseguiu ele. — Crianças pequenas podem ser um pouco difíceis, não é? Você teve que dar uma palmada nela ou algo assim?

O objetivo por trás das perguntas aos poucos ficou claro para a jovem, e ela

soltou um guincho alegando inocência.

— Não, claro que não. Nunca bati nela. Bem, não com frequência. Só às vezes, quando ela me desobedece. Eu não a machuquei. Alguém a levou...

Sparkes deu tapinhas na mão de Dawn e pediu à intermediária da polícia com a família que preparasse outra xícara de chá.

Um jovem policial enfiou a cabeça pela porta da sala e fez um gesto para o superior indicando que precisava dar uma palavrinha.

— Alguém viu um sujeito vagando pela área mais cedo esta tarde — disse para Sparkes. — Um vizinho o viu. Não o reconheceu.

— Descrição?

— O vizinho disse que o sujeito estava sozinho. Cabelo comprido, parecia agressivo, estava olhando dentro dos carros.

Sparkes pegou o telefone no bolso e ligou para o seu sargento.

— Parece que vai demorar — disse. — Nenhum sinal da criança. Temos uma descrição de um tipo suspeito andando pela rua; os detalhes seguem depois. Arrume tudo aí para a equipe. Vou falar com a testemunha. E vamos bater à porta de todo criminoso sexual conhecido na área — acrescentou.

Seu estômago se revirava só de pensar nessa criança presa nas garras de qualquer um dos vinte e dois criminosos sexuais registrados que moravam no conjunto habitacional de Westland.

A Força Policial de Hampshire tinha cerca de trezentos criminosos em seus registros, uma população flutuante de exibicionistas, voyeurs, praticantes de sexo em público, pedófilos e estupradores que se fingiam de vizinhos amistosos em comunidades incautas.

*

Do outro lado da rua, à janela de seu bangalô impecável, Stan Spencer esperava o detetive. Sparkes havia sido informado de que ele criara um grupo de vigilância comunitária alguns anos antes, quando a vaga em que ele achava ter direito a estacionar seu Volvo passou a ser ocupada por quem ia trabalhar na cidade. Aparentemente, a aposentadoria permitia poucas atividades a Stan e sua esposa, Susan, de modo que ele apreciava o poder que uma prancheta e uma ronda noturna lhe conferiam.

Sparkes apertou a mão dele, e os dois se sentaram à mesa da sala de jantar.

O vizinho estudou suas anotações.

— Estas são contemporâneas, inspetor — disse, e Sparkes reprimiu um sorriso. — Eu estava vigiando a volta de Susan das lojas depois do almoço e vi um homem descendo pelo nosso lado da rua. Ele parecia um tipo desagradável,

sabe, todo sujo, e temi que tentasse arrombar o carro de um dos vizinhos ou algo assim. É preciso ser cuidadoso. Ele estava passando pela van de Peter Tredwell.

Sparkes ergueu as sobrancelhas.

— Desculpe, inspetor. O Sr. Tredwell é um encanador que mora mais abaixo na rua, e a van dele já foi arrombada algumas vezes. Eu impedi a última. Então saí para ficar de olho nas atividades do homem, mas ele já estava bem mais lá na frente. Infelizmente vi apenas as suas costas. Cabelo comprido e sujo, jeans e um desses casacos pretos com capuz que eles usam. Depois meu telefone tocou dentro de casa. Quando voltei, ele já tinha sumido.

O Sr. Spencer parecia muito satisfeito consigo mesmo enquanto Sparkes anotava tudo.

— O senhor viu Bella quando saiu de casa?

Spencer hesitou, mas balançou a cabeça.

— Não. Eu não a vejo há alguns dias. É uma coisinha adorável.

*

Cinco minutos depois, Sparkes se instalou em uma cadeira no corredor de Dawn Elliott e rabiscou uma declaração à imprensa antes de voltar para o sofá.

— Recebeu alguma notícia? — perguntou ela.

— Nenhuma novidade no momento, mas vou dizer aos jornais que precisamos da ajuda da imprensa para encontrá-la. E...

— E o quê? — perguntou Dawn.

— E aí que queremos rastrear qualquer um que esteve na área nesta tarde. Pessoas que possam ter passado a pé ou de carro pela Manor Road. Você viu algum homem descendo a rua hoje à tarde, Dawn? O Sr. Spencer, do outro lado da rua, disse que viu um homem de cabelo comprido vestindo um casaco escuro; era uma pessoa que ele nunca tinha visto. Pode não ser nada...

Ela balançou a cabeça, lágrimas escorrendo pela face.

— Foi ele quem a levou? — perguntou. — Foi ele quem levou meu bebê?

CAPÍTULO 6

Quarta-feira, 9 de junho de 2010

A VIÚVA

Mais pés no cascalho. Dessa vez o telefone de Kate toca duas vezes e para. Deve ser algum tipo de sinal, pois ela imediatamente abre a porta da frente e deixa entrar um homem com uma grande bolsa pendurada no ombro.

— Este é Mick — diz ela. — Meu fotógrafo.

Mick força um sorriso para mim e estende a mão.

— Olá, Sra. Taylor.

Ele veio nos pegar para nos levar a um hotel. “Algum lugar legal e silencioso”, sugere, e eu começo a protestar. Tudo está acontecendo rápido demais.

— Espere um minuto — digo. Mas ninguém está escutando.

Kate e Mick estão discutindo como passar pelos repórteres que se aglomeraram em frente ao portão. O homem da televisão deve ter contado às pessoas que eu estava com alguém em casa, e eles estão se revezando para bater à porta e abrir a caixa de correspondência para gritar comigo. É horrível, como um pesadelo. Como era no começo.

Na época, eles gritavam para Glen, acusando-o de todas as coisas.

“O que o senhor fez, Sr. Taylor?”, gritava um.

“Você tem sangue nas mãos, seu pervertido?”, disse o homem do *The Sun* quando Glen levou a lata de lixo para fora. Bem na frente das pessoas que passavam. Glen disse que uma delas cuspiu na calçada.

Ele estava tremendo quando entrou.

Meu pobre Glen. Mas ele tinha a mim para ajudá-lo — eu acariciava a mão dele e lhe dizia para não dar atenção àquilo. Mas agora sou apenas eu, e não sei se dou conta sozinha.

Uma voz está berrando coisas horríveis pela porta:

— Sei que está aí, Sra. Taylor. Estão te pagando para falar? O que acha que as pessoas dirão caso a senhora receba esse dinheiro sujo de sangue?

Eu me sinto como se tivesse levado um tapa. Kate se vira, acaricia minha mão e me diz para ignorar, diz que pode fazer isso tudo parar.

Quero confiar nela, mas é difícil colocar os pensamentos em ordem. O que significa fazer isso tudo parar? Esconder-se tinha sido a única forma de lidar com isso, segundo Glen.

“Temos que esperar que acabe”, dizia ele.

Mas o jeito de Kate é encarar. Levantar e calar a boca deles no meu lugar. Eu gostaria de calá-los, mas isso significa ficar sob os holofotes. O pensamento é

tão aterrorizante que não consigo me mexer.

— Vamos lá, Jean — diz Kate, ainda sentada na cadeira, finalmente notando a minha presença. — Podemos fazer isso juntas. Um passo de cada vez. Tudo vai acabar em cinco minutos, e depois ninguém vai conseguir encontrá-la.

Afora ela, claro.

Não consigo suportar mais agressões daqueles animais que estão lá fora, então obedientemente começo a juntar as minhas coisas. Pego a minha bolsa e enfio algumas calcinhas que estavam na secadora da cozinha. Pego minha escova de dentes no andar de cima. Onde estão minhas chaves?

— Apenas o essencial — orienta Kate.

Ela vai comprar qualquer coisa de que eu precise quando chegarmos lá. "Chegar aonde?", quero perguntar, mas Kate se virou de novo. Está ocupada ao celular, conversando com "a redação".

Ela usa uma voz diferente quando fala com a redação. Tensa. Um pouco sem fôlego, como se tivesse acabado de subir escadas.

— Certo, Terry — diz ela. — Não, Jean está conosco... Ligo para você mais tarde.

Ela não quer falar na minha frente. Fico me perguntando o que a redação quer saber. Quanto dinheiro ela prometeu? Como eu vou parecer nas fotos?

Aposto que ela queria dizer: "Ela está um pouco desleixada, mas podemos torná-la mais apresentável." Entro em pânico e quero contar que mudei de ideia, mas tudo está acontecendo rápido demais.

Ela diz que vai distrair "o pessoal". Vai sair pela porta da frente e fingir deixar o carro pronto para nós, enquanto Mick e eu saímos pelo jardim e passamos pela cerca dos fundos. Não consigo realmente acreditar que estou fazendo isso. Começo a dizer "Espere um pouco" de novo, mas Kate está me empurrando em direção à porta dos fundos.

Esperamos enquanto ela sai. De repente, o barulho fica ensurdecedor. Feito uma revoada de pássaros alçando voo na minha porta da frente.

— Apertadores de botão — diz Mick.

Imagino que ele se refira aos fotógrafos. Depois joga seu casaco sobre a minha cabeça, agarra a minha mão e me puxa atrás dele pela porta dos fundos até o quintal. Não consigo ver bem por causa do casaco, e calcei sapatos estúpidos. Meus pés deslizam para fora deles, mas tento correr. Isso é ridículo. O casaco fica escorregando. Ah, Deus, lá está Lisa, da casa ao lado, olhando pela janela de cima, boquiaberta. Dou um aceno frouxo com a mão. Sabe Deus por quê. Não nos falamos há séculos.

Mick me ajuda a passar pela cerca dos fundos. Na verdade, a cerca nem é alta. Mais presença do que segurança. Estou usando calças, mas ainda assim demanda

certo esforço. Ele disse que estacionou o carro perto da esquina, e nós vamos lentamente até o fim da ruela atrás das casas, para o caso de um dos repórteres estar ali. Tenho uma vontade repentina de chorar. Estou prestes a entrar em um carro com pessoas que não conheço e seguir para Deus sabe onde. É provavelmente a coisa mais maluca que já fiz.

Glen teria um ataque. Mesmo antes de toda a coisa da polícia, ele gostava de privacidade. Vivemos nessa casa por anos — toda a nossa vida de casados —, mas, como os vizinhos contaram, felizes da vida, à imprensa, éramos muito reservados. É o que os vizinhos sempre dizem quando cadáveres ou crianças maltratadas são encontrados na casa ao lado, não é? Mas no nosso caso era verdade. Um deles — poderia ter sido a Sra. Grange, da casa em frente — descreveu Glen a um repórter dizendo que ele tinha "olhos malvados". Ele na verdade tinha olhos gentis. Azuis com cílios compridos. Olhos de garotinho. Os olhos dele conseguiam me virar pelo avesso.

De qualquer modo, ele me dizia: "Não é da conta de ninguém, só da nossa, Jeanie." Por isso foi tão difícil quando o que era só da nossa conta passou a ser da conta de todo mundo.

A van de Mick, o fotógrafo, é imunda. Não dava para ver o piso por causa de caixas de hambúrgueres, pacotes de batatas e jornais velhos. Há um barbeador elétrico ligado na coisa do acendedor e uma garrafa grande de Coca rolando junto ao assoalho dos bancos da frente.

— Desculpe pela bagunça — diz ele. — Eu praticamente moro nesta van.

De qualquer maneira, não vou entrar na frente. Mick me leva para a traseira e abre as portas.

— Aqui dentro — diz, agarrando meu braço e me ajudando a entrar. Ele bota a mão na minha cabeça e me abaixa para que eu não bata no teto. — Fique abaixada quando sairmos. Eu aviso quando estiver tudo limpo.

— Mas... — começo a dizer, só que ele bateu as portas e eu fico sentada na semiescuridão em meio a equipamentos de fotografia e sacos de lixo.

CAPÍTULO 7

Quinta-feira, 5 de outubro de 2006

O DETETIVE

Bob Sparkes bocejou ruidosamente, esticando os braços acima da cabeça e curvando as costas doloridas na cadeira do escritório. Tentou não olhar para o relógio na mesa, mas o aparelho piscou para ele até que o focalizasse. Eram duas da manhã. O terceiro dia da caçada a Bella havia terminado, e eles não tinham chegado a lugar algum.

Dezenas de telefonemas sobre homens desmazelados de cabelo comprido e outras pistas estavam sendo verificadas em um círculo cada vez mais amplo a partir do centro, mas era um trabalho lento, meticuloso.

Sparkes tentou não pensar no que estaria acontecendo com Bella Elliott — ou, se quisesse ser sincero, no que já havia acontecido. Ele tinha que encontrá-la.

— Onde você está, Bella? — perguntou à foto em sua escrivaninha.

O rosto dela estava em qualquer lugar para onde olhasse — a sala de investigações tinha mais de dez fotografias da criança, sorrindo de cima para os detetives sentados como se fosse um pequeno ícone religioso abençoando o trabalho deles. Os jornais estavam cheios de imagens da “Bebê Bella”.

Sparkes passou as mãos na cabeça, registrando a calvície crescente.

— Vamos lá, pense! — disse a si mesmo, inclinando-se para a tela do computador.

Leu novamente as declarações e os relatórios sobre o bando de criminosos sexuais das redondezas, procurando a menor falha em cada história isolada, mas sem conseguir vislumbrar nenhuma pista real.

Ele repassou os perfis uma última vez: criaturas patéticas, a maioria delas. Sujeitos solitários com cê-cê e dentes podres, vivendo em um universo de fantasia na internet e fazendo incursões ocasionais ao mundo real para tentar a sorte.

E havia os criminosos persistentes. Seus policiais haviam visitado a casa de Paul Silver — ele abusara dos filhos durante anos e passara um bom tempo preso por isso. Mas sua esposa — *a terceira? Ou ainda seria Diane?* — confirmou, cansada, que o homem estava trancado, cumprindo cinco anos por invasão. Diversificando, pelo visto, dissera Bob Sparkes ao seu sargento.

Naturalmente, havia relatos de Bella ter sido vista por todo o país nas primeiras quarenta e oito horas. Policiais haviam se apressado para verificar, e alguns telefonemas tinham feito seu coração disparar.

Uma mulher na periferia de Newark ligara para dizer que uma nova vizinha estivera brincando no jardim com uma criança.

— É uma garotinha loura. Eu nunca tinha visto uma criança naquele jardim. Achei que ela não tinha filhos — dissera.

Sparkes havia mandado a polícia local para lá imediatamente e esperado à sua escrivaninha o telefone tocar.

— É a sobrinha da vizinha, que veio da Escócia para uma visita — contou o detetive local, tão decepcionado quanto ele. — Lamento. Talvez na próxima.

Talvez. Seu problema era que a maioria dos telefonemas para a sala de investigações sempre seria de oportunistas e pessoas em busca de atenção, desesperadas para fazer parte da história.

O mais importante é que a última vez que Bella havia sido vista por alguém afora Dawn tinha sido na lojinha de jornais e revistas da rua. A dona, uma avó tagarela, lembrava-se de mãe e filha indo ao estabelecimento por volta das onze e meia. Eram freguesas assíduas. Dawn ia quase todos os dias comprar cigarro, e essa visita, a última de Bella, fora registrada nas imagens granuladas e intermitentes da câmera de segurança barata da loja.

Aqui, a pequena Bella segurando a mão da mãe no balcão; corta para Bella, rosto borrado e indistinto como se já estivesse desaparecendo, com um saco de papel na mão; corta para a porta da loja se fechando atrás dela.

A mãe de Dawn ligara para a casa depois do almoço — 14h17, segundo os registros telefônicos — e contou à polícia que tinha ouvido a neta gritando junto com o seriado de animação *Bob, o Construtor* ao fundo e pedira para falar com ela. Dawn chamara Bella, mas aparentemente ela saíra correndo para pegar um brinquedo.

A cronologia dos sessenta e oito minutos seguintes era a de Dawn. Vaga, pontuada pelos afazeres domésticos. Os detetives a fizeram reencenar as tarefas de cozinhar, lavar e dobrar as roupas de Bella tiradas da secadora para ter uma noção dos minutos que se passaram depois que Dawn dissera ter visto a filha sair para brincar no jardim, pouco depois das três horas.

Margaret Emerson, que morava ao lado, fora pegar alguma coisa no carro às 15h25 e tinha certeza de que o jardim da frente estava vazio naquela hora.

— Bella sempre gritava “Peepo” para mim. Era uma espécie de brincadeira dela, coitadinha. Adorava receber atenção. A mãe nem sempre estava interessada no que ela fazia — dissera a Sra. Emerson com cuidado. — Bella costumava brincar muito sozinha, empurrando o carrinho de boneca e correndo atrás de Timmy, o gato. Você sabe como são as crianças.

— Bella chorava muito? — perguntara Sparkes.

A pergunta fizera a Sra. Emerson parar e pensar, mas depois ela balançara a cabeça e dissera rapidamente:

— Não, ela era uma coisinha feliz.

O médico da família e o agente de saúde concordaram.

— Criança adorável... Uma bonequinha — disseram em coro.

— A mãe lutava muito, sem ajuda de ninguém; é difícil criar uma filha sozinha, não é? — disse o médico, e Sparkes anuiu como se entendesse.

Tudo isso estava arquivado nas pastas abarrotadas de provas e depoimentos, provas do esforço que seu pessoal estava fazendo, mas ele sabia que tudo não passava de falatório superficial. Não estavam fazendo progressos.

O homem de cabelo comprido era a chave, concluiu ele, desligando o computador e empilhando cuidadosamente as pastas na escrivaninha antes de ir em direção à porta e a cinco horas de sono.

— Talvez a encontremos amanhã — sussurrou para a esposa adormecida quando chegou em casa.

*

Uma semana depois, sem novidades, Kate Waters estava ao telefone.

— Oi, Bob, o editor decidiu oferecer uma recompensa para qualquer informação que leve ao paradeiro de Bella. Ele está bancando vinte mil. Nada mau.

Sparkes grunhiu por dentro. “Malditas recompensas”, resmungou depois com Matthews. “Os jornais ficam com toda a publicidade e nós ficamos com todos os malucos e charlatães do país ao telefone.”

— Isso é muito generoso, Kate — respondeu. — Mas você acha que é o momento certo? Estamos trabalhando com diversas...

— Vai estar na primeira página amanhã, Bob — interrompeu ela. — Olhe, eu sei que a polícia costuma odiar a ideia de uma recompensa, mas as pessoas que veem ou ouvem coisas e que temem ligar para a polícia saberão dos vinte mil e pegarão o telefone.

Ele suspirou.

— Vou contar para Dawn. Preciso prepará-la.

— Certo — respondeu Kate. — Olhe, quais são as chances de conseguir uma conversa com Dawn, Bob? A pobre mulher mal conseguia falar na coletiva de imprensa; seria uma boa oportunidade para que falasse sobre Bella. Vou ser bem delicada com ela. O que você acha?

Ele achou que preferia não ter atendido o telefonema. Sparkes gostava de Kate — e não podia dizer isso de muitos repórteres —, mas sabia que ela era como um cachorro em busca de um osso quando estava atrás de algo. Não desistiria antes de conseguir o que queria, mas não tinha certeza se Dawn e ele estavam prontos para aquele tormento.

Dawn ainda era, em grande medida, uma incógnita; estava em um colapso emocional, dopada para afastar o terror e incapaz de se concentrar em qualquer coisa por mais de trinta segundos. Bob Sparkes passara horas com ela e sentia que só havia arranhado a superfície. Será que realmente podia lançar Kate Waters em cima dela?

— Falar com alguém que não seja policial pode ser de grande ajuda, Bob. Poderia estimular Dawn a se lembrar de algo...

— Vou perguntar, Kate, mas não sei se ela dá conta. Está tomando tranquilizantes e comprimidos para dormir e tendo dificuldade para se concentrar em qualquer coisa.

— Perfeito. Obrigada, Bob.

Ele conseguiu ouvir o sorriso na voz da repórter.

— Calma, não há nada garantido. Vou falar com ela hoje de manhã e depois ligo para você.

*

Quando ele chegou, encontrou Dawn sentada exatamente no mesmo lugar em que a havia conhecido: no sofá que se tornara seu ninho, em meio aos brinquedos de Bella, maços de cigarro vazios amassados e páginas arrancadas de jornais, cartões com votos de solidariedade e cartas em papel pautado de loucos e raivosos.

— Você tem dormido? — perguntou a ela.

Sue Blackman, uma jovem policial uniformizada atuando como intermediária com a família, balançou a cabeça lentamente e levantou uma sobrancelha.

— Não posso dormir — respondeu Dawn. — Preciso estar acordada para quando ela vier para casa.

Sparkes conduziu a policial Blackman até o corredor.

— Ela precisa descansar, senão vai acabar no hospital — sussurrou.

— Eu sei, senhor. Ela está cochilando no sofá durante o dia, mas odeia quando escurece. Disse que Bella tem medo do escuro.

CAPÍTULO 8

Quarta-feira, 11 de outubro de 2006

A REPÓRTER

Kate Waters chegou à casa na hora do almoço com um fotógrafo e um buquê de pomposos lírios de supermercado. Ela tinha estacionado no fim da rua, longe do bando, de modo a saltar do carro sem chamar atenção. Ligou para Bob Sparkes para que ele soubesse que estava lá e passou pelos jornalistas sentados em seus carros do lado de fora, com um hambúrguer na mão. Quando eles saíram dos veículos, ela já estava do lado de dentro. Ouviu dois deles xingando alto, avisando um ao outro que estavam prestes a serem enrabados, e tentou não sorrir.

Com Bob Sparkes abrindo caminho, Kate registrou tudo, a desordem e a inércia causadas pelo sofrimento: no corredor, o casaco azul de Bella com capuz revestido de pele e a mochila de ursinho de pelúcia pendurados no corrimão; suas pequenas galochas vermelhas que reluziam junto à porta.

— Tire uma foto delas, Mick — sussurrou para o fotógrafo, que a seguia enquanto avançavam em direção à sala da frente.

Lá havia brinquedos e fotos de bebê por toda parte; a cena levou Kate imediatamente de volta aos seus primeiros dias de maternidade, lutando contra a onda de caos. Ela se sentara e chorara no dia em que chegou do hospital com Jake, perdida na inundação pós-natal de hormônios e na sensação repentina de responsabilidade. Lembrou-se de ter perguntado à enfermeira se poderia pegá-lo na manhã seguinte ao nascimento, como se o filho pertencesse ao hospital.

A mãe ergueu os olhos, o rosto jovem enrugado e envelhecido pelo choro, e Kate sorriu e pegou sua mão. Ia ser um cumprimento, mas em vez disso simplesmente a apertou, imóvel.

— Olá, Dawn — cumprimentou. — Muito obrigada por concordar em conversar comigo. Sei como deve estar sendo difícil para você, mas esperamos que isso ajude a polícia a encontrar Bella.

Dawn assentiu como se estivesse em câmera lenta.

Droga, Bob não estava de brincadeira, pensou Kate.

Ela pegou um boneco vermelho dos Teletubbies no sofá.

— Este é a Po? Meus meninos preferiam *Power Rangers* — disse.

Dawn olhou para ela, interessada.

— Bella adora a Po — contou. — Ela gosta de fazer bolhas de sabão e correr atrás delas, tentando pegar.

Kate reparara em uma foto na mesa com a menina fazendo exatamente isso e se levantou para levá-la até Dawn.

— Aqui está ela — disse Kate, e Dawn pegou a moldura. — Ela é bonita. E bem levada, aposto.

Dawn deu um sorriso grato. As duas mulheres tinham encontrado algo em comum — a maternidade —, e Dawn começou a falar sobre a sua bebê.

Era a primeira vez que conseguia falar sobre Bella como uma criança, não como a vítima de um crime, pensou Bob Sparkes.

"Ela é boa, a Kate. É preciso reconhecer. Ela consegue entrar na sua cabeça mais rápido que muitos dos meus policiais", disse à esposa mais tarde. Eileen dera de ombros e retomara as palavras cruzadas do *The Telegraph*. O trabalho policial acontecia em um planeta diferente no que dizia respeito a ela.

Kate buscou mais fotos e brinquedos para manter a conversa, deixando Dawn contar a história de cada item. Quase não era preciso fazer perguntas. Ela usou um gravador discreto, colocado rapidamente na almofada entre elas, para captar cada palavra. Blocos eram uma ideia ruim em uma situação como aquela — pareceria demais com um depoimento à polícia. Ela só queria que Dawn falasse. Queria ouvir sobre os prazeres comuns e o esforço cotidiano de ser mãe. De arrumar Bella para a creche, as brincadeiras no banho, a satisfação da criança ao escolher as galochas novas.

— Ela adora animais. Fomos ao zoológico uma vez e ela queria ficar vendo os macacos. Ela ria sem parar — contou Dawn, abrigando-se em caráter provisório nas lembranças de uma vida anterior.

Os vislumbres de Bella e Dawn lançariam o leitor no pesadelo que a jovem mãe estava enfrentando, Kate sabia, enquanto escrevia mentalmente a abertura da matéria.

Um par de pequenas galochas de borracha vermelhas está no corredor de Dawn Elliott. Sua filha, Bella, as escolheu há duas semanas e ainda não usou...

Isso era o que o público queria ler para poder estremecer em seus robes, tomando chá com torradas, e depois dizer ao cônjuge: "Poderia ter sido conosco."

E o editor iria adorar. "Belíssismo frio na barriga", diria, abrindo a primeira página e uma dupla dentro do jornal para a sua matéria.

Depois de vinte minutos, Dawn começou a ficar cansada. As drogas estavam perdendo o efeito, e o terror se esgueirou de volta para o cômodo. Kate lançou um olhar a Mick, que se levantou com a câmera e disse delicadamente:

— Vamos tirar uma foto sua, Dawn, com aquela linda foto de Bella fazendo bolhas de sabão.

Ela concordou, feito uma criança.

— Nunca vou me perdoar — sussurrou enquanto o obturador de Mick estalava. — Eu não deveria ter deixado que ela saísse. Mas só estava tentando

fazer o chá. Ela ficou fora de vista só por um minuto. Eu faria tudo para voltar no tempo.

E então ela chorou; soluços secos abalaram sua estrutura, enquanto Kate apertava com força a sua mão e o resto do mundo ganhava foco novamente ao redor do sofá.

Kate sempre ficara maravilhada com o poder das entrevistas. “Quando se está falando com alguém real — uma pessoa sem um ego ou qualquer coisa a vender —, pode acontecer uma total exposição de uma pessoa a outra, uma intimidade intensa que se sobrepõe a tudo e a todos”, dissera a alguém certa vez. Quem tinha sido? Devia ser alguém que ela estava tentando impressionar, mas lembrava de todas as linhas de todas as entrevistas que a tocaram como aquela.

— Você tem sido muito corajosa, Dawn — comentou, apertando novamente sua mão. — Muito obrigada por conversar comigo e me dar tanto tempo. Entro em contato com o detetive Sparkes para informar quando a matéria vai sair. E vou deixar meu cartão para que possa falar comigo sempre que quiser.

Kate arrumou suas coisas rapidamente, deslizando o gravador para dentro da bolsa e deixando seu lugar ao lado de Dawn para a policial que estava como intermediária com a família.

Sparkes acompanhou Kate e Mick até a porta.

— Isso foi ótimo. Obrigada, Bob — disse ela em seu ouvido. — Ligo para você quando a matéria ficar pronta.

Ele assentiu enquanto ela saía para encarar os colegas furiosos.

Kate ficou sentada por um momento no carro, repassando de cabeça as falas e tentando montar a matéria. A intensidade do encontro a deixara esgotada e, para ser sincera, um pouco abalada. Desejou que ainda fumasse, mas em vez disso ligou para o número de Steve. Caiu direito na caixa de mensagem — ele devia estar na ronda —, e Kate deixou um recado.

— Tudo correu muito bem — contou. — Pobre garota, coitadinha. Ela nunca vai superar isso. Tirei uma lasanha do freezer para hoje. Falo com você depois.

Kate conseguiu ouvir a voz falhando enquanto era gravada.

— Deus do céu, controle-se, Kate, isto é trabalho — disse a si mesma conforme ligava o motor e saía para encontrar um estacionamento calmo e começar a escrever. — Devo estar ficando velha e frouxa.

*

Dawn Elliott telefonou para Kate Waters no dia seguinte, quando a matéria saiu. Ligou do celular, de pé no banheiro, longe da sempre atenta Sue Blackman. Não sabia direito por que telefonava escondido, mas precisava de algo só para si. Sua

vida inteira havia sido revirada pela polícia, e ela queria ter algo normal. Apenas uma conversa.

Kate ficou impressionada — uma linha direta com Dawn era o prêmio que ela se permitira esperar, mas que não considerara garantido, então tratou com cuidado a situação. Não deveria haver perguntas diretas sobre a investigação, nada de se meter, nenhuma pressão. Não podia afugentá-la. Em vez disso, conversou com Dawn como se fosse uma amiga, partilhando detalhes da própria vida — seus meninos, engarrafamentos, roupas novas e fofocas de celebridades. E Dawn reagiu como Kate sabia que acabaria fazendo, confidenciando seus medos e as últimas pistas da polícia.

— Eles receberam uma ligação do exterior. Perto de Málaga? Alguém de férias por lá viu uma garotinha em um parque, eles acham que talvez seja Bella — contou a Kate. — Acha que ela poderia estar lá?

Kate murmurou palavras para tranquilizá-la enquanto anotava tudo e mandava uma mensagem para o repórter que trabalhava na editoria de crimes, um sujeito que bebia muito e tinha cometido dois grandes erros recentemente. Ele ficou grato de ser incluído nas dicas de Kate, depois ligou para um contato na sala de investigações e disse ao chefe de reportagem que reservasse um voo para a Espanha imediatamente.

Não era Bella. Mas o jornal conseguiu uma entrevista emocionada com os turistas e uma desculpa perfeita para mais uma avalanche de fotos.

— Valeu a aposta — disse o editor à redação, acrescentando ao passar pela cadeira de Kate: — Muito bem. Você está fazendo um grande trabalho.

Ela estava no foco da notícia, mas precisava ter cuidado. Não seria nada bom se Bob Sparkes soubesse dos telefonemas secretos.

Kate gostava de Sparkes. Tinham se ajudado em dois casos que ele comandara — ele lhe dera algumas poucas informações para fazer com que suas matérias se destacassem daquelas do restante do bando, e ela o avisara quando descobrira algo novo que poderia ser de interesse dele. Era uma espécie de amizade, pensou ela, útil para ambos. E se davam bem. Mas não havia nada mais profundo. Ela quase enrubescia ao se lembrar de que tinha desenvolvido um interesse meio adolescente por ele assim que se conheceram, nos anos noventa. Fora atraída por sua calma e seus olhos castanhos, e ficara lisonjeada quando ele a convidara duas vezes para um drinque.

O repórter de crime em seu jornal anterior a provocara sobre sua relação conveniente com Sparkes, mas ambos sabiam que o detetive não era um aventureiro, como alguns colegas dele. Era conhecido por nunca sair dos trilhos, e Kate não tinha tempo nem inclinação para relações extraconjugais.

— Ele é um policial totalmente correto — dissera um colega. — Um dos

últimos.

Kate sabia que corria o risco de perder Sparkes como fonte ao lidar com Dawn pelas costas dele, mas ter um contato de dentro na matéria fazia valer a pena. Aquela podia ser a maior matéria de sua vida.

Ela ensaiou seus argumentos conforme dirigia para o trabalho:

— Este é um país livre e Dawn pode falar com quem quiser, Bob... Não posso impedi-la de ligar para mim... Não estou ligando para ela... Não faço nenhuma pergunta sobre a investigação. Ela simplesmente me conta as coisas.

Ela sabia que isso não iria colar com Sparkes. Fora ele quem tinha levado Kate para lá.

— Ah, bem, é justo — disse a si mesma, irritada, fazendo uma promessa silenciosa de contar a Bob qualquer coisa que pudesse ajudar a polícia. Ao mesmo tempo, cruzou os dedos.

Não demorou muito para receber um telefonema de Sparkes.

*

O telefone tocou e ela o levou para a privacidade do corredor.

— Oi, Bob. Tudo bem?

O detetive estava estressado, e confessou isso a ela. A última conversa de banheiro de Dawn com sua repórter preferida fora ouvida pela policial que a acompanhava em casa, e Sparkes estava decepcionado com Kate. De algum modo, era pior do que se estivesse furioso.

— Espere um pouco, Bob. Dawn Elliott é adulta; ela pode conversar com quem quiser. Foi ela quem ligou para mim.

— Não tenho dúvida. Kate, não foi esse o trato. Coloquei você lá dentro para a primeira entrevista, e você tem feito coisas pelas minhas costas. Isso poderia prejudicar a investigação. Você consegue entender isso?

— Olhe, Bob, ela me liga para conversar sobre assuntos que não têm nada a ver com a investigação. Ela precisa de algum tempo, nem que sejam dois minutos, para fugir.

— E você precisa de matérias. Não banque a assistente social para cima de mim, Kate. Conheço você bem demais.

Ela ficou envergonhada. Ele realmente a conhecia bem demais.

— Me desculpe por deixá-lo chateado, Bob. Por que nós não nos encontramos para tomar um drinque e resolver as coisas?

— Estou ocupado demais agora, mas talvez semana que vem. E, Kate...

— Sim, sim. Você sem dúvida disse a ela para não me ligar, mas não vou ignorá-la se ela acabar me ligando.

— Muito bem. Você fará o que tem que fazer, Kate. Então espero que Dawn seja sensata. Alguém tem que agir como um adulto responsável.

— Bob, estou fazendo o meu trabalho e você está fazendo o seu. Não estou prejudicando a investigação, estou mantendo a história viva no jornal.

— Espero que esteja certa, Kate. Preciso desligar.

Kate se apoiou na parede, tendo na cabeça uma discussão totalmente diferente com Bob Sparkes. Nessa versão, ela terminava em posição de superioridade e Bob se humilhava diante dela.

Bob apareceria quando estivesse mais calmo, Kate disse a si mesma, e mandou uma mensagem de texto para Dawn se desculpando por qualquer problema que tivesse causado.

Recebeu imediatamente uma mensagem que terminava com um “conversamos depois”. Elas ainda estavam bem. Kate sorriu para a tela e decidiu celebrar com um espresso duplo e um muffin.

— Aos pequenos triunfos da vida — disse ao erguer o copo de papelão no refeitório.

Ela iria de carro até Southampton no dia seguinte e se encontraria com Dawn para um sanduíche no shopping.

CAPÍTULO 9

Quarta-feira, 9 de junho de 2010

A VIÚVA

Kate entra na van de Mike alguns quilômetros à frente, no estacionamento de um supermercado. Ela ri e diz que “o bando” tinha se aproximado às pressas da casa para ver se eu estava lá dentro depois que ela saiu dirigindo sozinha.

— Idiotas — xinga. — Quem diria que cairiam nessa.

Ela se virou no banco da frente para que eu pudesse ver seu rosto.

— Você está bem, Jean?

A voz dela voltou a ser afetuosa e delicada. Não me engana. Ela não se importa comigo. Só quer a matéria. Faço que sim com a cabeça e permaneço calada.

Conforme seguimos, Mick e ela conversam sobre “a redação”. Parece que o chefe dela é um valentão que grita e xinga as pessoas.

— Ele usa tanto a palavra que começa com B que a reunião de pauta matinal é chamada de Monólogo da Vagina — diz ela, e os dois começam a rir.

Não sei o que é um Monólogo da Vagina, mas não revelo isso.

É como se eles vivessem em outro mundo. Kate está contando a ele que o chefe de reportagem — o Terry, com quem ela estava falando ao telefone — está muito feliz. Feliz por ela estar com a viúva, suponho.

— Ele vai ficar entrando e saindo do escritório do editor o dia inteiro, pobre coitado. Mas isso vai impedir que ele azucrine os outros repórteres. É um sujeito divertido; coloque-o em um pub e ele vira a alma da festa. Mas, na redação, passa doze horas por dia na escrivaninha, olhando para a tela do computador. Só levanta a cabeça quando vai dar um esporro em alguém. Parece um morto-vivo.

Mick ri.

Eu me deito no saco de dormir. Está um pouco sujo, mas não cheira tão mal, então cochilo, e suas vozes diminuem até se tornarem um zumbido distante. Quando acordo, já chegamos.

O hotel é grande e caro. O tipo de lugar que tem aquelas flores enormes que praticamente enchem o saguão e maçãs de verdade no balcão da recepção. Nunca sei se as flores são de verdade, mas as maçãs são. Você pode comê-las se quiser.

Kate está no comando.

— Oi, temos três quartos reservados para nós em nome de Murray — informa ela à recepcionista, que sorri e olha para a tela. — Fizemos as reservas há umas duas horas — diz Kate, impaciente.

— Aqui estão — diz a recepcionista finalmente.

Mick deve ser o Murray. Ele dá o cartão de crédito à moça, que olha para mim.

De repente me dou conta de como deve estar minha aparência. Uma visão e tanto. Meu cabelo está todo desgrenhado, depois de ter deixado uma jaqueta sobre a cabeça e dormido na van. A roupa que estou usando mal servia para fazer compras, que dirá para ir a um hotel chique. Fico de pé ali, com minhas calças velhas e camiseta, olhando para meus pés em chinelos baratos enquanto o preenchimento das fichas prossegue. Eles me registram como Elizabeth Turner, e eu olho para Kate.

Ela apenas sorri e sussurra.

— Dessa forma ninguém vai encontrar você. Eles vão nos procurar.

Fico pensando em quem realmente é Elizabeth Turner e o que está fazendo nesta tarde. Aposto que está olhando os cabideiros de uma filial da loja TK Maxx, sem se esconder da imprensa.

— Malas? — pergunta a mulher, e Kate diz que estão no carro e que as pegaremos mais tarde.

No elevador eu olho para ela e ergo as sobrancelhas. Ela dá um sorriso para mim. Não falamos nada porque um funcionário do hotel está nos acompanhando. Na verdade, é uma idiotice, já que não há malas para carregar, mas ele quer nos mostrar os quartos. E receber uma gorjeta, imagino. O quarto 142 é o meu, ao lado do de Kate, que é o 144. O funcionário faz uma grande cena para abrir a porta e me deixar entrar. Fico de pé, observando. É lindo. Enorme e brilhante, com um lustre. Há um sofá, uma mesinha de centro, luminárias e mais maçãs. Eles devem ter algum acordo com algum supermercado para ter tantas frutas espalhadas.

— Está tudo bem? — pergunta Kate.

— Ah, sim — respondo, e me sento no sofá para olhar tudo novamente.

Nosso hotel de lua de mel não era tão elegante quanto aquele. Foi um lugar familiar na Espanha. Ainda assim, também era lindo. Nós nos divertimos muito. Quando chegamos lá ainda havia um pouco de confete no meu cabelo, e a equipe fez uma festa conosco. Havia uma garrafa de champanhe à espera — uma coisa espanhola, um pouco enjoativa —, e as garçonetes continuavam indo até nós e nos cumprimentando.

Passamos os dias deitados à beira da piscina, olhando um para o outro. Amando um ao outro. Tanto tempo atrás.

Kate diz que tem uma piscina aqui. E um spa. Eu não trouxe roupa de banho — na verdade, não trouxe nada —, mas ela pergunta meu tamanho e sai para conseguir “algumas coisas” para mim.

— O jornal vai pagar — diz.

Ela marca uma massagem para mim durante o tempo em que vai estar fora.

— Para você relaxar — explica. — Vai ser ótimo. Eles usam óleos essenciais: jasmim, lavanda, esse tipo de coisa. E você pode dormir. Você precisa de um pouco de mimo, Jean.

Não tenho muita certeza, mas aceito. Não perguntei por quanto tempo vão me manter ali. Esse assunto não surgiu, e eles parecem tratar a situação como se fosse uma folga de fim de semana.

*

Uma hora depois, estou na cama vestindo um roupão do hotel, praticamente flutuando de tão relaxada que me sinto. Glen teria dito que eu cheirava a "alcova de uma rameira", mas estou adorando. Estou cheirando a coisa cara. Então Kate bate à porta e volto à realidade.

Ela passa pela porta com um monte de sacolas.

— Aqui está, Jean — diz ela. — Experimente para ver se caem bem.

Engraçado como ela continua usando meu prenome. Como uma enfermeira. Ou uma charlatã.

Kate escolheu coisas muito bonitas. Um pulôver de caxemira azul-claro que eu nunca teria condições de comprar, uma camisa branca elegante, uma saia leve, calças sociais cinza, calcinhas, sapatos, um maiô, uma luxuosa espuma de banho e uma bela camisola comprida. Desembrulho tudo enquanto ela observa.

— Adoro essa cor, você não, Jean? — pergunta ela, pegando o pulôver. — Azul-turquesa.

Ela sabe que eu também adoro, mas tento não revelar tanto.

— Obrigada — digo. — Eu realmente não preciso de tudo isto. Só vou passar a noite aqui. Talvez você possa devolver uma parte.

Ela não responde, apenas junta as sacolas vazias e sorri.

Já passou bastante da hora do almoço, e eles decidem pedir algo para comer no quarto de Kate. Eu só quero um sanduíche, mas Mick pede filé e uma garrafa de vinho. Vejo depois que o vinho custava trinta e duas libras. Era possível comprar oito garrafas de Chardonnay no supermercado por esse preço. Ele disse que era "gostoso para c...". Ele usa muito a palavra com C, mas Kate não parece notar. A atenção dela está toda voltada para mim.

Quando os pratos são colocados do lado de fora para serem recolhidos, Mick vai para o quarto dele arrumar as câmeras. Kate, por sua vez, se acomoda em uma poltrona e começa a falar. Apenas uma conversa normal, o tipo de coisa que eu diria a uma cliente enquanto lavasse o seu cabelo. Mas sei que isso não vai durar.

— Você deve estar passando por um estresse terrível desde a morte de Glen — começa ela.

Concordo, parecendo nervosa. Não posso dizer a ela que não. A verdade é que o alívio tem sido maravilhoso.

— Como você está lidando com isso, Jean?

— Tem sido horrível — digo com a voz embargada, e volto a ser Jeanie, a mulher que costumava ser quando me casei.

Jeanie me salvou. Ela seguiu com a vida, preparando chá, lavando o cabelo de clientes, varrendo o chão e fazendo as camas. Ela sabia que Glen era vítima de uma trama policial. Ela ficou ao lado do homem com quem se casara. O homem que ela havia escolhido.

De início, Jeanie só reaparecia quando parentes ou policiais faziam perguntas, mas, à medida que mais coisas ruins começaram a vazar por baixo da porta, Jeanie se mudou de volta para casa, de modo que Glen e eu pudéssemos seguir com a nossa vida juntos.

— Foi um choque terrível — conto a Kate. — Ele caiu debaixo do ônibus bem ali, na minha frente. Não tive nem tempo de gritar. Já tinha acabado. Depois todas aquelas pessoas chegaram correndo e meio que assumiram. Eu estava chocada demais para me mexer, e eles me levaram ao hospital para terem certeza de que eu estava bem. Todos foram muito gentis.

Até descobrirem quem ele era.

Veja bem, a polícia disse que Glen tinha levado Bella.

Quando disseram o nome dela, quando eles foram à nossa casa, eu só consegui pensar em sua foto, aquele rostinho, aqueles pequenos óculos redondos e o curativo cobrindo um dos olhos. Parecia um bebê pirata. Tão doce que eu poderia ter devorado aquela criança. Por meses, ninguém conseguira falar de outra coisa — no salão, nas lojas, no ônibus. A pequena Bella. Estava brincando no jardim na frente de casa em Southampton e alguém simplesmente apareceu e a levou.

Claro que eu nunca teria deixado um filho meu brincar do lado de fora sozinho. Ela tinha apenas dois anos e meio, pelo amor de Deus. A mãe deveria ter cuidado melhor da filha. Aposto que ela estava sentada assistindo ao programa de entrevistas de Jeremy Kyle ou algum outro lixo na TV. É sempre com esse tipo de gente que essas coisas acontecem, dizia Glen. Pessoas descuidadas.

E eles falaram que foi Glen que a levou. E a matou. Não consegui respirar quando disseram isso — os policiais, quero dizer. Eles foram os primeiros. Outros disseram depois.

Ficamos lá de pé na sala da frente, boquiabertos. Bem, eu digo que nós

ficamos. Glen meio que ficou vazio. O rosto dele estava vazio. Não parecia mais Glen.

A polícia foi discreta quando apareceu. Nada de esmurrar a porta ou coisa assim, como na TV. Eles bateram, rá-tá-tá-tá-tá. Glen acabara de entrar, depois de ter lavado o carro. Ele abriu a porta e eu coloquei a cabeça para fora da cozinha para ver quem era. Eram dois sujeitos pedindo para entrar. Um se parecia com o meu professor de geografia na escola, o Sr. Harris. O mesmo paletó de tweed.

— Sr. Glen Taylor? — perguntou ele, com toda a calma e discrição.

— Sim — respondeu Glen, depois perguntando se eles estavam ali para vender alguma coisa.

No início, não consegui ouvir bem, mas então eles entraram. Eram policiais: o detetive Bob Sparkes e seu sargento, disseram.

— Sr. Taylor, gostaria de conversar sobre o desaparecimento de Bella Elliott — explicou o detetive Sparkes.

Abri a boca para falar algo, para fazer o policial parar de dizer aquelas coisas, mas não consegui. E o rosto de Glen ficou vazio.

Durante todo o tempo ele não olhou para mim. Não passou o braço ao meu redor nem tocou minha mão. Mais tarde ele disse que estava em choque. Ele e os policiais continuaram a conversar, mas não consigo me lembrar de ter escutado o que falavam. Eu via as bocas em movimento, mas não conseguia entender. O que Glen tinha a ver com Bella? Ele não macularia um fio de cabelo da cabeça de uma criança. Ele adora crianças.

Então eles saíram, Glen e os policiais. Glen depois me contou que ele se despediu e disse para eu não me preocupar, que era só alguma confusão idiota que ele iria resolver. Mas não me lembro disso. Outros policiais ficaram na casa para me fazer perguntas, para revirar a nossa vida, mas durante tudo isso, girando e girando em minha cabeça, eu continuava pensando no rosto dele e em como não o reconheci por um segundo.

Depois me contou que alguém tinha dito que ele fizera uma entrega perto de onde Bella havia desaparecido, mas que isso não significava nada. Apenas uma coincidência. Devia haver centenas de pessoas pela área naquele dia.

Ele não estava nem perto da cena do crime — a entrega era a quilômetros dali, alegou. Mas a polícia estava investigando todo mundo, para verificar se tinham visto alguma coisa.

Ele começara a trabalhar como motorista de entregas depois de ter sido demitido do banco. Estavam querendo reduzir o pessoal, Glen disse às pessoas, e ele queria uma mudança. Sempre sonhara em abrir o próprio negócio, ser o próprio patrão.

Descobri a verdadeira razão em uma noite de quarta-feira. Ginástica para mim e um jantar mais tardio para nós. Ele gritou comigo por estar mais atrasada que o habitual, palavras horríveis sendo cuspidas, cheias de raiva e obscenidade. Palavras que ele normalmente nunca usaria. Tudo estava errado. Ele preenchia a cozinha com suas acusações, seu ódio. Os olhos estavam mortos, como se ele não me conhecesse. Achei que iria me bater. Notei seus punhos se fechando e se abrindo ao lado do corpo, congelada junto ao fogão, empunhando uma espátula.

Minha cozinha, minhas regras, costumávamos brincar. Mas não naquela quarta-feira.

A briga terminou com uma porta batida quando ele foi para a cama — foi dormir no outro quarto, longe de mim. Lembro-me de ter ficado ao pé da escada, chocada. O que era aquilo tudo? O que havia acontecido? Eu não queria pensar no que aquilo significava para nós.

— Pare — disse a mim mesma. — Vai ficar tudo bem. Ele deve ter tido um dia ruim. É melhor deixá-lo dormir.

Comecei a arrumar as coisas, peguei o cachecol e o paletó que ele tinha pendurado no corrimão e os coloquei nos ganchos junto à porta. Senti algo rígido em um dos bolsos, uma correspondência. Um envelope branco com um quadrado de plástico transparente que exibia o nome dele e o nosso endereço. Do banco. As palavras eram oficiais e tão duras quanto o envelope: “Investigação... Comportamento antiprofissional... Inadequado... Demissão imediata.” Eu me perdi na linguagem formal, mas sabia que aquilo significava desgraça. O fim dos nossos sonhos. Nosso futuro. Subi a escada às pressas, apertando a carta na mão. Entrei pisando firme no outro quarto e acendi a luz. Ele devia ter me ouvido chegar, mas fingiu que tinha pegado no sono, até que me ouvi guinchar:

— O que é isto?

Ele olhou para mim como se eu não fosse nada.

— Fui demitido — respondeu, e rolou novamente para fingir que estava dormindo.

Na manhã seguinte, Glen entrou no nosso quarto com chá na minha xícara preferida. Ele parecia não ter dormido quase nada e me pediu desculpas. Sentou-se na cama e explicou que estava sob muita pressão, que tudo aquilo era apenas um mal-entendido no trabalho e que nunca se dera bem com o chefe. Contou que haviam armado para ele, que fora acusado de algo. Algum equívoco, explicou. Não havia feito nada de errado. O chefe estava com inveja. Glen falou que tinha grandes planos para o futuro, mas que isso não teria importância se eu não estivesse ao seu lado.

— Você é o centro do meu mundo, Jeanie — disse, e me abraçou.

Retribuí o abraço e esqueci meu medo.

Mike, um amigo que ele disse ter conhecido na internet, ofereceu o trabalho de motorista — “Só enquanto descubro em que ramo quero atuar, Jeanie”. Inicialmente era dinheiro vivo, e depois eles o empregaram em caráter permanente. Glen parou de falar em ser o próprio patrão.

Ele precisava usar um uniforme, bastante elegante: camisa azul-clara com o logotipo da empresa no bolso e calças azul-marinho. Glen não gostava de usar uniforme — “É humilhante, Jeanie, como voltar para a escola” —, mas se acostumou, e pareceu bastante feliz. Ele saía de manhã e acenava para mim enquanto ia de carro pegar a van. Saindo em viagem, dizia.

Só fui com ele uma vez. Um trabalho especial para o chefe em um domingo pouco antes do Natal, certo ano. Deve ter sido no último Natal antes de ser preso. Era apenas até Canterbury, e eu estava com vontade de sair de casa. Viajamos em total silêncio. Eu tinha dado uma espiada no porta-luvas. Nada de mais. Alguns doces. Peguei um, depois ofereci a Glen, para animá-lo. Ele não quis, e me disse para guardá-los de volta no porta-luvas.

A van era bonita e limpa. Impecável. Eu normalmente não a via. Ficava no depósito, e ele ia de carro pegá-la de manhã.

— Bela van — falei, mas ele apenas grunhiu. — O que tem lá atrás?

— Nada — respondeu, e ligou o rádio.

E ele estava certo. Dei uma olhada enquanto Glen conversava com o cliente.

A traseira estava totalmente limpa. Bem, quase. Havia um canto rasgado de um pacote de doces à mostra sob uma beirada do carpete. Eu o tirei com a unha. Estava um pouco coberto de pó e pelos, mas coloquei no bolso do casaco. Para deixar arrumado.

Tudo aquilo parecia ter sido muito antes. Nós dois em um passeio feito pessoas normais.

*

— Glen Taylor? — pergunta a enfermeira, despertando-me bruscamente dos meus pensamentos e franzindo a testa ao escrever o nome dele em um formulário. Tentando lembrar. Esperei pelo inevitável.

A ficha caiu.

— Glen Taylor? O homem que foi acusado de levar aquela garotinha, Bella? — pergunta ela em voz baixa para um dos socorristas, e finjo não ouvir. Quando ela se vira novamente para mim, a cara está fechada. — Entendo — diz, e se afasta.

Ela deve ter feito alguma ligação, porque meia hora depois os repórteres estão lá, circulando pela emergência e tentando se disfarçar de pacientes. Consigo

identificá-los a quilômetros.

Mantenho a cabeça abaixada e me recuso a falar com qualquer um deles. Que tipo de gente eles são, caçando uma mulher que acabou de ver o marido morrer?

A polícia também está lá. Por causa do acidente. Não são aqueles que costumamos ver. É o pessoal da polícia local, não os policiais de Hampshire. Apenas fazendo trabalho de rotina, tomando depoimentos das testemunhas, de mim, do motorista do ônibus. Ele também está aqui. Pelo visto bateu feio com a cabeça ao frear, e diz que nem sequer viu Glen.

Ele provavelmente não viu, foi bem rápido.

E então aparece o detetive Bob Sparkes. Eu sabia que ele acabaria aparecendo, feito um estorvo. Mas deve ter vindo dirigindo rápido como o vento para chegar tão rápido de Southampton. Ele vem com um rosto triste e me dá as condolências, só que está ainda mais triste por ele mesmo. Certamente não queria que Glen morresse. O fim dele significa que o caso nunca será encerrado. Pobre Bob. Passará a vida inteira carregando esse fracasso.

Ele se senta ao meu lado em uma cadeira de plástico e pega minha mão. Fico tão constrangida que permito. Ele nunca me tocou assim. Como se Bob se importasse comigo. Ele segura minha mão e fala em uma voz baixa e suave. Eu sei o que está dizendo, mas não ouço, se é que você me entende. Ele está me perguntando se sei o que Glen fez com Bella. Fala com delicadeza, explicando que agora posso revelar o segredo. Tudo pode ser contado. Eu era tão vítima quanto Bella.

— Eu não sei nada sobre Bella, Bob. Nem Glen sabia — respondo, e afasto minha mão, fingindo que precisava secar uma lágrima.

Depois fico enjoada no banheiro do hospital. Eu me limpo e sento no vaso com a testa apoiada nos lindos azulejos frios da parede.

CAPÍTULO 10

Quinta-feira, 12 de outubro de 2006

O DETETIVE

O detetive Bob Sparkes estava de pé na sala de investigações, estudando os quadros e esperando que surgissem padrões e conexões. Tirou os óculos e estreitou os olhos para o caso de uma mudança de foco revelar alguma coisa.

Havia um turbilhão de atividades ao redor do jardim dos Elliott, mas, no epicentro, Bella continuava a ser a peça que faltava.

Todas aquelas informações, mas nenhum sinal dela, pensou. *Ela está aqui em algum lugar. Estamos deixando passar alguma coisa.*

A equipe de peritos havia passado pó e raspado cada centímetro do muro de alvenaria do jardim, bem como do portão de metal pintado. O jardim fora objeto de uma busca detalhada feita por uma fila de policiais que avançava religiosamente de joelhos. As fibras das roupas de Bella, os fios dourados de seu cabelo, partes arrancadas de brinquedos e embalagens de doces jogadas foram preservados em sacos plásticos como relíquias sagradas. Mas nada do sequestrador.

— Acho que o desgraçado deve ter posicionado os braços por cima do muro e a levantado, colocando a menina dentro do veículo dele — sugeriu Sparkes. — Só teria demorado alguns segundos. Ela estava lá, e então não estava mais.

A equipe havia encontrado um doce vermelho chupado pela metade do lado do muro em que Bella estava.

— Talvez tenha caído de sua boca quando ele a levantou? — refletiu o detetive. — Isso é um Smartie?

— Não sou exatamente um especialista em doces, chefe, mas vou mandar alguém verificar — respondeu o sargento Matthews.

Quando o doce retornou da perícia, foi identificado como um Skittle. Continha a saliva de Bella, que batia com a que havia na chupeta que ela chupava à noite.

— Ela nunca comeu Skittles — disse Dawn.

Ele deu um a ela para mantê-la quieta, pensou Sparkes. *Que antiquado.* Ele se lembrou de sua mãe lhe dizendo quando era menino: “Nunca aceite doces de um estranho.” Isso e alguma coisa sobre homens com filhotes de cachorro.

Ele estava repassando a lista de provas, e sua energia se esvaía. Aquilo não parecia bom. Não havia câmeras de segurança vigiando a rua — apenas o bom e velho Sr. Spencer —, e até o momento nenhuma imagem das câmeras mais próximas mostrava qualquer homem desmazelado.

— Talvez ele apenas tenha dado sorte — disse Sparkes.

— Então foi uma baita sorte.

— Pegue o telefone, Matthews, e veja quando poderemos estar no *Crimewatch*. Diga a eles que é urgente.

A reconstituição para a TV pareceu demorar séculos para ser organizada, embora tenha tomado apenas oito dias. Foi preciso encontrar uma sósia de Bella em uma creche de outra cidade, porque nenhum pai que morasse perto de Westland deixaria a filha participar.

— É sério, não posso culpá-los — disse Sparkes ao diretor irritado. — Eles não querem ver o filho como vítima de sequestro. Mesmo que seja apenas uma simulação.

Eles estavam no fim da Manor Road, esperando a equipe de filmagem aprontar tudo e discutindo o que Sparkes diria em seu apelo por informações.

— Será ao vivo no estúdio, Bob, então se assegure de ter tudo na cabeça antes de falar — disse o diretor. — Você sabe quais serão as perguntas.

Sparkes estava distraído demais para assimilar tudo. Acabara de colocar Dawn Elliott em um carro de polícia que a levaria à casa da mãe, e ao mesmo tempo chegava a atriz que a interpretaria.

— Ela se parece comigo — sussurrara para ele.

Dawn não conseguira olhar para a criança que faria o papel de Bella. Deixara no sofá uma muda de roupas da filha, um pequeno arco de cabelo e os óculos extras de Bella, alisando cada item e repetindo o nome da filha. Sparkes a ajudara a se levantar, e ela, de olhos secos, fora até o carro segurando o seu braço. Sentou-se ao lado de Sue Blackman e não olhou para trás.

A rua então ficou quieta, deserta, como devia ter estado naquele dia. Sparkes observou enquanto a reconstituição se desenrolava, o diretor delicadamente estimulando “Bella” a perseguir pelo jardim um gato cinza emprestado. A mãe dela estava ao lado da câmera, fora do enquadramento, com chocolatinhos de emergência para o caso de um suborno se fazer necessário, sorrindo para sua garotinha e tentando não chorar.

A Sra. Emerson se ofereceu para interpretar o próprio pequeno papel, descendo rigidamente a entrada do seu jardim, fingindo procurar a amiguinha da casa ao lado e depois reagindo aos pedidos de ajuda gritados por Dawn. Do outro lado da rua, o Sr. Spencer atuou identificando o ator com uma peruca comprida passando a pé por sua casa, seu espanto fingido capturado através da janela por um cinegrafista de pé nas calêndulas da Sra. Spencer.

O “sequestro” demorou apenas alguns minutos, mas se passaram três horas até que o diretor ficasse satisfeito e todos se reunissem em torno do monitor no caminhão para ver o resultado final. Ninguém falou nada enquanto viam “Bella” brincando no jardim, apenas o Sr. Spencer, que ficava ruminando os

acontecimentos com a equipe.

Mais tarde, um dos policiais mais velhos chamou Sparkes de lado.

— Já reparou que o nosso Sr. Spencer está sempre perto da equipe de investigação e dando entrevistas aos repórteres? Dizendo que viu o homem que a levou? Se quiser saber o que acho, ele está é atrás de glória.

Sparkes sorriu com simpatia.

— Sempre tem um, não é mesmo? Ele provavelmente é solitário e entediado. Vou colocar Matthews para ficar de olho nele.

Como esperado, a transmissão, vinte e três dias após Bella ter desaparecido, provocou centenas de telefonemas para o estúdio e para a sala de investigações, despertando a emoção popular e uma nova avalanche de variações de mensagens “Meu coração está com...” e “Por quê, ai, por quê?” no site do programa na internet.

Cerca de dez pessoas alegaram ter visto Bella, muitas delas certas de que a identificaram em um café, um ônibus, um parquinho. Todos os telefonemas foram investigados imediatamente, mas o otimismo de Sparkes começou a arrefecer quando foi sua vez de atender as ligações nos fundos do estúdio.

*

Na semana seguinte, um alvoroço repentino vindo da sala de investigações chegou aos ouvidos do detetive enquanto ele passava pelo corredor.

— Um exibicionista apanhado em um parquinho infantil, senhor — disse o policial de plantão. — A cerca de vinte e cinco minutos da casa dos Elliott.

— Quem é ele? A gente conhece?

Lee Chambers era um taxista divorciado de meia-idade que fora interrogado seis meses antes por se exibir para duas passageiras. Alegara que estava apenas fazendo xixi rapidamente e elas tiveram um vislumbre enquanto ele fechava o zíper. De maneira alguma intencional. As mulheres não quiseram levar o caso adiante, não queriam chamar atenção, e a polícia o liberou.

Naquele dia ele estava em meio aos arbustos ao lado dos balanços e escorregas do Royal Park enquanto crianças brincavam por perto.

— Eu só estava fazendo xixi rapidinho — disse ele ao policial, que fora chamado por uma mãe horrorizada.

— O senhor costuma ter ereção enquanto urina, senhor? Isso deve ser inconveniente — retrucou o policial enquanto o conduzia ao carro que os aguardava.

Chambers chegou à delegacia de polícia de Southampton Central e foi colocado em uma sala de interrogatório.

Olhando pelo painel de vidro reforçado da porta, Sparkes viu um homem magro vestindo calças de corrida e uma camiseta do Southampton FC, com cabelo comprido e oleoso preso em um rabo de cavalo.

— Desmazelado, cabelos compridos — disse Matthews.

Você pegou Bella?, pensou Sparkes automaticamente. *Você a levou a algum lugar?*

O suspeito ergueu os olhos, ansioso, quando Sparkes e Matthews entraram.

— Isso tudo não passa de um equívoco — disse.

— Se eu ganhasse uma libra... — murmurou Matthews. — Então por que não nos conta o que aconteceu? — pediu, enquanto arrastava com Sparkes as cadeiras para mais perto da mesa.

Chambers contou suas mentiras e eles escutaram. Apenas um xixi rapidinho. A escolha de um parquinho não foi deliberada. Não viu as crianças. Não falou com as crianças. Um erro totalmente inocente.

— Diga-me, Sr. Chambers, onde estava na segunda-feira, 2 de outubro? — perguntou Sparkes.

— Deus, não sei. Provavelmente trabalhando. Segunda-feira é dia de trabalho. A central da cooperativa deve saber. Por que quer saber isso?

A pergunta pairou no ar por um instante, e então Chambers arregalou os olhos. Sparkes quase esperou ouvir o barulho da ficha caindo.

— Foi quando aquela garotinha desapareceu, não foi? Vocês não acham que eu tive alguma coisa a ver com isso, acham? Ai, meu Deus, vocês não podem pensar em uma coisa dessas.

Eles o deixaram cozinhando um pouco para se juntarem aos colegas que já vasculhavam seu endereço, um quarto alugado em uma casa vitoriana reformada na decadente zona da luz vermelha da cidade, próximo ao porto.

Folheando as revistas de pornografia ao lado da cama de Chambers, Matthews suspirou.

— Isto aqui é sobre odiar mulheres, não sobre querer sexo com crianças. O que você achou?

Sparkes estava em silêncio. Fotos de Dawn e Bella haviam sido recortadas de jornais e colocadas em uma pasta de plástico transparente no chão do guarda-roupa.

*

A operadora da cooperativa de táxis tinha uma aparência entediada e estava na casa dos cinquenta anos. Ela se protegia do frio em seu escritório sem calefação enrolada em um cardigã de crochê e usando luvas sem dedos.

— Lee Chambers? O que ele fez? Mais do exibicionismo acidental dele? — perguntou, rindo e dando um gole barulhento de Red Bull. — Ele é um homenzinho nojento. Todo mundo pensa assim, mas ele conhece um amigo do chefe — contou, enquanto folheava os registros.

Ela foi interrompida por um zumbido de estática e uma voz robótica que saíam dos pequenos alto-falantes, e respondeu com algumas instruções incompreensíveis.

— Certo, onde estamos?

— Segunda-feira, 2 de outubro. Aqui estamos. Lee esteve cedo em Fareham; uma corrida ao hospital com um cliente de sempre. Tudo calmo até a hora do almoço, quando levou um casal do aeroporto em Eastleigh para Portsmouth. Ele os deixou lá por volta das duas da tarde. Última corrida do dia.

Ela imprimiu os detalhes e voltou ao microfone enquanto eles saíam sem se despedir.

— Nas boates eles chamam essa empresa de Taxistas Estupradores — disse o sargento Matthews. — Eu disse às minhas meninas para nunca pegar táxi deles.

A equipe estava revirando a vida de Chambers. A ex-esposa já esperava para conversar com Sparkes e Matthews, e os colegas e o senhorio dele estavam sendo interrogados.

Donna Chambers, com sua expressão fechada e grossas mechas feitas em casa, odiava o ex-marido, mas não achava que ele poderia machucar uma criança.

— Ele é só um cretino que não consegue manter o zíper fechado — disse.

Os detetives não ousaram trocar olhares.

— Meio que um dom-juan, então?

A lista era longa — quase impressionante. Ela detalhou como Lee Chambers tinha se engraçado com amigas, colegas de trabalho, até mesmo a cabeleireira dela.

— Toda vez ele dizia que nunca mais aconteceria — falou a esposa traída. — Ele contava ter um grande apetite sexual. Seja como for, ficou muito amargurado quando finalmente o deixei e ameaçou ir atrás de qualquer sujeito com quem eu saísse, mas não aconteceu nada. Só papo furado. A questão é que ele é um mentiroso nato. Não consegue dizer a verdade.

— E quanto ao atentado ao pudor? Isso é novidade?

A Sra. Chambers deu de ombros.

— Bem, ele não fazia isso quando éramos casados. Talvez as mulheres não caiam mais no papo dele. Isso parece desesperado, não é? Uma coisa horrível de se fazer, mas ele é um homem horrível.

O senhorio sabia pouco a respeito dele. Chambers pagava o aluguel em dia,

não fazia barulho e colocava o lixo para fora. Inquilino perfeito. Mas os outros motoristas tinham histórias para contar. Um deles falou aos detetives sobre as revistas que Lee Chambers vendia e trocava, levadas na mala do carro.

— Ele costumava montar uma banca em postos de gasolina em rodovias para caminhoneiros e outros sujeitos que gostam desse tipo de coisa. Você sabe, fotos de sexo violento, estupro e sequestro, essas porcarias. Ele disse que ganhava bastante dinheiro.

Era um homem horrível, todos concordavam, mas isso não fazia dele um sequestrador de crianças, disse Sparkes, infeliz, ao seu sargento.

Durante sua segunda conversa com Chambers, mais tarde no mesmo dia, o motorista alegou que mantinha os recortes na pasta por sentir atração por Dawn Elliott.

— Sempre recorto dos jornais fotos de mulheres que me atraem. É mais barato que as revistas — contou. — Tenho um grande apetite sexual.

— Para onde você foi quando terminou a corrida em Portsmouth, Sr. Chambers?

— Para casa — respondeu de maneira decidida.

— Alguém o viu lá?

— Não, todos estavam trabalhando fora, e eu moro sozinho. Vejo televisão quando não estou trabalhando e espero o próximo serviço.

— Alguém disse ter visto um homem de cabelo comprido caminhando pela rua onde Bella Elliott estava brincando.

— Não era eu. Eu estava em casa — retrucou Chambers, tocando com nervosismo o rabo de cavalo.

Sparkes se sentiu sujo ao sair da sala de interrogatório para uma pausa rápida.

— Ele merece ser trancafiado apenas por respirar — disse Matthews, juntando-se ao chefe no corredor.

— Interrogamos os passageiros. Disseram que Chambers os ajudou a sair com as malas e que por isso ofereceram uma bebida a ele, mas que ele foi embora direto. Não há testemunhas do paradeiro do homem depois disso.

Enquanto conversavam, Chambers passou por eles com um policial.

— Aonde está indo? — perguntou Sparkes.

— Ao banheiro. Quando vão me liberar?

— Cale a boca e volte para a sala de interrogatório.

Os dois homens ficaram parados por um momento no corredor antes de retornar.

— Vamos ver se conseguimos localizá-lo nas câmeras. Também precisamos descobrir seus contatos das vendas de porta-malas nos postos. São todos pervertidos circulando pelas estradas ao redor daqui. Quem são eles, Matthews?

Eles podem ter visto Chambers no dia dois. Vá ao Departamento de Trânsito e veja se eles conseguem algo.

De volta à sala de interrogatório, Chambers semicerrou os olhos para eles do outro lado da mesa e disse:

— Eles não me dizem o nome, sabe? É tudo muito discreto.

Sparkes esperou que ele alegasse estar prestando um serviço público, mantendo os pervertidos fora das ruas, e Chambers não o decepcionou.

— Você reconheceria os seus clientes se os visse novamente? — perguntou.

— Acho que não. Ficar encarando o cliente não é bom para os negócios.

Os detetives começaram a perder a confiança, e no intervalo seguinte Sparkes pediu um tempo.

— Vamos ter que esperar para ver, mas garanta que podemos pegá-lo por atentado ao pudor. E, Matthews: diga à imprensa para cobrir o julgamento. Ele merece um pouco de publicidade.

Chambers deu um sorrisinho afetado quando os policiais contaram que o interrogatório chegara ao fim. Mas foi um breve momento de triunfo antes de ele ser levado pelo sargento que o acompanhava para ser fichado.

— Meu Deus, um exibicionista. É tudo o que temos a mostrar na investigação até agora — disse Sparkes.

— São os primeiros dias, chefe — murmurou Matthews.

CAPÍTULO 11

Quinta-feira, 2 de novembro de 2006

O DETETIVE

Matthews estava com o caderno de Stan Spencer na mão e parecia infeliz.

— Eu estava olhando isto novamente, chefe, e relendo as observações do Sr. Spencer. Muito detalhadas. Condições climáticas, número de veículos estacionados na rua e seus proprietários, quem entrou e saiu das casas. Inclusive Dawn.

Sparkes se animou.

— Registrou entradas e saídas das casas em quase todos os dias.

— Estava observando Dawn especificamente?

— Na verdade, não. Todos os vizinhos são mencionados. Mas há uma coisa em suas anotações sobre a qual precisamos perguntar a ele. Elas terminam no meio de uma frase no domingo, depois passam para segunda-feira, 2 de outubro, e a coisa sobre o homem de cabelo comprido. Parece haver uma página faltando. E ele escreveu a data completa no alto da página. Ele não faz isso normalmente.

Sparkes pegou o caderno e o examinou, sentindo um frio na barriga.

— Meu Deus, você acha que ele inventou isso?

Matthews fez uma careta.

— Não necessariamente. Ele pode ter sido interrompido ao fazer o diário de domingo e não retornado. Mas...

— O quê?

— A capa diz que o caderno tem trinta e duas páginas. Agora só tem trinta.

Sparkes passou as mãos pelo cabelo.

— Por que ele faria isso? Então é ele? Ele é o cara? O nosso Sr. Spencer tem se escondido à vista de todos?

*

Stan Spencer usava roupas de jardinagem ao atender a porta, com calças velhas, um gorro de lã e luvas.

— Bom dia, inspetor. Bom dia, sargento Matthews. Bom vê-los. Alguma novidade?

Ele os guiou pela casa até a estufa, onde Susan lia um jornal.

— Veja quem está aqui — falou ele, animado. — Pegue uma bebida para os policiais, querida.

— Sr. Spencer — disse Sparkes, tentando dar um tom oficial ao que estava se transformando em um café entre amigos. — Queremos falar sobre suas

anotações.

— Claro. Vá em frente, por favor.

— Parece haver uma página faltando.

— Como assim? — perguntou ele, enrubescendo.

Matthews abriu as páginas que interessavam na mesa diante dele.

— O domingo termina aqui, no meio de suas observações sobre o lixo diante da casa de Dawn, Sr. Spencer. Na página seguinte é segunda-feira e contém as anotações sobre o homem que diz ter visto.

— Eu o vi — disse Spencer, apressado. — Arranquei a página por ter cometido um erro, apenas isso.

Houve um silêncio ao redor da mesa.

— Onde está a página que falta, Sr. Spencer? O senhor a guardou? — perguntou Sparkes delicadamente.

O rosto de Spencer se enrugou.

A esposa apareceu com uma bandeja de canecas com café e uma travessa de biscoitos caseiros.

— Fiquem à vontade — dizia alegremente, até notar o silêncio pesado ao redor da mesa. — Qual é o problema? — perguntou.

— Gostaríamos de conversar com seu marido por um momento, Sra. Spencer.

Ela parou, observando o rosto de Stan, e se virou, a bandeja ainda nas mãos.

Sparkes repetiu a pergunta.

— Coloquei na gaveta da escrivaninha, eu acho — respondeu Spencer, e entrou na casa para procurar.

Ele reapareceu com uma folha dobrada de papel pautado. O restante do diário de domingo estava ali, e na metade da página começava o diário original de segunda-feira.

— Clima agradável para a estação — Sparkes lia em voz alta. — Veículos legalizados na rua durante o dia. Manhã: Astra do nº 44, carro da parteira no nº 68. Tarde: Van de Peter. Veículos ilegais na rua. Manhã: sete carros habituais de empregados na cidade. Tarde: igualmente. Folhetos sobre o transtorno causado por estacionarem ali colocados sob os limpadores. Tudo tranquilo.

— O senhor viu o homem de cabelo comprido no dia em que Bella foi levada, Sr. Spencer?

— Eu... Eu não tenho certeza.

— Não tem certeza?

— Eu o vi, mas pode ter sido em outro dia, inspetor. Eu posso ter me confundido.

— E suas anotações originais, Sr. Spencer?

Ele teve a decência de enrubescer.

— Cometi um erro — disse em voz baixa. — Havia muita coisa acontecendo naquele dia. Eu só queria ajudar. Ser de alguma serventia para Bella.

Sparkes quis torcer o pescoço dele, mas manteve o tom seco e profissional do interrogatório.

— O senhor achou que estava ajudando Bella ao nos mandar na direção errada, Sr. Spencer?

O homem mais velho afundou na cadeira.

— Eu só queria ajudar — repetiu ele.

— A questão, Sr. Spencer, é que as pessoas que mentem, com frequência têm algo a esconder.

— Não tenho nada a esconder. Juro. Sou um homem decente. Passo meu tempo protegendo o bairro do crime. Impedi roubos de veículos nesta rua. Sozinho. Pergunte a Peter Tredwell. Ele dirá a vocês.

Spencer parou.

— Todos vão saber que eu errei? — perguntou, os olhos suplicantes voltados para os policiais.

— Essa realmente não é nossa principal preocupação no momento — cortou Sparkes. — Vamos precisar revistar sua casa.

Enquanto membros da sua equipe começavam a revirar a vida dos Spencer, Matthews e o detetive foram embora, deixando o casal contemplando o seu novo papel sob os holofotes.

Matthews esfregou o maxilar.

— Vou perguntar para os vizinhos a respeito dele, chefe.

*

Na casa dos Tredwell, eles eram só elogios para “Stan, o homem” e suas patrulhas.

— Ele afugentou uns baderneiros que arrombaram a minha van no ano passado. Impediu que minhas ferramentas fossem roubadas. Digno da parte dele — disse o Sr. Tredwell. — Agora paro em um estacionamento fechado. É mais seguro.

— Mas sua van estava estacionada na Manor Road no dia em que Bella Elliott foi levada. O Sr. Spencer a registrou.

— Não estava, não. Usei para trabalhar, depois coloquei no estacionamento fechado. Faço a mesma coisa todo dia.

Matthews anotou os detalhes rapidamente e se levantou para ir embora.

*

Sparkes ainda estava de pé do lado de fora do bangalô dos Spencer.

— Na rua tem uma van azul não identificada no horário em que tudo aconteceu, chefe. Não era do Sr. Tredwell.

— Ai, meu Deus. O que mais Spencer fez de errado? — reagiu Sparkes. — Ponha a equipe para repassar os depoimentos das testemunhas e as imagens de câmeras na área. E descubra qual dos nossos pervertidos tem uma van azul.

Nenhum dos dois voltou a falar. Não precisavam. Sabiam que estavam pensando a mesma coisa. Que tinham perdido um mês inteiro. Os jornais iriam crucificá-los.

Sparkes pegou o telefone e ligou para a assessoria de imprensa a fim de tentar reduzir os danos.

— Vamos dizer aos repórteres que temos novas provas — declarou. — E vamos afastá-los do homem de cabelo comprido. Deixem isso um pouco de lado e se concentrem na caçada à van azul. Certo?

A imprensa, faminta por qualquer detalhe novo, colocou isso nas primeiras páginas. Dessa vez não houve aspas da fonte preferida. O Sr. Spencer não estava mais atendendo à porta.

CAPÍTULO 12

Sábado, 7 de abril de 2007

O DETETIVE

Foram necessários mais cinco meses trabalhando feito mulas, rastreando todas as vans azuis do país, até que conseguissem descobrir algo.

Era Sábado de Aleluia quando a sala de investigações recebeu um telefonema de uma empresa de entregas do sul de Londres. Um dos veículos deles, uma van azul, estivera fazendo entregas no litoral sul no dia em que Bella desapareceu.

Um antigo funcionário atendeu a ligação e depois passou imediatamente para Sparkes.

— Acho que é para o senhor — disse, colocando a folha com a informação na escrivaninha dele.

Sparkes ligou para a Qwik Delivery no mesmo instante para confirmar os detalhes. O gerente, Alan Johnstone, começou se desculpando por ter feito a polícia perder tempo, mas disse que tinha entrado na empresa havia pouco tempo, e a esposa o obrigara a ligar.

— Ela fala o tempo todo sobre o caso Bella. E, outro dia, quando contei sobre o custo de repintar as vans, ela me perguntou: “Qual era a cor delas antes?” Minha mulher quase derrubou a casa a gritos quando eu respondi que originalmente eram azuis. Agora são prateadas. Seja como for, ela perguntou se haviam sido verificadas pela polícia. Continuou falando isso comigo, então revisei a papelada e descobri que uma das vans estivera em Hampshire. Não foi a Southampton; deve ter sido por isso que a antiga administração não entrou em contato com vocês na época. Provavelmente achou que não valia a pena incomodá-los com isso. Desculpe, mas minha esposa me fez prometer.

— Não se preocupe, Sr. Johnstone. Nenhuma informação desperdiça o nosso tempo — persuadiu Sparkes, com os dedos cruzados. — Somos muito gratos por ter dispensado seu tempo ligando. Agora, fale sobre a van, o motorista e a viagem que ele fez.

— O motorista era Mike Doonan, um funcionário regular. Bem, ele agora se afastou; faltavam dois anos para se aposentar, mas teve um problema terrível nas costas e mal conseguia andar, que dirá dirigir e ficar carregando pacotes. Seja como for, Mike tinha entregas em Portsmouth e Winchester no dia 2 de outubro. Peças de reposição para uma rede de oficinas.

Sparkes anotava tudo às pressas, o telefone preso entre o queixo e o ombro, e inseria o nome e os detalhes no computador com a mão esquerda. O motorista esteve em um raio de trinta e dois quilômetros da Manor Road para fazer as entregas e potencialmente se encaixava no intervalo de tempo.

— Mike saiu do depósito logo depois do almoço; é uma viagem de uma hora e meia a duas horas, se a M25 não estiver parada — disse o Sr. Johnstone.

— A que horas ele entregou o pacote? — perguntou Sparkes.

— Espere um pouco, ligo de volta quando estiver com a papelada na minha frente.

Logo após desligar, Sparkes gritou:

— Matthews. Venha aqui agora!

Ele passou ao sargento a busca pelo computador enquanto o telefone tocava novamente.

— Ele entregou o primeiro às 14h05 — contou Johnstone. — Assinado e tudo o mais. O horário da segunda entrega parece não estar nesta folha. Não sei por quê. Seja como for, de acordo com a papelada, ninguém o viu voltar. O pessoal do escritório bate o ponto de saída às cinco da tarde, e pelo que consta aqui a van foi deixada no pátio da frente, limpa e aspirada para o trabalho do dia seguinte.

— Certo, isso é ótimo. Vamos precisar falar com ele, só por garantia. Pode ter visto alguma coisa que nos seja útil. Onde seu motorista mora? — perguntou Sparkes, lutando para conter um tom de animação na voz. O detetive anotou em seu bloco um endereço no sudeste de Londres. — O senhor foi de grande ajuda. Muito obrigado por telefonar, Sr. Johnstone.

Ele encerrou a ligação.

Uma hora depois, Matthews e Sparkes estavam a caminho pela rodovia M3.

*

À primeira vista, o perfil do motorista no computador da polícia não continha nada que pudesse acelerar o coração deles. Mike Doonan tinha cinquenta e tantos anos, morava sozinho, fora motorista por anos e relutava em pagar suas multas por estacionamento em local proibido. Mas a pesquisa de Matthews na base de dados da polícia revelou que era considerado suspeito para os rapazes da equipe Operação Ouro. Suspeito significava que havia uma possível ligação com sites de pedofilia na internet. A equipe da Operação Ouro estava investigando uma lista de centenas de homens no Reino Unido cujos cartões de crédito pareciam ter sido usados para visitar sites específicos. Eles se concentraram primeiramente naqueles com acesso a crianças — professores, assistentes sociais, cuidadores, chefes de escoteiros —, depois se voltaram aos outros. Não haviam chegado a Doonan (Nasc. 4/5/52; profissão: motorista; posição: inquilino público, divorciado, três filhos), e pelo ritmo da investigação só deveriam bater à sua porta depois de um ano.

— Tenho um bom pressentimento em relação a isso — disse Sparkes ao seu

sargento.

Estava tudo no lugar: agentes da polícia local haviam se posicionado discretamente para observar o endereço, mas ninguém agiria até que os policiais de Hampshire chegassem.

O celular do detetive vibrou na sua mão.

— Tudo pronto. Ele está em casa — disse após desligar.

*

Mike Doonan estava marcando sua tabela de corridas de cavalo no *Daily Star* quando ouviu a campainha.

Lançou o corpo para a frente, de modo a se levantar da poltrona, e gemeu. A dor irradiou pela perna esquerda, e ele teve que ficar parado um momento para recuperar o fôlego.

— Espere. Estou indo — gritou.

Abriu a porta do corredor, mas não era o vizinho bom samaritano com as compras de sábado, cerveja e pão de fôrma, mas dois homens de terno.

— Se vocês são mórmons, fiquem sabendo que eu já tenho ex-esposas o suficiente — disse, e começou a fechar a porta.

— Sr. Michael Doonan? — perguntou Sparkes. — Somos policiais e gostaríamos de conversar um instante com o senhor.

— Droga, não é sobre multa por estacionamento proibido, é? Achei que eu tinha quitado todas. Então entrem.

Na pequena sala de estar de seu apartamento no conjunto habitacional, ele se sentou lentamente na cadeira.

— As costas estão bichadas — disse, engasgando com uma pontada de dor.

À menção de Bella Elliott, Doonan parou de fazer caretas.

— Pobrezinha. Eu estava em Portsmouth na hora do almoço para um serviço. É por isso que vocês estão aqui? Falei com o chefe que ele deveria ligar quando os jornais falaram sobre a van azul-escura; vocês sabem que eu dirigia uma dessa cor; mas ele disse que não queria policiais metendo o nariz na empresa dele. Não sei bem por quê. Vocês vão ter que perguntar a ele. De qualquer modo, não estava nem perto de onde a garotinha morava. Só fiz meu serviço e voltei.

Doonan continuou a ser impecavelmente prestativo, dizendo o que pensava do caso e o que deveria acontecer com “o desgraçado que a sequestrou”.

— Eu faria qualquer coisa para colocar as mãos nele. Se bem que eu não poderia fazer muita coisa se colocasse, não no estado em que estou.

— Há quanto tempo está nesse estado, Sr. Doonan? — perguntou o sargento Matthews.

— Anos. Logo estarei em uma cadeira de rodas.

Os policiais ouviram pacientemente, depois abordaram o suposto interesse dele em pornografia infantil. Ele riu quando falaram sobre a Operação Ouro.

— Eu nem tenho computador. Não é meu tipo de coisa. Sou meio tecnofóbico, para ser sincero. De qualquer modo, todas essas investigações são absurdas, não são? Uns caras espertos na Rússia roubando números de cartão de crédito e os vendendo a pedófilos. São os jornais que dizem. Não precisam acreditar na minha palavra. Podem olhar, policiais.

Sparkes e Matthews aceitaram a oferta. Examinaram roupas apinhadas em um guarda-roupa e ergueram o colchão da cama de Doonan para examinar as bolsas guardadas embaixo.

— Muitas roupas femininas, Sr. Doonan — observou Matthews.

— Sim, eu sou travesti nas horas vagas — disse Doonan, rindo com facilidade. Facilidade demais, pensou Sparkes. — Não, as roupas pertenciam à minha última ex-mulher. Não me animei a jogar fora.

Não havia sinal de criança.

— Tem filhos, Sr. Doonan?

— Já são adultos. Na verdade, não os vejo muito. Eles ficaram do lado das mães.

— Certo. Vamos dar uma olhada rápida no banheiro.

Sparkes olhou para o sargento, que revirava a cesta de roupa suja e tentava não respirar.

— Bem, ela não está aqui, mas eu não gosto dele — sibilou Matthews entre dentes. — Amigável demais. Repugnante.

— Precisamos conversar de novo com os rapazes da Operação Ouro — disse Sparkes, fechando o armário do banheiro. — E mandar a van dele para a perícia.

Quando eles voltaram à sala de estar, Doonan sorriu.

— Tudo encerrado? Peço desculpas pela sujeira. Imagino que vocês vão ver Glen Taylor agora, certo?

— Quem? — perguntou Sparkes.

— Taylor. Um dos outros motoristas. Ele fez uma entrega pela área no mesmo dia. Vocês não sabiam?

Sparkes vestia o paletó, mas parou o que estava fazendo e se aproximou de Doonan.

— Não. O Sr. Johnstone não mencionou um segundo motorista quando ligou para nós. Tem certeza de que havia um segundo motorista?

— Aham. Eu ia fazer as duas entregas, mas tinha uma consulta médica e precisava estar na cidade às quatro e meia. Glen se ofereceu para o segundo serviço. Talvez não tenha colocado no registro. Deveria perguntar a ele.

— Faremos isso, Sr. Doonan.

Sparkes fez um gesto para que Matthews saísse e ligasse para Johnstone a fim de confirmar a nova informação.

Enquanto o sargento fechava a porta após sair, Sparkes olhou com firmeza para Doonan.

— Esse outro motorista é amigo seu?

Doonan bufou.

— Não exatamente. Ele é meio misterioso, para ser sincero. Garoto inteligente. Profundo, eu diria.

Sparkes anotou.

— Como assim, profundo?

— Parecia muito amistoso, mas nunca dava para saber no que estava pensando. Os caras conversavam no refeitório, e ele só escutava. Cheio de segredos, imagino.

Matthews bateu na janela, assustando os dois, então Sparkes guardou o bloco e se despediu sem apertar as mãos dele.

— Nos veremos novamente, Sr. Doonan.

O motorista se desculpou por não se levantar para levá-los à porta.

— Bata a porta ao sair e volte quando quiser — disse às costas do detetive.

Os policiais entraram no elevador fedorento e se entreolharam enquanto as portas fechavam.

— O Sr. Johnstone afirmou que não há nada nos registros sobre Glen Taylor ter feito qualquer entrega naquela tarde — disse Matthews. — Ele está procurando o recibo de entrega para ver de quem é a assinatura. Consegui o endereço de Taylor.

— Vamos lá agora — disse Sparkes, pegando as chaves. — E verifique se Doonan foi à consulta médica.

*

No apartamento, Doonan esperou uma hora, depois cambaleou até os ganchos de casacos no corredor e tirou uma chave de cadeado do bolso do paletó. Pegou dois analgésicos especiais de um frasco de plástico branco e os engoliu com um gole de café frio. Ficou de pé enquanto os comprimidos desciam pelo estômago, depois se arrastou para tirar as fotos e as revistas do seu armário na garagem do vizinho.

— Maldita polícia — grunhiu enquanto se apoiava na parede do elevador.

Queimaria as fotos mais tarde. Ele realmente tinha sido idiota de ficar com elas, mas eram tudo o que restava de seu pequeno passatempo. A coisa do

computador chegara ao fim meses antes, quando sua coluna começara a desmoronar, e ele ficara impossibilitado de frequentar sua lan house especial.

— Aleijado demais para pornografia — disse, rindo consigo mesmo; seus analgésicos o deixando leve e tonto. — Trágico.

Abriu a porta do armário de metal cinza e tirou a pasta azul de aparência gasta da prateleira de cima. Os cantos das fotocópias estavam dobrados pelo uso e as cores começavam a desbotar. Ele as comprara de outro motorista, um sujeito que dirigia um táxi no litoral e vendia as coisas que guardava no porta-malas. Doonan conhecia suas fotografias de cor. Os rostos, as poses, o caráter doméstico dos cenários — salas de estar, quartos, banheiros.

Ele esperava que os detetives estivessem revirando Glen Taylor do avesso. Ele bem que merece, aquele cretino pretensioso.

O policial mais velho parecera interessado quando ele disse que Taylor era “profundo”. Ele sorriu.

CAPÍTULO 13

Sábado, 7 de abril de 2007

O DETETIVE

O coração de Sparkes parecia uma britadeira conforme se aproximava da porta dos Taylor, todos os sentidos aguçados. O detetive já tinha feito aquilo uma centena de vezes, mas suas reações nunca pareciam anestesiadas pela repetição.

A casa era geminada, com pintura nova e bem conservada, com janelas de vidros duplos e cortinas de tule simples.

Você está aqui, Bella?, repetia ele mentalmente enquanto erguia a mão para bater à porta. *Calma, calma,* lembrou a si mesmo. *Não vamos apavorar ninguém.*

E então, ali estava o homem. Glen Taylor.

A primeira coisa que Sparkes pensou era que Glen parecia um cara comum. Mas monstros raramente parecem com o personagem. Você espera ver o mal irradiando deles — isso tornaria o trabalho policial muito mais fácil, ele costumava dizer. Só que o mal era uma substância fugidia, vislumbrada apenas de vez em quando, e muito mais horrenda por causa disso.

O detetive fez uma rápida inspeção na área da casa atrás de Taylor, buscando algum sinal de uma criança, mas o corredor e a escada estavam impecáveis, nada fora do lugar.

"Normal a ponto de ser anormal", disse a Eileen depois. "Parecia uma casa de revista."

Eileen ficou ofendida, achando que o comentário era um julgamento de suas próprias habilidades de dona de casa, e despejou seu descontentamento.

"Droga, Eileen, qual é o seu problema? Ninguém está falando de você, da nossa casa. Estou falando de um suspeito. Achei que poderia se interessar."

Mas o estrago já estava feito. Eileen se retirou para a cozinha e começou uma limpeza barulhenta. *Outra semana calma*, pensou ele, e aumentou o volume da TV.

— Sr. Glen Taylor? — chamou Sparkes, em voz baixa e educada.

— Sim, sou eu — respondeu Taylor. — O que posso fazer por vocês? Estão vendendo alguma coisa?

O policial se aproximou, com Ian Matthews logo atrás.

— Sr. Taylor, sou o inspetor Bob Sparkes, da Força Policial de Hampshire. Posso entrar?

— Polícia? Qual é a razão disso? — perguntou Taylor.

— Gostaria de conversar com o senhor sobre o caso do desaparecimento de uma criança que estou investigando. O nome dela é Bella Elliott — disse,

tentando evitar a emoção na voz.

A cor desapareceu do rosto de Glen e ele recuou, como se tivesse levado um soco.

A esposa de Taylor saiu da cozinha e estava limpando as mãos em um pano de prato quando as palavras “Bella Elliott” foram ditas. Uma mulher simpática e de aparência decente, pensou Sparkes. Ela engasgou e levou as mãos ao rosto. Estranho como as pessoas reagem. Aquele gesto, de cobrir o rosto, devia estar gravado nas pessoas. Seria vergonha? Ou relutância em olhar para algo? Sparkes refletiu enquanto esperava ser conduzido até a sala de estar.

Realmente estranho, pensou. Glen não olhou para a esposa uma única vez durante toda a visita. Era como se ela não estivesse lá. Pobre mulher, parece que vai desmaiar.

Taylor se recompôs rapidamente e respondeu às perguntas deles.

— Pelo que sabemos, o senhor estava fazendo uma entrega na região onde Bella foi raptada, Sr. Taylor.

— Bem, acho que sim.

— O seu amigo, o Sr. Doonan, disse que estava.

— Doonan? — retrucou Glen Taylor, com os lábios crispados. — Ele não é meu amigo, mas espere. Sim, acho que estava.

— Tente ter certeza, Sr. Taylor. Foi no dia em que Bella Elliott foi sequestrada — insistiu Sparkes.

— Certo, sim. Claro. Acho que tive uma entrega no começo da tarde, depois vim para casa. Por volta das quatro da tarde, pelo que me lembro.

— Em casa a esse horário, Sr. Taylor? O senhor fez um tempo muito bom. Tem certeza de que eram quatro horas?

Taylor assentiu, testa franzida como se fingindo pensar profundamente.

— Sim, com certeza quatro horas. Jean pode confirmar.

Jean Taylor não disse nada. Foi como se não tivesse ouvido, e Sparkes precisou repetir a pergunta. Só então ela fez contato visual com ele e concordou.

— Sim — disse ela, como se no piloto automático.

Sparkes se voltou novamente para Glen Taylor.

— A questão, Sr. Taylor, é que sua van corresponde à descrição de um veículo que foi notado por um vizinho pouco antes de Bella desaparecer. O senhor provavelmente leu sobre isso, saiu em todos os jornais, e estamos verificando as vans azuis.

— Achei que vocês estavam procurando um homem de rabo de cavalo. Meu cabelo é curto, e de qualquer modo, eu não estava em Southampton. O serviço foi em Winchester — retrucou Taylor.

— Sim, mas tem certeza de que não fez um pequeno desvio depois da

entrega?

Taylor descartou a sugestão com uma risada.

— Não dirijo mais do que preciso; não é isso que faço para relaxar. Veja, tudo isso é um terrível equívoco.

Sparkes assentiu para si mesmo, pensativo.

— Estou certo de que entende como este é um assunto sério, Sr. Taylor. E não vai se importar se dermos uma olhada por aqui.

Os policiais iniciaram uma busca imediata na casa. Os dois circularam rapidamente pelos aposentos, chamando o nome de Bella e olhando em armários, debaixo de camas, atrás de sofás. Não havia nada.

Mas havia algo no modo como Taylor contara a história. Algo ensaiado. Sparkes decidiu levá-lo para um interrogatório mais longo, para repassar os detalhes. Ele devia isso a Bella.

Jean Taylor foi deixada chorando na escada enquanto os policiais terminavam o trabalho deles.

CAPÍTULO 14

Quinta-feira, 10 de junho de 2010

A VIÚVA

Eles me deixam descansar um pouco, depois jantamos junto às grandes janelas do quarto de Kate, debruçadas sobre os jardins. O garçom entra empurrando uma mesa de rodinhas com toalha branca e um vaso de flores no meio. Os pratos têm aquelas elegantes cúpulas de prata por cima. Kate e Mick pediram entradas, pratos principais e pudins, que estão em uma prateleira embaixo da mesa.

— Vamos torrar a grana — diz Kate.

— É — concorda Mick. — A gente merece.

Kate fala para ele calar a boca, mas percebo que realmente estão satisfeitos consigo mesmos. Eles ganharam o grande prêmio — uma entrevista com a viúva.

Pedi frango, e remexo nele por algum tempo. Não estou com fome nem animada com a celebração deles. Os dois se jogam no vinho e pedem uma segunda garrafa, mas tomo o cuidado de não beber mais que uma taça. Preciso estar no controle.

Fico cansada daquilo, então finjo chorar e digo que preciso passar um tempo sozinha. Kate e Mick trocam olhares. Obviamente isso não estava nos planos deles. Mas me levanto e digo:

— Boa noite. Vejo vocês amanhã.

Eles empurram as cadeiras para trás e se levantam apressados. Kate me leva até a porta e se assegura de que estou em segurança dentro do quarto.

— Não atenda o telefone — orienta ela. — Se eu precisar falar com você, vou bater à porta.

Eu faço que sim.

Meu quarto está um forno, então me deito na cama enorme com as janelas abertas para deixar sair o calor do aquecedor. Não paro de repassar o dia na minha cabeça e me sinto tonta e descontrolada, como se estivesse um pouco bêbada.

Eu me sento, para que o quarto pare de girar, e me vejo refletida na janela.

Parece outra pessoa. Alguma mulher que se deixou ser levada por estranhos. Estranhos que até hoje provavelmente estavam esmurrando minha porta e escrevendo mentiras sobre mim. Esfrego o rosto, e o mesmo faz a mulher na janela. Porque ela sou eu.

Olho para mim mesma.

Não consigo acreditar que estou aqui.

Não consigo acreditar que me permiti concordar em vir. Depois de tudo que a

imprensa havia feito conosco. Depois de todos os avisos de Glen.

Quero dizer a ele que não me lembro de ter realmente concordado, mas ele diria que devo ter feito isso, ou não teria entrado na van com eles.

Bem, ele não está mais aqui para dizer coisa alguma. Estou por conta própria agora.

Então ouço Kate e Mick conversando na varanda ao lado.

— Pobrezinha — diz Kate. — Ela deve estar exausta. Vamos fazer isso de manhã.

O que quer que seja "isso"... A entrevista, suponho.

Eu me sinto tonta novamente. Enjoada por dentro, porque sei o que vai acontecer depois. Não haverá mais massagens nem agrados. Acabaram as conversas sobre qual é a cor dos armários de cozinha. Ela vai querer saber sobre Glen. E Bella.

Vou ao banheiro e acabo vomitando o frango que comi. Sento-me no chão e penso na primeira entrevista que dei — aquela à polícia, enquanto Glen estava detido. Eles foram na Páscoa. Tínhamos combinado de caminhar até Greenwich Park no dia seguinte para ver a caçada aos ovos de Páscoa. Íamos todos os anos — essa e a Noite de Guy Fawkes eram as minhas datas preferidas. Engraçado, as coisas das quais você lembra. Eu adorava. Todos aqueles rostinhos ansiosos procurando ovos ou usando gorros de lã, escrevendo o nome com aquela vareta com luz na ponta. Eu ficava perto deles, por um momento fingindo que eram meus.

Em vez disso, naquele Domingo de Páscoa eu me sentei no sofá enquanto dois policiais reviravam minhas coisas e Bob Sparkes me interrogava. Ele queria saber se Glen e eu tínhamos uma vida sexual normal. Ele chamou de alguma outra coisa, mas foi o que ele quis dizer.

Eu não soube o que responder. Era horrível ouvir essa pergunta de um estranho. Ele estava olhando para mim e pensando na minha vida sexual, e eu não podia impedi-lo.

— Claro — respondi.

Eu não sabia o que ele queria dizer ou por que estava me perguntando aquilo.

Eles não responderam às minhas perguntas, apenas continuaram a fazer as deles. Perguntas sobre o dia em que Bella desapareceu. Por que eu estava em casa às quatro da tarde e não trabalhando. A que horas Glen passou pela porta. Como eu sabia que eram quatro horas. O que mais aconteceu naquele dia. Verificando tudo e repassando as mesmas coisas repetidamente: eles queriam que eu cometesse um erro, mas não cometi. Eu me ative à história. Não queria causar nenhum problema para Glen.

E eu sabia que ele nunca faria nada como aquilo. Meu Glen.

— Você alguma vez usou o computador que apreendemos no escritório do seu marido, Sra. Taylor? — perguntou de repente o inspetor Sparkes.

Eles o levaram no dia anterior, depois de terem feito uma busca no andar de cima.

— Não — respondi.

Saiu feito um guincho. Minha garganta estava me traindo e revelando o meu medo.

Eles tinham me levado lá em cima no dia anterior, e um deles se sentou ao teclado para tentar ligar o computador. A tela se acendeu, mas nada aconteceu em seguida, e eles me pediram a senha. Respondi que nem sabia que existia uma senha. Tentamos meu nome, aniversários e Arsenal, o time de Glen, mas no fim eles o desplugaram e o levaram para decifrar.

Vi pela janela os policiais indo embora. Eu sabia que haviam descoberto alguma coisa, mas não sabia o quê. Tentei não imaginar. No fim, eu não poderia ter adivinhado o que haviam encontrado. O detetive Sparkes me contou ao voltar no dia seguinte para fazer mais perguntas. Contou que havia fotos. Fotos horríveis de crianças. Falei para ele que Glen não poderia ter colocado as imagens lá.

Deve ter sido a polícia que vazou o nome de Glen, pois na manhã seguinte, depois que ele finalmente saiu da delegacia e voltou para casa, a imprensa foi bater à nossa porta.

Ele parecia muito cansado e sujo quando passou pela porta na noite anterior. Preparei uma torrada e coloquei minha cadeira ao lado da dele para poder passar os braços ao seu redor.

— Foi medonho, Jeanie. Eles não me escutaram. Continuaram vindo para cima de mim.

Comecei a chorar. Não consegui evitar. Ele parecia arrasado com aquilo.

— Ah, meu amor, não chore. Vai ficar tudo bem — disse ele, limpando minhas lágrimas com o polegar. — Nós dois sabemos que eu não tocaria no fio de cabelo de uma criança.

Eu sabia que era verdade, mas fiquei tão aliviada de ouvi-lo dizer em voz alta que o abracei novamente e caiu manteiga na manga da minha blusa.

— Eu sei que não. E não deixei você na mão sobre ter vindo para casa tarde, Glen — disse. — Contei à polícia que você estava em casa às quatro da tarde.

Ele me olhou de esguelha.

Glen havia me pedido para mentir. Estávamos sentados tomando chá na noite depois que saiu a notícia de que a polícia procurava o motorista de uma van azul. Sugeri que ele talvez devesse telefonar e dizer que estivera em uma van azul em Hampshire no dia em que a menina desapareceu, para que pudessem descartá-lo.

Glen me olhou por um longo tempo.

— Isso só iria me arrumar problemas, Jeanie.

— O que você quer dizer com isso?

— Veja, eu fiz um pequeno serviço particular durante o expediente, uma entrega que peguei de um amigo para ganhar um dinheiro extra, e, se o chefe descobrir, vai me mandar embora.

— Mas e se o chefe alegar que você esteve na área em uma van azul?

— Ele não vai fazer isso — disse Glen. — Ele não é muito fã da polícia. Mas, se alegar, simplesmente diremos que eu estava em casa às quatro. Então vai ficar tudo bem. Certo, meu amor?

Concordei. De qualquer maneira, ele tinha me telefonado por volta das quatro horas para dizer que estava a caminho. Disse que o celular estava quase sem bateria e que ligaria do telefone de um posto.

Era praticamente a mesma coisa, não era?

— Obrigado, amor — disse ele. — Não é necessariamente uma mentira, eu estava a caminho, mas não queremos que o chefe saiba que eu estava fazendo aquele dinheiro extra. Não precisamos de nenhuma complicação nem queremos que eu perca o emprego. Certo?

— Claro, claro.

Coloquei mais pão na torradeira, sentindo o cheiro reconfortante.

— Onde era a entrega extra? — perguntei, só por perguntar.

— Perto de Brighton — respondeu.

E ficamos um tempo sentados em silêncio.

Na manhã seguinte, o primeiro repórter bateu à porta — um sujeito jovem do jornal local. Parecia simpático. Cheio de pedidos de desculpas.

— Lamento muito perturbá-la, Sra. Taylor, mas eu poderia por favor falar com o seu marido?

Glen vinha da sala de estar bem no momento em que eu perguntava ao rapaz quem ele era. Ao dizer que era repórter, Glen deu meia-volta e desapareceu na cozinha. Fiquei ali parada, sem saber o que fazer. Com medo de que qualquer coisa que eu dissesse pudesse ser mal interpretada. No fim, Glen gritou dos fundos.

— Não há nada a dizer. Adeus.

E fechei a porta na cara dele.

Depois desse episódio, fomos aperfeiçoando nossa maneira de lidar com a imprensa. Não abríamos a porta. Ficávamos sentados em silêncio na cozinha até ouvirmos os passos se afastando. E pensávamos que era o fim. Claro que não era. Eles iam à porta ao lado, ao outro lado da rua, à papelaria e ao pub. Batendo às portas em busca de qualquer fragmento de informação.

Acho que Lisa, da casa ao lado, não disse nada aos repórteres no começo. Os outros vizinhos não sabiam muito, mas isso não os deteve. Eles adoraram a coisa toda, e, dois dias depois de ele ter sido liberado, lá estávamos nós nos jornais.

"SERÁ QUE A POLÍCIA ENFIM DESCOBRIU ALGO NO CASO BELLA?", dizia uma das manchetes. Em outra havia uma foto borrada de Glen, de quando ele jogava no time de futebol do pub, e um monte de mentiras.

Nós nos sentamos e vimos juntos as primeiras páginas. Glen parecia chocado, e peguei sua mão para tranquilizá-lo.

Nos jornais, havia muita coisa errada. A idade, o emprego, até mesmo a grafia do seu nome.

Glen deu um sorriso fraco.

— Isso é bom, Jeanie — falou. — Talvez assim as pessoas não me reconheçam.

Mas claro que reconheceram.

A mãe dele telefonou.

— O que significa tudo isso, Jean? — perguntou ela.

Glen não pegou o telefone. Foi tomar um banho. Pobre Mary, estava às lágrimas.

— É tudo um mal-entendido, Mary — comecei. — Glen não tem nada a ver com isso. Alguém viu uma van azul como a dele no dia em que Bella desapareceu. Só isso. É uma coincidência. A polícia está apenas fazendo o seu trabalho, checando todas as pistas.

— Então por que está nos jornais? — perguntou ela.

— Não sei, Mary. A imprensa fica em polvorosa com tudo que diz respeito a Bella. Eles vasculham todos os lugares onde as pessoas disseram ter visto a menina. Você sabe como eles são.

Mas ela não sabia. Eu também não, na verdade. Pelo menos não naquele momento.

— Por favor, não se preocupe, Mary. Nós sabemos a verdade. Tudo isso vai passar em uma semana. Cuide-se, e mande minhas lembranças a George.

Depois de desligar o telefone, fiquei parada no corredor, aturdida. Eu continuava lá quando Glen saiu do banheiro. Ele estava com o cabelo molhado, e pude sentir a pele úmida quando ele me beijou.

— Como está minha mãe? — perguntou. — Bem nervosa, imagino. O que você disse a ela?

Repeti a conversa inteira enquanto preparava um café da manhã para Glen. Ele mal tinha comido nos dois dias desde que voltara da delegacia. Estava cansado demais para comer qualquer coisa além de torrada.

— Bacon e ovos? — perguntei.

— Ótimo — respondeu.

Quando ele se sentou, eu tentei iniciar uma conversa sobre assuntos corriqueiros, mas soou falso demais.

No fim, Glen me interrompeu com um beijo e disse em seguida:

— Teremos alguns dias muito difíceis pela frente, Jeanie. As pessoas vão dizer coisas horríveis sobre nós, e provavelmente para nós. Precisamos estar preparados. Trata-se de um terrível equívoco, mas não podemos deixar que isso destrua a nossa vida. Temos que permanecer fortes até a verdade vir à tona. Você acha que consegue fazer isso?

Retribuí o beijo.

— Claro que consigo. Vamos ser fortes um para o outro. Eu te amo, Glen.

Ele então sorriu de verdade para mim. E me apertou com força para que eu não o visse emocionado.

— Então, tem mais bacon?

Ele estava certo sobre arruinarem a nossa vida. Tive que parar de trabalhar depois que ele foi interrogado. Tentei continuar, dizendo às minhas clientes que tudo não passava de um terrível equívoco, mas as pessoas paravam de falar quando eu chegava perto. As clientes regulares deixaram de marcar hora e começaram a frequentar outro cabeleireiro da região. Lesley me puxou de lado em uma noite de sábado, disse que gostava de Glen e que estava certa de que não havia nenhuma verdade nas matérias da imprensa, mas que eu precisava ir embora “pelo bem do salão”.

Chorei, porque percebi que aquilo nunca acabaria e nada nunca mais seria igual ao que era. Enrolei minhas tesouras e escovas em meu uniforme, enfiei tudo em uma sacola de compras e fui embora.

Tentei não culpar Glen. Eu sabia que não era culpa dele. Éramos, ambos, vítimas da situação, disse ele, tentando me manter animada.

— Não se preocupe, Jean. Vamos ficar bem. Você vai encontrar outro emprego quando isso terminar. De qualquer modo, acho que chegou a hora de uma mudança.

CAPÍTULO 15

Sábado, 7 de abril de 2007

O DETETIVE

O primeiro interrogatório com Glen Taylor teve que esperar até que todos estivessem de volta a Southampton e aconteceu em uma sala minúscula sem ventilação com a porta pintada de um verde cor de jaleco de hospital.

Sparkes olhou pelo painel de vidro da porta. Viu Taylor, sentado feito um colegial ansioso, as mãos nos joelhos e os pés marcando o ritmo de alguma canção misteriosa.

O detetive abriu a porta e foi até a sua marcação naquele pequeno palco. Tudo se resumia a linguagem corporal, lera uma vez em um dos livros de psicologia que ficavam na sua mesinha de cabeceira. Dominar se fazendo maior que o entrevistado — ficando acima dele, ocupando o seu quadro de referência. Sparkes ficou de pé um pouco mais tempo que o necessário, folheando os papéis que tinha na mão, mas finalmente se sentou em uma cadeira. Taylor não ia esperar que o detetive ficasse à vontade.

— Como eu já disse, isto é tudo um equívoco. Deve haver milhares de vans azuis por aí — reclamou, batendo na mesa manchada de café. — E quanto a Mike Doonan? Ele é um sujeito estranho. Mora sozinho, sabia disso?

Sparkes respirou fundo, devagar. Não tinha pressa.

— Vamos lá, Sr. Taylor. Temos que nos concentrar no senhor e repassar novamente sua viagem no dia 2 de outubro. Precisamos ter certeza dos horários.

Taylor revirou os olhos.

— Não tenho mais nada a dizer. Fui para lá, entreguei o pacote, voltei para casa. Fim da história.

— Certo. O senhor disse que saiu do depósito às 12h20, mas isso não está registrado na planilha de serviço. Por que não registrou a viagem?

Taylor deu de ombros.

— Eu fiz o serviço para Doonan.

— Achei que o senhor não se dava com ele.

— Eu devia um favor a ele. Os motoristas fazem isso o tempo todo.

— Então, onde o senhor almoçou naquele dia? — perguntou Sparkes.

— Almoço? — retrucou Taylor, soltando uma risada que parecia um latido.

— Sim, o senhor parou em algum lugar para almoçar?

— Eu provavelmente comi uma barra de chocolate, uma barra Mars ou algo assim. Eu não como muito na hora do almoço; odeio sanduíches de supermercado. Prefiro esperar até chegar em casa.

— E onde comprou o chocolate?

— Não sei. Provavelmente comprei em um posto de gasolina.

— Na ida ou na volta?

— Não tenho certeza.

— O senhor abasteceu?

— Não consigo lembrar. Já faz meses.

— E quanto à quilometragem? É registrada no começo e no fim do expediente? — perguntou Sparkes, sabendo muito bem a resposta.

Taylor piscou.

— Sim — respondeu.

— Então, se eu fizer a mesma viagem que o senhor descreveu, minha quilometragem será igual à sua? — ponderou Sparkes.

Outra piscada.

— Sim, mas... Bem, o acesso a Winchester estava um pouco parado, e tentei encontrar uma alternativa para escapar do trânsito. Eu me perdi um pouco até conseguir voltar para a estrada principal, e tive que fazer uns retornos antes de chegar ao ponto de entrega — contou.

— Entendo — disse Sparkes, levando mais tempo que o esperado para anotar a resposta em seu bloco. — O senhor se perdeu um pouco na viagem de volta?

— Não, claro que não. Foi só o engarrafamento.

— Mas levou muito tempo para chegar em casa, não?

Taylor deu de ombros.

— Não muito.

— Por que ninguém o viu devolver a van se o senhor voltou tão rápido?

— Eu passei em casa primeiro, já disse. Eu tinha terminado o trabalho e passei lá — respondeu Taylor.

— Por quê? Sua planilha mostra que normalmente o senhor vai direito para o depósito — pressionou Sparkes.

— Eu queria ver Jean.

— Sua esposa, certo. O senhor é romântico? Gosta de surpreender a esposa?

— Não, só queria dizer a ela que eu cuidaria da ceia.

Ceia. Os Taylor tinham ceia, não jantar nem lanche. Então o banco dera a Glen Taylor sonhos de grandeza, pensou Sparkes.

— E não poderia ter telefonado para ela?

— Meu celular ficou sem bateria, e de qualquer modo eu passaria perto de casa. Eu também queria uma xícara de chá.

Três desculpas. Taylor passou tempo demais inventando essa história, pensou Sparkes. Ele iria conferir o celular logo depois do interrogatório.

— Achei que os motoristas tinham que permanecer em contato com o depósito. Eu tenho um carregador no carro.

— Eu também, mas tinha deixado no meu carro quando peguei a van.

— Que horas a bateria do celular acabou?

— Só vi que estava sem bateria quando saí da M25 e tentei ligar para Jean. Poderia ter sido cinco minutos ou duas horas antes.

— O senhor tem filhos? — perguntou Sparkes.

Taylor claramente não esperava por aquela pergunta, e apertou os lábios enquanto raciocinava.

— Não, por quê? — murmurou. — O que isso tem a ver?

— Gosta de crianças, Sr. Taylor? — pressionou Sparkes.

— Claro que sim. Quem não gosta de crianças?

Os braços dele estavam cruzados naquele momento.

— Veja bem, Sr. Taylor, algumas pessoas gostam de crianças de um modo diferente. Entende o que eu quero dizer?

Taylor cruzou os braços com mais força e fechou os olhos, só por um segundo, mas o suficiente para encorajar Sparkes.

— Elas gostam de crianças de um modo sexual.

— Elas são uns animais, não? — retrucou Taylor.

— Então o senhor não gosta de crianças desse modo?

— Que nojento. Claro que não. Que tipo de homem você pensa que eu sou?

— É o que estamos tentando descobrir, Sr. Taylor — retrucou Sparkes, inclinando-se para a frente de modo a pressioná-lo. — Quando começou a dirigir para ganhar a vida? É uma escolha estranha de carreira. O senhor tinha um bom emprego no banco, não tinha?

Taylor franziu a testa de maneira teatral.

— Eu ansiava por uma mudança. Não me dava bem com o chefe e pensei em abrir minha própria empresa de entregas. Eu precisava ter experiência em todos os fundamentos, então comecei dirigindo...

— E quanto àquela questão com os computadores do banco? — interrompeu Sparkes. — Nós falamos com o seu antigo gerente.

Taylor enrubesceu.

— O senhor não foi demitido por uso inadequado dos computadores?

— Foi uma armação — disse Taylor rapidamente. — O chefe queria me mandar embora. Acho que se sentia ameaçado por um homem mais novo e mais instruído. Qualquer um poderia ter usado aquele computador. A segurança era risível. Sair foi decisão minha.

Os braços estavam cruzados com tanta força na altura do peito que o gesto dificultava a respiração.

— Certo, entendo — falou Sparkes, recostando na cadeira para dar a Taylor o espaço de que precisava para enfeitar sua mentira. — E o “uso inadequado” que

o levou a ser acusado foi...?

A voz dele era casual.

— Pornografia. Alguém estava vendo pornografia no computador do escritório em horário de trabalho. Idiota — disse Taylor, com arrogância. — Eu nunca faria algo tão imbecil.

— Então onde o senhor vê pornografia? — perguntou Sparkes.

A pergunta paralisou Taylor.

— Eu quero um advogado — disse ele, os pés dançando embaixo da mesa.

— E deveria, Sr. Taylor. Por falar nisso, estamos dando uma olhada no computador que o senhor usa em casa. O que acha que vamos encontrar? Tem alguma coisa que queira nos contar agora?

Mas Taylor tinha se fechado. Ficou sentado em silêncio, olhando para as mãos, e negou com um gesto de cabeça quando Sparkes lhe ofereceu algo para beber.

Tom Payne era o defensor público de plantão naquele fim de semana, um homem de meia-idade vestindo um terno escuro que parecia empoeirado. Ele entrou na sala a passos largos uma hora depois, com um bloco de papel amarelo sob um dos braços e a maleta aberta.

— Gostaria de algum tempo para conversar com o Sr. Taylor — disse ele a Sparkes, e a sala foi esvaziada.

Ao sair, o detetive olhou para Tom Payne. Os dois homens se avaliaram, e então o advogado estendeu a mão ao novo cliente.

— Agora vamos ver o que posso fazer para ajudá-lo, Sr. Taylor — disse, clicando a ponta da caneta.

Trinta minutos depois, os detetives estavam de volta à sala, arrancando os detalhes da narrativa de Taylor, farejando qualquer sinal de mentiras.

— Vamos retornar à sua demissão, Sr. Taylor. Conversaremos com o banco novamente, então por que não nos conta logo tudo? — sugeriu Sparkes.

O suspeito repetiu suas desculpas, com o advogado ao lado, impassível. Aparentemente todos eram culpados, menos ele. E assim ele tinha o seu álibi. Os detetives atacaram por todos os lados, mas ele se mostrou inabalável. Eles tinham batido à porta dos vizinhos, mas ninguém o vira chegar em casa no dia do desaparecimento de Bella. A não ser a esposa.

Duas horas frustrantes depois, Glen Taylor estava fornecendo amostras de sangue e digitais antes de ser levado para a cela, enquanto a polícia conferia a história. Por um momento, ao se dar conta de que não iria para casa, ele pareceu jovem e perdido, enquanto o sargento da carceragem lhe pedia que esvaziasse os bolsos e tirasse o cinto.

— Ligue para Jean, minha esposa — pediu ao advogado, a voz falhando.

No vazio esbranquiçado da cela da delegacia, ele afundou em um banco plástico desbotado ao longo de uma parede e fechou os olhos.

O sargento da carceragem espiou pelo olho mágico na porta.

— Ele parece bastante calmo, mas vamos ficar de olho nele — disse ao colega. — Esses tipos calmos me deixam nervoso.

CAPÍTULO 16

Quinta-feira, 10 de junho de 2010

A VIÚVA

Eu adorava os almoços de domingo. Sempre frango grelhado e todos os acompanhamentos. Parecia uma coisa de família, e quando éramos recém-casados os meus pais e os pais dele apareciam para partilhar isso conosco. Sentados ao redor da mesa na cozinha, eles ouviam o fim do programa *Desert Island Discs* no rádio e ao mesmo tempo liam os jornais de domingo, enquanto eu colocava as batatas para assar no forno e servia xícaras de chá.

Era muito agradável fazer parte daquele mundo adulto em que podíamos convidar nossos pais para almoçar. Algumas pessoas dizem que se sentem assim quando conseguem o primeiro emprego ou se mudam para a primeira casa, mas apenas durante aqueles domingos eu me senti uma adulta de verdade.

Adorávamos nossa casa. Tínhamos pintado a sala de estar de cor de magnólia — Glen disse que era "chique" — e compramos um conjunto estofado verde de três peças a prestação. No fim das contas, devemos ter pagado uma fortuna pelo conjunto, mas parecia perfeito, portanto Glen precisava tê-lo. Demorou mais tempo para juntar dinheiro para uma cozinha nova, mas no fim conseguimos e escolhemos uma com portas brancas. Circulamos durante uma eternidade pela loja, de mãos dadas como os outros casais. Gostei dos armários de pinho, mas Glen queria algo "despojado". Então ficamos com a branca. Para ser sincera, parecia um pouco uma sala de cirurgia quando montamos, mas compramos puxadores vermelhos, jarras chamativas e outras coisas para dar vida. Eu adorava a minha cozinha — "meu departamento", como Glen a chamava. Ele nunca cozinhava nada — "Eu só faria bagunça", dizia, e ríamos. Então eu cozinhava tudo.

Glen arrumava a mesa, fingindo brigar com meu pai para que ele tirasse os cotovelos e fazendo piadas sobre o hábito da mãe de ler o horóscopo. "Algum moreno alto e bonitão previsto para esta semana, mamãe?"

O pai dele, George, não falava muito, mas comparecia. Na verdade, futebol era o único interesse que eles tinham em comum. Só que nem nisso eles conseguiam concordar. Glen gostava de ver futebol na televisão. O pai ia ao jogo. Glen não gostava de todos aqueles corpos imprensados, todo aquele suor e os xingamentos. "Eu sou mais um purista, Jean. Gosto do esporte, não da vida social." O pai dizia que ele era um "fresco".

George não entendia Glen, nem um pouco, e achávamos que ele provavelmente se sentia ameaçado pela educação do filho. Glen se saiu bem na escola — estando quase sempre entre os melhores da turma —, e trabalhava

duro, determinado a não terminar como taxista, a exemplo do pai. Engraçado que ele tenha acabado na mesma profissão. Uma vez falei isso de brincadeira, mas Glen me disse que havia um mundo de diferença entre ser taxista e motorista.

Eu não sabia o que queria ser. Talvez uma daquelas garotas bonitas que não precisavam se esforçar. De qualquer forma, não me esforcei, e Glen sempre disse que eu era bonita, então meio que virou verdade. Eu queria ficar bonita para ele, mas sem muita maquiagem. Ele não gostava disso: “É muito vulgar, Jeanie.”

Nos nossos encontros de domingo, Mary costumava levar uma torta de maçã, e minha mãe levava um buquê de flores. Ela não cozinhava. Preferia legumes e grãos enlatados aos de verdade. Era engraçado, mas papai dizia que era assim que havia sido criada, e ele se habituara.

Quando fiz economia doméstica na escola, levava para casa os pratos que preparávamos. Eles não eram ruins, mas se tivéssemos feito alguma coisa “estrangeira”, como lasanha ou chili com carne, mamãe ficava brincando com a comida no prato.

Então, frango grelhado era bom para todo mundo, e eu sempre fazia ervilhas enlatadas para ela.

Havia muito riso, eu me lembro disso. Sem nenhum motivo. Coisas engraçadas que tinham acontecido no salão ou no banco, fofocas sobre vizinhos e a novela. A cozinha ficava tomada pelo vapor quando eu escorria as cenouras e o repolho, e Glen desenhava nas janelas com o dedo. Às vezes fazia corações, e Mary sorria para mim. Ela estava desesperada por netos, e sussurrava comigo quando lavávamos a louça, pedindo novidades. De início eu dizia: “Ainda temos muito tempo para bebês, Mary. Acabamos de nos casar.” Depois comecei a fingir que não tinha ouvido enquanto enchia o lava-louça, e ela parou de perguntar. Deve ter achado que o problema era Glen. Na época eu era mais próxima dela que de mamãe, e ela sabia que lhe diria se fosse eu. Nunca disse a ela a razão, mas imagino que tenha adivinhado, e Glen me culpou. “Isso não é da conta de ninguém, só nossa, Jeanie.”

A frequência dos almoços de domingo foi diminuindo até parar porque Glen e o pai não conseguiam ficar juntos na mesma sala.

O pai dele descobriu nosso problema de infertilidade e fez uma piada no primeiro Natal após termos recebido a notícia do especialista. “Vejam isso”, disse ele, pegando uma tangerina sem caroço na tigela de frutas. “É como você, Glen. Sem sementes.”

George era um homem nojento, mas até ele percebeu que tinha ido longe demais. Ninguém disse nada. O silêncio foi medonho. Ninguém sabia o que dizer, então ficamos todos olhando para a TV e comendo balas. Fingindo que

nada havia acontecido. Glen ficou branco como papel. Simplesmente ficou sentado lá, e não consegui me forçar a tocá-lo. Sem sementes.

No carro, de volta para casa, ele disse que nunca perdoaria o pai. E não perdoou. Não tocamos mais nesse assunto.

Eu queria muito ter um bebê, mas ele não conversava sobre o "nosso problema", como eu tinha que chamar aquilo, nem sobre adoção. Ele desapareceu dentro dele mesmo, e eu me guardei. Dois estranhos na casa por algum tempo.

Nos almoços de domingo, Glen parou de desenhar na janela e abria a porta dos fundos para deixar o vapor sair. Todos nós começamos a ir embora cada vez mais cedo, e depois passamos a inventar desculpas. "Estamos muito ocupados neste fim de semana, Mary. Você se importaria de deixar para o domingo que vem?" E então "mês que vem", e gradualmente os almoços de família só ocorriam em aniversários e no Natal.

Se tivéssemos tido filhos, nossos pais teriam sido avós. Teria sido diferente, mas a pressão de desempenhar o papel de nossos pais se tornou grande demais. Não havia distrações. Apenas nós. E o escrutínio da nossa vida era intenso demais para Glen. "Eles querem interferir em tudo", disse depois de um almoço em que Mary e minha mãe haviam decidido onde eu deveria comprar um novo fogão. "Eles só querem ajudar, amor", respondi com delicadeza, mas podia ver as nuvens escuras se formando ao seu redor. Glen ficou calado e ocupado com os próprios pensamentos pelo resto do dia.

Ele nem sempre fora assim. Mas começou a se ofender com tudo. Coisas pequenas — algo que o homem da papelaria falou sobre uma derrota do Arsenal, ou o desaforo de um garoto no ônibus — o aborreciam por dias. Eu tentava fazê-lo rir para animá-lo, mas fiquei esgotada com o esforço, então parei e deixei que resolvesse a questão sozinho.

Comecei a me perguntar se ele não estaria procurando razões para se aborrecer. As pessoas com quem sempre gostara de trabalhar no banco começaram a incomodá-lo, e Glen chegava em casa resmungando e se queixando delas. Eu sabia que estava cada vez mais perto de alguma coisa — uma briga, provavelmente — e tentei fazer com que seu humor melhorasse. Houve uma época em que eu poderia ter conseguido — quando éramos mais jovens —, mas as coisas haviam mudado.

Uma das senhoras no salão disse que todos os casamentos "se acomodam depois da 'fase apaixonada'". Mas aquilo era acomodação? Seria isso?

Suponho que tenha sido nessa época que ele começou a ir mais para o computador no andar de cima. A se isolar de mim. Escolher os seus absurdos em vez de mim.

CAPÍTULO 17

Domingo, 8 de abril de 2007

O DETETIVE

A van de Taylor estava sendo desmontada e vasculhada, centímetro a centímetro, pelos rapazes da perícia em Southampton. Eles examinavam também o uniforme e os sapatos dele, que foram levados de casa, digitais, amostras de saliva e de material sob as unhas, genitais e cabelo.

Além disso, especialistas escavavam as obscuras reentrâncias do seu computador.

Estavam todos em cima de Glen. Naquele momento, Sparkes quis tentar a sorte com a esposa do homem.

Na manhã do Domingo de Páscoa, recém-saídos de um café da manhã no Premier Inn, no sul de Londres, Sparkes e Matthews bateram à porta da casa dos Taylor às oito da manhã.

Jean Taylor abriu a porta vestindo um casaco.

— Ah, meu Deus — disse ela ao ver Sparkes. — Aconteceu alguma coisa com Glen? O advogado dele disse que tudo estaria resolvido hoje e ele poderia voltar para casa.

— Não, não exatamente — respondeu Sparkes. — Preciso conversar com a senhora. Pode ser aqui em vez de na delegacia, Sra. Taylor.

A referência à delegacia fez Jean Taylor arregalar os olhos. Ela recuou para que os detetives entrassem antes que os vizinhos vissem, e arregaçou as mangas do casaco, cansada.

— É melhor vocês entrarem — disse, conduzindo-os à sala de estar.

Jean ficou de pé junto ao braço do sofá. Parecia não ter dormido muito. O cabelo estava lambido de exaustão, e havia um tom rouco rascante na voz enquanto os convidava a sentar.

— Ontem respondi a todas as perguntas dos outros policiais. Tudo isso está errado.

Muito agitada, ela se levantou e se sentou novamente, perdida na própria sala de estar.

— Tenho que ir à casa dos meus pais. Vou sempre aos domingos fazer o cabelo de mamãe. Não posso decepcioná-la — explicou. — Não contei a eles sobre Glen...

— Talvez pudesse telefonar e dizer que está doente, Sra. Taylor — falou Sparkes. — Precisamos conversar sobre algumas coisas.

Jean fechou os olhos como se estivesse prestes a chorar, depois foi até o telefone para contar sua mentira.

— É só uma dor de cabeça, papai, mas acho que vou ficar deitada um pouco. Diga a mamãe que ligo mais tarde.

— Vamos lá, Sra. Taylor — disse Sparkes. — Conte sobre a senhora e seu marido.

— Como assim?

— Há quanto tempo estão casados? Os dois são daqui?

Jeanie contou a história do ponto de ônibus e Sparkes escutava com atenção conforme ela passava do tempo do cortejo para o casamento de conto de fadas e a feliz vida de casados.

— Ele trabalhava no banco, certo? — perguntou Sparkes. — Devia ser um bom emprego, com boas perspectivas...

— Sim, era — concordou Jeanie. — Ele tinha muito orgulho de trabalhar lá. Mas saiu para abrir o próprio negócio. Glen tem muitas ideias e planos. Ele gosta de pensar grande. E não se dava bem com o chefe. Achamos que ele tinha inveja de Glen.

Sparkes fez uma pausa.

— E houve a questão do computador do escritório, não foi, Sra. Taylor?

Jean o encarou, olhos arregalados novamente.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou. — O que tem o computador do escritório?

Droga, ela não sabe sobre a pornografia, pensou Sparkes. *Ai, meu Deus, então vamos lá.*

— As imagens indecentes encontradas no computador do escritório dele, Sra. Taylor.

A palavra “indecente” pairou no ar enquanto Jean enrubescia e Sparkes pressionava.

— As imagens encontradas no computador dele no trabalho. E também no computador que levamos ontem. A senhora usa o computador?

Ela negou com a cabeça.

— Havia imagens pornográficas envolvendo crianças, Sra. Taylor, encontradas nos dois computadores.

Ela estendeu as mãos para detê-lo.

— Não sei nada sobre imagens pornográficas nem computadores — disse, a cor se tornando mais forte no pescoço. — E tenho certeza de que Glen também não. Ele não é esse tipo de homem.

— Que tipo de homem ele é, Sra. Taylor? Como o descreveria?

— Deus do céu, que tipo de pergunta é essa? Normal, imagino. Normal. Trabalhador, um bom marido...

— Em qual sentido o Sr. Taylor é um bom marido? — perguntou Sparkes,

inclinando-se para a frente. — A senhora poderia dizer que são felizes como casal?

— Sim, muito felizes. Raramente discutimos ou brigamos.

— Estão tendo algum problema? Problemas financeiros? Problemas na vida íntima?

Ele não sabia por que evitara usar a expressão “vida sexual”, mas a perturbação da mulher com as perguntas era palpável.

— O que quer dizer com vida íntima? — perguntou Jean.

— Na cama, Sra. Taylor — esclareceu ele delicadamente.

Ela reagiu como se tivesse levado uma cusparada.

— Não, nenhum problema — respondeu, a muito custo, antes de começar a chorar.

Matthews passou uma caixa de lenços de papel que estava no conjunto de mesinhas perto do cotovelo dele.

— Aqui está — disse. — Vou pegar um copo d’água.

— Não tenho a intenção de perturbá-la, Sra. Taylor, mas são perguntas que preciso fazer — explicou Sparkes. — Estou investigando uma questão muito séria. A senhora entende?

Ela fez que não com a cabeça. Ela não entendia.

— E quanto a filhos, Sra. Taylor?

O detetive passou para o próximo assunto explosivo.

— Nenhum — respondeu ela.

— Decidiram não ter?

— Não, nós queríamos ter filhos, mas não conseguimos.

Sparkes esperou um instante.

— Era um problema físico de Glen. O médico disse — admitiu ela, hesitante. — Nós adoramos crianças. Por isso sei que Glen nunca poderia ter nada a ver com o desaparecimento de Bella.

O nome da criança enfim foi evocado, e Sparkes fez a pergunta que estava esperando para fazer.

— Onde Glen estava às quatro da tarde no dia em que Bella desapareceu, Sra. Taylor?

— Ele estava aqui, inspetor Sparkes — respondeu Jean de imediato. — Aqui comigo. Ele queria me ver.

— Por que ele queria ver a senhora? — perguntou Sparkes.

— Só para dizer oi, na verdade — respondeu ela. — Nada de mais. Tomou um chá rápido e depois foi para o depósito, pegar o carro dele.

— Quanto tempo ele ficou em casa?

— Uns... Uns quarenta e cinco minutos — disse ela devagar, até demais.

Ela está fazendo contas de cabeça?, pensou Sparkes.

— Ele costuma passar em casa antes de devolver a van? — perguntou.

— Bem, às vezes.

— Qual foi a última vez que ele fez isso?

— Não tenho certeza; não consigo lembrar — respondeu ela, enquanto manchas irregulares brotavam em seu peito.

"Espero que ela não jogue pôquer", disse Matthews, mais tarde. "Há muito tempo que eu não vejo alguém que se trai tanto."

— Como sabia que eram quatro da tarde, Sra. Taylor? — perguntou Sparkes.

— Tive uma tarde de folga por ter trabalhado na manhã de domingo, e ouvi o noticiário das quatro horas no rádio.

— Poderia ter sido o noticiário das cinco. Há um boletim de hora em hora. Como sabe que foi o das quatro?

— Eu me lembro deles dizendo. Você sabe: "São quatro horas, e este é o *BBC News*."

Ela parou para beber água.

Sparkes perguntou sobre a reação de Glen à notícia do desaparecimento de Bella, e Jean contou que ele ficou tão chocado e chateado quanto ela quando viram no jornal.

— O que ele disse? — perguntou Sparkes.

— Pobre garotinha. Espero que a encontrem — respondeu, colocando com cuidado o copo na mesa ao lado. — Para ele, devia ter sido algum casal cujo filho tenha morrido. Foram lá, pegaram a menina e fugiram para o exterior.

Sparkes esperou que Matthews os alcançasse nas anotações no bloco, e se virou novamente para Jean Taylor.

— A senhora já andou na van com seu marido?

— Uma vez. Ele prefere dirigir sozinho para se concentrar, mas dei um passeio no Natal passado. Até Canterbury.

— Sra. Taylor, estamos dando uma boa olhada na van neste momento. A senhora se incomodaria de ir até a delegacia local e nos dar suas digitais para que possamos descartá-las?

Ela limpou outra lágrima.

— Glen mantém a van impecável. Ele gosta de tudo impecável. Eles vão encontrá-la, não vão? — acrescentou a mulher enquanto Matthews a ajudava com o casaco e abria a porta da frente.

CAPÍTULO 18

Domingo, 8 de abril de 2007

O DETETIVE

Glen Taylor vinha se revelando um homem com resposta para tudo. Tinha um cérebro ágil e, assim que anuviou o choque da sua prisão, pareceu quase gostar do desafio, contou Sparkes à esposa.

— Sujeitinho arrogante. Não sei se eu ficaria tão confiante se estivesse na posição dele.

Eileen apertou seu braço ao lhe passar sua taça noturna de vinho tinto.

— Não, você confessaria tudo imediatamente. Você é um péssimo criminoso. Costeleta ou peixe hoje?

Sparkes se empoleirou em um dos tamboretes altos que Eileen insistira em comprar quando balcões de café da manhã se tornaram itens indispensáveis, e se serviu de raspas de cenoura crua da panela. Ele sorriu para Eileen, desfrutando da *entente cordiale* na cozinha naquela noite. O casamento deles havia passado pelos altos e baixos habituais de uma vida em comum, mas, embora nenhum dos dois admitisse em voz alta, a saída dos filhos de casa os havia colocado sob um estresse inesperado. Eles haviam conversado sobre todas as coisas que poderiam fazer, os lugares que iriam conhecer, o dinheiro que poderiam gastar com eles mesmos. No entanto, quando aconteceu, descobriram que a nova liberdade os obrigou a olhar devidamente um para o outro pela primeira vez em anos. E Bob desconfiava que Eileen o considerava uma decepção.

Ela sentira ambição por ele quando começaram a sair e depois que se casaram. Estimulava-o a estudar para as provas para sargento e levava inúmeros copos de café e sanduíches para abastecer sua concentração.

E ele seguiu em frente, levando para casa seus triunfos e fracassos à medida que passavam pequenas promoções e aniversários. Mas Bob achava que Eileen enfim percebia o que realmente o marido conquistara à fria luz do fim da meia-idade, pensando: então é isso?

Eileen passou com as costeletas congeladas e mandou o marido deixar os legumes em paz.

— Dia difícil, amor? — perguntou ela.

Havia sido um dia exaustivo, esquadrinhando as declarações de Taylor em busca de lacunas e inconsistências.

As imagens de crianças sendo abusadas sexualmente encontradas em seu computador foram, segundo o suspeito, baixadas “por engano, por culpa da internet”, ou sem o seu conhecimento; a utilização de seu cartão de crédito para comprar pornografia foi obra de alguém que clonara o cartão. “Você não sabe

como é comum a fraude com cartões de crédito?”, perguntara, com desprezo. “Jean relatou o roubo do nosso cartão de crédito no ano passado. Ela lhe dirá. Tem um boletim de ocorrência em algum lugar.” E havia.

Interessante que foi nessa época que os jornais começaram a escrever sobre a relação entre cartões de crédito e abuso sexual de crianças na internet, refletiu Sparkes, repassando a transcrição da entrevista mais tarde em sua escrivaninha. Mas aquilo era circunstancial.

Ele vê a luz do dia, pensou Sparkes durante uma pausa para o café. *Ele acha que a história dele se sustenta, mas ainda não terminamos.*

Nada pareceu afetá-lo até eles o entrevistarem novamente e mostrarem um álbum com fotos de crianças, recortadas de revistas e jornais, encontrado atrás da caixa-d’água na área de serviço.

Não houve encenação dessa vez. Era evidente que ele nunca tinha visto aquilo; ficou boquiaberto ao folhear as páginas com imagens de pequenos querubins em roupas bonitinhas e vestidos elegantes.

— O que é isto? — perguntou.

— Achamos que você poderia nos dizer, Glen.

Já o tratavam pelo nome. Glen não protestara. Mas chamava o detetive de “Sr. Sparkes”, para manter uma distância entre os dois.

— Isto não é meu — disse ele. — Têm certeza de que encontraram isto na minha casa?

Sparkes fez que sim com a cabeça.

— Deve pertencer aos antigos proprietários — disse Glen, e em seguida, cruzou os braços e bateu os pés enquanto Sparkes fechava o livro e o empurrava para o lado.

— Dificilmente, Glen. Vocês moram lá há quantos anos? Talvez pertença a você ou a Jean.

— Bem, isto não é meu.

— Então tem que ser de Jean. Por que ela teria um álbum como este?

— Não sei; pergunte a ela — retrucou Taylor. — Ela é obcecada por bebês. Você sabe que não conseguimos ter filhos, e ela costumava chorar o tempo todo por causa disso. Tive que pedir a ela para parar; estava acabando com a nossa vida. Além disso, tínhamos um ao outro. De certa forma temos sorte.

Sparkes assentiu, pensando na sorte de Jean Taylor por ter um marido como Glen.

Pobre mulher, pensou.

Um psicólogo forense que estava sendo consultado no caso já os alertara para o fato de que era muito improvável que o álbum de recortes pertencesse a um pedófilo.

— Não é o álbum de um predador — dissera ele. — Não há nada de sexual nas imagens; é uma coleção, mas não feita por alguém que objetifique crianças. É mais como uma lista de desejos; o tipo de coisa que uma adolescente faria.

Ou uma mulher sem filhos, pensara Sparkes.

A fantasiosa vida secreta que Jean levava tinha abalado Taylor. Isso era bastante claro. Ele estava mergulhado em pensamentos, talvez imaginando o que mais não sabia sobre a esposa. Depois Sparkes e Matthews concordaram que aquilo criara uma rachadura na certeza que ele tinha de tê-la sob controle. Segredos eram coisas perigosas.

Mas na reunião de revisão do caso com os chefes, à medida que o prazo de trinta e seis horas se aproximava, Sparkes se sentiu derrotado. Eles haviam revirado tudo. A van não revelara nada, e eles não tinham nenhuma acusação para fazer contra Taylor a não ser a coisa da internet, e isso não o manteria detido.

Duas horas depois, Glen Taylor pagou fiança e saiu da delegacia, já falando ao celular. De uma janela no corredor, Bob Sparkes o viu partir.

— Não fique tão tranquilo em casa. Nós voltaremos — disse para a figura que se afastava.

*

No dia seguinte, Taylor estava de volta ao trabalho, segundo informou a equipe encarregada de vigiá-lo em tempo integral.

Sparkes ficou pensando no que o chefe de Taylor estaria achando de tudo aquilo.

— Aposto que o mandam embora no fim do mês — disse a Matthews. — Bom. Isso dará a ele tempo de cometer alguns erros caso fique o dia todo em casa. Vai se meter em confusão.

Os detetives se entreolharam.

— Por que não ligamos para Alan Johnstone e perguntamos se podemos dar uma passada e olhar os registros dele novamente? Poderia ser um empurrãozinho na direção certa — sugeriu Matthews.

*

O Sr. Johnstone os recebeu em seu escritório, tirando a papelada de cima das cadeiras puídas.

— Olá, inspetor. De novo por aqui? Glen me informou que, no que diz respeito a ele, tudo foi esclarecido.

Os detetives examinaram as planilhas, registrando a quilometragem mais uma vez, enquanto Johnstone circulava, desconfortável.

— São seus? — perguntou Sparkes, pegando na escrivaninha uma foto de dois garotinhos com camisa de time de futebol. — Lindas crianças.

Johnstone pegou a foto de volta e o deixou sem resposta.

— Até mais — disse Matthews, animado.

*

Glen Taylor foi dispensado ainda naquela semana. Alan Johnstone telefonou para Sparkes a fim de informá-lo.

— Os outros motoristas estavam assustados. A maioria tem filhos. Ele não criou caso quando o dispensei; só deu de ombros e esvaziou o armário.

Matthews sorriu.

— Vamos ver o que ele faz agora.

CAPÍTULO 19

Sábado, 21 de abril de 2007

A VIÚVA

A mãe e o pai de Glen apareceram no fim de semana seguinte à sua demissão. Não nos víamos há algum tempo e eles ficaram parados à porta enquanto a imprensa tirava fotos e tentava ouvi-los. George ficou furioso e começou a xingá-los, ao passo que Mary estava às lagrimas quando abri a porta. Eu a abracei no corredor e a levei até a cozinha.

George e Glen foram para a sala de estar. Sentamos à mesa, e Mary continuou chorando.

— O que está acontecendo, Jean? Como alguém pode achar que o meu Glen faria uma coisa dessas? Ele não poderia ter feito algo tão perverso. Ele era um garotinho adorável. Tão doce, tão inteligente...

Tentei acalmá-la e explicar o caso, mas ela continuava falando sozinha, repetindo “O meu Glen, não” sem parar. Acabei preparando uma xícara de chá para me ocupar com alguma coisa e levei uma bandeja para os homens.

— O clima lá era horrível — disse George, que estava em pé diante da lareira encarando o filho, o rosto todo vermelho.

Glen estava sentado na sua poltrona, olhando para as mãos.

— Como tem passado, George? — perguntei enquanto lhe dava o chá.

— Estaria consideravelmente melhor se esse idiota não tivesse se envolvido com a polícia. Obrigado, Jean. Estamos aturando a imprensa na nossa porta e telefonando de manhã, de tarde e de noite. Fomos obrigados a tirar o telefone do gancho para termos um pouco de paz. A mesma coisa com a sua irmã, Glen. É um pesadelo dos infernos.

Glen não falou nada. Talvez tudo tivesse sido dito antes que eu chegasse.

Mas não consegui deixar para lá.

— Também é um pesadelo para o Glen, George. Para todos nós. Ele não fez nada e perdeu o emprego. Isso não é justo — retruquei.

Mary e George foram embora logo em seguida.

— Já vão tarde — diria Glen depois, mas eu não sabia se tinha falado sério. Afinal, eram a mãe e o pai dele.

*

Minha mãe e meu pai logo apareceram. Pelo telefone eu disse a papai que usassem a porta de Lisa, de modo a não serem incomodados pelos repórteres, e depois passassem pelo portão entre os jardins. Pobre mamãe — ela abriu a porta

dos fundos e entrou tropeçando, como se um cachorro estivesse atrás dela.

Minha mãe é ótima, mas acha difícil lidar com as coisas. Coisas comuns. Como pegar o ônibus certo para ir ao médico ou conhecer gente nova. Papai é realmente muito bom com isso. Ele não cria caso por conta dos "pequenos pânicos" dela, como eles os chamam. Simplesmente se senta com ela, acaricia sua mão e fala com calma até ela se sentir melhor. Eles se amam de verdade — sempre se amaram. E me amam, mas mamãe precisa da atenção exclusiva de papai.

"De qualquer modo, você tem Glen", dizia ela.

Quando mamãe se sentou na cozinha, pálida e sem fôlego, papai a acompanhou e segurou sua mão.

— Está tudo bem, Evelyn — disse ele.

— Só preciso de um minuto, Frank.

"Sua mãe só precisa de um pouco de segurança, Jean", papai me disse quando sugeri pela primeira vez que conversassem com o médico. Então também transmiti segurança a ela.

— Tudo vai ficar bem, mamãe. Tudo será esclarecido, você vai ver. É um terrível equívoco. Glen disse a eles onde estava e o que fazia, e a polícia vai dar um jeito.

Ela olhou com severidade para mim, como se estivesse me testando.

— Você tem certeza, Jean?

Eu tinha.

Depois disso, eles não nos visitaram mais. Eu ia até a casa deles para vê-los.

— É difícil demais para sua mãe ir aí — disse papai ao telefone.

Eu fazia o cabelo dela toda semana. Ela gostava de ir ao cabeleireiro "para dar uma saída" uma vez por mês, mas começou a sair menos depois da prisão de Glen. Não foi culpa dele, mas certos dias eu achava difícil até mesmo gostar do meu marido.

Como no dia em que ele me contou ter visto meus álbuns de recortes. Isso foi dois dias depois de ter sido liberado sob fiança. Ele já sabia quando chegou em casa, mas esperou. Estava armando alguma coisa. Dava para ver.

E, quando me flagrou olhando para a fotografia de um bebê em uma revista, explodiu.

Meu amor por bebês era obsessivo, falou. Ele disse isso com raiva. Era porque tinham encontrado meus álbuns no fundo da área de serviço, onde eu os guardava, atrás da caixa-d'água. Eram apenas fotografias. Que mal havia nisso?

Ele estava gritando comigo. Não gritava com muita frequência, em geral, quando ficava irritado, só se fechava e parava de falar. Ele não gostava de demonstrar seus sentimentos. Certa vez, estávamos assistindo a um filme juntos,

comecei a chorar de soluçar e ele simplesmente ficou sentado lá. No início achei que ele era muito forte, que aquilo era másculo, mas agora não sei. Talvez simplesmente não sinta as coisas do modo que as outras pessoas sentem.

Mas naquele dia ele gritou. Havia três pequenos álbuns de recortes, todos cheios de fotografias que eu havia tirado de revistas no trabalho, jornais e cartões de aniversário. Escrevi “Meus bebês” na capa de cada álbum, porque eles eram isso. Tantos bebês. Eu tinha meus preferidos, claro. Havia Becky, com macacão listrado combinando com uma fitinha de cabeça, e Theo, um bebê gordinho com um sorriso que me dava arrepios.

Meus bebês.

Supus que Glen consideraria isso uma indireta, por ele ser estéril, então eu os escondia, mas não conseguia me conter.

— Você é doente! — gritou para mim.

Fiquei envergonhada por causa dele. Talvez eu fosse doente.

A questão era que ele não conversava comigo sobre o que chamava de “nosso problema”.

Isso não deveria ser um problema. É só que ter um filho era tudo o que eu queria na vida. Lisa, minha vizinha de porta, sentia o mesmo.

Ela se mudou para a casa ao lado com o marido dela, Andy, dois meses depois de nós. Lisa era gentil — não enfiava o nariz onde não era chamada, mas se interessava por mim. Estava grávida quando se mudou, e Glen e eu vínhamos tentando, de modo que tínhamos muito sobre o que conversar, muitos planos a fazer — como criaríamos nossos bebês, qual seria a cor dos quartos, nomes, escolas locais, complementos alimentares. Todas essas coisas.

Ela não se parecia comigo. Tinha cabelo preto e curto, repicado e com pontas descoloridas, além de três brincos em uma orelha. Parecia uma das modelos das fotos grandes do salão. Era muito bonita. Mas Glen tinha suas reservas.

“Ela não é o nosso tipo de pessoa, Jeanie. Não parece muito confiável. Por que você continua a convidá-la para vir aqui?”

Achei que ele estava com um pouco de ciúme por ter que me dividir com os outros, e Andy e ele não tinham nada em comum. Andy fazia andaimes, estava sempre longe. Foi à Itália uma vez. Seja como for, ele acabou indo viver com uma mulher que conheceu viajando, e Lisa ficou sozinha, vivendo de auxílio do governo enquanto tentava arrancar qualquer coisa dele para as crianças.

Lisa era solitária, e ficamos muito ligadas, então na maioria das vezes, para não deixar Glen irritado, eu ia à casa dela.

Eu costumava lhe contar as histórias que ouvia no salão, e ela morria de rir. Adorava uma boa fofoca e uma xícara de café. Dizia que isso lhe dava uma folga das crianças. Na época, ela já tinha duas — um menino e uma menina, Kane e

Daisy —, enquanto eu continuava esperando a minha vez.

Depois do meu segundo aniversário de casamento, fui sozinha ao médico para saber por que não conseguia engravidar.

“Você ainda é muito jovem, Sra. Taylor”, disse o Dr. Williams. “Relaxe e procure não pensar nisso. É a melhor coisa a fazer.”

Eu tentei. No entanto, depois de mais um ano sem filhos, convenci Glen a ir comigo. Falei que deveria ter algo de errado comigo e ele concordou em ir para me dar apoio.

O Dr. Williams escutou, assentiu e sorriu.

“Vamos fazer alguns exames”, disse ele, e assim começaram nossas peregrinações ao hospital.

Eles me testaram primeiro. Eu estava disposta a fazer qualquer coisa para engravidar e suportei os espéculos, os exames, as ultrassonografias, as cutucadas sem fim.

“As tubas estão totalmente limpas”, informou o ginecologista após os exames. “Tudo saudável.”

Foi a vez de Glen. Acho que ele não queria fazer, mas eu tinha passado por tudo aquilo e ele realmente não podia voltar atrás. Foi medonho, disse. Eles o fizeram se sentir um pedaço de carne. Amostras, copos de plástico, revistas pornográficas velhas e rasgadas. Tudo isso. Tentei amenizar mostrando para ele a minha gratidão, mas não funcionou. Então esperamos.

A contagem de espermatozoides de Glen era quase zero. E isso foi o fim de tudo. Pobre Glen. No começo, ficou arrasado. Sentia que seria visto como um fracasso, menos homem, e ficou tão cego com isso que talvez não conseguisse entender o que isso significava para mim. Nada de bebês. Ninguém para me chamar de mamãe, nenhuma vida de mãe, nada de netos. De início ele tentou me consolar toda vez que eu chorava, mas acho que ficou entediado e, depois de um tempo, insensível. Disse que era para o meu próprio bem. Que eu tinha que seguir em frente.

Lisa foi maravilhosa, e tentei não odiar sua sorte porque gostava dela, mas foi difícil. E ela sabia como era duro para mim, então disse que eu podia ser a “outra mãe” dos filhos dela. Acho que foi uma brincadeira, mas a abracei e tentei não chorar. Eu era parte da vida deles, e eles se tornaram parte da minha.

Convenci Glen a fazer um portão entre os jardins dos fundos para que eles entrassem e saíssem, e certo verão comprei uma piscina de plástico. Glen era gentil com eles, mas na verdade não se envolvia como eu. Às vezes ele os observava pela janela e acenava. Não tentava impedir que fossem lá, e vez ou outra, quando Lisa tinha um encontro — ela entrava naqueles sites para encontrar o homem perfeito —, eles dormiam no nosso outro quarto. Eu

preparava iscas de peixe, ervilhas e molho de tomate para o jantar e via um DVD da Disney com eles.

Então, quando eles se deitavam na cama, eu ficava sentada, vendo-os adormecer. Absorvendo-os. Glen não gostava disso. Dizia que o meu comportamento era assustador. Mas todos os momentos com eles eram especiais. Até mesmo trocar as fraldas quando eram pequenos. Quando foram ficando mais velhos, passaram a me chamar de “gege”, porque não conseguiam pronunciar “Jean”, e grudavam nas minhas pernas quando iam lá, de modo que eu tinha que caminhar com um deles em cada pé. Eu os chamava de “meus amores”. E eles riam.

Glen subia para o escritório quando as nossas brincadeiras ficavam animadas demais — “muito barulho”, dizia —, mas eu não ligava. Preferia tê-los só para mim.

Até pensei em largar o emprego e cuidar das crianças em tempo integral, para que Lisa pudesse trabalhar, mas Glen bateu o pé.

“Precisamos do seu dinheiro, Jean. E eles não são nossos filhos.”

Então ele parou de se desculpar por ser estéril e começou a dizer: “Pelo menos temos um ao outro, Jean. Temos muita sorte.”

Tentei me sentir com sorte, mas não me sentia.

Sempre acreditei em sorte. Adoro a ideia de as pessoas poderem mudar de vida instantaneamente. É só imaginar o programa *Quem quer ser um milionário?* ou a loteria. Em um momento, uma mulher comum na rua. No seguinte, uma milionária. Compro um bilhete toda semana, e passo a manhã fantasiando sobre ganhar. Eu sei o que faria se ganhasse. Compraria uma casa grande no litoral — em algum lugar ensolarado, talvez no exterior — e adotaria órfãos. Na verdade, Glen não aparece nos meus planos — ele não aprovaria, e não quero aqueles lábios crispados estragando meus devaneios. Glen permanece como parte da minha realidade.

A questão é que nós dois não éramos suficientes para mim, e ele ficava magoado por eu precisar de alguém além dele. Provavelmente foi por isso que não considerou a ideia de adoção — “Não vou aceitar alguém se intrometendo na nossa vida. Não é da conta de ninguém além de nós, Jeanie” —, muito menos de algo tão “radical” como inseminação artificial ou barriga de aluguel. Lisa e eu discutimos isso uma vez tomando uma garrafa de vinho, e pareceu plausível. Com toda a tranquilidade, tentei levantar a questão em uma conversa com Glen.

“Ideias repulsivas, se quer saber minha opinião”, falou. Fim da discussão.

Então parei de chorar na frente dele, mas sempre que uma amiga ou parente dizia estar grávida era como se tivessem arrancado o meu coração. Os meus sonhos eram cheios de bebês, bebês perdidos, buscas intermináveis por eles, e às

vezes acordava ainda sentindo nos braços o peso de um bebê.

Comecei a ter medo de dormir e estava emagrecendo. Voltei ao médico e ele me deu uns comprimidos para que eu me sentisse melhor. Não contei a Glen. Não queria que sentisse vergonha de mim.

E comecei a minha coleção, rasgando sorrateiramente as fotografias e as colocando na bolsa. Depois, quando havia fotos demais, passei a colá-las nos meus álbuns. Eu esperava a casa ficar vazia, pegava-os e sentava no chão, acariciando cada foto e dizendo o nome deles. Podia passar horas assim, fingindo que eram meus.

A polícia disse que Glen fazia a mesma coisa no computador.

No dia em que gritou comigo por causa dos álbuns, ele me disse que eu o tinha levado a procurar pornografia no computador. Era uma coisa perversa de se dizer, mas ele estava com tanta raiva que confessou.

Disse que eu o afastara por causa da minha obsessão em ter um filho. Que ele tivera que buscar consolo em outro lugar.

"É só pornografia", disse ao se dar conta de que tinha ido longe demais. Quando viu o meu rosto. "Todos os caras gostam um pouco de pornografia, não é, Jeanie? Isso não faz mal a ninguém. É só um pouco de diversão."

Eu não soube o que responder. Não sabia que todos os caras gostavam de pornografia. O tema nunca tinha surgido no salão.

Ao me ver chorar, Glen me disse que não era culpa dele. É que ele fora arrastado para a pornografia virtual pela internet — eles não deveriam permitir essas coisas na rede. Era uma armadilha para homens inocentes. Ele ficara viciado — "É um problema de saúde, Jeanie, um vício" —, e não conseguia evitar, mas nunca pesquisara crianças. Aquelas imagens acabaram no computador dele — como um vírus.

Eu não queria mais pensar naquilo. Era difícil demais manter tudo separado na minha cabeça. O meu Glen e aquele outro homem de quem a polícia falava. Eu precisava deixar as coisas claras.

Eu queria acreditar nele. Eu amava Glen. Ele era o meu mundo. Ele dizia que eu era o dele. Éramos o mundo um do outro.

E a ideia de eu ser culpada por levá-lo a olhar aquelas fotos horríveis cresceu na minha cabeça, deixando de fora as questões sobre Glen. Claro que só descobri sobre o seu "vício" no momento em que a polícia bateu na nossa porta naquele Sábado de Aleluia, mas já era tarde demais para dizer ou fazer alguma coisa.

Eu tinha que manter os segredos dele tão seguros quanto os meus.

CAPÍTULO 20

Sexta-feira, 11 de junho de 2010

A VIÚVA

O café da manhã do hotel tem croissants e salada de frutas. Grandes guardanapos de tecido e uma cafeteira francesa com café de verdade.

Kate não me deixa comer sozinha.

— Vou lhe fazer companhia — diz, sentando-se à mesa.

Ela pega uma xícara na bandeja embaixo da televisão e se serve um café.

Agora ela está toda profissional.

— Precisamos mesmo revolver a questão do contrato hoje, Jean. O jornal quer encerrar as formalidades para podermos prosseguir com a entrevista. Já é sexta-feira, e eles querem publicá-la amanhã. Imprimi uma cópia para você assinar. É bastante objetivo. Você concorda em nos dar uma entrevista exclusiva por uma quantia acordada.

Realmente não consigo me lembrar de quando disse sim. Talvez não tenha dito.

— Mas... — começo. Ela, entretanto, simplesmente me passa diversas folhas de papel e eu começo a ler porque não sei mais o que fazer. É tudo "a primeira parte" e "a segunda parte", e muitas cláusulas. — Não faço a menor ideia do que isto significa — digo.

Era Glen quem lidava com toda a papelada e assinava tudo.

Ela parece ansiosa e tenta explicar os termos legais.

— É muito simples — diz.

Kate realmente quer que eu assine. Deve estar sendo muito pressionada pelo chefe, mas deixo o contrato de lado, balanço a cabeça, e ela suspira.

— Gostaria que um advogado desse uma olhada nisso para você?

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Você conhece algum? — pergunta ela, e eu novamente faço que sim.

Ligo para Tom Payne. O advogado de Glen. Já faz algum tempo — uns dois anos —, mas ainda tenho o número dele no celular.

— Jean! Como está? Lamento muito pelo acidente de Glen — diz ele após a secretária transferir a ligação.

— Obrigada, Tom, gentileza de sua parte. Veja bem, preciso da sua ajuda. O *Daily Post* quer que eu dê uma entrevista exclusiva e assine um contrato. Você poderia dar uma olhada no documento para mim?

Há uma pausa, e posso imaginar a expressão de surpresa no seu rosto.

— Uma entrevista? Tem certeza de que está fazendo a coisa certa, Jean? Você pensou bem nisso?

As verdadeiras perguntas não são feitas, e sou grata por isso. Digo que pensei bem, e que essa é a única maneira de tirar a imprensa da minha porta. Estou começando a parecer Kate. Na verdade, não preciso do dinheiro. Glen recebeu duzentas e cinquenta mil libras em indenização pela armadilha da polícia — dinheiro sujo que colocamos na poupança —, e haverá o dinheiro do seguro de vida dele. Mas eu podia muito bem receber as cinquenta mil libras que o jornal quer me pagar.

Tom não parece convencido, mas concorda em ler o contrato, que Kate manda para ele por e-mail. Ficamos sentadas esperando, e ela tenta me convencer a fazer um tratamento de beleza ou algo assim. Não quero mais que mexam em mim, então digo não e simplesmente fico sentada.

Tom e eu temos uma ligação especial desde o dia em que o caso de Glen foi encerrado. Estávamos juntos esperando que ele fosse liberado do banco dos réus, e Tom não conseguia olhar para mim. Acho que tinha medo do que poderia ver nos meus olhos.

Consigo nos ver de pé naquele momento. O fim do suplício, mas não o fim de verdade. Eu ficara muito grata pela ordem que o julgamento colocara na minha vida. Meus dias eram planejados. Sempre saindo de casa às oito da manhã, vestida com elegância, como se estivesse indo para um escritório. Todo dia, de volta para casa às cinco e meia da tarde. Meu trabalho era dar apoio e não dizer nada.

O tribunal era feito um santuário. Eu gostava dos corredores que ecoavam, a brisa agitando os informes nos quadros de aviso e as conversas na cantina.

Tom me levara lá antes que Glen tivesse que comparecer para marcar o seu julgamento, de modo que eu pudesse saber como era. Já tinha visto o tribunal Old Bailey na TV — no telejornal, com um repórter de pé na calçada em frente, falando sobre um assassino, um terrorista ou algo assim, bem como o seu interior, em séries policiais. Mas não era nada do que eu esperava. Escuro, menor do que parecia na TV, cheirando a poeira como uma sala de aula, antiquado, com muita madeira escura.

Demos uma volta por lá antes que as atividades do dia começassem, e foi agradável, silencioso. Não havia quase ninguém lá dentro. Um pouco diferente de quando Glen compareceu para marcar a data do julgamento. Estava lotado. As pessoas tinham feito fila para vê-lo. Levaram sanduíches e bebidas, como se fosse uma liquidação ou algo assim. E os repórteres se apinhavam no espaço reservado à imprensa atrás de mim. Fiquei sentada de cabeça baixa, fingindo procurar alguma coisa na bolsa, até Glen ser levado ao banco dos réus pelos carcereiros. Ele parecia pequeno. Eu tinha levado o seu melhor terno para a audiência, e ele fizera a barba, mas ainda assim parecia pequeno. Olhou para

mim e piscou. Como se não fosse nada. Tentei sorrir para ele, mas minha boca estava seca demais, meus lábios ficaram grudados nos dentes.

Terminou tão rápido que mal tive tempo de olhar para ele novamente antes que desaparecesse escada abaixo. Tive permissão de vê-lo depois. Trocara o terno pela roupa da prisão, uma espécie de agasalho de corrida, e tirara os seus melhores sapatos.

— Olá, Jeanie querida. Bem, foi uma farsa, não foi? Meu advogado disse que a coisa toda é uma farsa — falou.

Já era de se esperar, fiquei com vontade de dizer. *Ele está sendo pago por você para dizer exatamente isso*.

O julgamento foi marcado para fevereiro, quatro meses depois, e Glen estava certo de que seria suspenso antes disso.

— É tudo um absurdo, Jeanie — falou. — Você sabe. A polícia está mentindo para ficar com uma boa imagem. Eles precisam prender alguém, e eu era um dos pobres infelizes dirigindo uma van azul na área naquele dia.

Ele apertou minha mão, e retribuí. Glen estava certo. Era absurdo.

Fui para casa e fingi que tudo estava normal.

Dentro de casa estava. Meu mundinho continuava exatamente igual: as mesmas paredes, as mesmas xícaras, os mesmos móveis. Mas do lado de fora tudo havia mudado. A calçada na frente de casa era como uma telenovela, com gente indo, vindo e sentada olhando para minha casa. Tentando ter um vislumbre de mim.

Às vezes eu precisava sair. Quando isso acontecia, eu me vestia para passar despercebida, cobrindo-me totalmente, e me preparava no corredor antes de sair de repente e às pressas. Era impossível evitar as câmeras, mas esperava que eles se cansassem de tirar as mesmas fotos minhas saindo de casa. E aprendi a cantarolar uma musiquinha na cabeça para abafar as observações e perguntas.

As visitas à prisão eram a pior parte. Significavam pegar um ônibus e ser perseguida até o ponto pela imprensa, que me fotografava com os outros passageiros enquanto esperávamos. Todos ficavam aborrecidos com eles e depois comigo. Não era minha culpa, mas me culpavam. Por ser a esposa.

Tentei diversificar os pontos de ônibus, mas fiquei farta de fazer o joguinho deles, e no fim suportei e esperei que se cansassem.

Eu me sentava no ônibus 380 para Belmarsh com uma sacola no colo, fingindo que ia fazer compras. Esperava para ver se mais alguém fazia sinal para descer antes do ponto da prisão, então saltava rapidamente. Outras mulheres também saltavam, com uma penca de crianças chorando e carrinhos de bebê, e eu as seguia bem de longe até a sala de visitas, para que as pessoas não pensassem que eu era como elas.

Glen estava em prisão preventiva, portanto não havia muitas regras para as visitas, mas a de que eu mais gostava era a que proibia o uso de sapatos de salto alto, saias curtas ou roupas transparentes. Essa me fazia rir. Na primeira vez, vesti calças compridas e um suéter. Confortável e seguro.

Glen não gostou.

— Espero que não esteja relaxando, Jean — disse ele, então passei batom na visita seguinte.

Ele podia receber três visitas por semana, mas combinamos que eu só iria duas vezes, para não ter que lidar com os repórteres tão frequentemente. Segundas e sextas-feiras.

— Isso vai dar um padrão à minha semana — disse ele.

A sala era barulhenta e muito iluminada, e fazia meus olhos e ouvidos doerem. Nós nos sentávamos de frente um para o outro, e depois eu contava as minhas novidades, e ele me contava as dele. De vez em quando escutávamos as outras conversas ao redor e conversávamos sobre elas.

Eu achava que o meu trabalho era confortá-lo e garantir que estivesse ao seu lado, mas ele parecia já ter resolvido isso.

— Nós podemos suportar essa situação, Jeanie. Sabemos qual é a verdade, e logo todos os outros também vão saber. Não se preocupe — dizia ele, pelo menos uma vez a cada visita.

Eu tentava evitar, mas sentia que nossa vida estava desmoronando.

— E se a verdade não vier à tona? — perguntei uma vez, e ele pareceu decepcionado por eu chegar a sugerir isso.

— Virá — insistiu. — Meu advogado disse que a polícia fez uma senhora burrada.

O caso de Glen não foi suspenso antes do julgamento. Ele afirmou que a polícia queria “o dia dela no tribunal”. Meu marido parecia menor cada vez que eu o via, como se estivesse encolhendo por dentro.

— Não se preocupe, amor — eu me ouvi dizer. — Tudo vai terminar logo.

Ele pareceu grato.

CAPÍTULO 21

Segunda-feira, 11 de junho de 2007

O DETETIVE

Sparkes estava revendo a situação. Fazia dois meses que ele batera à porta de Glen Taylor pela primeira vez, e não estavam fazendo nenhum progresso. Não é que não estivessem investigando. Os policiais haviam examinado todos os detalhes da vida dele — e da vida de Mike Doonan e Lee Chambers —, mas tinham pouco a mostrar até o momento.

Doonan parecia ter tido uma vida bastante sem graça, e nem mesmo os divórcios conseguiram dar alguma emoção a ela. O único ponto de interesse era que as duas ex-esposas haviam se tornado amigas íntimas e se juntavam para discutir os defeitos de Mike. “Acho que ele é um pouco egoísta”, disse Marie Doonan. “É, egoísta”, fez coro Sarah Doonan. “Estamos melhores sem ele.”

Até os filhos eram indiferentes ao envolvimento do pai com a polícia.

— Eu não o vejo nunca — disse o mais velho. — Ele foi embora antes que eu me desse conta de que estava lá.

Matthews continuou cavando, perseverando em sua busca. Sua pressão sanguínea ficou descontrolada quando descobriu que Doonan não fora à consulta médica no dia em que Bella desapareceu, mas o motorista alegou que sua coluna doía tanto que ele não teve condições de sair de casa. E o médico confirmou:

— Às vezes mal consegue ficar em pé. Pobre homem.

Ele ainda não podia ser descartado, mas Sparkes estava começando a ficar impaciente com Matthews, exigindo que voltasse as atenções para Taylor.

— Doonan é um aleijado; mal consegue andar, então como poderia sequestrar uma criança? — perguntou Sparkes. — Não temos nada que o ligue ao caso além do fato de que dirigia uma van azul, temos?

— Não, chefe — respondeu Matthews, balançando a cabeça —, mas tem a coisa da Operação Ouro.

— Onde está a prova de que ele olhou aquelas imagens? Não há. Taylor tinha pornografia infantil no computador. É nele que deveríamos nos concentrar. Preciso de você nisso, Matthews.

O sargento não estava convencido de que era hora de descartar Doonan, mas sabia que o chefe já havia tomado uma decisão.

O verdadeiro problema de Sparkes era que ele não conseguia descartar o instinto inicial de que já tinham encontrado o seu homem, e temia que, a não ser que o prendessem, tivesse que ir atrás de mais uma Bella.

Sparkes começara a notar todas as crianças da idade de Bella — na rua, em lojas, em carros e cafés —, e depois procurava predadores. Isso começava a

afetar seu apetite, mas não sua concentração. Ele sabia que estava tomando conta de sua vida, só que não havia mais nada que pudesse fazer.

“Bob, você está obcecado com esse caso”, dissera Eileen certa noite. “Será que não conseguimos nem sair para um drinque sem que você se perca em pensamentos? Você precisa relaxar.”

Ele tivera o impulso de berrar: *Você quer que outra criança seja levada enquanto estou de folga tomando uma taça de vinho?* Mas não fez isso. Não era culpa de Eileen. Ela não entendia. Ele sabia que não era capaz de proteger todas as garotinhas da cidade, mas não podia deixar de tentar.

Houvera muitos outros casos envolvendo crianças ao longo da sua carreira — a pequena Laura Simpson; o bebê W, sacudido até a morte pelo padrasto; o garoto Voules, que se afogara em uma piscina de plástico cercado de outras crianças em um parque; acidentes de trânsito e fugas de casa —, mas ele não as conhecera do modo como conhecia Bella.

Lembrou-se do sentimento de desamparo quando segurara pela primeira vez o filho James, o pensamento de que ele, sozinho, era responsável pela integridade e a segurança do filho em um mundo cheio de perigos e pessoas más. Era como se sentia em relação a Bella.

Sparkes começara a sonhar com ela. Isso nunca era um bom presságio.

Perguntou-se se a van azul não os estava distraindo de outras pistas. Mas, então, por que o homem da van azul nunca se apresentara? Todos queriam ajudar a encontrar aquela criança. Se tivesse sido apenas um sujeito visitando uma casa, então ele teria telefonado, não teria?

A não ser que fosse Glen Taylor, pensou.

A busca havia sido minuciosa, todos os fragmentos examinados pela equipe. A camiseta jogada em uma cerca viva, um pé de sapato, uma criança loura vista em um shopping tentando fugir de um adulto. Os detetives agiam rapidamente, à medida que horas, depois dias, então semanas se passavam, sem resultados. Estavam todos exaustos, mas ninguém podia dar o caso por encerrado.

A reunião de atualização ficava mais breve e melancólica a cada manhã. A camiseta era de uma criança de oito anos, o calçado não era de Bella e a loura berrando era só uma criancinha fazendo pirraça. As pistas evaporavam assim que eram examinadas.

Sparkes guardou para si seu desespero. Tão logo baixasse a cabeça, a equipe desistiria. Toda manhã ele tentava se motivar no escritório, às vezes de pé diante do espelho do banheiro, assegurando-se de que ninguém poderia identificar fracasso em suas olheiras cada vez maiores. Depois entrava a passos largos, cheio de energia, e eletrizava seus homens e mulheres.

— Vamos retornar ao básico — disse ele naquela manhã.

E eles faziam isso, seguindo-o por fotos, mapas, nomes e listas.

— O que estamos deixando passar? — desafiou. Rostos cansados. — Quem pegaria uma criança? O que sabemos a partir de outros casos?

— Um pedófilo.

— Uma rede de pedófilos.

— Um sequestrador que fez isso por dinheiro.

— Ou por vingança.

— Uma mulher que perdeu um filho.

— Ou que não pode ter filhos.

— Algum lunático que precisa de uma criança para completar um cenário que tenha criado.

Sparkes anuiu.

— Vamos nos separar em grupos de dois homens, perdão, duas pessoas, e repassar nossas testemunhas e suspeitos, para descobrir se alguma se encaixa nessas categorias.

A sala começou a zumbir, e ele deixou Ian Matthews cuidando daquilo.

Calculou quanto demoraria para o nome de Jean Taylor aparecer, e queria um tempo para pensar bem no assunto. Jean era estranha. Lembrou-se da primeira vez que a vira, o choque em seu rosto, as conversas cautelosas, as respostas inabaláveis. Tinha certeza de que ela encobrira Glen e atribuíra isso à lealdade cega, mas será que a verdadeira razão era por estar envolvida de algum modo?

Mulheres que matavam crianças eram raras, e aquelas que o faziam quase exclusivamente matavam os próprios filhos, segundo as estatísticas. Mas de vez em quando roubavam crianças.

Ele sabia que a infertilidade podia ser uma força motivadora muito poderosa, que queimava dentro de algumas mulheres, deixando-as loucas de dor e anseio. A vizinha e as colegas do salão haviam dito que Jean ficara arrasada ao saber que não podia ter filhos. Ela costumava chorar na sala dos fundos se alguma cliente dizia estar grávida. Mas ninguém mencionou que Jean poderia ter estado em Southampton no dia em que Bella fora levada.

Enquanto pensava, Sparkes desenhava aranhas no bloco à sua frente.

Se Jean amava tanto crianças, por que ficaria com um homem que vê fotos de pedofilia no computador? Por que seria leal a um homem desses? Ele tinha certeza de que Eileen iria embora imediatamente. E ele não a culparia. Então, qual era o poder que Glen exercia sobre a esposa?

— Talvez estejamos olhando para isso pelo ângulo errado — disse ao seu reflexo enquanto lavava as mãos no banheiro masculino. — Talvez seja o poder dela sobre Glen? Talvez Jean o tenha levado a isso?

Claro que o nome de Jean estava rabiscado no quadro branco da sala de

investigações quando ele retornou. Os policiais que procuravam “mulheres que não podem ter filhos” estavam discutindo casos anteriores.

— Senhor, em geral são as mulheres agindo sozinhas que pegam as crianças, e elas não vão atrás de crianças de colo — disse um membro da equipe. — Algumas fingem para cônjuges ou parentes que estão grávidas, usando roupas de grávida e enchimento, e então roubam bebês de maternidades ou de carrinhos do lado de fora de lojas para dar vida ao fingimento. Levar uma criança de colo, já um pouco maior, é um grande risco. Crianças pequenas podem resistir muito se estiverem assustadas, e, além disso, o choro chama atenção.

Dan Fry, um dos novos recrutas da força, levantou a mão, e Matthews concordou com a cabeça para que acrescentasse suas ideias. Era jovem, mal saído do centro de convivência da faculdade, e se levantou para falar ao grupo, ignorando a tradição de permanecer sentado e se dirigir ao tampo da mesa.

Fry pigarreou.

— E há também a questão de manter uma criança mais velha fora de vista. É muito mais difícil explicar a amigos e parentes o aparecimento repentino de uma criança de dois anos. Se você está pegando uma criança dessa idade para criar como se fosse sua, também precisa desaparecer. E os Taylor não saíram do lugar.

— Exatamente, hã, Fry, é isso? — pergunta Sparkes, fazendo um gesto para que se sentasse.

As outras equipes haviam descartado sequestro por resgate ou vingança. Dawn Elliott não tinha dinheiro guardado, e os agentes haviam revirado seus anos de adolescente em busca de namorados anteriores e sinais de uso de drogas ou prostituição, para o caso de haver alguma conexão com o crime organizado. Mas não havia nada. Ela era uma garota de cidade pequena que trabalhara em um escritório até se apaixonar por um homem casado e engravidar.

Ainda não tinham encontrado o pai de Bella — o nome com que se apresentara a Dawn parecia ser falso, e o número do celular correspondia a um pré-pago que já não era usado.

— Ele é um irresponsável, chefe — disse Matthews. — Vai em busca de um caso fora do casamento, depois some. A vida de mil representantes de venda. Uma trepada em cada cidade.

“Pedófilos” era tudo o que restava no quadro.

A energia evaporou da sala.

— Enquanto isso, de volta a Glen Taylor — disse Sparkes.

— E Mike Doonan — murmurou Matthews. — E quanto à Operação Ouro?

Mas seu superior pareceu não escutar. Estava prestando atenção nos próprios medos.

Sparkes estava certo de que Glen Taylor já pensava em sua próxima vítima.

Alimentando seus pensamentos com pornografia na internet. Olhar para aquelas imagens se tornara um vício — tão difícil de largar quanto uma droga, segundo os psicólogos.

Sparkes tomara conhecimento dos motivos pelos quais os caras se tornavam dependentes de pornografia na internet — depressão, ansiedade, dificuldades financeiras, problemas no trabalho — e de algumas das teorias sobre a "recompensa química" — o prazer provocado por adrenalina, dopamina e serotonina. Um relatório que ele leu como dever de casa comparava o consumo de pornografia à "excitação do sexo pela primeira vez" para alguns homens, levando-os a buscar a repetição do mesmo barato com imagens cada vez mais radicais. "Um pouco como viciados em cocaína descrevem a sua experiência", acrescentava.

Navegar na internet era um mundo da fantasia seguro e cheio de excitação, um modo de criar um espaço privado no qual cometer crimes.

— É interessante, mas nem todos os viciados em pornografia têm ereções — comentou Sparkes, tempos depois, no refeitório com Matthews.

Ian Matthews ergueu uma sobrancelha enquanto pousava seu cachorro-quente na mesa de fórmica.

— Por favor, chefe, estou comendo. O que está lendo? Parece uma besteira completa.

— Obrigado, professor — cortou ele. — Estou tentando entrar no mundinho obscuro de Glen Taylor. Não vamos chegar lá com interrogatórios, mas ele não será capaz de evitar seu hábito, e estaremos esperando. Vamos encontrá-lo e pegá-lo.

O sargento se recostou pesadamente e voltou a mastigar o almoço.

— Então vamos lá, me diga como.

— Fry, um dos garotos inteligentes que nos enviaram para melhorarmos o nosso desempenho veio me ver ontem. Ele disse que deixamos passar um elemento potencial. Salas de bate-papo. É onde viciados em pornografia e predadores sexuais procuram amigos e perdem as inibições.

O policial Fry fora ao escritório do seu superior, puxando uma cadeira sem ser convidado e tratando a conversa como uma orientação universitária.

— O problema, do meu ponto de vista, é que precisamos que Glen Taylor se revele.

Não brinca, Sherlock, pensou Sparkes.

— Continue, Fry.

— Bem, talvez precisemos entrar no mundo dele e pegá-lo no momento em que estiver mais vulnerável.

— Desculpe, Fry, mas podemos ir direto ao ponto? O que quer dizer com

“mundo dele”?

— Aposto que ele frequenta salas de bate-papo, provavelmente procurando novas possibilidades, e que poderia nos revelar algo fundamental se nos apresentássemos como colegas. Poderíamos usar uma FIHD.

Sparkes ergueu uma sobrancelha.

— Uma FIHD?

— Fonte de Informações Humana Disfarçada, senhor, para vê-lo em ação. Estudamos isso na faculdade, e acho que vale a pena tentar — concluiu, descruzando as pernas compridas e se apoiando na escrivaninha de Sparkes.

Sparkes se encolhera de imediato — física e mentalmente. Não que Fry fosse mais inteligente que ele. Foi a confiança do jovem que o fisgou. *É isso que a universidade faz com você*, pensou.

Maldita formação universitária, ele podia ouvir o pai dizendo. *Um maldito desperdício de tempo. Isso é para pessoas com dinheiro e sem ter o que fazer*.

Não você, era a mensagem para o rapaz de dezessete anos com um formulário na mão.

Não haveria outras discussões sobre o tema. Seu pai era funcionário do conselho municipal e preferia se ater ao seu mundo pequeno e conhecido. “Segurança” era seu lema, e ele conclamava o filho a ter a mesma postura de classe média baixa.

Termine o colégio e consiga um belo emprego em um escritório, Robert. Um emprego para a vida toda.

Bob mantivera sua inscrição na polícia escondida dos pais — engraçado, ele sempre pensara neles como se fossem uma pessoa só, mamãe-e-papai — e a apresentou como um *fait accompli* ao ser aceito. Não usou as palavras “*fait accompli*”, e sim “fato consumado”. Mamãe-e-papai não gostava de coisas estrangeiras.

Ele se saíra bem na polícia, mas sua ascensão não fora meteórica. As coisas não aconteciam assim em sua época; foram palavras como “dedicado”, “perspicaz” e “metódico” que pontuaram suas avaliações e promoções.

A nova cria de formandos entrando em ritmo acelerado ficaria envergonhada se fosse descrita da mesma forma, pensou Sparkes.

— O que sabe sobre salas de bate-papo? — perguntou ele, e Fry, que nem sequer parecia se barbear, quanto mais procurar sexo na internet, contou-lhe que havia escrito uma dissertação sobre o tema.

— Minha orientadora de psicologia está pesquisando os efeitos da pornografia na personalidade. Tenho certeza de que ela nos ajudaria — contou.

*

No fim da semana, Sparkes, Matthews e Fry estavam a caminho da universidade do jovem policial em Midlands. A Dra. Fleur Jones os cumprimentou junto ao elevador, e parecia tão jovem que Sparkes achou que era uma aluna.

— Estamos aqui para falar com a Dra. Jones — disse Matthews, e Fleur riu, acostumada à confusão causada por seu cabelo pintado de vermelho, o piercing no nariz e a minissaia.

Secretamente, ela adorava essa confusão.

— Sou eu. Vocês devem ser o detetive Sparkes e o sargento Matthews. Prazer em conhecê-los. Olá, Dan.

Os três homens se enfiaram no espaço apertado que servia de sala de trabalho de Fleur Jones. Sparkes e Matthews começaram a examinar as paredes, pela força do hábito. O quadro de avisos estava coberto de desenhos infantis, mas, quando se concentraram nos detalhes, eles se deram conta de que eram imagens pornográficas.

— Meu Deus — disse Bob Sparkes. — Quem fez isso? Não são os trabalhos de arte habituais do jardim de infância.

A Dra. Jones sorriu pacientemente, e Fry deu um risinho afetado.

— Faz parte da minha pesquisa — contou. — Colocar consumidores habituais de pornografia para desenhar o que veem na internet pode revelar traços de personalidade e permitir que enxerguem as coisas de modo diferente, talvez os tornando capazes de identificar os seres humanos por trás dos objetos sexuais que procuram.

— Certo — disse Sparkes, imaginando o que os criminosos sexuais em sua área criariam se recebessem lápis de cera. — Bem, Dra. Jones, não queremos tomar muito do seu precioso tempo, então podemos passar para a razão pela qual estamos aqui?

A psicóloga cruzou as pernas nuas e assentiu, concentrada, sem romper o contato visual. Sparkes tentou copiar sua linguagem corporal, mas não conseguiria cruzar as pernas sem chutar Matthews, e começou a ficar com um pouco de calor.

A Dra. Jones se levantou e abriu a janela.

— Está ficando meio abafado aqui; me desculpem, é uma sala pequena.

Sparkes pigarreou e começou.

— Estamos investigando o desaparecimento de Bella Elliott, como o policial Fry lhe contou. Temos um suspeito, mas estamos procurando novas abordagens para descobrir se ele sequestrou a criança. Ele tem um grande interesse por imagens sexuais de crianças e de adultos vestidos como criança. Há imagens no computador dele. O suspeito alega que os downloads não foram intencionais.

A Dra. Jones se permitiu um pequeno sorriso de identificação.

— Ele é muito manipulador, e está transformando os nossos interrogatórios em uma aula de evasivas.

— Viciados são mentirosos brilhantes, inspetor. Mentem para si mesmos e, em seguida, para todos os outros. Ficam em estado de negação em relação ao problema e são especialistas em inventar justificativas e colocar a culpa nos outros — disse a Dra. Jones. — Dan me disse que vocês estão interessados em tentar interagir com o suspeito em salas de bate-papo.

Ela não pode ter mais de trinta, pensou Sparkes.

A psicóloga considerou o tempo da pausa e deu um sorriso deliberado.

— Err, sim, sim, isso mesmo — respondeu Sparkes. — Mas precisamos entender mais sobre essas salas de bate-papo e sobre como abordar nosso homem.

A isso se seguiu uma palestra sobre como encontrar parceiros sexuais na internet, e os detetives mais velhos acompanhavam com dificuldade. Não que fossem analfabetos digitais — o problema era que a grande proximidade da Dra. Jones e suas pernas inquietas os distraía demais, e eles não conseguiam se concentrar. No fim, Dan Fry assumiu, usando o computador da psicóloga para levar seus chefes ao mundo da ciberfantasia.

— Como estou certo de que sabem, isso é basicamente uma troca instantânea de mensagens — começou. — Você entra em uma sala de bate-papo destinada a solteiros, digamos, ou adolescentes, usa um apelido para esconder sua verdadeira identidade e pode se comunicar com todos os outros naquela "sala", ou apenas com uma pessoa. Você simplesmente começa a conversar escrevendo mensagens. Eles não conseguem se ver, de modo que podem ser qualquer um. Esse é o atrativo para os predadores. Podem assumir uma nova identidade, ou gênero, ou faixa etária. Lobos em peles de cordeiro — explicou Fry.

Assim que é estabelecido o contato com uma determinada pessoa — uma adolescente, talvez —, o predador pode persuadi-la a dar seu endereço de e-mail para que a relação se desenrole em particular.

— Depois que estabelecem contato direto, tudo é possível. Para adultos isso não é um problema, mas jovens muitas vezes são enganadas ou impelidas a posar para fotos explícitas usando a webcam. O predador então pode chantageá-las para que façam outras coisas. Vidas arruinadas logo no início — acrescentou Fry.

Resumo encerrado, Sparkes deu uma olhada em uma sala de bate-papo para maiores de dezoito anos. Matthews tinha sugerido o apelido Supergaranhão, e soltou uma bufada quando o chefe escolheu Mr. Darcy — o personagem preferido de Eileen. Mas o Mr. Darcy foi recebido por uma avalanche de mensagens sedutoras de pretensas Elizabeth Bennets que rapidamente se

tornaram propostas sexuais.

— Droga — xingou ele, à medida que as mensagens explícitas subiam pela tela. — Um pouco diretas demais para Jane Austen, não?

A Dra. Jones riu atrás dele. Ele saiu da sala e se virou para encará-la.

— Mas como encontramos Glen Taylor? — perguntou. — Deve haver centenas dessas salas de bate-papo.

Fry já tinha um plano.

— Sim, mas temos o computador dele, então sabemos onde ele esteve. Taylor é inteligente, e quando a Operação Ouro começou a mostrar as garras ele provavelmente deletou arquivos e dados de navegação, mas ainda estão lá no disco rígido, invisíveis para ele, mas bem visíveis para o pessoal do laboratório de perícia. Eles cavam todo tipo de informação, e nós sabemos aonde ele vai.

Sparkes se viu concordando, seduzido pela imagem mental do rosto de Taylor ao ser preso. Quase podia sentir o cheiro da culpa de Glen. Tentou se concentrar nos aspectos práticos.

— "Nós" sendo exatamente quem? — perguntou.

— Fleur e eu poderíamos criar um personagem, um histórico e um roteiro com algumas palavras-chave para usar — disse o policial Fry, vermelho de animação com a perspectiva de um trabalho de detetive de verdade, e a Dra. Jones murmurou em concordância.

— Isso poderia ser muito valioso para minha pesquisa.

O acordo parecia fechado, mas Matthews interrompeu com a pergunta que ninguém havia feito.

— Isso é legal?

Os outros na sala o encararam.

— Pode ser usado como prova no tribunal, senhor? Isso poderia ser considerado uma armadilha — insistiu.

Sparkes ficou pensando se Matthews estaria reagindo à esperteza do garoto novo. Ele não sabia a resposta, mas Fry lhe ofereceu uma saída possível.

— Pelo que vi, não temos um caso que possa ser destruído, senhor. Por que não vemos antes até onde podemos chegar? Depois podemos voltar a essa questão — sugeriu.

Matthews pareceu infeliz, mas Sparkes fez que sim, concordando.

CAPÍTULO 22

Terça-feira, 12 de junho de 2007

A VIÚVA

Os aniversários são coisas engraçadas. Todos parecem adorar, mas morro de medo deles — a aproximação, a pressão para ser feliz, se divertir, a decepção quando não consigo. Faço trinta e sete anos hoje, e Glen está lá embaixo preparando uma bandeja de café da manhã. Ainda é cedo e não estou com fome, de modo que a comida será como serragem em minha boca, mas vou ter que dizer que amei. Que o amo. E amo. Mesmo. Ele é o meu mundo, mas em todo aniversário me pergunto se esse ano haverá um milagre e teremos um bebê.

Tento não pensar nisso, mas nos aniversários é difícil. É aquele momento em que você se dá conta de que outro ano se passou, não é? Sei que há muito mais acontecendo, mas não consigo evitar.

Poderíamos adotar uma criança estrangeira. Li todas aquelas matérias sobre bebês chineses, mas não consigo dizer nada a Glen sem aborrecê-lo.

Aí vem ele. Ouço as xícaras e os pratos chacoalhando na bandeja. Ele é só sorrisos, e há uma rosa vermelha em um vaso ao lado do ovo cozido. Ele canta "Parabéns pra você" enquanto se aproxima do meu lado da cama, com uma voz engraçada para me fazer rir. "Muitas felicidades, muitos anos de vida, querida Jeanie", ele canta suavemente, e beija minha testa, meu nariz e minha boca.

Isso me faz chorar, então ele tira a bandeja do meu colo e se senta para poder passar os braços ao meu redor.

— Desculpe, querido. Não sei o que há de errado comigo — digo, tentando sorrir.

Ele faz "shhh" para que eu fique em silêncio e vai pegar o cartão e o presente no armário.

É uma camisola. Renda *broderie anglaise* branca com laços rosa. Como a de uma garotinha.

— É linda — digo, dando-lhe um beijo. — Obrigada, querido.

— Experimente — pede ele.

— Mais tarde. Preciso ir ao banheiro.

Não quero vestir. Vou ao banheiro e tomo um "comprimido da Jeanie". Odeio aniversários.

Pouco antes do aniversário de Bella, em abril, o primeiro desde o seu desaparecimento, fui a uma loja Smith's comprar um cartão para ela. Passei séculos olhando para as imagens e as mensagens, e escolhi um com os Teletubbies e um broche dizendo "Eu tenho três anos", porque li nos jornais que ela gostava muito deles.

Eu não sabia o que escrever, então me sentei em um banco do parque para pensar nela. Não estou triste, porque sei que ela está viva. A mãe dela e eu acreditamos que ela está viva. Glen também acha. Acreditamos que algum casal cuja filha morreu pegou Bella e fugiu para o exterior. Fico imaginando se a polícia considerou essa hipótese. Espero que Glen tenha apresentado a eles essa teoria.

Então escrevo "Querida Bella. Feliz aniversário. Espero que volte logo para casa", e ponho alguns beijos. Eu a coloco como destinatária, Srta. Bella Elliott. Não sei o número da casa, mas espero que o carteiro saiba. A mãe diz que recebe dezenas de cartas todos os dias. Disse no programa *Woman's Hour* que algumas cartas são nojentas, de pessoas "loucas" lhe dizendo que ela mereceu perder Bella. Uma dessas deve ser minha.

Escrevi no começo, período em que estava com muita raiva dela por ter deixado Bella sozinha quando eu nem ao menos podia ter um bebê. Queria que soubesse como tinha errado. Também não assinei aquela.

Coloquei um selo no cartão de aniversário, que estava volumoso por causa do broche, e voltei para casa passando pela agência dos correios.

No dia do aniversário, 28 de abril, Dawn estava em um programa matutino na TV com um bolinho e três velas. Usava o broche de aniversário que eu tinha mandado junto a outro, com os dizeres "Encontrem Bella". Ela agradeceu a todos pelos cartões e presentes adoráveis e disse que não iria desembrulhá-los até que Bella voltasse para casa. A mulher que fazia a entrevista ficou sem fala, emocionada.

Desembrulhei o presente que havia comprado para ela — um bebê de brinquedo com cabelo dourado e um vestido branco e rosa — e o coloquei em minha cama.

Pude fazer isso porque Glen não estava em casa. Tinha saído para dar uma volta de carro. Não retornaria tão cedo, e até então eu poderia passar um tempo com Bella.

Tenho fotos dela publicadas em jornais, além de algumas coloridas de revistas, muito boas. Decidi não colocar essas fotos nos meus álbuns de recortes porque ela é real e especial, e espero conhecê-la um dia. Quando voltar para casa.

Faz parte dos meus planos: como iremos nos encontrar em um parque. Ela saberá que sou eu e chegará correndo, rindo e quase tropeçando de tão rápido que corre. Seus bracinhos agarrarão minhas pernas, eu me curvarei, a pegarei no colo e girarei com ela.

É o meu devaneio preferido, mas está começando a tomar conta do meu dia. Às vezes me flagro sentada à mesa da cozinha e o relógio me diz que passei mais de uma hora ali, e não me lembro de sentir o tempo transcorrer. Às vezes me

flagro chorando, mas não sei exatamente por quê. Fui conversar com o médico. Não mencionei Bella, mas ele sabe tudo sobre as “circunstâncias” de Glen, como ele diz, e saí de lá com uma nova receita.

— A senhora precisa de alguma paz de espírito, Sra. Taylor — disse ele, tirando essa paz do receituário. — Já pensou em dar uma pausa de tudo o que está acontecendo?

Ele tem boas intenções, mas não há pausa a ser dada. Não posso deter os pensamentos pegando um avião para algum lugar. Não os controlo mais — nem a qualquer outra coisa. Sou uma passageira, não a motorista, quero dizer a ele. De qualquer maneira, os comprimidos iriam me levar a ser Jeanie quando fosse preciso.

A mãe de Bella está na TV o tempo todo. É entrevistada em todos os programas, dizendo as mesmas coisas sobre o “seu anjo” e como toda noite chora até dormir. Ela nunca perde uma oportunidade. Fico imaginando se estará sendo paga.

Levanto essa questão tarde da noite em um programa de rádio aberto aos ouvintes. Chris, de Catford, telefona imediatamente para me apoiar.

— Que tipo de mãe ela é? — guincha ele.

Fico contente que outras pessoas também consigam ver a sua verdadeira natureza.

Desde que me “aposentei”, como Glen chama, passo os dias vendo TV, fazendo caça-palavras em livros de passatempos e participando de programas de rádio pelo telefone. Engraçado, eu achava que rádio era para pessoas inteligentes — toda aquela falação. Mas comecei a sintonizar em uma rádio comercial local para ter alguma companhia e fui fisgada. Há meio que um bando de gente que telefona — as mesmas vozes, semana após semana. O velho que deseja que todos os imigrantes sejam expulsos, a mulher que não consegue pronunciar a letra “r” e acha que os políticos deveriam ser jogados na *plisão*, o jovem que culpa as mulheres pelo aumento do número de crimes sexuais. Eles começam com raiva e as vozes ficam mais agudas e mais altas à medida que se animam. Não importa qual seja o tema, estão sempre ultrajados, e acabei me viciando.

Finalmente peguei o telefone um dia, quando estavam discutindo se os pedófilos podiam ser curados. Falei que meu nome era Joy e afirmei ao apresentador que os pedófilos deveriam ser enforcados. Isso caiu bem, pois houve uma avalanche de telefonemas concordando. E foi assim. Eu me tornei um deles. Mudava meu nome praticamente toda semana. Ann, Kerry, Sue, Joy, Jenny, Liz. Era maravilhoso ser outra pessoa, mesmo que por noventa segundos, e ter alguém me escutando sem saber com quem eu era casada nem me julgando.

Descobri que tinha muitas opiniões. Eu podia ser a Sra. Raivosa ou uma

“liberal de coração partido”, como diz Glen. Podia ser quem quisesse.

E isso me impediu de ficar solitária. Claro, Lisa havia sumido, junto com o resto da minha vida. De início continuou a aparecer e a me convidar para ir à casa dela. Queria saber tudo o que estava acontecendo e foi muito gentil comigo. Disse que não acreditava em uma palavra daquilo. Mas as crianças não vinham mais. Sempre havia uma desculpa: Kane estava resfriado, Daisy estava praticando balé para uma prova, a irmã de Lisa ia passar um tempo na casa deles. Depois ela fechou o portão com um prego. Apenas um, no alto.

— Eu estava preocupada com invasões — disse ela. — Você entende, Jeanie?

E eu tentei entender.

CAPÍTULO 23

Segunda-feira, 18 de junho de 2007

O DETETIVE

No fim de semana, Dan Fry e Fleur Jones haviam escolhido o nome Jodie Smith. Jodie porque achavam que tinha um tom infantil, e Smith pelo anonimato, por ser bem comum. Jodie era uma mulher de vinte e sete anos nascida em Manchester, secretária júnior em um escritório municipal e havia sofrido abusos do pai quando criança e ficava excitada se vestindo como criança para fazer sexo.

— Não é exatamente sutil — comentou Sparkes ao receber o primeiro rascunho do histórico horripilante. — Ele não vai cair nessa. Não dá para amenizar um pouco? De qualquer forma, por que uma mulher que sofreu agressão sexual iria querer reviver isso depois de adulta?

Fry suspirou. Estava impaciente para começar, para finalmente fazer algum trabalho policial de verdade em vez de agir como menino de recados da sala de investigações, mas podia sentir que o clima estava mudando; o inspetor estava recuando.

— É uma boa pergunta, senhor — disse, usando sua técnica preferida de reforço positivo.

Sparkes achou Fry um cretino condescendente, mas decidiu ouvi-lo.

O policial mais jovem destacou que Jodie era baseada em um estudo de caso real, que produzira uma detalhada análise de motivos psicológicos, distúrbio de estresse pós-traumático, encenação e o lado escuro da sexualidade humana. Sparkes pareceu impressionado e interessado, suas dúvidas temporariamente colocadas de lado.

— O que a Dra. Jones disse? Ela concordou com isso? — perguntou.

— Sim, senhor — respondeu Fry. — Li o rascunho final para ela pelo telefone hoje de manhã. Ela pareceu satisfeita, e mandarei por e-mail em um minuto para que ela faça as suas observações.

— Certo. Assim que tivermos a aprovação dela, apresentaremos a estratégia ao inspetor-chefe — falou Sparkes.

*

O inspetor-chefe Brakespeare adorava novas ideias. Inovação era o seu lema, juntamente com um punhado de outros chavões corporativos — e, o mais importante, ele estava tão determinado quanto Sparkes a pegar Taylor.

— Isso pode ser ótimo para nós — disse, esfregando as mãos enquanto os

ouvia. — Vamos levar ao superintendente-chefe.

Foi decidido colocar a equipe inteira diante do superintendente-chefe Parker. A reunião foi um clássico. A Dra. Jones chegou usando uma roupa que parecia pijama, com um diamante reluzindo em uma narina, e Parker estava sentado atrás de sua escrivaninha de senhor do universo, de uniforme completo e brilhantina no cabelo.

Ele escutou em silêncio enquanto o inspetor-chefe Brakespeare delineava o plano e a avaliação de risco, e citava a legislação específica sobre trabalho disfarçado, depois assoou o nariz e disse:

— Onde estão as evidências de que isso vai funcionar? Alguém já tentou? Isso me parece uma armadilha.

Brakespeare, Sparkes e Fry se revezaram para oferecer respostas, e a Dra. Jones contribuiu com dados científicos e charme. Finalmente, o superintendente Parker ergueu as mãos e anunciou sua decisão.

— Vamos tentar. Se não tivermos as provas, dificilmente conseguiremos apresentar isso diante de um júri. Precisamos nos assegurar de que nossas mãos estejam limpas; sem incitação nem condução. Tudo de acordo com o regimento. Reunimos provas, depois vemos se o juiz as aceita. Vamos encarar os fatos: se Taylor nos levar até um corpo, não importará como chegamos até ele.

Depois que os outros tinham ido embora, ele chamou Sparkes de volta para perguntar sobre Fleur Jones.

— Ela tem algum problema, Bob? Parece ter se vestido no escuro, e estamos confiando nela como nossa especialista. Ela resiste a um interrogatório da defesa?

Sparkes se sentou novamente.

— Perfeitamente, senhor. Ela conhece bem a área; tem diplomas e ensaios de pesquisa saindo pelas orelhas.

Parker pareceu duvidar.

— Ela é especializada em desvios sexuais, e com frequência trabalha com criminosos — prosseguiu Sparkes. — E isso é só o pessoal da universidade.

A piada foi um fracasso.

— Certo — disse o superintendente-chefe. — Certo, ela é qualificada, mas por que ela, e não nosso pessoal?

— Porque ela já tem uma excelente relação de trabalho com Fry; ele confia nela. E ela vai parecer bem diante de um júri.

— Isso é o que você diz, Bob. Vamos ver como ela se sai, mas se assegure de acompanhar cada passo do processo.

Sparkes fechou a porta silenciosamente.

Ele se juntou a Fleur Jones e os outros no laboratório de perícia para uma

excursão pelo playground virtual de Glen Taylor. Não foi uma experiência edificante, mas a Dra. Jones pareceu ser a menos afetada. Eles ficaram de pé atrás do técnico, enquanto ele descia a barra de rolagem com a lista de sites da internet e salas de bate-papo que haviam encontrado no disco rígido de Taylor na primeira busca, identificando os sites favoritos, os horários em que os visitou, a duração da estadia e outros hábitos úteis. LolitaXXX parecia estar no topo da sua lista de sites pornográficos, e ele frequentava as salas de bate-papo Diversão Adolescente e Lounge das Garotas, usando cinco identidades diferentes, que incluíam os apelidos Queméopapai e Ursão. Matthews fez uma careta.

— Definitivamente ele não é um Mr. Darcy, chefe.

As conversas públicas de Taylor eram bastante inócuas, com flertes e piadinhas — o tipo de papo furado que se ouve em uma festa de adolescentes. As coisas mais explícitas aconteciam fora das salas de bate-papo. A caixa de entrada de um endereço de e-mail usado apenas para suas "excursões sexuais", como Taylor as chamava em suas mensagens, ofereceu um vislumbre mais sinistro de seu mundo secreto. Ali, persuadia usuárias a se juntarem a ele. Pelas imagens recebidas, algumas eram adolescentes, outras adultas, mas todas pareciam crianças.

Sparkes pediu uma cópia impressa de todas as conversas nas salas de bate-papo e dos e-mails particulares, e Fry os pegou para debater com a Dra. Jones.

— Ele está à altura disto? — perguntou Matthews. — Ele acabou de chegar aqui e não tem nenhuma experiência operacional.

— Eu sei, mas ele tem o conhecimento... E vamos estar lá em todas as etapas. Vamos dar uma chance a ele — respondeu Sparkes.

— Você vai se chamar Cachinhos Dourados? Tem certeza? — reagiu Matthews, rindo quando Fry e sua tutora voltaram ao escritório de Sparkes.

Fry fez que sim com a cabeça.

— Achamos que isso apelará ao seu interesse por crianças e fantasia — explicou.

— Droga. Duvido que ele vá cair nessa.

Mas caiu. Cachinhos Dourados conheceu Ursão e flertou discretamente por uma semana. Fry e Matthews passaram horas sentados diante de uma tela de computador, sua vida profissional confinada em uma salinha no departamento de perícia iluminada por uma lâmpada fluorescente que zumbia. Na parede ao lado, estava colada a história da vida de Jodie. Fry encontrara no Facebook a foto de uma garota de quem tinha gostado na faculdade e pôs uma ampliação do retrato logo acima da tela.

— Oi, Cachinhos.

— Como vão as coisas?

— Como está se sentindo hoje à noite?

Sparkes, volta e meia observando por cima do ombro, sentia uma mistura de animação e náusea enquanto evoluía o tango noturno com Glen Taylor. Fleur Jones dera um extenso treinamento a Dan Fry, e estava a postos no telefone caso precisassem dela, mas, mesmo com Matthews na sala, Sparkes temia que o seu recruta mais novo se sentisse muito solitário.

Ele tinha feito uma aposta arriscada e se dera conta de que tudo aquilo significava subir na hierarquia. Mas também sabia que podia acabar com ele se tudo desse errado.

— Vai funcionar — dizia Fry quando a animação diminuía.

De tempos em tempos, outro membro da equipe enfiava a cabeça pela porta.

— Já transou com ele? — perguntou um deles a Fry.

— Ele perguntou qual é a cor dos seus olhos? — quis saber outro.

Matthews tinha rido, entrado na brincadeira, mas Sparkes se deu conta de que o jovem detetive se tornara uma atração de circo. Certa noite ele teve um vislumbre de Fry refletido na janela atrás da escrivaninha. Ele se afastara do teclado e estava esparramado, pernas estendidas e coluna curvada sobre o encosto. Talvez se dando conta de que provavelmente era a imagem espelhada da sua presa, Fry se empertigou instintivamente.

O jovem policial também tinha que se envolver com outros homens nas salas de bate-papo para que Taylor não se sentisse escolhido a dedo, e o humor pueril e as intermináveis insinuações estavam começando a desgastá-lo. Ele disse que podia vê-los. Camisetas de heavy metal e calvície.

Sparkes começou a temer que ser a isca fosse demais para ele.

Não podia duvidar da dedicação do novato — ele encontrou Fry folheando revistas femininas para entrar no personagem e começando a falar sobre TPM, para grande desgosto de Matthews.

E estava demorando demais. Após quinze noites na sala de bate-papo, Matthews estava ficando inquieto, e disse ao chefe que aquilo era uma perda de tempo.

— O que você diz, Daniel? — perguntou Sparkes.

Era a primeira vez que ele usava o nome do policial júnior, e Fry se deu conta de que estava sendo colocado no controle da situação.

— Estamos construindo uma relação com ele, porque não queremos que seja uma sessão rápida de sexo. Queremos que ele fale. Por que não damos mais uma semana?

Sparkes concordou e Fry, brilhando com uma nova noção de poder, contatou sua antiga tutora para aumentar a aposta. Ela inicialmente ficou em dúvida, mas ambos concordaram que Jodie deveria se fazer de difícil e desaparecer por uns

dias, depois jogar duro com Glen.

— Onde você esteve? — perguntou Ursão quando Cachinhos Dourados reapareceu. — Achei que tivesse perdido você na floresta.

— Meu pai disse que eu estava passando tempo demais no computador — respondeu Cachinhos Dourados. — Ele me colocou de castigo.

Os dois sabiam que ela tinha vinte e sete anos, mas o jogo continuou.

— Como?

— Não quero dizer. Posso me meter em apuros de novo.

— Continue.

Então ela conseguiu. U, como ela passara a chamá-lo, foi fisgado.

— Por que não nos encontramos em algum lugar on-line onde seu pai nunca nos descubra? — sugeriu ele.

CAPÍTULO 24

Terça-feira, 10 de julho de 2007

O DETETIVE

Glen Taylor disse que estava digitando suavemente, contando à nova amiga que todos na casa dormiam, exceto ele.

Cachinhos, como passara a chamá-la, finalmente mandara uma foto sua, de baby-doll, e ele estava tentando convencê-la a tirá-lo.

O investigador Sparkes pedira a Fleur Jones que estivesse presente durante todas as conversas particulares por e-mail com Taylor, e ambos estavam sentados atrás de Dan Fry, mal iluminados pelo brilho da tela.

“Você é muito doce, Cachinhos. Minha linda menina.”

“Sua garotinha malvada. Você sabe que eu faço o que você quiser.”

“Isso mesmo. Minha garotinha malvada.”

A isso se seguiu uma série de instruções de U que Cachinhos disse estar obedecendo, e gostando. Quando terminou, Dan Fry deu o próximo passo. Não fazia parte do roteiro que a Dra. Jones havia preparado, mas ele claramente estava ficando impaciente.

— Você já teve alguma garotinha malvada antes? — perguntou Fry.

Pelo reflexo na janela, Sparkes pôde ver Fleur erguendo a mão para pedir cautela.

— Sim.

— Era uma garotinha de verdade, ou como eu?

— Eu gosto de ambas, Cachinhos.

A Dra. Jones fez um gesto para que ele retornasse ao roteiro combinado. Estavam indo rápido demais, mas Taylor parecia pronto para se abrir.

— Fale sobre as suas outras garotinhas malvadas. O que você fazia com elas?

E Glen Taylor contou. Contou a ela sobre suas aventuras noturnas na internet, seus encontros, suas decepções e vitórias.

— Mas já fez de verdade? Na vida real? — perguntou Dan, e os três prenderam a respiração.

— Você gostaria disso, Cachinhos?

Sparkes ia levantar a mão, mas Fry já estava digitando.

— Sim. Eu gostaria muito disso.

Ele contou que já tinha feito. Ele uma vez encontrara uma garotinha de verdade. Sparkes acenou. Aquilo estava acontecendo rápido demais para que conseguisse pensar direito. Olhou para Fleur Jones, que se levantou da cadeira e se colocou de pé atrás do protegido.

Fry mal conseguia digitar de tanto que tremia.

— Eu estou muito excitada. Fale sobre sua garotinha de verdade.

— O nome dela começava com B — contou Glen. — Consegue adivinhar?

— Não. Me conte você.

O silêncio os sufocava enquanto os segundos passavam e eles esperavam pela peça final da confissão.

— Me desculpe, Goldie, tenho que ir. Tem alguém batendo à minha porta. Conversamos depois...

— *Merda* — disse Fry, apoiando a cabeça na escrivaninha.

— Ainda acho que o pegamos — disse Sparkes, olhando para a Dra. Jones, que concordava com firmeza.

— Para mim ele disse o suficiente.

— Vamos mostrar isso aos outros — disse Sparkes, e se levantou. — Excelente trabalho, Fry. De verdade.

*

Oito horas depois, os três estavam sentados no escritório do inspetor-chefe, defendendo que era hora de prender e acusar Glen Taylor.

O inspetor-chefe Brakespeare escutou com atenção, leu as transcrições e tomou algumas anotações, antes de se sentar para dar o veredicto.

— Em nenhum momento ele usou o nome Bella — falou.

— Não, não usou... — começou Sparkes.

— Fry foi longe demais no estímulo?

— Estamos conversando com a equipe legal, mas à primeira vista eles estão à vontade com isto. É sempre um ajuste fino, não é?

— Mas nós temos Glen falando sobre uma garotinha de verdade começando com B — interrompeu Brakespeare. — Vamos trazê-lo novamente e confrontá-lo com isso. Dizer que temos uma declaração juramentada de Cachinhos Dourados.

Todos assentiram.

— Temos ótimos motivos para ter seguido este caminho: nós o flagramos na área naquele dia, a van azul, a pornografia infantil no computador dele, sua natureza predadora exposta nas revelações das salas de bate-papo, um álibi frágil da esposa. E, principalmente, o risco de novos crimes.

Todos assentiram novamente.

— Você acredita que ele é o nosso homem, Bob? — perguntou Brakespeare finalmente.

— Sim, acredito — grunhiu Sparkes, a boca seca de ansiedade.

— Eu também. Mas precisamos de mais para pegá-lo. Pente-fino, Bob.

Reviste a casa novamente enquanto estamos com ele aqui. Deve haver alguma coisa que o ligue ao local do crime.

*

A equipe foi mandada novamente pela rodovia M3 até o subúrbio no sul de Londres para recomeçar.

— Tragam tudo que ele já tenha usado — disse Sparkes. — Tudo. Simplesmente esvaziem os armários.

Foi apenas por acaso que eles pegaram a jaqueta preta e estofada de Jean Taylor. Estava enfiada entre o casaco de inverno e uma camisa social do marido, e foi ensacada e etiquetada, como todo o restante.

O perito que recebeu os sacos os separou por tipo e começou os testes com as roupas de sair, já que provavelmente teriam entrado em contato com a vítima do crime primeiro.

Os bolsos da jaqueta foram esvaziados, e o conteúdo foi novamente embalado. Havia apenas um item. Um fragmento de papel vermelho, mais ou menos do tamanho da unha do polegar do perito. Na agitação do laboratório, ele passou pelo processo de procurar digitais e fibras, retirando com fita adesiva qualquer evidência e a catalogando minuciosamente.

Nada de digitais, mas partículas de terra e o que parecia ser pelo de um animal. Mais fino que um fio de cabelo humano, mas ele precisaria examinar ao microscópio para ter mais detalhes sobre cor e espécie.

Tirou as luvas e foi até o telefone na parede.

— Detetive Sparkes, por favor.

*

Sparkes desceu correndo a escada, dois degraus de cada vez. O perito lhe dissera que não era necessário descer — “É cedo demais para ter certeza de alguma coisa, senhor” —, mas Sparkes queria ver o pedaço de papel. Para ter certeza de que era de verdade e não iria desaparecer em uma nuvem de fumaça.

— Estamos comparando as partículas de terra com aquelas encontradas na van de Glen Taylor no primeiro exame — disse o perito, calmamente. — Se forem correspondentes, podemos considerar que o papel estava na van. E podemos lhe dizer que tipo de papel é, senhor.

— Aposto que é um pedaço de uma embalagem de Skittles — disse Sparkes. — Olhe a cor. Continue com isso, cara. Sabe de que tipo de animal vem o pelo? Poderia ser um gato?

O perito ergueu a mão.

— Posso descobrir isso agora mesmo. Vou analisar no microscópio. Mas não podemos identificar se veio de um animal específico. Não é como nos humanos. Mesmo se tivermos pelos com os quais comparar, não podemos afirmar categoricamente que veio de um determinado animal. O mais longe a que podemos chegar, se tivermos sorte, é dizer que veio da mesma raça.

Sparkes passou as mãos no cabelo.

— Consiga uma amostra de Timmy Elliott imediatamente, e veremos.

Ele ficou rondando na sala, e o perito o mandou embora.

— Precisamos de algum tempo. Ligo assim que tivermos os resultados.

*

De volta ao seu escritório, Matthews e Sparkes desenharam um diagrama de Venn, colocando todas as possíveis novas evidências em círculos interconectados para que pudessem ver em que ponto estavam.

— Se o papel for de uma embalagem de Skittles e o pelo for de um gato da mesma raça que Timmy, isso poderia colocar Jean Taylor no local do crime — disse Matthews. — O casaco é dela. Tem que ser. É pequeno demais para Glen.

— Eu vou pegá-la — disse Sparkes.

CAPÍTULO 25

Quinta-feira, 12 de julho de 2007

A VIÚVA

Claro que a polícia não desistiu. Eles se debruçaram sobre Glen com sua van, sua suposta pornografia infantil e seu “mau comportamento”. Eles nunca o deixarão em paz. O advogado dele disse que tentarão processá-lo no mínimo por aquelas fotografias.

As visitas e os telefonemas do inspetor Sparkes se tornaram parte da nossa vida. A polícia está montando um caso, e nós acompanhamos tudo do lado de fora.

Digo a Glen que deveria simplesmente contar à polícia sobre o “trabalho particular” e onde esteve naquele dia, mas ele insiste que isso pioraria as coisas.

— Vão dizer que mentimos a eles sobre tudo, Jeanie.

Estou com muito medo de fazer algo que piore as coisas, de cometer algum deslize. Mas, no fim das contas, foi Glen quem nos derrubou, não eu.

A polícia veio pegá-lo hoje para um novo interrogatório. Eles o levaram de volta a Southampton. Ao sair, ele me deu um beijo na bochecha e disse para não me preocupar.

— Você sabe que tudo ficará bem — garantiu, e eu assenti. E esperei.

A polícia levou mais coisas de Glen. Todas as roupas e todos os sapatos que não tinham levado antes. Pegaram coisas que ele acabara de comprar. Tentei explicar isso aos policiais, mas eles insistiram em levar tudo. Levaram até mesmo minha jaqueta por engano. Eu a tinha pendurado no espaço dele no armário porque o meu lado estava cheio.

*

No dia seguinte, Bob Sparkes apareceu e me convocou a ir com ele até Southampton para um interrogatório. Não me disse nada no carro, apenas que queria que eu ajudasse com a investigação.

No entanto, quando chegamos à delegacia, ele me colocou em uma sala de interrogatório e leu os meus direitos. Depois me perguntou se eu havia levado Bella. Eu tinha ajudado Glen a pegar Bella?

Não conseguia acreditar que Bob Sparkes estivesse me perguntando aquilo. Eu ficava repetindo: “Não, claro que não. E Glen não a levou”, mas ele não estava prestando atenção. Estava passando para o ponto seguinte.

Como se fosse um mágico, ele tirou um saco plástico, e de início não consegui ver nada dentro, mas no fundo havia um pedaço de papel vermelho.

— Encontramos isto no bolso do seu casaco, Sra. Taylor. É de uma embalagem de Skittles. A senhora come muito Skittles?

Por um momento eu não sabia do que ele estava falando, mas depois me lembrei. Devia ser o pedaço de embalagem de doce que estava sob o carpete na van e eu tinha pegado.

Ele deve ter visto meu rosto mudar e continuou me pressionando. Ficou repetindo o nome de Bella. Eu disse que não conseguia me lembrar, mas ele sabia que eu não estava dizendo a verdade.

No fim acabei contando a ele, para que parasse de me perguntar. Disse que poderia ser um pedaço de papel que eu tinha encontrado na van. Apenas um pedaço de lixo, poeirento e sujo. Eu havia colocado no bolso para jogar fora depois, mas acabei esquecendo.

Aleguei que era apenas uma embalagem de doce, mas o Sr. Sparkes disse que haviam encontrado um pelo de gato grudado no papel. Um pelo de gato cinza. Como o do gato no jardim de Bella. Eu disse que aquilo não provava nada. O pelo podia ter vindo de qualquer lugar. Mas tive que dar uma declaração.

Eu esperava que não dissessem nada a Glen antes que eu tivesse uma oportunidade de explicar. Quando estivéssemos em casa, eu lhe diria que os policiais haviam me forçado a contar. Que aquilo não importava. Mas não tive a chance. Glen não voltou para casa.

Aparentemente ele continuou vendo pornografia na internet. Não consegui acreditar que tivesse sido tão idiota quando Tom Payne, advogado de Glen, me contou. Ele sempre foi o inteligente da família.

A polícia tinha levado o computador dele, claro, mas Glen comprara um pequeno laptop barato e um roteador wi-fi — "para trabalhar, Jeanie" — e ficava no outro quarto quando entrava em salas de bate-papo sobre sexo, ou seja lá qual fosse o nome daquilo.

Foi tudo muito esperto — colocaram um policial fingindo ser uma jovem mulher na internet conversando com ele. Ela chamava a si mesma de Cachinhos Dourados. Quem cairia nessa? Glen, pelo visto.

Mas não se tratava apenas de bate-papo. Tom queria me preparar para o que poderia sair nos jornais, então me contou que, no fim das contas, Cachinhos Dourados fizera sexo virtual com Glen. Era sexo sem contato físico, disse Glen, tentando me explicar quando o visitei pela primeira vez.

— São apenas palavras, Jeanie. Palavras escritas. Nós não falamos pessoalmente um com o outro, nem mesmo nos vimos. Era como se estivesse acontecendo na minha cabeça. Apenas uma fantasia. Você entende, não é mesmo? Estou passando por muito estresse com todas essas acusações. Não consegui evitar.

Tento entender. Realmente tento. É um vício, fico me dizendo isso. Não é culpa dele. Eu me concentro nos verdadeiros vilões aqui. Glen e eu estamos com muita raiva do que a polícia fez.

Não consegui acreditar que alguém faria aquilo como parte do seu trabalho. Feito uma prostituta. Foi o que Glen disse também antes de descobrir que Cachinhos Dourados era um homem. Ele teve dificuldade em aceitar — achou que a polícia só estava dizendo isso para fazer parecer que ele era gay ou algo assim. Eu não falei nada — não conseguia entender essa coisa de sexo virtual, muito menos me preocupar sobre com quem ele estava fazendo aquilo. De qualquer forma, esse nem de longe era o seu maior problema.

Ele havia falado coisas demais a Cachinhos Dourados. Glen me disse que, para impressionar, contara a "ela" que sabia algo sobre um caso policial famoso. "Ela" praticamente o mandara dizer.

Dessa vez, Bob Sparkes acusou Glen do sequestro de Bella. Alegara que ele a sequestrara e matara. Mas não iam acusá-lo de assassinato. Tom Payne disse que esperariam até que tivessem um corpo. Odiei ouvir Tom se referir a Bella dessa maneira, mas não falei nada.

Fui para casa sozinha, e então a imprensa voltou.

*

Não sou uma grande leitora de jornais. Prefiro revistas. Gosto das histórias da vida real — você sabe, a mulher que adotou cem crianças, aquela que recusou um tratamento de câncer para salvar seu bebê, a outra que teve um bebê para a irmã. Os jornais sempre foram mais o departamento de Glen. Ele gosta do *Mail* — faz as palavras cruzadas na última página, e é o tipo de jornal que o antigo chefe no banco lia.

— Isso faz com que tenhamos alguma coisa em comum, Jeanie — disse ele certa vez.

Mas agora os jornais e a TV — e até mesmo o rádio — são sobre nós. Glen é notícia, e os repórteres voltaram a bater à porta. Descobri que eles chamam isso de "ficar de tocaia", e que alguns deles de fato dormem no carro do lado de fora a noite inteira para tentar uma palavrinha comigo.

Eu me sento em nosso quarto de frente no andar de cima, espiando por trás da cortina, observando-os. Todos eles fazem a mesma coisa. É bem engraçado, na verdade. Primeiro passam de carro, verificando a casa e quem também já está de tocaia. Depois estacionam e voltam andando até o portão, empunhando um caderninho. Os outros saltam dos seus carros para interceptar antes que ele ou ela possa chegar à porta. Feito um bando de animais, farejando o recém-

chegado.

Depois de alguns dias todos eles viraram amigos — destacam um deles para buscar café e sanduíches de bacon no café ao pé da colina. “Açúcar?” “Quem quer molho no sanduíche?” O estabelecimento deve estar ganhando uma fortuna. Percebo que os repórteres formam um grupo, e os fotógrafos, outro. Fico me perguntando por que não se misturam. É possível distingui-los porque os fotógrafos se vestem de modo diferente — mais de acordo com a moda, com paletós amassados e bonés de beisebol. A maioria deles parecia há dias sem fazer a barba — os homens, quer dizer. As fotógrafas também se vestem como os homens. Camisas largas de algodão. E os fotógrafos falam muito alto. No começo, senti um pouco de pena dos vizinhos, tendo que escutar aquelas pessoas rindo e fazendo escândalo. Mas depois os vizinhos começaram a levar bandejas com bebidas, a ficar ali batendo papo com eles, deixando os jornalistas usarem seus banheiros. É como uma festa de rua para eles.

Os repórteres são mais silenciosos. Passam a maior parte do tempo ao telefone ou escutando o noticiário no carro. Muitos são jovens, vestindo seus primeiros ternos.

Depois de alguns dias sem nenhuma declaração minha, a imprensa manda seus figurões. Grandes homens e mulheres cheirando a cerveja, com rostos concentrados e casacos elegantes. Eles chegam em seus carros caros e reluzentes e saltam feito nobres. Até mesmo os fotógrafos param de criar tumulto com alguns deles. Um homem que parece ter saído de uma vitrine abre a multidão e se aproxima da casa. Bate com força na porta e chama.

— Sra. Taylor, como é ter um assassino de crianças como marido?

Fico sentada ali na cama, ardendo de vergonha. É como se todos pudessem me ver, embora não pudessem. Exposta.

De qualquer modo, ele não é o primeiro a me perguntar isso. Um repórter gritou isso para mim depois que Glen foi novamente preso, enquanto eu fazia compras. Simplesmente apareceu, devia ter se desvencilhado dos outros jornalistas e me seguido. Estava tentando me deixar com raiva, me fazer dizer alguma coisa, qualquer coisa, para que tivesse “uma entrevista” com a esposa, mas eu não ia cair naquela. Glen e eu havíamos discutido sobre aquilo.

— Jeanie, simplesmente fique calada — disse ele quando me telefonou da delegacia. — Não deixe que a provoquem. Não revele nada. Você não precisa falar com eles. Eles são a escória da sociedade. Não podem escrever sobre nada.

Mas claro que podiam. As coisas publicadas foram medonhas.

Outras mulheres disseram ter feito sexo virtual com ele na internet e estavam formando fila para vender suas histórias. Eu não conseguia acreditar que nada daquilo fosse verdade. Aparentemente ele era chamado de Ursão e de outros

nomes ridículos nas salas de bate-papo. Eu olhava para ele nas minhas visitas de rotina e tentava me imaginar o chamando de Ursão. Isso me deixava nauseada.

E havia mais coisa sobre o seu “passatempo” — as imagens que ele comprara na internet. Segundo “fontes bem informadas” em um dos jornais, ele usara um cartão de crédito para comprá-las, e quando a polícia fez uma grande operação contra pedófilos, rastreando-os por intermédio de seus dados de cartão, ele entrou em pânico. Deve ter sido por isso que ele me fez registrar o desaparecimento do cartão dele, mas como os jornais conseguem informações como essas? Pensei em perguntar a um dos repórteres, mas não posso, pois acabaria falando mais do que deveria.

Quando perguntei a Glen sobre isso na visita seguinte, ele negou tudo.

— Estão simplesmente inventando isso, amor. A imprensa inventa tudo. Você sabe que é assim — afirmou, segurando minha mão. — Eu te amo.

Não respondi nada.

Também não falei nada à imprensa. Fui a supermercados diferentes, para que não pudessem me encontrar, e passei a usar chapéus que escondiam um pouco o meu rosto, para que os outros não me reconhecessem. Como faz a Madonna, teria dito Lisa se ainda fosse minha amiga. Mas ela não era. Ninguém queria saber de nós. Eles só queriam saber sobre nós.

CAPÍTULO 26

Segunda-feira, 11 de fevereiro de 2008

O DETETIVE

A sala de investigações fora esvaziada quatro meses antes do julgamento; paredes e quadros brancos foram limpos, mosaico de fotos e mapas, desmontados e colocados em caixas de arquivo para a promotoria.

Depois que levaram a última caixa, Sparkes ficou olhando para as tênues marcas retangulares deixadas em algumas das paredes.

Quase nenhum sinal de que a investigação tinha acontecido, pensou ele.

Uma vez, dissera a Eileen que aquele momento era um pouco como depressão pós-coito. "Pós o quê?", perguntara ela. "Você sabe, aquela tristeza depois do sexo, quando tudo acaba", explicara ele, acrescentando, tímido. "Li sobre isso em uma revista."

"Deve ser coisa de homem", retrucara ela.

Os últimos interrogatórios de Taylor haviam sido longos e frustrantes. Ele questionara a prova da embalagem de doce, alegando ser só uma coincidência.

— Como você sabe que Jean não se equivocou? Ela poderia ter pegado isso na rua ou em um café.

— Ela disse que a encontrou em sua van, Glen. Por que ela diria isso se não fosse verdade?

A boca de Taylor endurecera.

— Ela está sob muita pressão.

— E o pelo de gato no papel? Um pelo exatamente do mesmo tipo de gato com o qual Bella estava brincando naquele dia?

— Pelo amor de Deus. Quantos gatos cinza há neste país? Isso é ridículo.

Taylor se virou para o advogado.

— Esse pelo poderia ter flutuado de qualquer lugar... Não é mesmo, Tom?

Sparkes fez uma pausa, saboreando o raro toque de pânico na voz do suspeito. Depois passou para o que imaginara que seria o golpe de misericórdia. O momento em que Taylor se daria conta de que havia sido visto e manipulado pela polícia.

— E quanto ao *Ursão*, Sr. Taylor? — perguntou Sparkes.

A boca do homem ficara aberta, depois fechara de repente.

— Não sei do que está falando.

— Você tem ido ao bosque procurar amigas. Encontrando amigas, não é mesmo? Mas nós também conhecemos Cachinhos Dourados.

Taylor começou a bater os pés, e olhou para o colo. Sua posição-padrão.

Ao lado dele, Tom Payne pareceu confuso com a reviravolta nas perguntas e

interrompeu o interrogatório.

— Eu gostaria de um momento a sós com o meu cliente, por favor.

Cinco minutos depois, a dupla tinha combinado a história.

— Foi uma fantasia particular entre dois adultos conscientes — disse Glen Taylor. — Eu estava passando por uma grande carga de estresse.

— Quem era a garotinha começando com B, Glen?

— Foi uma fantasia particular entre dois adultos conscientes.

— Era Bella?

— Foi uma fantasia particular...

— O que você fez com Bella?

— Foi uma fantasia particular...

Quando o acusaram, ele parou de murmurar sobre sua fantasia particular e encarou fixamente o detetive.

— Está cometendo um terrível engano, Sr. Sparkes.

Foi a última coisa que Taylor disse antes de ser trancafiado para aguardar o julgamento.

*

Passar um inverno detido não o persuadiu a cooperar e, em 11 de fevereiro de 2008, Glen Taylor compareceu ao tribunal Old Bailey para se declarar inocente das acusações de sequestro em uma voz alta e firme.

Ele se sentou, mal reconhecendo a existência dos carcereiros ao lado, enquanto fixava o olhar no detetive, que seguia para o banco das testemunhas.

Sparkes sentiu a força do olhar de Taylor queimando a sua nuca e tentou se recompor antes de fazer o juramento. Havia um leve tremor em sua voz enquanto lia as palavras no cartão, mas ele prosseguiu, apresentando as evidências de modo competente, dando respostas curtas, claras e com humildade.

Os meses arrastando os pés, perseguindo, levantando peso, conferindo, interrogando e acumulando evidências foram condensados em uma apresentação breve diante de uma plateia pequena e seleta e uma bateria de críticos.

O principal deles era o defensor de Glen Taylor, um aristocrata veterano que usava toga e uma antiga peruca gasta, e que se ergueu para interrogá-lo.

O júri de oito homens e quatro mulheres, selecionado pela defesa de modo a garantir que sensibilidades e simpatias masculinas fossem maioria, virou como um buquê de girassóis para se concentrar nele.

O defensor, Charles Sanderson, Conselheiro Real, ficou de pé com uma das mãos no bolso, a outra segurando suas anotações. Transpirando confiança,

começou sua tentativa de abalar algumas das evidências e plantar dúvidas na consciência coletiva do júri.

— Quando a testemunha, o Sr. Spencer, fez uma anotação sobre a van azul? Foi antes de inventar ter visto o homem de cabelo comprido?

— O Sr. Spencer estava equivocado sobre o que tinha visto. Ele admitiu isso — disse Sparkes, mantendo a voz firme.

— Sim, entendo.

— Seu testemunho será de que escreveu ter visto o que achou ser a van azul de Peter Tredwell ao fazer suas anotações na tarde de 2 de outubro.

— E ele tem certeza de que não inventou, perdão, cometeu um equívoco sobre ter visto uma van azul?

— Sim, ele tem certeza. Ele lhe dirá pessoalmente quando testemunhar.

— Entendo.

— A que distância a testemunha estava quando viu a van azul?

— E o Sr. Spencer usa óculos?

— Entendo.

— E quantas vans azuis circulam pelas ruas do Reino Unido, inspetor?

— Entendo.

Era o “entendo” que causava o dano: cada “entendo” significava um “Ora, ora, mais um ponto para nós”.

Bam-bam-bam. Sparkes desviou os golpes pacientemente. Ele já havia lidado com diversos Sandersons ao longo dos anos, exibicionistas da “velha escola”, e sabia que esse tipo de superioridade nem sempre caía bem com um júri.

Eles então abordaram a descoberta da embalagem do doce, e Sanderson tomou o caminho esperado, que era sobre as possibilidades de contaminação da prova.

— Detetive-inspetor, por quanto tempo a embalagem de doce ficou no bolso do casaco de Jean Taylor?

Sparkes manteve uma voz firme, preocupando-se em olhar para todos os jurados de modo a enfatizar o que dizia.

— Acreditamos que sete meses. Ela afirmou em sua declaração que a encontrara na van em 17 de dezembro. Foi a única vez que pôde acompanhar o marido em uma entrega, é por isso que se lembra bem.

— Sete meses? É muito tempo para juntar outras partículas e pelos, não é?

— Pelo de um birmanês mestiço cinza, a exemplo do gato da família Elliott? Traremos depoimentos de especialistas dizendo que é muitíssimo improvável estatisticamente. E a probabilidade de uma coincidência diminui ainda mais quando a prova de pelo de gato é encontrada em uma embalagem de Skittles. Um gato birmanês mestiço e um doce Skittles estavam presentes no local quando Bella Elliott foi sequestrada.

Sparkes viu que os jurados estavam fazendo anotações, e Sanderson agiu rapidamente. Sparkes tomou um gole de água. Sabia que o adversário estava construindo as bases para o seu *grand finale*: as conversas com Cachinhos Dourados.

O detetive havia se preparado com os advogados para se assegurar de que estava pronto. Ele conhecia cada nuance da Lei de Regulação de Poderes Investigativos de 2000, cada passo do procedimento de autorização, a preparação cuidadosa da Fonte de Informações Humana Disfarçada e a preservação e a custódia de evidências.

A equipe investiu um volume significativo de tempo preparando-o para destacar o uso de salas de bate-papo por Taylor e seu hábito de consumir pornografia.

"O júri não estará interessado na cláusula 101 nem em quem deu permissão para o quê; precisamos contar a eles sobre o risco de Taylor alimentar seu apetite por menininhas", conclamara o líder da equipe da Procuradoria Real, e Sparkes sabia que ele estava certo.

O detetive se sentia pronto quando o defensor marchou no campo minado do vício em pornografia, questionando os atos da polícia a cada passo. O objetivo de Sanderson era forçá-lo a admitir que Taylor poderia ter inadvertidamente baixado algumas das imagens "mais extremas" encontradas no seu computador.

— Aquelas imagens de crianças sendo abusadas sexualmente? — começara Sparkes. — Acreditamos que ele as baixou de forma deliberada; que não poderia ter feito isso acidentalmente, e especialistas vão testemunhar a favor disso.

— Também temos especialistas que vão dizer que isso poderia ter sido acidental, inspetor.

Sparkes sabia que a defesa era ajudada pelo fato de que Taylor não se parecia em nada com os pervertidos que em geral se sentavam no banco dos réus. A equipe da promotoria lhe dissera que Sanderson mostrara uma foto de seu cliente aos advogados mais jovens e consultores no escritório e que a palavra mais usada para descrevê-lo nesses grupos de pesquisa informais tinha sido "elegante".

Com as imagens deixadas de lado, Sanderson bateu de frente com o detetive sobre o desaparecimento de Bella Elliott.

— Detetive-inspetor Sparkes, não é verdade que Bella Elliott nunca foi encontrada?

— Sim, isso é correto.

— E que sua equipe não conseguiu encontrar nenhuma pista do paradeiro da menina?

— Não, isso não é correto. Nossa investigação nos levou ao acusado.

— Seu caso é baseado em suspeitas, suposições e evidências circunstanciais, não em fatos, inspetor, não é mesmo?

— Temos provas claras ligando o acusado ao desaparecimento de Bella Elliott.

— Ah, as provas. Palpites forenses e testemunhas sem credibilidade. Tudo muito frágil, porque, suponho, vocês sempre estiveram atrás do homem errado. Vocês estavam tão desesperados que recorreram a uma armadilha para atrair o meu cliente para um relacionamento ficcional e fraudulento.

Os jurados pareciam não saber o que era um relacionamento ficcional e fraudulento, mas estavam interessados no espetáculo. Quatro estrelas e "atuações cativantes" seria como o *The Telegraph* resenharia aquilo no dia seguinte, pensou Sparkes quando finalmente desceu do banco das testemunhas na hora do almoço e voltou ao seu lugar na plateia.

Mas a hora da estrela chegou naquela tarde. Entediados após um almoço institucional, os jurados voltaram e se jogaram em suas cadeiras. Não ficaram assim muito tempo.

A mãe se sentou no banco das testemunhas usando um vestido preto e simples. No peito, um broche vermelho de "Encontrem Bella".

Sparkes lançou um sorriso encorajador, mas lamentou o fato de ela ter escolhido colocar o broche e ficou preocupado com as questões que isso poderia levantar.

A promotora, que parecia um fiapo ao lado da imensa silhueta de seu adversário, conduziu Dawn Elliott por seu depoimento, deixando que a jovem contasse sua história de forma simples e eficaz.

Quando Dawn perdeu o controle ao descrever o momento em que se dera conta de que a filha havia sumido, os jurados ficaram fascinados, e alguns pareceram prestes a chorar. O juiz perguntou se ela gostaria de um copo de água, e o oficial de justiça lhe entregou, enquanto os advogados mexiam em seus papéis, prontos para recomeçar.

Foi a vez de Sanderson.

— Srta. Elliott, Bella costumava brincar do lado de fora? Na frente da casa, onde não podia vê-la?

— Às vezes, mas só por alguns minutos.

— Minutos passam muito rápido, não acha? Com tantas coisas a fazer sendo mãe?

Dawn sorriu com esse toque de simpatia.

— Posso ficar ocupada, mas sei que ela só ficou fora de vista por alguns minutos.

— Como sabe disso?

— Eu só estava fazendo macarrão, como já disse. Isso não demora muito.

— Algo mais?

— Bem, também lavei a louça. E dobrei algumas das roupas de Bella que estavam na secadora, para não precisar passar.

— Parece ter sido uma tarde ocupada, a sua. E também houve dois telefonemas para o seu celular. É fácil esquecer que Bella estava do lado de fora.

Dawn começou a soluçar novamente, mas Sanderson não titubeou.

— Sei que isso é difícil, mas só quero estabelecer a cronologia do desaparecimento de Bella. Você entende como isso é importante, não entende?

Ela fez que sim com a cabeça e assoou o nariz.

— E dependemos de você para detalharmos isso, porque a última vez que mais alguém viu Bella foi na loja de jornais e revistas, às 11h35. Não foi, Srta. Elliott?

— Compramos doces.

— Sim, Smarties, segundo o recibo. Mas isso significa que a margem para o desaparecimento de Bella na verdade é entre 11h35 e 15h30. Isso dá quase quatro horas. Porque mais ninguém colocou os olhos nela durante esse tempo.

Com a voz falhando, Dawn agarrou o gradil do banco das testemunhas.

— Não, não saímos novamente. Mas minha mãe ouviu Bella quando ligou de tarde. Ela me disse para mandar um beijo para ela.

— Srta. Elliott, por favor fale mais alto para que o meritíssimo juiz e o júri possam ouvir seu testemunho.

Dawn pigarreou e falou um “Desculpe”, sem emitir som, para o juiz.

— Sua mãe ouviu a voz de uma criança ao fundo, mas poderia ter sido na televisão, não poderia, Srta. Elliott? Sua mãe disse à polícia que não falou com Bella.

— Bella não foi até o telefone, saiu correndo para pegar alguma coisa.

— Entendo. E depois foi para fora mais ou menos uma hora depois.

— Ela só ficou fora de vista por alguns minutos.

— Sim, obrigado, Srta. Elliott.

Dawn estava pronta para deixar o banco das testemunhas, mas Sanderson a deteve.

— Ainda não terminou, Srta. Elliott. Vejo que está usando um broche com os dizeres “Encontrem Bella”.

Dawn tocou no broche instintivamente.

— Você acredita que Bella ainda está viva, não é mesmo? — perguntou o defensor.

Dawn Elliott assentiu, sem saber aonde ele queria chegar.

— De fato, você tem vendido entrevistas para jornais e revistas dizendo

exatamente isso.

A acusação de que ela estava ganhando dinheiro com a criança desaparecida fez vibrar os assentos da imprensa e as canetas pararam à espera da resposta.

Dawn ficou na defensiva, de repente falando mais alto.

— Sim, espero que ela esteja viva. Mas ela foi levada, e aquele homem a levou.

Ela apontou para Taylor, que olhou para baixo e começou a escrever em seu bloco.

— E o dinheiro é para o fundo Encontrem Bella — acrescentou calmamente.

— Entendo — disse o defensor, e então se sentou.

*

Outra semana se passou com vizinhos, especialistas da polícia, jurados doentes e discussões legais até que o policial Dan Fry subisse ao banco das testemunhas para dar seu depoimento.

Era o grande momento de Fry, e ele estava com as pernas trêmulas, apesar dos frequentes ensaios com seus chefes.

A promotora pintou o retrato de um policial jovem e dedicado, com o apoio de seus superiores e do processo legal, determinado a impedir que outra criança fosse raptada. Ela se deteve nas palavras usadas por Glen Taylor, encarando os jurados para sublinhar a importância das evidências, e eles começaram a olhar em direção ao acusado. Aquilo estava indo bem.

Quando Sanderson se levantou para sua vez, não havia mãos nos bolsos, nada de falas arrastadas; aquele era o seu momento. O jovem policial foi conduzido pelas conversas que mantivera como Cachinhos Dourados, uma frase chocante após a outra. Ele havia sido preparado pela promotoria para a pressão que iria sofrer, mas aquilo foi muito pior do que qualquer um poderia prever.

Foi pedido a Fry que lesse em voz alta suas respostas aos gracejos obscenos de Ursão, e sob a luz fria do tribunal as palavras ganharam um tom surreal e indecoroso.

— O que está vestindo esta noite? — perguntou o defensor, o rosto manchado de bebida e os ombros salpicados de caspa. Fry, um metro e oitenta e oito, leu mantendo o semblante sério.

— Baby-doll. O azul com rendas.

Houve uma risada contida na área da imprensa, mas Fry manteve o controle e continuou:

— Estou com um pouco de calor. Talvez eu tenha que tirar.

— Sim, tire — entoou o defensor, com uma voz entediada. — Depois se

toque. É tudo meio adolescente, não é? — acrescentou. — Suponho que não estivesse usando baby-doll azul, policial Fry.

O riso vindo da galeria aberta ao público o feriu, mas ele respirou fundo e respondeu.

— Não.

A ordem foi logo restabelecida, mas o dano havia sido feito. O depoimento crucial de Fry corria o risco de ser reduzido a uma piada suja.

O defensor saboreou o momento antes de entrar na área mais perigosa do seu interrogatório: a última conversa por e-mail com Glen Taylor. Ele foi direto.

— Policial Fry, Glen Taylor, também conhecido como Ursão, disse ter sequestrado Bella Elliott?

— Ele disse que já tinha estado com uma garotinha real.

— Não foi o que eu perguntei. E isso aconteceu depois de você, como Cachinhos Dourados, ter lhe pedido para dizer isso?

— Não, senhor.

— Ele lhe perguntou: "Você gostaria disso, Cachinhos?" E você disse que gostaria muito. Disse que era excitante.

— Ele poderia ter dito não a qualquer momento — retrucou Fry. — Mas não fez isso. Ele disse que tinha encontrado uma garotinha uma vez e que o nome dela começava com B.

— Ele em algum momento usou o nome Bella nas conversas entre vocês?

— Não.

— Trata-se de uma conversa fantasiosa entre dois adultos conscientes, policial Fry. Isso não foi uma confissão.

— Ele disse ter encontrado uma garotinha. E que o nome dela começava com B — insistiu Fry, a emoção começando a brotar. — Quantas garotinhas com nomes começando por B foram raptadas recentemente?

O defensor ignorou a pergunta e examinou suas anotações.

Bob Sparkes olhou para Jean Taylor, sentada na beirada de um banco, abaixo do marido fantasista e adulto consciente, e percebeu o torpor da mulher. Devia ser a primeira vez que ela ouvia a história inteira, pensou.

Ficou imaginando quem se sentia pior — ele, diante do caso desmoronando, ou ela, diante do caso sendo construído.

Naquele momento, Fry começava a gaguejar, e Sparkes o estimulou silenciosamente a tentar se controlar. Mas Sanderson prosseguiu no ataque.

— Você coagiu Glen Taylor a fazer essas observações, não foi, policial Fry? Você atuou como um agente provocador fingindo ser uma mulher que desejava fazer sexo com ele. Estava determinado a levá-lo a fazer declarações prejudiciais. Você faria qualquer coisa. Até mesmo sexo virtual com ele. Isso é

realmente trabalho policial? Onde estava a cautela ou o direito a um advogado?

Sanderson, que tinha ganhado confiança, pareceu quase triste quando sua vítima finalmente deixou o banco das testemunhas, diminuída e exausta.

A defesa imediatamente pediu uma pausa e, com os jurados transferidos em segurança para a sala do júri, defendeu a suspensão do julgamento.

— O caso inteiro está baseado em evidências circunstanciais e uma armadilha. Não pode prosseguir assim — disse Sanderson. — A evidência de Cachinhos Dourados deve ser considerada inadmissível.

A juíza tamborilava impacientemente com o lápis enquanto escutava a resposta da promotoria.

— A polícia agiu com toda a correção em todos os sentidos e seguiu os procedimentos ao pé da letra. Eles acreditavam que tinham um bom motivo. Que essa era a única forma de conseguir a evidência final — disse a promotora, sentando-se em seguida.

A juíza pousou o lápis e examinou suas anotações em silêncio.

— Eu vou me retirar — disse finalmente, e o tribunal se levantou enquanto ela voltava para o seu gabinete.

*

Vinte minutos depois, o oficial de justiça mandou que todos se levantassem e a juíza deu o seu veredicto. Ela excluiu a evidência de Cachinhos Dourados, criticando o estímulo e a provocação de Fry, além da exposição de um policial tão jovem.

— A evidência não é segura nem confiável — alegou.

Sparkes sabia que era só uma questão de formalidade a promotoria jogar a toalha e não apresentar mais evidências, então começou a juntar suas coisas.

No banco dos réus, Glen escutava com atenção a juíza. A realidade de que estava prestes a ser libertado se descortinava lentamente. Abaixo, Jean Taylor parecia chocada.

— Fico imaginando o que ela está pensando — murmurou Sparkes para Matthews. — Ela tem que ir para casa com um viciado em pornografia que faz sexo virtual com estranhos usando roupas infantis. E um assassino de crianças.

De repente, tinha terminado. A juíza ordenou que o júri desse um veredicto formal de inocente, e Taylor foi levado a fim de se preparar para a libertação. No tribunal, começou um vale-tudo entre os representantes da imprensa, com Jean Taylor como prêmio principal.

Cercada pelos repórteres, ela tentou se levantar em silêncio e com o rosto lívido, enquanto Tom Payne lutava para libertá-la do assento na plateia.

Finalmente a imprensa abriu espaço e ela passou de lado feito um caranguejo em fuga, as pernas batendo no banco em frente e a alça da bolsa prendendo nas beiradas.

CAPÍTULO 27

Segunda-feira, 11 de fevereiro de 2008

A VIÚVA

Ela testemunha, claro. Seus cinco minutos sob os holofotes. Usa um vestido preto e um broche com a inscrição “Encontrem Bella”. Tento evitar seu olhar, mas ela está determinada, e no fim nossos olhos se encontram. Eu me sinto quente, e o rubor toma conta do meu rosto, então desvio os olhos. Isso não acontece mais. Ela fica olhando para Glen, mas ele entende o jogo e só olha para a frente.

Percebo que minha atenção se perde enquanto ela conta a história que li e ouvi centenas de vezes desde que perdeu a filha — um cochilo, depois brincadeira enquanto ela prepara o chá, Bella rindo ao perseguir o gato Timmy, saindo pela porta da frente rumo ao jardim. Depois se dando conta de que não consegue mais ouvi-la. O silêncio.

O tribunal também emudece por completo. Todos ouvimos aquele silêncio. O momento em que Bella desapareceu.

Depois ela começa a chorar, e tem que se sentar com um copo de água. Muito eficaz. O júri parece preocupado, e uma ou duas das mulheres mais velhas estão prestes a chorar também. Está tudo dando errado. Eles precisam entender que tudo aquilo é culpa dela. É o que Glen e eu achamos. Ela deixou seu bebê fora de vista. Ela não se importava o bastante.

Glen fica sentado, quieto, e deixa que tudo caia sobre ele, como se estivesse acontecendo com outra pessoa. Quando a mãe se recupera, a juíza permite que fique sentada para terminar o testemunho, e Glen inclina a cabeça para ouvir a sua história de como correu para os vizinhos, ligou para a polícia e esperou notícias enquanto a caçada prosseguia.

A promotora usa um tom de voz especial com ela, tratando-a como se fosse feita de vidro.

— Muito obrigada, Srta. Elliott. Foi muito corajosa.

Quero gritar: “Você é uma péssima mãe.” Mas sei que não posso. Não ali.

Nosso defensor, um velho assustador que apertou minha mão com firmeza em cada encontro, mas que não deu nenhum outro sinal de saber quem eu era, finalmente tem a vez dele.

A mãe começa a soluçar quando as perguntas se tornam difíceis, mas nosso defensor não usa a voz compreensiva.

Dawn Elliott continua a dizer que sua garotinha só ficou fora de vista por alguns minutos. Mas agora todos sabemos que não foi bem assim.

O júri está começando a olhar com um pouco mais de severidade para ela. Já

era hora.

— Você acredita que Bella ainda está viva, não é mesmo? — pergunta o defensor.

Há uma agitação no tribunal, e a mãe começa a fungar de novo. Ele destaca que ela tem vendido sua história para a imprensa, e ela parece realmente com raiva. Diz que o dinheiro é para a campanha dela.

Um dos repórteres se levanta e sai rapidamente, agarrando seu caderno.

— Ele vai passar essa fala para o editor — sussurra Tom, dando uma piscadela para mim.

Ele quer dizer que isso significa um ponto para nós.

*

No fim de tudo, quando a polícia é criticada por enganar Glen e ele é liberado, eu me sinto totalmente anestesiada. Minha vez de sentir como se isso estivesse acontecendo com outra pessoa.

Tom Payne finalmente solta meu braço ao entrarmos em uma das salas de testemunhas, e paramos para recuperar o fôlego. Por um momento, nenhum de nós fala nada.

— Ele agora pode ir para casa? — pergunto, a voz soando estranha e embotada depois de todo aquele barulho no tribunal.

Tom assente e se ocupa com sua maleta. Depois me leva às celas para que eu veja Glen. O meu Glen.

— Eu sempre disse que a verdade viria à tona — diz ele, triunfante, ao me ver. — Nós conseguimos, Jean. Nós vencemos.

Eu me aproximo de Glen e lhe dou um abraço. Faz muito tempo desde que o abracei pela última vez, e isso significa que não tenho que dizer nada, porque não sei o que lhe dizer. Ele está muito feliz — feito um garotinho. Rindo, com o rosto rosado. Um pouco descontrolado. Meu único pensamento é que preciso ir para casa com ele. Ficar sozinha com ele. Como será quando fecharmos a porta? Sei coisas demais sobre esse outro homem com o qual sou casada para poder ser como antes.

Ele tenta me erguer e rodopiar como fazia quando éramos mais jovens, mas há gente demais na sala: os advogados, os defensores, os funcionários da prisão. Todos estão ao meu redor, e não consigo respirar. Ao notar isso, Tom me leva para um corredor mais fresco e me faz sentar com um copo de água.

— É muita coisa para absorver, Jean — diz ele gentilmente. — Tudo meio de repente, mas é o que todos tínhamos esperança de que acontecesse, não é? Você esperou muito tempo por este momento.

Levanto a cabeça, mas ele não me olha nos olhos. Não voltamos a falar.

Fico pensando naquele jovem policial, coitado, fingindo ser mulher para tentar descobrir a verdade. Achei que ele havia agido como uma prostituta quando Tom nos contou sobre a evidência, mas quando o vi no banco das testemunhas, com todo mundo rindo de sua encenação, senti pena dele. Ele teria feito qualquer coisa para encontrar Bella.

Quando Glen sai, Tom vai até ele e aperta sua mão novamente. Então vamos embora. Na calçada, Dawn Elliott está chorando para as câmeras.

— Ela precisa ter cuidado com o que vai falar — diz Tom enquanto esperamos junto às portas atrás da multidão.

Dawn está tomada pela luz das câmeras de TV, e os repórteres tropeçam em cabos de energia ao tentar chegar mais perto. Está dizendo que jamais desistirá de procurar por sua garotinha, que Bella está em algum lugar e ela vai descobrir a verdade. Em seguida, ela é conduzida por amigos até um carro que a espera, e vai embora.

Então é a nossa vez. Glen decidiu deixar sua declaração a cargo de Tom. Bem, Tom já havia pensado nisso. Ele a escreveu. Nós nos colocamos sob as luzes, e há um barulho que me abala fisicamente. O barulho de cem vozes gritando de uma vez, disparando perguntas sem esperar respostas, exigindo atenção.

— Aqui, Jean — berra uma voz perto de mim.

Eu me viro para ver quem é, e um flash dispara no meu rosto.

— Dê um abraço nele — diz outra.

Reconheço alguns da calçada em frente à nossa casa. Quase solto um sorriso, mas então me dou conta de que eles não são amigos. Eles são outra coisa. Eles são a imprensa.

Tom está sério e pede silêncio a todos.

— Vou ler a declaração do Sr. Taylor. Ele não vai responder a nenhuma pergunta.

Uma fileira de gravadores se ergue acima das cabeças.

— “Sou um homem inocente que foi caçado pela polícia e privado de minha liberdade por um crime que não cometi. Sou muito grato ao tribunal por sua decisão. Mas hoje não estou celebrando minha absolvição. Bella Elliott ainda está desaparecida, e a pessoa que a sequestrou ainda está à solta. Espero que a polícia agora volte a procurar o culpado por isso. Gostaria de agradecer à minha família pelo apoio e prestar um tributo especial à minha maravilhosa esposa, Jeanie. Obrigado por ter me escutado. Agora eu queria lhes pedir que respeitem nossa privacidade enquanto tentamos reconstruir a nossa vida.”

Passo o tempo todo olhando para os meus sapatos, preenchendo as lacunas em minha cabeça. *Maravilhosa esposa*. Agora esse é o meu papel. A Maravilhosa

Esposa que apoiou o marido.

Há um rápido silêncio, então volta o barulho ensurdecedor.

— Quem você acha que raptou Bella?

— O que pensa das táticas da polícia, Glen?

Então um transeunte grita:

— Parabéns, meu camarada!

Glen sorri em resposta. É a imagem que todos usam no dia seguinte.

Um braço serpenteia por entre os cinegrafistas e me dá um cartão. Contém a palavra “Parabéns”, e a imagem de uma garrafa de champanhe com a rolha estourando. Tento ver a quem o braço pertence, mas ele já foi engolido, então deslizo o cartão para dentro da bolsa e sou conduzida à frente com Glen, Tom e alguns seguranças. A imprensa também segue adiante. É como um enxame de abelhas se deslocando em um desenho animado.

A viagem para casa é uma amostra do que vem pela frente. Os repórteres e os fotógrafos bloqueiam o caminho até o táxi que Tom deixou esperando por nós, e não conseguimos avançar. As pessoas estão empurrando umas às outras e a nós, berrando suas perguntas idiotas na nossa cara, empurrando suas câmeras em todas as direções. Glen segura minha mão, de repente encontra uma brecha e me arrasta atrás dele. Tom segura a porta do táxi aberta e nós nos jogamos no banco de trás.

Câmeras se chocam com violência nas janelas, disparando e fazendo barulho, metal sobre vidro. E ficamos simplesmente sentados lá, como peixes em um aquário. O motorista, mesmo todo suado, parece estar gostando daquilo.

— Droga! — exclama ele. — Que circo!

Os jornalistas continuam a gritar.

— Como é ser um homem livre, Glen?

— O que você quer dizer à mãe de Bella?

— Você põe a culpa na polícia?

Claro que ele põe. Ele sofre com isso, a humilhação e o baby-doll. Engraçado que consiga pensar nisso quando é acusado de matar uma garotinha, mas acertar as contas com a polícia se torna seu novo vício.

CAPÍTULO 28

Quarta-feira, 2 de abril de 2008

A VIÚVA

Sempre imaginei como seria se eu revelasse o segredo. Às vezes sonho acordada com isso e posso me ouvir dizendo: “Meu marido viu Bella no dia em que ela foi levada.” E sinto o alívio físico, feito uma descarga na cabeça.

Mas não posso, posso? Sou tão culpada quanto ele. É uma sensação estranha ter um segredo. É como se eu tivesse uma pedra no estômago, esmagando minhas entranhas e me fazendo sentir mal sempre que penso nisso. Minha amiga Lisa dizia que estar grávida era assim — o bebê tirando tudo do caminho. Oprimindo seu corpo. Meu segredo faz isso. Quando se torna um fardo pesado demais, passo a ser Jeanie e finjo que o segredo pertence a outra pessoa.

No entanto, isso não ajudou quando Bob Sparkes me interrogou durante a investigação. Senti o calor subindo pelo corpo, meu rosto ficando vermelho e meu couro cabeludo salpicado de suor.

Bob Sparkes estava invadindo minhas mentiras. A primeira vez foi quando ele perguntou: “O que você disse que fez no dia em que Bella sumiu?”

Minha respiração ficou entrecortada, e tentei controlá-la. Mas minha voz me traiu, tornando-se um guincho sem fôlego. Eu parava no meio da resposta engolindo em seco. Estou mentindo, dizia meu corpo traiçoeiro.

— Ah, trabalhei de manhã, você sabe. Eu tinha que fazer duas luzes — disse, esperando que as verdades em minha mentira convencessem.

Eu estava no trabalho, afinal. Justificar, justificar, negar, negar. Deveria ficar mais fácil, mas não ficou. Cada mentira parecia mais azeda e rígida, como uma fruta verde. Resistente e deixando a boca seca.

É engraçado, mas as mentiras simples são as mais difíceis. As grandes parecem apenas escorregar da língua. “Glen? Ah, ele saiu do banco porque tinha outras ambições. Ele deseja criar sua própria empresa de transportes. Quer ser o próprio patrão.” Fácil.

Mas as pequenas, “Não posso sair para tomar um café porque tenho que ir à casa da minha mãe”, grudam e travam, me fazendo corar. No início, Lisa não parecia notar, ou disfarçava bem se notava. Agora estamos todos vivendo em minha mentira.

Eu não era mentirosa quando criança. Minha mãe e meu pai conseguiriam identificar imediatamente, e eu não tinha irmão nem irmã com quem partilhar segredos. Acabou que com Glen foi fácil. Éramos uma equipe, dizia ele depois que a polícia apareceu.

Curioso, isso. Antes, e por muito tempo, eu não havia pensado em nós como

uma equipe. Cada um tinha seu próprio departamento. Mas o desaparecimento de Bella nos uniu. Fez de nós um casal de verdade. Eu sempre disse que precisávamos de um filho.

Realmente irônico. Veja bem, eu estava prestes a deixá-lo depois de ele ter sido libertado pelo tribunal. Depois de saber tudo sobre as coisas dele na internet. Suas “excursões sexuais”, como ele as chamava, às salas de bate-papo. Tudo aquilo que ele deixaria para trás.

Sabe, Glen gosta de deixar coisas para trás. Quando ele diz isso, significa que nunca mais vamos falar sobre aquele assunto. Glen consegue fazer isso, simplesmente cortar uma parte da vida e se afastar dela. “Precisamos pensar no futuro, Jeanie, não no passado”, explicava ele pacientemente, puxando-me para perto, beijando minha cabeça.

Fazia sentido quando ele dizia essas coisas daquela forma, e eu aprendi a nunca mais voltar ao que tínhamos deixado para trás. Não significava que eu não pensasse nelas, mas ficava entendido que não as mencionaria novamente a ele.

Não Ser Capaz de Ter um Bebê era um desses assuntos. Assim como Ele Perder o Emprego. E depois as Salas de Bate-Papo e todas as coisas medonhas com a polícia. “Vamos deixar isso para trás, amor”, disse ele no dia seguinte ao encerramento do caso. Estávamos deitados na cama; era tão cedo que a iluminação da rua ainda estava acesa, penetrando por uma brecha entre as cortinas. Nenhum de nós havia dormido muito. “Emoção demais”, de acordo com Glen.

Ele disse que tinha feito planos. Decidira voltar a uma vida normal — à nossa vida — o mais rapidamente possível, deixar as coisas como eram antes.

Dava a impressão de ser algo bem simples quando ele falou, e tentei tirar da cabeça todas as coisas que tinha ouvido, mas elas não iam embora. Continuavam a se esconder nos cantos e a me espiar com malícia. Remoí toda a situação por algumas semanas antes de me decidir. No fim, foram as fotos de crianças que me levaram a fazer uma mala.

Eu tinha ficado ao lado dele desde o dia em que foi acusado do assassinato de Bella. Fiquei porque acreditava nele. Eu sabia que o meu Glen não conseguiria fazer algo tão horrível. Mas aquilo havia acabado, graças a Deus. Ele tinha sido considerado inocente.

Eu precisava, então, ver as outras porcarias que ele tinha feito.

Ele negou tudo quando eu contei que não podia viver com um homem que olhava fotos como aquelas.

— Não é de verdade, Jeanie. Nossos especialistas disseram no tribunal que não são realmente crianças naquelas fotos. São mulheres que parecem bem jovens e se vestem feito crianças para ganhar a vida. Algumas delas, na verdade,

estão na casa dos trinta.

— Mas pareciam crianças — gritei. — Elas fazem isso para pessoas que querem ver crianças fazendo aquelas coisas com homens.

Ele começou a chorar.

— Você não pode me deixar, Jeanie. Eu preciso de você.

Balancei a cabeça e fui pegar a minha mala. Estava tremendo, pois nunca tinha visto Glen daquele jeito. Ele era aquele que sempre estava no controle. O forte.

Quando desci a escada, ele estava esperando para me deter com sua confissão.

Bem, ele falou que tinha feito uma coisa por mim. Disse que me amava. Sabia que eu queria tanto ter um filho que isso estava acabando comigo, o que por sua vez estava acabando com ele, e que quando a viu soube que podia me deixar feliz. Aquilo era por mim.

Ele disse que foi como um sonho. Parou para almoçar e ler o jornal em uma rua transversal e a viu junto ao portão de um jardim, olhando para ele. Estava sozinha. Ele não pôde evitar. Quando me contou, passou os braços ao meu redor, e não consegui me mexer.

— Quis trazê-la para você. Ela estava lá de pé, eu sorri para ela, que levantou os braços para mim. Ela queria que eu a pegasse. Saltei da van, mas não me lembro de mais nada. Quando dei por mim, estava dirigindo a van de volta para casa e para você. Eu não a machuquei, Jeanie. Foi como um sonho. Você acha que foi um sonho, Jeanie?

A história dele é tão chocante que engasgo nos detalhes.

Estávamos de pé no corredor de casa, e observo nosso reflexo no espelho. É como ver isso acontecendo em um filme. Glen está se curvando, de forma que nossas cabeças se tocam, e então ele soluça em meu ombro, eu com uma palidez mortal. Passo a mão em seu cabelo e o acalmo. Mas não quero que pare de chorar. Tenho medo do silêncio que vai se seguir. Há muita coisa que quero perguntar, mas muita coisa que não quero saber.

Glen para depois de um tempo, e nos sentamos juntos no sofá.

— Não deveríamos contar à polícia? Dizer a ela que você a viu naquele dia? — pergunto.

Tenho que dizer isso em voz alta, senão minha cabeça vai explodir. Ele enrijece ao meu lado.

— Eles dirão que eu a raptei e a matei, Jeanie. E você sabe que não fiz isso. Simplesmente tê-la visto vai me transformar no cara culpado, o cara que eles colocam na prisão. Não podemos dizer nada. Para ninguém.

Eu me sento, incapaz de falar. Mas ele está certo. No que diz respeito a Bob Sparkes, vê-la seria tão bom quanto levá-la.

Continuo achando que Glen não pode ter raptado Bella.

Ele simplesmente a viu. É isso. Simplesmente a viu. Não fez nada de errado.

Ele continua a soluçar, e seu rosto está vermelho e molhado.

— Continuo achando que talvez tenha sonhado isso. Não parece real, e você sabe que eu não machucaria uma criança — diz, e eu assinto.

Acho que sei, mas realmente não sei nada sobre esse homem com quem vivi todos esses anos. Ele é um estranho, mas estamos amarrados um ao outro com um nó que nunca foi tão apertado. Ele me conhece. Conhece as minhas fraquezas.

Sabe que eu teria desejado que ele a pegasse e trouxesse para casa.

Sei que causei todo esse problema com a minha obsessão.

*

Depois, preparando uma xícara de chá para ele na cozinha, me dou conta de que Glen não usou o nome de Bella, como se ela não fosse real para ele. Levo minha mala para cima e guardo minhas coisas enquanto Glen está deitado no sofá, vendo futebol na TV. Como se fosse normal. Como se nada tivesse acontecido.

Não voltamos a conversar sobre Bella. Glen é muito gentil comigo, o tempo todo dizendo que me ama, conferindo para ter certeza de que está tudo bem comigo. Verificando como estou me sentindo.

— Como você está, Jeanie? — pergunta ele quando liga para o meu celular. E assim seguimos em frente.

Mas Bella está conosco o tempo todo. Não conversamos sobre ela, não mencionamos seu nome. Seguimos em frente, enquanto meu segredo começa a crescer dentro de mim, chutando meu coração e meu estômago, me fazendo vomitar no banheiro do térreo depois que acordo e me lembro.

Glen foi atraído para Bella por minha causa. Ele queria encontrar um bebê para mim. E fico imaginando o que teria feito se ele tivesse chegado em casa com ela. Eu a teria amado. É isso que eu teria feito. Simplesmente a amado. Ela teria sido minha para que eu pudesse amar.

Ela quase foi minha.

*

Glen e eu ainda partilhamos a cama depois de tudo aquilo. Minha mãe não conseguiu acreditar.

— Como você aguenta tê-lo por perto, Jean? Depois de todas as coisas que fez com aquelas mulheres... e com aquele homem?

Em geral, mamãe e eu nunca conversamos sobre sexo. Foi a minha melhor amiga na escola quem me contou como os bebês eram feitos e como era a menstruação. Mamãe não tinha muita facilidade em falar sobre esses assuntos. Era como se fosse de algum modo obsceno. Suponho que ficou mais fácil para ela falar sobre isso em voz alta depois que a vida sexual de Glen apareceu nos jornais. Afinal, o país inteiro sabia. Era como falar sobre alguém que ela não conhecia de fato.

— Não era de verdade, mamãe. Era tudo faz de conta — expliquei, sem olhá-la nos olhos. — O psicólogo disse que é algo que todos os homens têm na cabeça.

— Seu pai não tem — retrucou.

— Seja como for, decidimos deixar tudo isso para trás e pensar no futuro, mamãe.

Ela olhou para mim como se fosse dizer algo importante, mas mudou de ideia.

— É a sua vida, Jean. Você tem que fazer o que achar melhor.

— *Nossa* vida, mamãe. Minha e do meu marido.

*

Glen disse que eu deveria procurar um emprego qualquer. Longe das redondezas.

Respondi que ficava nervosa ao encarar estranhos, mas concordamos que eu precisava de algo para me manter ocupada. E fora de casa.

Glen disse que retomaria a ideia de criar a própria empresa. Mas dessa vez não seria dirigindo. Algo na internet. Algum tipo de serviço.

— Todo mundo está fazendo isso, Jeanie. Dinheiro fácil, e eu tenho as habilidades necessárias.

Quis dizer muitas coisas, mas pareceu melhor ficar calada.

Nossa tentativa de pensar no futuro durou pouco mais de um mês. Eu começara a trabalhar às quintas e aos sábados em um grande salão da cidade. Grande o bastante para passar despercebida, com muito movimento e poucas perguntas enxeridas. Tinha mais classe que o Cabelelesley, e os produtos para o cabelo eram muito caros. Dava para ver que custavam uma fortuna porque tinham cheiro de amêndoas. Em meus dias de trabalho eu pegava o metrô até a Bond Street e fazia o resto do caminho a pé. Parecia bom, melhor do que eu pensara.

Glen ficava em casa diante da tela, “construindo seu império”, como ele chamava. Estava comprando e vendendo coisas no eBay. Coisas de carro. Sempre havia pacotes sendo entregues e atravancando o corredor, mas isso o

mantinha ocupado. Eu ajudava um pouco, embrulhando coisas e indo aos correios para ele. Criamos uma rotina.

Mas nenhum de nós conseguiu deixar o caso para trás. Eu não conseguia parar de pensar em Bella. Quase minha garotinha. Eu me flagrei pensando que deveria ser nós. Ela deveria estar ali conosco. Nosso bebê. Às vezes me vejo desejando que ele a tivesse pegado naquele dia.

Mas Glen não pensa em Bella. Ele não conseguiu deixar para trás a armadilha. Isso pesa em sua mente. Eu o vejo cismado, aborrecido, e sempre que há algo na TV sobre a polícia ele fica sentado lá furioso, dizendo como arruinaram a sua vida. Tento convencê-lo a deixar para lá, pensar no futuro, mas ele não parece me ouvir.

Ele deve ter dado algum telefonema, porque Tom Payne foi nos ver na manhã de uma quinta-feira para explicar como processar a Força Policial de Hampshire. Tom acha que conseguiremos uma indenização por aquilo que a polícia fez Glen passar.

— Eles deveriam. Passei meses trancado por causa dos truques deles — disse Glen, e eu fui preparar chá.

Quando voltei, eles estavam debatendo números no grande bloco amarelo de Tom. Glen era muito bom com números. Muito inteligente.

— Pelas minhas avaliações, vocês poderiam receber cerca de duzentas e cinquenta mil libras — declarou Tom, após terem feito o último cálculo.

Glen gritou como se tivesse ganhado na loteria. Tive vontade de dizer que não precisávamos do dinheiro, que eu não queria aquele dinheiro sujo. Mas simplesmente sorri e segurei a mão de Glen.

*

É um longo processo, mas garante a Glen um novo foco. Os pacotes do eBay param de chegar, e em vez disso ele se senta à mesa da cozinha com sua papelada, lendo relatórios e riscando coisas, destacando outras com canetas coloridas, fazendo furos em documentos e os arquivando em diferentes pastas. Às vezes lê um pouco para mim, para saber minha opinião.

— O efeito do caso e o estigma ligado a ele significam que o Sr. Taylor agora sofre de frequentes ataques de pânico quando sai de casa.

— Você sente? — pergunto.

Eu não havia notado. Pelo menos não como os ataques de pânico da minha mãe.

— Bem, eu me sinto agitado por dentro — responde. — Você acha que eles vão querer um atestado médico?

De qualquer forma, não saímos muito. Apenas para fazer compras e, uma vez, ao cinema. Costumamos ir bem cedo e comprar em supermercados grandes e genéricos, onde não é preciso falar com ninguém, mas ele quase sempre é reconhecido. Não é tão surpreendente. Seu retrato esteve nos jornais todos os dias durante o julgamento, e as garotas nos caixas sabem que é ele. Sempre digo que vou sozinha, mas ele não permite. Não vai me deixar encarar tudo por conta própria. Ele segura a minha mão, aguenta firme, e aprendo a olhar feio para qualquer um que ouse dizer algo, para calá-lo.

É mais difícil quando encontro pessoas conhecidas. Algumas atravessam a rua, fingindo que não repararam em mim. Outras querem saber tudo. Eu me vejo dizendo a mesma coisa repetidamente: “Estamos bem. Sabíamos que a verdade viria à tona, que Glen era inocente. A polícia tem muito a explicar.”

A maioria das pessoas parece contente por nós, mas nem todas. Uma das minhas antigas clientes do salão disse: “Hum. Mas nenhum de nós é totalmente inocente, não é mesmo?”

Respondi que tinha sido ótimo encontrá-la, mas que precisava voltar e ajudar Glen.

— Isso significa voltar ao tribunal — digo a ele um dia, a muito custo. — Ter tudo desencavado novamente e revirado. Não tenho certeza...

Glen se levanta e me abraça.

— Sei que é difícil para você, amor, mas esta vai ser a minha vingança. Vai garantir que as pessoas saibam pelo que passei. Pelo que nós passamos.

Percebo que faz sentido, e tento ser mais prestativa, lembrando-me das datas e dos encontros horríveis com pessoas em público para inserir no testemunho dele.

— Você se lembra daquele cara no cinema? Ele disse que não se sentaria na mesma sala que um pedófilo. Gritou apontando para você.

Claro que Glen se lembra. Tivemos que ser escoltados para fora do cinema Screen 2 pelos vigias “para nossa própria segurança”, como afirmou o gerente. O sujeito continuava gritando “E quanto a Bella?”, e a mulher que estava com ele tentava convencê-lo a se sentar.

Quis dizer algo — que meu marido era inocente —, mas Glen agarrou meu braço e falou: “Não, Jean. Isso vai piorar tudo. Ele é só um maluco.”

Ele não gosta de se lembrar disso, mas escreve em sua declaração.

— Obrigado, amor.

A polícia resiste ao pedido de indenização até o último instante. Tom disse que isso acontece porque eles vão ter que pagar com o dinheiro do contribuinte. Estou colocando minha “roupa de tribunal” quando Glen, já com terno e sapatos bons, recebe uma ligação de Tom.

— Acabou, Jeanie — grita ele, ao pé da escada. — Eles pagaram. Duzentas e

cinquenta mil libras.

Os jornais e Dawn Elliott falam que é um dinheiro sujo de sangue, ganho à custa de sua garotinha. Os repórteres escrevem coisas horríveis sobre Glen mais uma vez e voltam para a porta da nossa casa. Fico com vontade de dizer “Eu avisei”, mas que bem isso faria?

Glen fica silencioso novamente, e eu largo o trabalho antes que me mandem embora.

De volta ao começo.

CAPÍTULO 29

Segunda-feira, 21 de julho de 2008

O DETETIVE

Depois que o julgamento foi por água abaixo, Bob Sparkes sentiu um tipo diferente de tristeza. E raiva. Dirigida principalmente a si mesmo. Ele se deixara atrair para aquela estratégia desastrosa.

O que tinha pensado? Ele ouvira um dos oficiais seniores descrevê-lo como um "caçador de glória" ao passar por uma sala com a porta aberta no andar de cima, e se encolhera. Sparkes achara que estava pensando em Bella, mas talvez tudo dissesse respeito a si mesmo.

— Seja como for, não é de glória que estou coberto — disse baixinho a si mesmo.

O relatório, finalmente liberado cinco meses após o fim do julgamento, estava escrito na típica linguagem asséptica desse tipo de documento. Concluía que a decisão de usar um policial disfarçado para obter evidências contra o suspeito fora tomada "com base em opiniões de especialistas e amplas consultas com oficiais superiores, mas a estratégia se revelou falha devido à falta de adequada supervisão de um policial inexperiente".

Depois de uma reunião tensa com o chefe, Sparkes ligou para Eileen. Disse a ela que o resumo do relatório era "Nós estragamos tudo".

No dia seguinte, ele foi identificado e constrangido pelos jornais, juntamente com os chefes, como um dos "principais policiais" que "arruinaram" o caso Bella. Políticos e especialistas pediram que "cabeças rolassem"; Sparkes manteve a dele abaixada à medida que jorravam os clichês e tentou se preparar para a vida depois da polícia.

Eileen pareceu quase contente com a ideia de ele deixar o emprego; sugeriu que trabalhasse de segurança ou em algo empresarial. *Um trabalho limpo*, pensou ele. Os filhos dele foram perfeitos, telefonando quase todos os dias para animá-lo e fazê-lo sorrir com as novidades, mas Sparkes não conseguia pensar em nada muito além do fim de cada dia.

Voltou a correr, lembrando-se do alívio que isso lhe dera quando era um jovem pai, deixando que o ritmo dos pés tomasse sua mente por pelo menos uma hora. Mas ele voltava para casa suando, com o rosto cinzento, os joelhos de cinquenta anos o matando. Eileen disse que ele tinha que parar; isso o estava deixando doente. Isso e tudo mais.

No fim das contas, sua audiência disciplinar foi algo civilizado, com perguntas feitas de maneira educada, mas com firmeza. Ele já sabia todas as respostas, mas os procedimentos tinham que ser seguidos. Foi posto de licença enquanto

esperava o resultado, e ainda estava de pijamas quando recebeu o telefonema do representante do sindicato: a força decidira culpar alguém acima na hierarquia, e ele receberia uma advertência em sua ficha, mas não seria demitido. Não sabia se ria ou chorava.

Eileen chorou, e o abraçou com força.

— Ah, tudo terminou — disse ela. — Graças a Deus eles foram sensatos.

No dia seguinte, ele voltou ao trabalho, com novos deveres.

*

— Um recomeço para todos — disse a inspetora-chefe Chloe Wellington, recém-promovida para ocupar a vaga de um Brakespeare caído em desgraça, como parte de uma espécie de entrevista de reeducação. — Sei que é tentador, mas deixe Glen Taylor para outra pessoa. Você não pode retomar a questão, não depois de toda essa publicidade. Iria parecer vitimização, e quaisquer novas linhas de investigação seriam conspurcadas por isso.

Sparkes consentiu, e foi convincente ao falar sobre os novos casos em sua escrivaninha, orçamentos, pessoal e um pouco de fofoca de corredor. Mas, enquanto voltava para sua sala, Glen Taylor estava no topo de sua lista; era o único nome em sua lista.

Matthews esperava pelo chefe, e os dois fecharam a porta para discutir táticas.

— Estarão nos vigiando, para garantir que não cheguemos perto dele. Trouxeram uma detetive sênior de Basingstoke para revisar e planejar os próximos passos do caso Bella Elliott. É uma mulher, mas é boa pessoa. Jude Downing. Você conhece?

A detetive Jude Downing bateu à porta de Sparkes naquela tarde e sugeriu que tomassem um café. Ruiva e magra, ela se sentou de frente para ele em um café na rua.

— A cantina parece um pouco uma jaula — disse ela. — Vamos tomar um latte.

Ela esperou.

— Ele ainda está à solta, Jude — disse Sparkes finalmente.

— E quanto a Bella?

— Não sei, Jude. Eu sou assombrado por ela.

— Isso significa que está morta? — perguntou, e ele não soube o que responder.

Quando pensava como policial, sabia que estava morta. Mas não podia desistir da menina.

Dawn ainda era entrevistada em dias com poucas pautas, seu rosto infantil

com um olhar acusador saindo das páginas. Ele continuara a ligar para ela quase toda semana. “Sem notícias, Dawn, apenas conferindo”, dizia. “Como vão as coisas?”

E ela lhe contava tudo. Conhecera um homem por intermédio da campanha Encontrem Bella, e estava gostando dele e conseguindo suportar os dias.

“Nós somos três neste casamento”, dissera Eileen certa vez, e dera aquele riso seco e falso que reservava para puni-lo. Ele não tinha reagido, mas parara de falar sobre o assunto em casa e prometera terminar de pintar o quarto.

Jude Downing disse que estava examinando todas as evidências para ver se algo havia sido negligenciado.

— Todos passamos por isso, Bob. Você pode ficar tão envolvido com um caso desses que não consegue mais ver com clareza. Não é uma crítica, simplesmente é assim.

Sparkes olhou para o seu café. Tinham desenhado na espuma um coração de chocolate.

— Você está certa, Jude. Olhos novos são necessários, mas posso ajudá-la.

— Vai ser melhor se você recuar por ora, Bob. Sem ofensa, mas precisamos recomeçar do princípio e seguir nossas próprias pistas.

— Certo. Obrigado pelo café. É melhor eu voltar.

Mais tarde, Eileen o escutou descarregar a raiva pacientemente enquanto lhe servia uma cerveja.

— Deixe que ela continue com isso, meu amor. Daqui a pouco você vai ter uma úlcera. Faça os exercícios de respiração que o médico recomendou.

Sparkes bebeu a cerveja e praticou a sensação de deixar as coisas de lado, mas parecia apenas que as coisas fugiam dele. Tentou mergulhar em seus novos casos, mas era uma atividade superficial. Um mês depois, Ian Matthews anunciou sua mudança para outra força.

— Eu precisava de uma mudança, Bob. Todos precisamos.

A festa de despedida de Ian Matthews foi memorável. Discursos, uma orgia de histórias hediondas e lembranças chorosas sobre crimes solucionados, tudo regado a álcool.

— É o fim de uma era, Ian — disse Sparkes ao se libertar do abraço bêbado do sargento. — Você foi brilhante.

Ele era o último homem de pé, disse a si mesmo. Afora Glen Taylor.

Sua nova sargento chegou, uma garota de trinta e cinco anos assustadoramente inteligente.

— Mulher, Bob. — Eileen o corrigiu. — Garotas usam cabelo preso em maria-chiquinha.

Ela não usava esse penteado. Seu cabelo castanho e brilhante estava preso em

um coque apertado, a tensão dos fios finos nas têmporas esticando a pele. Era uma jovem robusta com um diploma e ambições profissionais que aparentemente significavam tudo para ela.

A sargento Zara Salmond — *A mãe devia ter alguma coisa com a realeza*, pensara ele — havia sido transferida da Delegacia de Costumes e disse que estava ali para tornar a vida dele mais fácil, e começou a fazer isso.

Casos entravam e saíam por sua porta — a morte de um adolescente por overdose, uma sequência de assaltos engenhosos, uma punhalada em uma boate —, e ele passou com dificuldades por todos, mas nada conseguia desviar sua atenção do homem com quem dividia o escritório.

Glen Taylor, sorrindo feito um macaco diante do Old Bailey, reluzia nos recantos de sua mente. “Ele está aqui em algum lugar” se tornou seu mantra conforme estudava silenciosamente cada relatório policial do dia em que Bella desapareceu, gastando as letras do seu teclado.

Sparkes ouviu o disse me disse na cantina quando trouxeram Lee Chambers novamente para dar outra olhada. Ele cumprira seus três meses por atentado ao pudor, perdera o emprego e tivera que se mudar, mas, pelo visto, não perdera nada dos seus modos. Ao que consta, Chambers se remexeu na cadeira, jurando inocência, mas contou outros detalhes sobre seu negócio de pornografia, incluindo horas de abertura e locais de funcionamento, em troca de imunidade em processos mais adiante.

“Alguém a vigiar” foi o veredicto da nova equipe, que, no entanto, não acreditava que Chambers fosse o culpado. Eles o colocaram para fora, mas suas informações deram novo rumo às buscas em postos de gasolina, e as câmeras de vigilância finalmente revelaram alguns dos clientes de Chambers. Sparkes esperou ouvir que Glen Taylor estivesse entre eles.

— Nenhum sinal — contou Salmond. — Mas continuam procurando.

E continuaram.

Era fascinante, como assistir a uma encenação de sua investigação com atores interpretando os detetives.

— É como sentar na plateia — disse a Kate quando ela ligou.

— Quem está interpretando você? Robert De Niro? Ah, não, já sei! Helen Mirren — disse ela, rindo.

Mas sentar na beirada do banco como integrante da plateia em vez de estar no centro da investigação lhe deu uma visão que não tivera antes. Ele podia acompanhar a caçada como um Deus, e foi quando começou a notar as fissuras e as largadas queimadas.

— Nós nos concentramos em Taylor rápido demais — contou à sargento Salmond. Custava muito a ele admitir isso para si mesmo, mas tinha que ser

feito. — Vamos rever o dia em que Bella desapareceu. Discretamente.

Eles começaram a reconstruir em segredo o dia 2 de outubro de 2006 desde o momento em que a criança acordou. Usaram a superfície interna de um armário de metal esvaziado às pressas no canto do escritório de Sparkes para colar a montagem deles.

— Parece um projeto de arte. — Salmond brincou. — Só precisa de um pouco de plástico adesivo e ganharemos um distintivo do programa *Blue Peter*.

Ela queria fazer a linha do tempo no computador, mas Sparkes temia que ficasse registrado.

— Assim, podemos nos livrar de tudo sem deixar traços, se precisarmos.

Ele tinha ficado em dúvida quando Salmond pediu para ajudar. Ela não o provocava como Matthews — ele sentia falta disso, da intimidade e da liberdade de uma piada compartilhada, mas parecia inadequado com uma mulher. Mais um flerte do que uma camaradagem. De qualquer forma, não sentia falta dos repulsivos cachorros-quentes cobertos de ketchup e dos vislumbres de sua barriga quando a barra da camisa subia.

A sargento Salmond era brilhante, mas Sparkes não a conhecia de verdade nem sabia se podia confiar nela. Teria que confiar. Precisava de sua visão clara e fria para impedi-lo de afundar novamente.

Bella acordou às 7h15, de acordo com a mãe. Um pouco mais tarde que o habitual, mas fora para a cama mais tarde na noite anterior.

— Por que foi dormir tarde? — perguntou Salmond. Eles repassaram os depoimentos de Dawn.

— Elas foram a um McDonald’s e tiveram que esperar pelo ônibus para voltar — explicou Sparkes.

— Por quê? Foi algum agrado à filha? — perguntou Salmond. — Não era aniversário dela; isso é em abril. Achei que Dawn estava permanentemente sem dinheiro. Uma dívida de umas quinhentas libras no cartão de crédito, e o vizinho disse que ela quase nunca saía.

— Pelo que consta na papelada, nós não perguntamos — disse Sparkes.

Isso entrou na lista de Salmond. *É uma garota que gosta de listas*, pensou Sparkes. *Mulher. Desculpe.*

— E depois doces na lojinha de jornais e revistas. Mais agrados. O que será que estava acontecendo na vida delas?

Salmond escreveu SMARTIES em outro pedaço de papel, e o colou no armário.

Eles se sentaram em lados opostos da escrivaninha, com Salmond na cadeira do chefe. Entre os dois havia uma impressão do arquivo principal, conseguido por Matthews como presente de despedida. Sparkes começou a se sentir como se ele próprio estivesse sob investigação, mas sua nova parceira estava enumerando

as questões que faltavam, e ele retomou o foco.

— Será que ela havia começado a sair com alguém novo? E quanto a esse Matt, que a engravidou? Nós chegamos a conversar com ele?

Os buracos na investigação começaram a encarar Sparkes, acusadores.

— Vamos fazer isso agora — disse Salmond rapidamente, vendo o desalento tomar conta do chefe.

A certidão de nascimento de Bella não tinha nome do pai — como mãe solteira, Dawn não tinha o direito de registrar um pai a não ser que ele estivesse presente durante o registro —, mas ela dissera à polícia que o nome dele era Matt White, morava em Birmingham e dizia trabalhar para uma companhia farmacêutica. “Ele conseguia Viagra sempre que queria”, contara a Sparkes.

As buscas iniciais não tinham encontrado um Matthew White em Birmingham que se encaixasse no perfil, e então Taylor entrara na história e tudo mais fora enfiado em uma gaveta.

— Matt pode ser um apelido. E se ele se apresentou a ela com um nome falso? Homens casados fazem isso com frequência; impede que a nova namorada entre em contato sem aviso, ainda mais depois que tudo terminou — especulou Salmond.

Ela encaixou suas novas pesquisas em seus outros trabalhos com uma eficiência tranquila que fez Sparkes se sentir aliviado e ligeiramente inadequado. Com aquele jeito de entrar e sair de seu escritório em minutos com o documento certo, a pergunta respondida e o curso de ação definido, ela mal agitava a superfície da concentração do detetive.

Sparkes começou a acreditar que encontrariam uma nova pista. Mas essa nova sensação de esperança o distraiu, deixando-o mais imprudente e de guarda baixa. A descoberta de sua investigação paralela seria inevitável.

Ele deixara a porta do armário aberta enquanto fazia uma ligação, e a detetive Downing, sem bater, enfiou a cabeça pela porta. Seu convite para comerem um sanduíche não chegou a ser feito. Ela se viu confrontada pelo caso Bella Elliott alternativo, colado no armário como algo no esconderijo de um assassino em série.

— Jude, isto é apenas o que sobrou do caso original — disse ele, vendo o endurecimento nos olhos da colega.

Nem ele mesmo achou convincente, e não havia nada que pudesse ser feito para evitar a tragédia.

A resposta foi mais simpática do que ríspida, e isso de alguma forma foi pior.

*

— Você precisa de uma folga, Bob — disselhe com firmeza o superintendente-chefe Parker em sua reunião formal no dia seguinte. — E de alguma ajuda. Eu recomendaria terapia. Temos profissionais excelentes.

Sparkes tentou não rir. Pegou a folha com nomes impressos e recebeu duas semanas de folga. No carro, ligou para Salmond.

— Não chegue perto do caso novamente, Salmond. Eles sabem que você não está ficando maluca, e não serão tão simpáticos da próxima vez. Temos que deixar isso com a nova equipe.

— Compreendido — disse ela secamente.

Ela evidentemente estava com um superior, pensou Sparkes.

— Ligue para mim quando puder falar — disse.

CAPÍTULO 30

Terça-feira, 16 de setembro de 2008

A MÃE

Dawn tinha feito um esforço. Comprara um paletó caro e calçara saltos altos com meias novas e uma saia. O editor se alvoroçou com ela, recebendo-a na porta do elevador e a levando pela redação diante de todos os repórteres. Eles sorriram e acenaram com a cabeça atrás de seus terminais de computador, e o funcionário que havia passado todos os dias no tribunal desligou o telefone e se levantou para apertar sua mão.

A secretária do editor, uma mulher inacreditavelmente elegante com cabelo e maquiagem de revista de moda, os acompanhou até o aquário da redação e perguntou se ela queria chá ou café.

— Chá, por favor. Sem açúcar.

Uma bandeja chegou, e o papo furado terminou. O editor era um homem ocupado.

— Vamos lá, Dawn, temos que conversar sobre nossa campanha para levar Taylor à justiça. Precisamos de uma grande entrevista com você para lançá-la. E de uma nova perspectiva.

Dawn Elliott sabia exatamente o que o editor queria. Quase dois anos de exposição na imprensa a tinham endurecido. Uma nova perspectiva significava mais espaço na primeira página, repercussão em todos os outros jornais, entrevistas aos programas matinais da TV, Radio 5 Live, *Woman's Hour*, revistas. Era inevitável. E exaustivo, mas ela precisava continuar, porque na maioria dos dias ela sabia, realmente sabia, bem no fundo, que sua bebê ainda estava viva. E nos outros dias tinha esperança.

No entanto, sentada em um cubo de espuma azul-celeste — a tentativa de um decorador de empresas de humanizar o espaço — no escritório refrigerado, também sabia que aquele jornal queria que ela dissesse pela primeira vez que Bella havia sido assassinada. Aquilo seria a "história fantástica" que o editor precisava para ir atrás de Glen Taylor.

— Não vou dizer que Bella está morta, Mark. Porque sei que Bella não está.

Mark Perry assentiu, sua simpatia artificial endurecendo no rosto, e prosseguiu.

— Veja, entendo perfeitamente, Dawn, mas é difícil acusar alguém de assassinato se estamos dizendo que a vítima ainda está viva. Sei como deve ser duro, mas a polícia acredita que Bella está morta, não é?

— Bob Sparkes não — retrucou ela.

— Ele acredita, sim, Dawn. Todo mundo acredita.

No silêncio que se seguiu, Dawn lutou com suas opções: satisfazer os jornais ou seguir em frente sozinha. No início daquela manhã, ela havia conversado com o relações-públicas que assessorava a campanha gratuitamente, e ele a alertara que enfrentaria uma "Escolha de Sofia".

— Assim que você disser que Bella está morta, não haverá como voltar atrás, e o perigo será que a busca por ela termine.

Aquilo não podia acontecer.

— Acho que deveríamos deixar a questão em aberto — sugeriu Dawn. — Por que não insistimos em acusá-lo de sequestro? Você não vai querer ser o jornal que disse que ela estava morta quando eu encontrá-la, vai? Todo mundo vai dizer que vocês fizeram as pessoas pararem de procurá-la.

Perry caminhou até sua escrivaninha coberta de folhas A3 e voltou com uma delas na mão. Passou a bandeja para outro cubo e colocou a folha na mesa. Era uma simulação de primeira página — uma das várias desenhadas para vender a exclusiva do *Herald*. Não havia matérias tomando a página, apenas sete palavras berrando "ESTE É O HOMEM QUE ROUBOU BELLA" e uma fotografia de Glen Taylor.

Perry tinha preferido a manchete "ASSASSINO!", mas teria que esperar para quando pegassem o desgraçado.

— E quanto a isto? — perguntou ele.

Dawn pegou a folha e a estudou como uma profissional.

No começo, mal suportava olhar para o rosto de Taylor ao lado do rosto da sua bebê em todos os jornais, mas tinha se forçado a fazer isso. Olhava os olhos dele, procurando culpa; sua boca, procurando fraqueza ou lascívia. Mas não havia nada lá. Parecia um homem ao lado do qual ela poderia se sentar em um ônibus ou atrás do qual poderia estar na fila de um supermercado, e ficou pensando se um dia tinha estado. Teria sido por isso que ele escolhera sua filha?

Essa era a pergunta que reverberava a cada minuto que passava acordada. Seus sonhos eram cheios de Bella: vislumbres dela, por pouco fora do alcance; incapaz de se mover ou avançar em direção à filha, não importando quanto corresse. Ao acordar, se dava conta de que ela havia sumido, como se pela primeira vez.

De início Dawn fora incapaz de ter qualquer espécie de vida, tão esmagada que estava pelo fracasso e o desamparo. Mas sua mãe a convencera a ocupar seus dias com coisas práticas quando finalmente emergiu dos sedativos. "Você precisa se levantar, se vestir todos os dias e fazer alguma coisa, Dawn. Mesmo que seja algo simples."

Era o mesmo conselho que lhe dera na época do nascimento de Bella, quando Dawn lutara para dar conta da privação de sono e dos gritos de cólicas da recém-nascida.

E ela se levantara e se vestira. Seguira até o portão de casa. Ficara de pé no jardim, assim como Bella, e olhara para o mundo que passava.

A campanha Encontrem Bella começara na página de Dawn no Facebook, na qual, quase todos os dias, ela publicava algo sobre a filha ou sobre como se sentia. A resposta havia sido uma grande onda que a sobrecarregou, mas que depois a manteve à tona. Ela passou a ter milhares, depois centenas de milhares, de amigos e curtidas, com mães e pais do mundo inteiro lhe estendendo as mãos. Isso lhe dera um novo norte e, quando pessoas com dinheiro entraram em contato oferecendo recursos para ajudar a encontrar sua garotinha, ela dissera sim.

Bob Sparkes admitira ter reservas quanto a alguns dos rumos tomados pela campanha Encontrem Bella, mas aceitou, contanto que seus policiais não fossem distraídos da tarefa que tinham. “Ainda assim, nunca se sabe”, dissera a Dawn. “A campanha poderia fazer alguém se apresentar por vergonha.”

“Kate vai ficar uma fera quando descobrir que acertei com o *Herald*, ‘O Inimigo’”, dissera a si mesma ao ser procurada. “Mas o pessoal dela não cobriu a oferta. Ela vai entender.”

Na verdade, ela desejou que Kate e Terry cuidassem da matéria, mas o *Daily Post* deixara passar a oportunidade.

Era difícil, pois com o tempo ela se aproximara de Kate. Conversavam quase toda semana, e com frequência se encontravam para almoçar e fofocar. Às vezes o jornal mandava um carro levar Dawn a Londres para passar o dia. Em troca, Dawn contava tudo a Kate em primeira mão.

Mas a cobertura do *Post* murchara recentemente. “O jornal está chateado comigo?”, perguntara para Kate em seu último encontro, depois que uma entrevista prevista para ser publicada tinha caído.

“Não seja boba”, respondera a repórter. “Simplesmente há muitas outras coisas acontecendo no momento.”

Kate, no entanto, não conseguira olhá-la nos olhos.

Dawn não era mais a pobre garota sentada no sofá. Ela compreendeu.

E quando o *Herald* telefonou sugerindo uma campanha para levar Taylor à justiça e uma generosa doação ao fundo Encontrem Bella, Dawn aceitou.

Ligara para informar Kate de sua decisão — devia isso a ela. A chamada lançou a repórter em um pânico paralisante.

— Meu Deus, Dawn, está falando sério? Você assinou alguma coisa?

— Não, vou me encontrar com eles hoje à tarde.

— Certo, me dê vinte minutos.

— Bem...

— Por favor, Dawn.

Quando a repórter ligou de volta, Dawn soube imediatamente que Kate estava de mãos vazias.

— Lamento, querida. Eles não vão topar. Acham arriscado demais acusar Taylor. E estão certos. Isso é um golpe publicitário, e pode explodir na sua cara. Não faça isso.

Dawn suspirou.

— Também lamento, Kate. Você sabe que não é pessoal. Você tem sido ótima, mas não posso parar agora só porque um jornal perdeu o interesse. Melhor ir, ou vou acabar me atrasando. Conversamos depois.

E ali estava ela, estudando o contrato e conferindo novamente as cláusulas em busca de brechas. Seu advogado já o tinha lido, mas recomendara que ela desse outra olhada "para o caso de eles inserirem algo novo".

Mark Perry a observava, acenando para encorajá-la sempre que ela falava e dando um grande sorriso quando assinou e datou o documento.

— Certo, vamos começar — disse ele, levantando-se e conduzindo-a até o redator que faria "A Grande Entrevista".

O jornal já tinha milhares de palavras escritas, preparadas para o esperado veredicto de culpado. Antes do julgamento de Glen Taylor, eles haviam entrevistado seus antigos colegas de trabalho no banco e na empresa de entregas, reunido as histórias sórdidas das mulheres das salas de bate-papo, e tinham a pornografia infantil vazada em uma entrevista em *off* com um detetive da equipe. Também haviam comprado de uma vizinha dos Taylor fotos exclusivas de Glen com os filhos dela — um deles, uma garotinha loura.

A vizinha contara uma história sobre ele observar as crianças de uma janela, e como ela pregara o portão entre as duas casas.

Nada disso iria para o lixo agora.

— Ela não vai querer a manchete "Assassino", mas teremos um ótimo primeiro dia — disse ele ao subordinado imediato, pendurando o paletó no encosto de uma cadeira e enrolando as mangas da camisa. — Vamos trabalhar no editorial. E traga os advogados. Ainda não estou a fim de ir para a prisão de Warmwood Scrubs.

O *Herald* publicou a matéria nas primeiras nove páginas, prometendo levar Glen Taylor à justiça e exigindo que o ministro do Interior ordenasse a realização de um novo julgamento.

Era jornalismo em sua versão mais poderosa, enviando sem cessar a mensagem e incitando a reação. Os leitores reagiram. A seção de comentários do site se encheu de opiniões impensadas, ruidosas, agressivas e obscenas, além de pedidos pela volta da pena de morte.

— Os malucos habituais — resumiu o chefe de reportagem na reunião de

pauta matinal. — Mas são muitos deles.

— Vamos demonstrar algum respeito pelos nossos leitores — disse o editor, e todos riram. — Agora, o que temos para hoje?

CAPÍTULO 31

Quarta-feira, 17 de setembro de 2008

A REPÓRTER

Kate Waters estava tomando o café da manhã na escrivaninha. Encontrava-se fora de si.

— Nós poderíamos ter publicado isto — disse a qualquer um que quisesse ouvir, enquanto virava as páginas do *Herald*.

Do outro lado da redação, Terry Deacon escutou, mas continuou digitando sua pauta. Kate largou sua torrada com mel e foi até lá.

— Nós poderíamos ter publicado isto — repetiu, de pé ao lado dele.

— Claro que poderíamos, Kate, mas Dawn queria dinheiro demais e já tínhamos feito três grandes entrevistas com ela.

Ele empurrou a cadeira para trás, parecendo incomodado.

— Sinceramente, onde está a novidade aqui? Eu não teria recusado a foto com a criança da casa ao lado, mas as vagabundas da internet e a pornografia infantil saíram em toda parte.

— Não é essa a questão, Terry. Agora o *Herald* é o jornal oficial de Bella Elliott. Se Taylor for novamente julgado e considerado culpado, eles poderão dizer que levaram o sequestrador de Bella à justiça. Onde nós estaremos? De pé nos degraus com uma mão na frente e outra atrás.

— Então encontre uma matéria melhor, Kate — retrucou o editor, aparecendo de repente atrás deles. — Não desperdice tempo com esse assunto requentado. Estou indo para uma reunião de marketing, conversamos mais tarde.

— Certo, Simon — disse ela às costas do editor, que se retirava.

— Droga, você foi mandada para a sala do diretor — brincou Terry, rindo, assim que o chefe já não podia mais ouvi-lo.

Kate retornou à sua cadeira e à sua torrada fria e começou a procurar a fugidia matéria melhor.

Em circunstâncias normais, ela simplesmente ligaria para Dawn Elliott ou Bob Sparkes, mas suas opções estavam sumindo rapidamente. Dawn abandonara o barco e Bob sumira do radar misteriosamente — não sabia dele há semanas. Ouvira do jornalista da editoria de Polícia que havia um problema de interferência na revisão do caso Bella, e o telefone de Sparkes parecia estar permanentemente desligado.

Ela tentou de novo e festejou silenciosamente quando tocou.

— Olá, Bob — disse depois que Sparkes enfim atendeu. — Tudo bem? Já voltou ao trabalho? Imagino que tenha visto o *Herald*.

— Oi, Kate. Vi, sim. Um passo ousado para eles, considerando o veredicto.

Espero que tenham bons advogados. De qualquer modo, é bom falar com você. Estou bem. Tirei uma folga, mas já voltei ao trabalho. Estou na cidade, trabalhando com a polícia local. Ajeitando umas pontas soltas. Perto de você, na verdade.

— Bem, o que acha de almoçar hoje?

*

Ele estava sentado no pequeno e caro restaurante francês quando ela entrou, terninho escuro e um humor amargo, negro, em contraste com as toalhas de mesa brancas.

— Bob, você parece bem. — Ela mentiu. — Me desculpe, acho que estou atrasada. Trânsito.

Ele se levantou e estendeu a mão por cima da mesa.

— Acabei de chegar.

O papo furado parava e recomeçava, enquanto o garçom trazia cardápios, oferecia sugestões e água, aguardava os pedidos e servia o vinho. Mas finalmente, com pratos iguais de *magret de canard* à frente, ela começou de verdade.

— Eu quero ajudar, Bob — disse, pegando o garfo. — Deve haver alguma linha de investigação que possamos estudar novamente.

Ele não falou nada, só cortava a carne rosada no prato. Ela esperou.

— Olhe, Kate, cometemos um erro e não podemos desfazer isso. Vamos ver os desdobramentos da campanha do *Herald*. Acha que Glen vai processar o jornal?

— É um jogo perigoso processar por difamação — respondeu ela. — Já passei por essa situação. Se fizer isso, ele terá que se colocar no banco das testemunhas e depor. Será que realmente vai querer?

— Ele é um homem inteligente, Kate. Escorregadio — respondeu, fazendo bolinhas com o miolo do pão entre os dedos. — Não sei mais.

— Pelo amor de Deus, Bob. Você é um policial fantástico. Por que está desistindo?

Sparkes levantou a cabeça e a encarou.

— Me desculpe, não quis criticar. É que odeio ver você assim.

No breve intervalo da conversa, enquanto os dois tomavam seu vinho, Kate amaldiçoou sua precipitação. *Deixe o pobre homem em paz*, pensou.

Mas não conseguia. Não era da sua natureza.

— Então, o que estava fazendo com a polícia local hoje?

— Pontas soltas, como falei. Revisando coisas de duas investigações

conjuntas; roubos de carro, esse tipo de coisa. Na verdade, também havia uns detalhes avulsos do caso Bella. Coisas do começo, quando pegamos Glen Taylor pela primeira vez.

— Algo interessante? — perguntou ela.

— Na verdade, não. A polícia local queria ter certeza de que o outro motorista da Qwik Delivery estava em casa quando chegássemos de Southampton.

— Que outro motorista?

— Havia dois motoristas em Hampshire naquele dia; você sabe disso.

Ela não sabia, ou não se lembrava.

— O outro era um cara chamado Mike Doonan. Foi com ele que falamos primeiro. Talvez o nome dele não tenha sido divulgado na época. Seja como for, ele é aleijado, a coluna está caindo aos pedaços; mal conseguia andar, e nunca encontramos nada a investigar.

— Vocês o interrogaram?

— Sim. Foi ele quem nos disse que Taylor também estava fazendo uma entrega na região naquele dia. Não sei se teríamos descoberto sem ele. Taylor fez a entrega como um favor, portanto não havia registro oficial. A equipe que está revisando o caso também foi vê-lo. Aparentemente, não acrescentou nada.

Kate pediu licença e foi ao toalete feminino, onde rabiscou o nome e deu um telefonema rápido, pedindo a um colega que descobrisse o endereço de Doonan. Para mais tarde.

Quando voltou à mesa, o detetive estava guardando o cartão de crédito na carteira.

— Bob, eu o convidei — disse ela.

Ele sorriu e fez um gesto com a mão para descartar o protesto de Kate.

— O prazer é todo meu. Foi bom ver você, Kate. Obrigado pelas palavras de incentivo.

Ela merecia aquilo, pensou Kate enquanto saíam em fila indiana. Na calçada, ele apertou a mão dela novamente e ambos retornaram ao trabalho.

Kate estava chamando um táxi quando seu celular começou a vibrar. Ela então dispensou o carro para atender.

— Há um Michael Doonan em Peckham, segundo os registros eleitorais. Vou mandar uma mensagem de texto com o endereço e o nome dos vizinhos — disse o jornalista da editoria de Polícia.

— Você é demais, obrigada — disse ela, erguendo a mão para chamar outro táxi.

O telefone tocou de novo, quase imediatamente.

— Kate, onde você está, meu Deus? Temos uma entrevista contratada com a ex-mulher daquele jogador de futebol. É perto de Leeds, então pegue o primeiro

trem e eu lhe mando o histórico por e-mail. Ligue quando estiver na estação.

CAPÍTULO 32

Quarta-feira, 17 de setembro de 2008

A VIÚVA

Alguém passou o *Herald* pela porta hoje. Eles acusaram Glen mais uma vez, e ele jogou fora o jornal imediatamente. Peguei o jornal na lata de lixo e o escondi atrás do alvejante sob a pia, para ler depois. Sabíamos o que estava por vir, porque o *Herald* estava esmurrando a porta ontem, gritando perguntas e empurrando bilhetes pela caixa de correio. Diziam que estavam fazendo uma campanha por um novo julgamento, para que Bella conseguisse justiça.

— E quanto a justiça para mim? — perguntou Glen.

É um golpe, mas Tom disse que o jornal precisará ter um bolso bem cheio para pagar os custos e, mais importante, eles não têm provas. Disse que deveríamos nos "preparar para a tempestade", seja lá o que isso signifique.

— O *Herald* está vindo para cima de nós atirando, mas isso não passa de sensacionalismo e fofoca — disse ele a Glen, que repetiu literalmente para mim.

— Ele fala como se fosse uma guerra — digo, depois me calo.

Tom prevê que a espera será pior do que a realidade em si, e desejo que esteja certo.

— Temos que ficar calados, Jeanie — explica Glen. — Tom vai abrir os procedimentos legais contra o jornal, mas acha que deveríamos tirar umas férias, "sair de circuito" até tudo isso explodir. Vou entrar na internet e reservar alguma coisa agora de manhã.

Ele não perguntou para onde quero ir, mas, para ser sincera, eu nem ligo. Minhas pequenas ajudas estão começando a fazer menos efeito, e me sinto tão cansada que poderia chorar.

No fim ele escolhe algum lugar na França. Em minha outra vida eu teria ficado maravilhada, mas não sei o que sinto quando ele me conta que encontrou uma cabana no interior a quilômetros de qualquer lugar.

— Nosso voo parte amanhã às sete horas, então precisamos sair daqui às quatro da manhã, Jeanie. Vamos fazer as malas logo. Iremos de carro, não quero um taxista dando dicas à imprensa.

Ele sabe muito, o meu Glen. Graças a Deus tenho Glen para cuidar de mim.

Mantemos a cabeça baixa, usamos óculos escuros e esperamos até a fila ter quase terminado antes de seguirmos para o balcão do aeroporto. A mulher que faz nosso check-in mal olha para nós, e coloca nossa mala na esteira antes mesmo de conseguir perguntar "Vocês mesmos fizeram a mala?", muito menos ouvir a resposta.

Eu tinha me esquecido de quantas filas há em aeroportos, e nosso nível de

estresse é tão alto quando chegamos ao portão de embarque que estou pronta para ir para casa e enfrentar a matilha da imprensa.

— Vamos lá, meu amor — diz Glen, segurando minha mão conforme seguimos para o avião. — Estamos quase lá.

Em Bergerac, ele vai pegar o carro alugado enquanto espero a mala, hipnotizada pela bagagem que passa. Quase perco a nossa — faz tanto tempo que não a usamos que esqueci qual é a cor, e tenho que esperar até todos os outros terem apanhado as suas. Finalmente saio para o sol brilhante e vejo Glen em um pequeno carro vermelho.

— Não valia a pena pegar nada maior do que isso — diz ele. — Não vamos dirigir muito, vamos?

Engraçado como estarmos sozinhos na França é diferente de estarmos sozinhos em casa. Sem uma rotina, não sabemos o que dizer um ao outro. Então não dizemos nada. O silêncio deveria ser um descanso do barulho constante e das batidas na porta em casa, mas não é. Por algum motivo, é pior. Passo a fazer longas caminhadas pelas trilhas e pelos bosques ao redor da cabana, enquanto Glen se senta em uma espreguiçadeira e lê romances policiais. Quase gritei quando vi o que ele havia levado. Como se já não houvéssemos tido investigações policiais o suficiente.

Decidi deixá-lo com seus assassinatos perfeitos e me sentar do outro lado do pátio com algumas revistas. Eu me vejo olhando para Glen, observando-o e pensando. Se ele ergue os olhos e me flagra, finjo que estou olhando para algo atrás dele. E realmente estou, suponho.

Não sei realmente o que estou procurando. Um sinal de alguma coisa — sua inocência, o estrago causado pela provação, o homem real, talvez. Não sei mesmo dizer.

O único momento em que saímos do lugar é para ir de carro ao supermercado mais próximo comprar comida e papel higiênico. Não me dou ao trabalho de comprar refeições de verdade. Achar as coisas que vão em um espaguete à bolonhesa está além da minha capacidade, então comemos pão com presunto e queijo no almoço, e um frango grelhado frio com salada de repolho ou mais presunto à noite. Nem estamos com fome, na verdade. É só alguma coisa para encher a barriga.

Estamos lá há quatro dias quando penso ter visto alguém caminhando pela trilha no limite da propriedade. A primeira pessoa que vi ali perto. Um carro é um acontecimento.

Não penso muito nisso, mas na manhã seguinte há um homem se aproximando pela entrada de carros.

— Glen — grito para ele dentro de casa. — Tem um cara vindo para cá.

— Entre aqui, Jean — sibila, e passo apressada por ele, que fecha a porta e puxa as cortinas. Esperamos pela batida à porta.

O *Herald* nos encontrou. Encontrou e fotografou. “O sequestrador e a esposa pegando sol do lado de fora de seu esconderijo exclusivo na Dordonha”, enquanto Dawn Elliott “continua sua busca desesperada pela filha”. No dia seguinte, Tom lê as manchetes pelo telefone.

— Só estamos aqui porque estão nos caçando, Tom — digo. — E Glen foi inocentado pelo tribunal.

— Eu sei, Jean, mas os jornais montaram um tribunal próprio. Logo, logo passarão para outra coisa; são feito crianças, se distraem facilmente.

Ele diz que o *Herald* deve ter rastreado o cartão de crédito de Glen para nos localizar.

— Eles têm permissão para fazer isso? — pergunto.

— Não. Mas isso não os impede.

Desligo o telefone e começo a fazer as malas. Somos vilões novamente.

*

Eles estão esperando na porta quando chegamos em casa, e Glen liga para Tom para ver como impedir que continuem a dizer essas coisas.

— É difamação, Jeanie. Tom falou que precisamos processá-los, ou ameaçar processá-los, ou continuarão com isso, se metendo em nossas vidas e nos colocando na primeira página.

Eu quero que termine, então concordo. Glen sabe o que faz.

Demora um pouco para que os advogados escrevam a carta. Eles precisam explicar por que as matérias são totalmente erradas, e isso leva algum tempo. Glen e eu voltamos a Holborn, pegando o mesmo trem que eu costumava pegar quando ele estava sendo julgado.

— Feitiço do tempo — diz ele.

Ele tenta me manter animada, e o amo por isso.

O advogado não é Charles Sanderson, é um tipo bem sereno. Aposto que a peruca dele não está desmanchando. Ele parece rico, como se dirigisse um carro esportivo e tivesse uma casa de campo, e seu escritório é todo feito de metal reluzente e vidro. Difamação é obviamente o ramo no qual se ganha dinheiro nesse negócio. Fico me perguntando se o Sr. Sanderson sabe disso.

Esse vai direto ao ponto. É tão mau quanto o promotor, fazendo todas as perguntas repetidamente. Aperto a mão de Glen para mostrar que estou do seu lado, e ele retribui.

O sereno pressiona sem parar em todos os detalhes.

— Tenho que testar o nosso caso, Sr. Taylor, porque se trata basicamente de uma reprise do processo de Bella Elliott. Aquele caso foi derrubado por causa dos atos da polícia, mas o *Herald* insiste que o senhor sequestrou a criança. Dizemos que isso é errado e difamatório. Contudo, o *Herald* vai jogar tudo sobre o senhor: do caso propriamente dito, e eles também podem usar evidências que reuniram e que não seriam admissíveis em um julgamento criminal. Entende?

Acho que passamos a ideia de estarmos um pouco perdidos, porque Tom começou a explicar em uma linguagem simples, enquanto o sereno olhava a paisagem.

— Eles têm muita sujeira, Glen. E vão jogar tudo em cima de você para colocar o júri do processo do lado deles. Precisamos mostrar que você é inocente, Glen, para fazer o júri se virar contra o *Herald*.

— Eu sou — diz ele, empolgado.

— Nós sabemos. Mas precisamos mostrar isso e ter certeza de que não haverá surpresas. Só estou dizendo, Glen. Você precisa entrar nisso de olhos bem abertos, porque é algo muito dispendioso a fazer. Vai custar milhares de libras.

Glen olha para mim e tento parecer corajosa, mas por dentro estou correndo em direção à porta. Imagino que possamos usar o dinheiro sujo.

— Sem surpresas, Sr. Taylor? — pergunta o sereno.

— Nenhuma — diz o meu Glen.

Olho para o meu colo.

A carta é enviada no dia seguinte, e o *Herald* grita sobre ela em suas páginas, no rádio e na televisão.

“TAYLOR TENTA AMORDAÇAR O *HERALD*” é a manchete. Detesto a palavra “amordaçar”.

CAPÍTULO 33

Sexta-feira, 26 de setembro de 2008

A MÃE

As fotografias dos Taylor na França tiraram Dawn do sério. “Furiosa”, escreveu ela em seu status no Facebook, com um link para a foto principal de Glen Taylor de shorts e peito nu, deitado em uma espreguiçadeira e lendo um *thriller* intitulado *The Book of the Dead*.

A falta de sensibilidade daquilo a fez querer ir até lá e arrancar a verdade dele. A ideia fermentou na cabeça a manhã inteira; ela repassou diversas vezes a cena em que coloca Taylor de joelhos, chorando e suplicando perdão. Estava tão certa de que iria funcionar que ligou para Mark Perry, do *Herald*, e exigiu confrontar o sequestrador.

— Eu podia ir à casa dele. Olhar para ele bem nos olhos. Talvez ele confessasse — disse, inebriada com o medo e a excitação de encontrar o sequestrador de sua filha.

Perry hesitou. Não por qualquer pudor de acusar Taylor — ele estava formulando a manchete na cabeça enquanto escutava —, mas por querer que o confronto fosse exclusivo, e a porta da frente da casa era algo público demais.

— Ele pode não abrir a porta, Dawn — respondeu. — E então ficaríamos ali parados. Precisamos fazer isso onde ele não possa se esconder. Na rua, quando não estiver esperando por nós. Vamos descobrir quando será sua próxima reunião com os advogados, e o pegaremos quando estiver chegando ao encontro. Só nós, Dawn.

Ela entendeu e não contou a ninguém. Sabia que a mãe tentaria dissuadi-la. “Ele é uma escória, Dawn. Não vai confessar na rua. Isso só vai perturbá-la e deprimi-la mais uma vez. Deixe que os tribunais arranquem isso dele.” Mas Dawn não queria dar ouvidos ao bom senso, não queria conselhos. Queria agir. Fazer alguma coisa por Bella.

Não precisou esperar muito.

— Você não vai acreditar nisso, Dawn. Ele tem um horário marcado quinta-feira de manhã cedo; no aniversário do desaparecimento de Bella — disse Perry ao telefone. — Será perfeito.

Dawn ficou sem fala por um momento. Não havia nada de perfeito no aniversário. Ele vinha surgindo no horizonte, e a frequência dos pesadelos horríveis tinha aumentado. Ela se viu reencenando os dias que precederam 2 de outubro: fazendo compras, caminhando até a creche, assistindo aos DVDs de Bella. Dois anos sem sua garotinha pareciam uma vida.

Perry continuava falando ao telefone, e ela voltou a prestar atenção, tentando

recuperar sua raiva.

— Parece que Taylor gosta de ir quando não há ninguém por perto, então o teremos só para nós. Passe aqui, Dawn, e combinaremos o nosso *MO*.

— O que é *MO*?

— É a sigla em latim para como iremos pegar Glen Taylor.

Todas as contingências foram cobertas durante a reunião no escritório do editor. Chegada de táxi, confere. Chegada por transporte coletivo, confere. Entrada dos fundos, confere. Horários, confere. Esconderijo de Dawn, confere.

Dawn se sentou e recebeu suas ordens. Ela deveria ficar em um táxi preto na rua do escritório do advogado e saltar quando o repórter desse o sinal. Dois toques no celular, e sair.

— Você provavelmente só terá tempo para duas perguntas, Dawn — aconselhou Tim, o repórter principal. — Então seja sucinta e direta.

— Eu só quero perguntar "Onde está minha filha?". Só isso.

O editor e os jornalistas reunidos trocaram olhares. Aquilo ia ser fantástico.

*

No dia, Dawn se vestiu com simplicidade, seguindo as instruções.

"Você não vai querer parecer uma repórter de TV nas fotos", dissera Tim. "Vai querer parecer uma mãe que está sofrendo", falou, acrescentando rapidamente: "Como você mesma, Dawn."

O motorista da redação a buscou em casa e a levou até o ponto de encontro, um café na High Holborn. Tim, dois outros repórteres, dois fotógrafos e um videojornalista já estavam ao redor de uma mesa de fórmica, pratos sujos empilhados no centro.

— Tudo pronto? — perguntou Tim, tentando não demonstrar empolgação demais.

— Sim. Estou pronta.

Depois, sentada no carro com ele, seus nervos começaram a fraquejar, mas ele estimulou Dawn a falar sobre a campanha, mantendo sua raiva em banho-maria. O telefone dele tocou duas vezes.

— Vamos lá, Dawn — disse ele, pegando o exemplar do *Herald* que ela iria enfiar no rosto de Taylor e entreabrindo a porta.

Ela podia vê-los descendo a rua, Glen Taylor e Jean, sua esposa fingida, e saiu do táxi com as pernas trêmulas.

A rua estava calma; os funcionários de escritório que depois encheriam os prédios ainda estavam amontoados no metrô. Dawn ficou parada no meio da calçada e os viu chegar mais perto, sentiu um nó no estômago, mas o casal só a

viu quando estava a menos de cem metros. Jean Taylor mexia na maleta do marido, tentando colocar documentos de volta, então ergueu os olhos e ficou paralisada.

— Glen — disse em voz alta. — É ela, a mãe de Bella.

Glen Taylor olhou com atenção para a mulher na rua.

— Meu Deus, Jean. É uma emboscada. Não diga nada, não importa o que ela fale — sibilou, e segurou seu braço para conduzi-la à entrada.

No entanto, era tarde demais para escapar.

— Onde está minha filha? Onde está Bella? — gritou Dawn na cara dele, saliva caindo quase na boca do homem.

Taylor encarou Dawn por uma fração de segundo, depois desapareceu por trás de olhos inexpressivos.

— Onde ela está? — repetiu, tentando agarrar o braço dele e sacudi-lo.

O cinegrafista tinha aparecido e gravava cada segundo, andando ao redor do trio para ter as melhores tomadas, enquanto os repórteres latiam perguntas, separando Jean Taylor do marido e a deixando isolada feito uma ovelha perdida.

Dawn de repente se virou para ela.

— O que ele fez com o meu bebê, Sra. Taylor? O que o seu marido fez com ela?

— Ele não fez nada. É inocente. O tribunal já disse isso — gritou Jean de volta, forçada a uma resposta devido à violência do ataque.

— Onde está a minha filha? — gritou Dawn novamente, incapaz de perguntar qualquer outra coisa.

— Não sabemos — berrou Jean em resposta. — Por que você deixou sua filhinha sozinha para que alguém pudesse raptar? É o que as pessoas deveriam estar perguntando.

— Já basta, Jean — disse Taylor, passando pelas câmeras e a puxando enquanto Tim consolava Dawn.

— Ela disse que a culpa foi minha — suspirou a mãe, o rosto lívido.

— Ela é uma vagabunda nojenta, Dawn. Só ela e os malucos acham que foi sua culpa. Vamos lá, vamos voltar ao jornal para a entrevista.

Isso vai ser ótimo, pensou ele enquanto seguiam pelo tráfego até o oeste de Londres.

*

Dawn ficou de pé ao lado de uma das colunas para ver as fotos conforme eram colocadas ao longo de todo o comprimento do aquário para que a redação pudesse vê-las e admirá-las.

— Cacete, que fotos maravilhosas de Glen Taylor. O olhar que ele lançou sobre Dawn é assustador — disse o editor de fotografia, admirando sua obra.

— Vamos colocar essa foto na primeira página — disse Perry. — Na página três, a gente coloca a imagem de Dawn às lágrimas e Jean Taylor gritando com ela, barraqueira. Não a mulherzinha tímida, afinal de contas. Vejam a fúria naquele rosto. Agora, onde está o texto?

"O SEQUESTRADOR E A MÃE" berrava na primeira página na manhã seguinte em trens, ônibus e nas mesas de café da manhã da Grã-Bretanha.

Tim, o repórter principal, telefonou para dar os parabéns.

— Grande trabalho, Dawn. Adoraria ser uma mosca na parede da casa dos Taylor hoje. Está todo mundo feliz aqui.

O que ele não disse foi que as vendas do *Herald* estavam em alta — assim como o bônus anual do editor.

CAPÍTULO 34

Quinta-feira, 2 de outubro de 2008

A VIÚVA

Eu estava tremendo quando chegamos ao escritório do advogado. Não tinha certeza se era raiva ou nervosismo — um pouco de ambos, provavelmente, e até o Sr. Sereno passou o braço ao meu redor.

— Malditos vendedores de sensacionalismo — disse ele a Tom Payne. — Deveríamos colocar o Conselho de Imprensa em cima deles ou algo assim.

Continuo repassando aquilo na minha cabeça, desde o momento em que me dei conta de que era ela. Deveria tê-la reconhecido imediatamente, eu a vi um número suficiente de vezes na TV e no tribunal. Mas é diferente quando se vê alguém na rua, sem nenhum aviso. Acho que na verdade não olhamos o rosto das pessoas, apenas seus perfis. Claro que no momento em que olhei para ela de fato soube quem era. Dawn Elliott. A mãe. De pé ali com os idiotas do *Herald*, incitando-a e acusando o meu Glen, que foi considerado inocente. Isso não é certo. Não é justo.

Suponho que foi o choque que me fez gritar com ela daquele jeito.

Glen estava com raiva por eu ter dito o que pensava.

— Isso só vai manter todo mundo agitado, Jean. Ela vai achar que tem que se defender e continuar a dar entrevistas. Eu lhe pedi para ficar calada.

Eu disse que lamentava, mas não lamentava. Acreditava em todas as palavras. Eu iria telefonar para a rádio de noite e falar tudo de novo. Era bom dizer em voz alta, em público. As pessoas deviam saber que era tudo culpa dela. Ela era responsável por nossa garotinha, e permitiu que fosse levada.

Eles me conduziram até a sala dos oficiais de justiça com uma bebida quente enquanto prosseguiam com a reunião. Eu não estava mesmo no clima para questões legais, então fiquei sentada quieta em um canto, repassando na cabeça a briga na rua e meio que escutando o papo das secretárias. Novamente invisível.

A reunião demorou uma eternidade para terminar, e depois tivemos que discutir como sairíamos sem que a imprensa nos visse. No fim, escapamos pelos fundos, descemos um beco onde eles colocam latas de lixo e bicicletas.

— Eles não devem estar por aqui agora, mas não vale a pena correr riscos — disse Tom. — Já deve estar no site deles agora, e no jornal amanhã. Vou aumentar o pedido de indenização; pensem apenas no dinheiro.

Glen apertou a mão dele, e eu apenas dei um breve aceno. Eu não queria o dinheiro. Queria que aquilo acabasse.

Glen foi mais que gentil comigo quando entramos, pegando meu casaco e me fazendo sentar com os pés para cima enquanto ele colocava a chaleira no fogo.

Hoje é o aniversário. Eu havia marcado a data em meu diário com um ponto. Um pontinho que poderia ser um toque acidental da caneta, para que ninguém mais soubesse caso olhasse.

Dois anos desde que ela foi raptada. Nunca mais a encontrarão — as pessoas que a levaram já devem ter convencido a todos que a menina pertence a elas, e ela deve achar que essas pessoas são sua mãe e seu pai. Ela é pequena e provavelmente mal se lembra da mãe de verdade. Espero que seja feliz e que eles a amem tanto quanto eu amaria se estivesse aqui comigo.

Por um momento posso vê-la em nossas escadas, descendo sentada, degrau por degrau, e rindo. Me chamando para ir lá e assistir. Ela poderia estar ali se Glen a tivesse trazido para casa e para mim.

Ele não falou muito desde que voltamos. Está com o computador no joelho e o fecha rapidamente quando me sento ao lado dele.

— O que você está olhando, amor? — pergunto.

— Apenas passando por uns sites de esporte — diz, depois sai para abastecer o carro.

Pego o computador e abro. Diz que está bloqueado. Eu me sento e olho para a tela, para a minha foto que Glen colocou. Lá estou eu, bloqueada como o computador.

Quando ele volta para casa, tento conversar sobre o futuro.

— Por que não nos mudamos, Glen? Ter o recomeço de que tanto falamos? Não vamos escapar nunca se não fizermos isso.

— Nós não vamos nos mudar, Jean. — Ele me corta. — Esta é a nossa casa, e não serei expulso dela. Vamos suportar isso. Juntos. No fim, a imprensa vai se esquecer de nós e se dedicar a algum outro infeliz.

"Não vai", quis dizer. Todo aniversário do desaparecimento de Bella, sempre que uma criança sumir, sempre que não houver muitas notícias, eles voltarão. E simplesmente estaremos sentados aqui, esperando.

— Há muitos lugares bons para morar, Glen. Um dia conversamos sobre morar perto do mar. Poderíamos fazer isso agora. Poderíamos até morar no exterior.

— No exterior? Que diabo você está falando? Não quero viver em um lugar onde não sei falar a língua. Vou ficar aqui.

Então ficamos. No fundo, poderíamos muito bem ter nos mudado para uma ilha deserta, já que estávamos totalmente isolados em nossa casinha. Apenas os tubarões circulando de vez em quando. Fazemos companhia um ao outro, resolvendo as palavras cruzadas juntos na cozinha — ele lendo as pistas e escrevendo as respostas enquanto eu ainda tento adivinhar —, vendo filmes juntos na sala de estar, eu aprendendo a tricotar, ele roendo as unhas. Como um

velho casal aposentado. Eu ainda nem cheguei aos quarenta anos.

— Acho que o poodle dos Manning deve ter morrido. Há semanas que não encontro merda de cachorro na porta de casa — diz Glen, puxando conversa.

— Ele era muito velho.

As pichações continuam. Aquela tinta é terrível de tirar, e nenhum de nós quer ficar lá fora à vista de todos, esfregando, então elas permanecem. "ESCÓRIA" e "PEDOFILU" em grandes letras vermelhas na parede do jardim.

— Crianças — diz Glen. — Da escola pública, pela ortografia.

Há cartas da "brigada da esferográfica verde" quase toda semana, mas começamos a jogá-las direto na lata de lixo. É possível reconhecê-las a um quilômetro de distância. Nunca vi à venda aqueles envelopes pequenos ou as canetas verdes que eles usam — esse pessoal venenoso deve ter seu próprio fornecedor de canetas, assim como do papel pautado e tosco que preferem. Imagino que seja barato.

Eu costumava examinar a caligrafia para tentar descobrir que tipo de pessoa tinha enviado. Algumas eram cheias de voltas e rodopios — o tipo de letra habitual em convites de casamento — e acho que devem ser escritas por gente velha. Ninguém mais escreve assim.

Nem todas as cartas são anônimas. Alguns escrevem o endereço em uma letra fina e angulosa no alto — nomes adoráveis como "Cabana Rosa" ou "Os Salgueiros" — e depois vomitam bile abaixo. Fico muito tentada a escrever de volta e lhes dizer o que penso deles — dar-lhes uma dose de seu próprio veneno. Mentalizo as respostas enquanto finjo ver televisão, mas não vou além disso. Causaria problemas.

— Não passam de uns doentes, Jeanie — diz Glen cada vez que uma é cuspida pela caixa de correio. — Na verdade, deveríamos sentir pena deles.

Às vezes fico imaginando quem são, e então acho que devem ser pessoas como Glen e eu. Pessoas solitárias. Pessoas no limite das coisas. Prisioneiras em suas próprias casas.

Compro um grande quebra-cabeça na loja de caridade local. É a foto de uma praia com penhascos e gaivotas. Vou dar a mim mesma algo a fazer de tarde. Vai ser um longo inverno.

CAPÍTULO 35

Quarta-feira, 18 de dezembro de 2009

A REPÓRTER

Havia sido uma semana tranquila — o Natal, que se aproximava rapidamente, enchera o jornal com baboseiras festivas e histórias afetuosas sobre superação de adversidades. Kate folheou seu caderno, mais por hábito que por esperança, mas não havia nada ali. O jornal já estava cheio de matérias de sábado. Perfis longos, colunistas histéricos, receitas de chefs famosos para o Natal e dietas para depois das festas. De qualquer modo, Terry parecia feliz.

Diferentemente do jornalista da editoria de Polícia, que, passando por sua mesa a caminho do banheiro, parou para descarregar sua raiva.

— Minha matéria de aniversário do Natal caiu — disse ele.

— Pobrezinho. Qual delas? — perguntou Kate.

Ele era famoso pelas matérias reaproveitadas. "A lata de lixo reciclável do noticiário", como ele chamava alegremente.

— Bella. É o terceiro Natal de Dawn sem ela. Que tal tomar um drinque no almoço?

— Bella. Ah, meu Deus. Eu me esqueci de você — disse ela à fotografia da criança colada em seu arquivo. — Lamento muito.

A campanha do *Herald* fora suspensa assim que a ameaça de um processo por difamação se tornara realidade, e os dois lados recuaram da linha de frente.

Kate ouvira rumores de que o diretor jurídico do *Herald* tivera uma briga feia com o editor por conta da cobertura inicial, e ela convencera Tim, seu equivalente no *Herald* e um velho amigo, a lhe contar tudo tomando uma, duas ou três taças de vinho. De início ele fora cauteloso sobre os detalhes, mas a história era boa demais para não ser contada direito. Ele foi beber com ela em um pub em frente ao Tribunal Superior e lhe contou como o advogado da empresa acusara Mark Perry de ignorar seus conselhos e empregar comentários sensacionalistas e alegações na matéria.

— Espero que "os olhos assassinos de Taylor" seja um deles — comentou Kate, rindo. — Vocês entraram em um terreno pantanoso fazendo isso.

— Sim, uma das frases preferidas de Perry. Seja como for, o advogado disse que Mark aumentava as chances de encrenca toda vez que aprontava uma dessas.

— E Taylor tinha dinheiro para financiar um processo. Por causa daquela indenização da polícia — comentou Kate.

— O editor concordou em recuar das acusações diretas e do assédio. Pegar leve enquanto o processo por difamação está pendente.

— Mas ele não vai desistir da campanha, vai? — perguntou Kate. — Ele

certamente terá que pagar se fizer isso. É praticamente admitir que está errado.

Tim fez uma careta para o seu Merlot.

— Ele não está feliz. Deu um soco no monitor, depois voltou para a redação e disse que todos eram uns “malditos amadores”. Ele gosta de propagar a dor. Chama isso de inclusão.

Kate deu um tapinha simpático no braço dele e foi para casa.

*

Como Tim havia previsto, o *Herald* se aquietara, e o processo por difamação pareceu ter estagnado nos escritórios dos dois lados.

Kate, no entanto, estava pronta para outra tentativa. Ela precisava encontrar seu caderno de um ano antes. Lá, rabiscado na capa, estava um endereço em Peckham de um Mike Doonan.

— Vou dar uma saída para conferir uma dica — disse a Terry. — Se precisar de mim, estarei no celular.

Levou uma eternidade para cruzar a ponte de Westminster, depois se arrastar pela Old Kent Road, mas o táxi finalmente estacionou à sombra de uma relíquia deprimente da grandiosa arquitetura dos anos 1960. Uma caixa de concreto cinzenta cravejada de janelas imundas e antenas parabólicas.

Kate foi até a porta e tocou a campainha. Ela sabia o que ia dizer — tivera muito tempo para planejar no táxi —, mas ninguém atendeu. O toque da campainha ecoava no apartamento, mas era o único som.

— Ele está fora — disse uma voz que vinha da porta ao lado. Uma voz de mulher.

— Droga, eu tinha esperança de encontrá-lo em casa. Achei que ele não saía — retrucou.

Uma cabeça surgiu na porta. Velha, permanente exagerado no cabelo e avental.

— Ele está na casa de apostas. Hoje em dia ele não sai muito, por causa daquelas costas, pobre Mike. Mas tenta ir à rua uma vez por dia. Ele estava esperando visita?

Kate sorriu para a vizinha.

— Na verdade, não. Resolvi arriscar. Estou escrevendo uma matéria sobre um homem com quem ele trabalhava quando era motorista. Glen Taylor. O caso Bella.

A vizinha escancarou a porta.

— O caso Bella? Ele trabalhou com aquele cara? Nunca disse nada. Quer entrar e esperar?

Nos primeiros cinco minutos a Sra. Meaden contara sobre o quadro médico de Doonan — “osteoartrite degenerativa, piorando cada vez mais” —, sobre ex-esposas, filhos, seu hábito de apostar e dieta — “feijão na torrada praticamente toda noite, isso não pode fazer bem a ele”.

— Faço compras para ele toda semana, e os garotos do prédio fazem outros serviços.

— Gentil de sua parte; ele tem sorte de ter uma vizinha como a senhora.

A Sra. Meaden pareceu contente.

— É o que qualquer cristão faria — disse. — Chá?

Kate equilibrou a xícara e o pires floridos no braço da cadeira e pegou na lata uma tortinha de frutas comprada em loja.

— Engraçado ele nunca ter mencionado que conhece esse Glen Taylor, não é mesmo? — comentou a Sra. Meaden, espanando migalhas do colo.

— Eles trabalharam juntos na Qwik Delivery — contou Kate.

— Ele dirigiu durante anos. Disse que foi o que acabou com as suas costas. Mike não tem amigos, na verdade. Não o que chamo de amigos; pessoas que aparecem para vê-lo. Costumava ir a um lugar com computadores aqui perto; disse que era uma espécie de clube. Ia regularmente antes de se aposentar. É uma coisa engraçada para um homem da idade dele fazer, sempre achei. Mas ele vive sozinho, então deve ficar entediado.

— Não sabia que havia um “clube de computadores” por aqui. Sabe qual é o nome dele?

— Fica na Princess Street, acho. Um lugar de aparência decadente com janelas escuras. Ah, lá vem o Mike.

Elas podiam ouvir o som pesado dos pés se arrastando e as batidas de uma bengala no caminho de concreto.

— Olá, Mike — disse a Sra. Meaden, abrindo a porta. — Há uma senhora da imprensa aqui procurando você.

Doonan fez cara feia quando Kate saiu.

— Desculpe, meu bem. Minhas costas estão me matando. Será que você poderia voltar em outra hora?

Kate chegou mais perto dele e pegou seu braço.

— Deixe-me ajudá-lo a entrar, pelo menos — falou. E fez isso.

O cheiro no apartamento de Doonan não era nada como o de repolho e desinfetante da porta ao lado. Cheirava a homens. Suor, cerveja azeda, guimbas de cigarro, chulé.

— Sobre o que você quer conversar comigo? Eu disse à polícia tudo o que sabia — perguntou Doonan enquanto Kate se acomodava na cadeira em frente a ele.

— Glen Taylor — respondeu, simplesmente.

— Ah, ele.

— Vocês trabalhavam juntos.

Doonan assentiu.

— Estou escrevendo um perfil sobre ele. Tentando ter uma noção melhor de quem realmente é.

— Então procurou a pessoa errada. Ele não era meu amigo. Falei isso à polícia. É um cretino esnobe, se quer mesmo saber.

Eu quero, pensou.

— Sempre achou que era melhor que nós. Aturando aquilo enquanto não aparecia nada melhor.

Ela havia encontrado o ponto fraco dele, e provocou.

— Ouvi dizer que era meio arrogante.

— Arrogante? Isso é pouco. Ele botava banca com a gente na cantina com histórias de quando dirigia um banco. E depois me sacaneou com o meu problema nas costas. Disse ao chefe que eu estava enganando a chefia sobre quão ruim estava. Disse que eu estava fingindo.

— Isso deve ter causado problemas.

Doonan deu um sorriso amargo.

— E o mais engraçado é que eu o ajudei a conseguir o emprego na Qwik Delivery.

Kate não perdeu tempo.

— Mesmo? Então você o conhecia antes. Onde o conheceu?

— Na internet. Em um fórum ou algo assim — respondeu Doonan, parecendo menos seguro.

— E no clube na Princess Street?

Doonan olhou de relance para Kate.

— Qual clube? — reagiu. — Olhe, eu preciso tomar meus comprimidos. Você vai ter que ir embora.

Ela colocou um cartão de visitas ao lado dele e apertou sua mão.

— Muita obrigada mesmo por conversar comigo, Mike. Já vou indo.

*

Ela foi direto à Princess Street.

A placa da Internet Inc. era pequena e amadora, a vitrine da loja era pintada de preto por dentro, e havia uma câmera de segurança acima da porta. *Parece uma sex shop*, pensou Kate.

A porta estava trancada, e não havia placa com horário de funcionamento.

Kate foi até o verdureiro no fim da rua e esperou até que um funcionário com gorro do Papai Noel saísse para atendê-la junto à barraca na calçada.

— Oi, eu queria usar a internet, mas o estabelecimento aqui na rua está fechado. Você sabe quando abre? — perguntou.

O jovem riu.

— Você não vai querer entrar lá, querida. É só para homens.

— Como assim?

— Um lugar de pornô, né? Eles não deixam qualquer um entrar. É uma espécie de clube para velhos tarados.

— Ah, sim. Quem é o dono daquilo?

— Eu realmente não sei. O gerente é um cara chamado Lenny, mas o lugar basicamente só abre de noite, então não o vemos muito.

— Obrigada. Eu vou querer quatro maçãs daquelas.

Ela voltaria depois.

*

O Internet Inc. parecia ainda menos acolhedor no escuro. Kate passara duas horas e meia em um pub imundo, tomando uma sequência de sucos de frutas mornos e escutando Perry Como fazer sua mágica na música “Frosty, the Snowman”. Não estava no clima para bater com a cara na porta.

Quando tentou entrar, a porta ainda estava trancada, mas uma batida no vidro enegrecido provocou uma voz do lado de dentro.

— Olá. Quem é?

— Preciso falar com Lenny — disse Kate, olhando para a câmera acima com seu sorriso mais cativante.

Silêncio.

A porta se abriu, e um homem alto e musculoso com camiseta e jeans apareceu.

— Eu conheço você? — perguntou.

— Oi, você deve ser Lenny. Meu nome é Kate. Será que poderíamos bater um papo rápido?

— Sobre o quê?

— Sobre uma matéria que estou escrevendo.

— Você é repórter? — reagiu Lenny, deslizando para dentro da loja. — Nós temos alvará. É tudo legalizado. Não há nenhuma matéria aqui.

— Não, não é sobre vocês. É sobre Bella Elliott.

O nome era como um talismã mágico. Fascinava, atraía as pessoas.

— Bella Elliott? A pequena Bella? Olhe, venha até o meu escritório.

Ela entrou em uma sala estreita e escura, iluminada apenas pelo brilho de LED de uma dúzia de telas de computador. Cada uma estava em um nicho com uma cadeira. Não havia qualquer outra mobília, mas, em uma homenagem à data, um enfeite natalino pendia, flácido e brilhante, da luminária central.

— Ainda não há clientes. Normalmente chegam um pouco mais tarde — explicou Lenny enquanto a conduzia até seu escritório minúsculo, as paredes tomadas por pilhas de DVDs e revistas. — Ignore isso — aconselhou ele quando a flagrou olhando os títulos.

— Certo — respondeu, e se sentou.

— Você veio por causa de Glen Taylor, não é mesmo?

Kate não conseguiu dizer nada por um momento. Ele fora direto ao assunto antes que ela tivesse a chance de fazer a primeira pergunta.

— Sim.

— Fiquei me perguntando quando alguém finalmente iria bater à minha porta. Achei que seria a polícia, mas foi você.

— Ele vinha aqui? Glen Taylor era membro do seu clube?

Lenny avaliou as perguntas.

— Veja bem, nunca falo sobre os membros; ninguém viria aqui se eu fizesse isso. Mas tenho filhos...

Kate fez que sim com a cabeça.

— Entendo, mas não estou interessada em mais ninguém. Apenas nele. Você vai me ajudar? Por favor.

A luta do gerente entre o pacto de silêncio de sua sex shop e fazer a coisa certa ficou clara nos segundos de silêncio. Ele roeu uma unha, e Kate viu sua ansiedade.

Finalmente, olhou para ela e disse:

— Sim, ele vinha aqui de vez em quando. Começou há dois ou três anos. Conferi o cartão dele quando vi a foto no jornal. Não usamos nomes reais aqui; os membros preferem assim. Mas eu conhecia o rosto. Ele começou a vir em 2006. Outro membro o trouxe.

— Mike Doonan?

— Você disse que não perguntaria sobre mais ninguém. De qualquer forma, como eu disse, sem nomes reais. Acho que eles trabalhavam juntos.

Kate sorriu para o gerente.

— Isso foi bem útil, obrigada. Consegue se lembrar da última vez que ele veio? Há algum registro?

— Espere um pouco — disse Lenny, e destrancou um arquivo antigo. — Ele se registrou como 007. Muito tranquilo. Sem visitas registradas entre 6 de setembro de 2006 e agosto deste ano.

— Este ano? Ele voltou?

— É, só algumas sessões, aqui e ali.

— O que ele fazia aqui? Você sabe, Lenny?

— Chega de perguntas. É tudo confidencial. Mas você não precisa ser um gênio para deduzir. Nós não monitoramos os sites visitados; decidimos que seria melhor assim. Mas basicamente nossos membros vêm para entrar em sites adultos.

— Desculpe ser direta, mas você se refere a pornografia?

Ele confirmou.

— Você não sentiu a tentação de ver depois que se deu conta de quem era ele?

— Foi só vários meses depois de ele ter parado de vir que me dei conta de quem era, e ele tinha usado computadores diferentes. Daria muito trabalho, e estamos sempre ocupados.

— Por que não falou à polícia sobre Glen Taylor?

Lenny desviou o olhar por um momento.

— Pensei nisso, mas você convidaria a polícia para vir aqui? As pessoas frequentam meu estabelecimento por ser um lugar discreto. Significaria fechar o negócio. De qualquer forma, eles o prenderam, então não precisei.

Uma batida forte na porta da loja encerrou a conversa.

— Você tem que ir embora. Está chegando um cliente.

— Certo. Obrigada por me contar tudo isso. Aqui está o meu cartão, caso se lembre de mais alguma coisa. Posso usar seu toalete rapidamente antes de sair?

Lenny apontou para uma porta no canto da sala.

— Está imundo, mas fique à vontade.

Ele a deixou sozinha e, assim que saiu, ela sacou o telefone e fotografou o cartão de filiação pousado na mesa antes de abrir a porta do banheiro, prender a respiração e dar a descarga.

Lenny esperava por ela. Abriu a porta e ficou de pé para proteger o cliente encolhido do olhar inquisitivo de Kate.

Na rua, ela telefonou para Bob Sparkes.

— Bob, é Kate. Acho que ele começou de novo.

CAPÍTULO 36

Sexta-feira, 18 de dezembro de 2009

O DETETIVE

Sparkes escutou em silêncio Kate contar sua história, anotando discretamente o endereço e os nomes, mas impossibilitado de comentar ou questionar qualquer coisa. Ao lado, seu novo chefe trabalhava, dividindo registros de assaltos de rua por gênero, idade e etnia.

— Certo — disse ele quando Kate fez uma pausa. — Estou um pouco ocupado no momento. Pode mandar o documento que mencionou? Talvez possamos nos encontrar amanhã?

Kate entendeu o código profissional.

— Dez horas, na frente do pub no fim da rua, Bob. Estou mandando a foto agora por e-mail.

Ele voltou à tela do computador, fazendo para o colega um gesto de desculpas pela interrupção, e esperou até que tivessem terminado o trabalho para olhar o telefone.

Sparkes ficou nauseado ao ver o cartão de filiação. A última visita de Taylor fazia apenas três semanas.

Ele ligou para Zara Salmond a caminho da estação do metrô.

— Senhor? Como vai?

— Bem, Salmond. Precisamos voltar ao caso — falou, sem precisar esclarecer qual. — Temos que examinar todos os detalhes novamente para descobrir um modo de pegá-lo.

— Certo. Tudo bem. Pode me dizer por quê?

Ele podia imaginar a expressão no rosto da sua sargento.

— É difícil no momento, Salmond, mas tenho informações de que ele está de volta à trilha da pornografia. Não posso dizer mais que isso, mas entro em contato quando tiver outras informações.

Salmond suspirou. Sparkes podia ouvir os pensamentos dela borbulhando: *De novo, não*. Não podia culpá-la.

— Estou fora para o Natal, senhor. De folga. Mas volto no dia 2 de janeiro. Isso pode esperar até lá?

— Sim. Me desculpe por telefonar assim do nada, Salmond. E Feliz Natal.

Ele colocou o telefone no bolso do sobretudo e desceu os degraus, com um nó no estômago.

A força policial tinha colocado o caso Bella Elliott na geladeira depois que a longa revisão de Downing não revelara novas pistas, nenhuma van nem outros suspeitos. A detetive Jude Downing arrumara sua escrivaninha e retornara ao

trabalho de verdade, e a Força Policial de Hampshire soltou um comunicado à imprensa informando que a investigação iria prosseguir. Na verdade, isso queria dizer que o processo se arrastaria com uma equipe de duas pessoas para conferir eventuais telefonemas sobre possíveis vislumbres de Bella e repassá-los. Ninguém dizia isso em público, mas eles haviam chegado a um beco sem saída.

Até mesmo o apetite pela campanha emocional de Dawn Elliott estava começando a murchar. Não havia muitas formas diferentes de dizer "Quero minha filha de volta", imaginava Sparkes. E o *Herald* ficara bem quieto sobre o tema depois de sua tempestade publicitária inicial.

E quando Sparkes foi suspenso, o ímpeto diário pela caçada foi eliminado. O inspetor-chefe Wellington também se assegurou de que Salmond estivesse ocupada demais com outros trabalhos para se encarregar disso por iniciativa própria. Ela tomara conhecimento de que Sparkes voltara da licença médica, mas ele ainda não tinha posto os pés no escritório. Seu telefonema antes do Natal despertara muitos sentimentos diferentes.

Salmond não admitia aos colegas, mas sentia falta do humor seco e da determinação de Sparkes. "Não posso ser sentimental se quiser chegar a algum lugar na polícia", dissera a ele.

No dia em que voltou ao trabalho, ela pegou o próprio arquivo do caso Bella, com todas as pontas soltas, e fez uma lista enquanto esperava a ligação dele.

Enquanto folheava o arquivo, encontrou a averiguação sobre Matt White. Algo não concluído. No começo, ela havia colocado na categoria "Prioridades", mas isso fora deixado de lado devido à última ideia de Sparkes. Mas não dessa vez. Salmond iria correr atrás daquilo. Entrou na internet para buscar os registros eleitorais para aquele nome. Dezenas de Matthews Whites, mas nenhum correspondendo às informações de Dawn sobre idade, estado civil e região.

Ela precisava descobrir a verdadeira identidade do Sr. White, então retornou às informações básicas sobre o relacionamento de Dawn com ele. Tudo aconteceu basicamente na boate Tropicana e, uma vez, em um quarto de hotel.

— Onde ele teria precisado usar o nome verdadeiro, Zara? — perguntou para si mesma em voz alta. — Quando usou o cartão de crédito — finalmente respondeu. — Aposto que ele pagou com cartão o hotel para onde levou Dawn.

O hotel fazia parte de uma rede, e Salmond cruzou os dedos mentalmente enquanto discava o número para saber se eles ainda mantinham registros das datas em que Dawn se encontrou com Matt White.

Cinco dias depois, Salmond tinha outra lista. A gerente do hotel era uma mulher do mesmo tipo eficiente que a detetive, e mandara para ela por e-mail os dados relevantes.

— Matt White está aqui, senhor — disse ela com confiança em um rápido

telefonema a Sparkes, e não falou com mais ninguém pelo resto do dia.

O detetive baixou o telefone e se permitiu um momento para estudar as possibilidades. Seu novo chefe era um homem impaciente, e ele tinha que terminar um artigo sobre o impacto da etnia e do gênero na eficiência do policiamento comunitário. O que quer que isso significasse.

Os cinco meses anteriores haviam sido surreais.

Como orientado por seu superior e aconselhado por seu representante do sindicato, ele entrara em contato com um dos conselheiros listados e passara sessenta minutos sofridos com uma mulher com excesso de peso e falta de qualificações que só falava sobre lidar com os demônios. “Eles estão sentados no seu ombro, Bob. Consegue senti-los?”, dizia sinceramente, soando mais feito uma médium charlatã do que uma profissional. Ele a escutou educadamente, mas concluiu que a mulher tinha mais demônios do que ele, e nunca mais voltou. Eileen teria que bastar.

Sua licença foi estendida paulatinamente, e enquanto ele esperava ser chamado de volta, flertou com a ideia de fazer um curso de psicologia em uma universidade à distância. Imprimiu a bibliografia exigida e começou seus estudos silenciosamente na sala de jantar.

Quando a convocação finalmente veio, foi mandado para um zigue-zague de missões de curto prazo com outras forças, cobrindo lacunas e escrevendo relatórios, enquanto Hampshire descobria o que fazer com ele. Ainda estava com a reputação manchada no que dizia respeito à Unidade de Investigação de Homicídios, mas não estava pronto para se aposentar, como eles haviam esperado. Ainda não podia sair. Ainda havia coisas a fazer.

Salmond demorou uma semana para repassar datas e nomes, listando de novo e de novo enquanto verificava registro eleitoral, registros digitais da polícia e mídias sociais para rastrear os hóspedes. Ela adorava aquele tipo de trabalho — caçar por meio de dados, sabendo que, se a informação estivesse ali, iria descobrir e viver o momento de triunfo quando o nome surgisse.

Foi em uma tarde de quinta-feira que ela o encontrou. O Sr. Matthew Evans, um homem casado que morava com a esposa, Shan, em Walsall, e que estivera em Southampton nas datas fornecidas por Dawn. Idade certa, emprego certo.

Sem perder tempo, ela procurou de novo a solícita gerente do hotel e lhe pediu que verificasse o nome em seu sistema. Queria saber se ele estivera na cidade no dia em que Bella desaparecera.

— Não, nenhum Matthew Evans desde julho de 2003. Ele passou uma noite em um quarto duplo de luxo e solicitou serviço de quarto — relatou a gerente.

— Perfeito, obrigada — disse ela, já mandando uma mensagem de texto para Sparkes com a novidade.

Respirou fundo e subiu as escadas até o escritório da investigadora-chefe Wellington para lhe contar sobre a nova pista. Ela mal tinha tomado conhecimento de Zara, a não ser como parte do problema Bob Sparkes, mas isso estava prestes a mudar. Zara Salmond entraria no mapa.

Entretanto, se esperava um desfile com papel picado, estava enganada. Wellington escutou com atenção e murmurou:

— Bom trabalho, sargento. Escreva seu relatório e me envie imediatamente. Vamos mandar West Midlands dar uma olhada nesse Evans.

Decepcionada, Salmond voltou para sua sala.

CAPÍTULO 37

Sábado, 16 de janeiro de 2010

O DETETIVE

Matthew Evans não era um homem feliz. A polícia batera à sua porta sem aviso, e sua esposa, com o bebê no colo e o filho pequeno ao lado, atendera.

Bob Sparkes sorriu educadamente, com Salmond, nervosa, ao lado dele. A policial mais jovem tinha concordado em ir com o antigo chefe, mas sabia que estava se colocando em risco. Ela seria punida com total severidade se seus superiores descobrissem, mas ele a convencera de que estavam fazendo a coisa certa.

— Eu sei que não estou no caso agora.

— O senhor foi afastado.

— Certo, obrigado por me lembrar, Salmond. Mas preciso estar lá. Conheço o caso de trás para frente, e conseguirei identificar as mentiras — dissera ele.

Ela sabia que ele estava certo, e ligou para a polícia de West Midlands para informar que estaria na área deles, mas assim que desligou se sentiu pressionada e indisposta. Salmond foi dirigindo, mas Sparkes pegou o trem rumo ao norte para não ser visto pelos antigos colegas. Quando viu Salmond esperando por ele diante da estação ferroviária, ela parecia desanimada e estressada.

— Vamos lá, Salmond, vai dar tudo certo — disse ele, em voz baixa. — Ninguém vai saber que eu estive lá. Serei como o homem invisível, prometo.

Ela lhe dirigiu um sorriso corajoso, e a dupla partiu para encontrar Matt Evans.

*

— Matt, tem dois policiais aqui procurando você — chamou a esposa. — Do que se trata? — perguntou ela aos policiais na entrada, mas Sparkes e Salmond esperaram o marido estar diante deles antes de dizer mais alguma coisa. *É preciso ser justo*, pensou Sparkes.

Evans fazia uma boa ideia de por que a polícia estava ali. Desde a primeira vez que viu Dawn e Bella na televisão e fez as contas, percebeu que um dia a polícia apareceria. Mas, à medida que semanas, meses e depois anos se passavam, ele começara a ter esperança.

“Ela pode não ser minha”, disse a si mesmo no começo. “Aposto que Dawn estava dormindo com outros caras.” No entanto, devido ao frio na barriga — uma parte do corpo muito mais confiável do que seu coração —, ele sabia que Bella era sua. Parecia tanto com sua filha “de verdade” que ele estava

impressionado que as pessoas não tivessem visto e ligado para o *Crimewatch*.

Mas não tinham, e ele seguira com a vida, aumentando a família e pegando novas Dawns pelo caminho. Só que nunca mais tinha feito sexo sem camisinha.

O policial mais velho sugeriu uma conversa discreta, e ele os levou, cheio de gratidão, à sala de jantar que nunca usavam.

— Sr. Evans, conhece alguma Dawn Elliott? — perguntou Salmond.

Evans pensou em mentir — ele era muito bom nisso —, mas sabia que Dawn o identificaria caso chegassem a esse ponto.

— Sim. Tivemos meio que um romance há alguns anos, quando eu era representante de vendas no litoral sul. Você sabe como é quando trabalha demais, acaba precisando de um pouco de diversão, um pouco de relaxamento...

Salmond olhou para ele friamente, registrando a franja caída, os olhos castanhos e o sorriso ao mesmo tempo atrevido e persuasivo, e seguiu em frente.

— E sabia que Dawn teve um bebê depois desse romance? Ela entrou em contato?

Evans engoliu em seco.

— Não, eu não sabia nada sobre o bebê. Veja bem, eu troquei o número do celular porque ela estava ficando um pouco grudenta e...

— Você não queria que sua esposa descobrisse. — Sparkes concluiu por ele.

Matt pareceu grato, e entrou no papo de homem para homem.

— É. Bem, Shan, minha esposa, não precisa saber disso, precisa?

Na última vez que Shan Evans fora procurada por uma das conquistas do marido, dissera que não haveria novas chances, e exigiu que tivessem outro filho, o terceiro. “Isso irá nos aproximar, Matt.” Não aproximou. As noites insones e a falta de sexo pós-parto fizeram com que ele voltasse a procurar diversão e relaxamento. No momento, havia uma secretária de Londres. Ele não conseguia evitar.

— Isso é com o senhor — disse Sparkes. — Houve algum contato entre vocês desde que trocou o número do celular?

— Não, eu me afastei totalmente. É perigoso retornar; elas acham que você voltou para se casar com elas.

Desgraçado sem coração, pensou Zara Salmond, escrevendo DSC na margem do seu caderno — depois emendando para DSCFDP. Ela tivera seus próprios encontros adolescentes com homens casados.

Evans estava inquieto em sua cadeira desconfortável.

— Na verdade, tem uma coisa engraçada. Uma vez eu a vi em uma sala de bate-papo na internet. Eu estava simplesmente navegando, como se costuma fazer, e lá estava ela. Se bem me lembro, ela era Pequena Miss Sunshine, como no livro infantil, a minha mais velha tem, mas usava a própria foto. Dawn nunca

foi exatamente brilhante.

— Você se apresentou à Pequena Miss Sunshine?

— Claro que não. A única razão para haver salas de bate-papo é que todos devem ficar anônimos. É mais divertido assim.

A sargento Salmond anotou tudo, pedindo que ele soletrasse o nome das salas de bate-papo que ele preferia e suas identidades na internet. Depois de vinte e cinco minutos Evans começou a se levantar para levá-los à saída, mas Sparkes ainda não havia terminado.

— Gostaríamos de coletar algumas amostras suas, Sr. Evans.

— Para quê? Tenho certeza absoluta de que Bella era minha filha; ela se parece muito com meus outros filhos.

— É bom saber disso. Mas precisamos ter certeza e criar condições de descartá-lo da nossa investigação.

Evans pareceu chocado.

— Investigação? Eu não tive nada a ver com o desaparecimento daquela garotinha.

— Da *sua* garotinha.

— Bem, sim, certo, mas por que eu sequestraria uma criança? Eu tenho três só para mim. Em alguns dias eu pagaria a alguém para sequestrá-las.

— Tenho certeza disso — falou Sparkes. — Mas precisamos ser minuciosos, para que possamos descartá-lo. Por que não pega o seu paletó e diz à sua esposa que precisa sair?

*

Os policiais esperaram do lado de fora.

Salmond parecia que ia explodir, de tão satisfeita consigo mesma.

— Ele viu Dawn em uma sala de bate-papo para maiores de dezoito anos. Ela participava do jogo; era amadora, mas participava.

Sparkes tentou manter a calma, mas a adrenalina também o inundava.

— Essa poderia ser a ligação, Salmond. A ligação entre Glen Taylor e ela — disse Sparkes, e riu, apesar de tudo.

Eles não ouviram a discussão entre marido e mulher, mas Salmond sentiu que havia pontas soltas quando Evans entrou no carro com eles.

— Vamos resolver isso — disse ele, depois se calou.

Na delegacia local, Evans deu amostras de DNA, tentando puxar papo com as policiais mais jovens, mas nenhuma delas se encantou. *Uma plateia mais rigorosa do que as garotas bêbadas na pista de dança*, pensou Sparkes, enquanto Salmond aplicava um pouco mais de força do que o necessário sobre

os dedos de Evans na tinta.

— Desculpe, senhor, mas tem que apertar com força para conseguir uma boa impressão.

Zara Salmond disse a Sparkes que dirigiria de volta ao QG para dar as notícias à nova chefe pessoalmente. Precisava de tempo para organizar sua história sem colocar Sparkes — e ela mesma — no meio de tudo.

— Vou dizer que West Midlands não tinha pessoal, então fui lá e o encontrei, o pai de Bella Elliott. Ele é um mulherengo de Birmingham, como pensamos, um tal de Matthew Evans. Representante de vendas, casado e com três filhos. O que acha, senhor?

Ele sorriu para encorajá-la, acrescentando:

— E ele pode fornecer o elo entre Glen e Bella.

Corta para rolhas de champanhe, pensou Sparkes, mais por esperança que expectativa.

*

No fim, ela lhe contou depois, a importância da descoberta fez com que fossem deixadas de lado perguntas sobre por que ela havia decidido visitar Evans por conta própria.

— Falamos sobre isso depois, Salmond — disse a inspetora-chefe Wellington enquanto ligava para o superintendente-chefe Parker a fim de reivindicar sua parcela da glória.

O retorno de Sparkes ao esquadrão de Hampshire ocorreu quatro dias depois. Parker foi breve e direto ao ponto.

— Temos uma nova pista no caso Bella, Bob. Com certeza você já ouviu. Queremos que assuma. Conversei com a polícia local para resolver isso. Em quanto tempo você pode voltar?

— Estou a caminho, senhor.

*

Sua volta foi tipicamente discreta.

— Olá, Salmond. Vamos ver em que pé estamos com Matthew Evans — disse, tirando o paletó.

E ele se encaixou novamente, como se tivesse passado apenas alguns minutos fora.

Salmond e a equipe de perícia de TI não tinham notícias animadoras. Eles haviam investigado os dados baixados do computador original de Taylor para

fisgar a Pequena Miss Sunshine assim que conseguissem a informação. Mas ela não estava lá.

— Nada de bate-papos, nada de e-mails, senhor. Examinamos todas as trocas, mas pelo visto ela não está aqui.

Sparkes, Salmond e o policial Dan Fry, que havia sido reincorporado à equipe, estavam de pé em um semicírculo irregular atrás da cadeira do técnico, olhando para a tela enquanto os nomes subiam, desejando que o dela surgisse. Era a quarta vez que repassavam a lista, e o clima na sala era desalentador.

Sparkes voltou para a sua sala e pegou o telefone.

— Olá, Dawn, é Bob Sparkes. Não, não exatamente novidades, mas eu tenho umas perguntas. Preciso conversar com você. Posso ir aí agora?

Ela merecia ser tratada com cuidado depois de tudo pelo que tinha passado, mas aquilo precisava ser abordado diretamente.

CAPÍTULO 38

Quinta-feira, 13 de julho de 2006

A MÃE

Dawn Elliott gostava de sair. Adorava o ritual de tomar um longo banho, passar condicionador no cabelo, depois usar o secador em frente ao espelho. Passar maquiagem pesada com alguma música de festa tocando bem alto. A última conferida de corpo inteiro no espelho que fica na porta do armário, e então estalar os saltos altos a caminho do táxi, a animação efervescendo no peito. Sair era como ter dezessete anos para sempre.

Bella a obrigara a parar com tudo isso por um tempo. Engravidar tinha sido de uma burrice estrondosa, mas a culpa era toda dela. Ansiosa demais para agradar. Ele era muito sensual — dançando até chegar perto dela naquela primeira vez que se viram. Ele tomara sua mão e a rodopiara até que ela estivesse tonta e rindo. Eles haviam saído para beber do lado de fora com os fumantes, para tomar um pouco de ar. O nome dele era Matt, e já tinha dona, mas ela não ligava. Ele só visitava Southampton uma vez por mês a trabalho, mas no começo telefonava e mandava mensagens de texto todo dia, quando a esposa achava que ele tinha ido pegar algo no carro ou levado o cachorro para passear.

A relação durou seis meses, até ele contar que o escritório o transferira do litoral sul para o nordeste. Seu último encontro havia sido tão intenso que depois ela se sentiu embriagada com a experiência. Ele suplicara para fazer sexo sem camisinha. “Será mais especial, Dawn.” E tinha sido, ela supunha, mas ele não ficara por perto para saber do resultado. “Homens casados não fazem isso”, dissera sua mãe, desesperada com a ingenuidade da filha. “Eles têm esposas e filhos, Dawn. Só querem sexo com garotas idiotas como você. O que você vai fazer em relação à criança?”

No começo ela não sabia o que fazer, e foi adiando qualquer decisão para o caso de Matt aparecer de novo, como um cavaleiro montado em um cavalo branco para levá-la rumo a uma nova vida. Uma vez que ele não fez isso, ela começou a ler revistas sobre bebês e avançou feito uma sonâmbula em direção à maternidade.

Não se arrependia de ter seguido em frente com a gravidez — pelo menos não com frequência, só quando Bella acordava a cada hora a partir das três da manhã, quando os dentes estavam nascendo e ela gritava, ou quando sujava as fraldas. Os primeiros meses acabaram não sendo como as revistas propagavam, mas mãe e filha haviam sobrevivido uma à outra, juntas. Além disso, as coisas melhoraram à medida que Bella se transformava em uma pessoa e virava uma companhia para Dawn.

Ela contara à filha todos os seus segredos e pensamentos, com a segurança de que Bella não iria julgá-la. A garotinha ria junto com ela quando estava feliz, e se aninhava em seu colo quando Dawn chorava.

Entretanto, horas passadas assistindo a canais infantis e brincando com joguinhos de celular não preenchiam sua vida. Dawn era solitária, tinha apenas vinte e seis anos. Não deveria estar sozinha, mas quem estaria interessado em uma mãe solteira?

Ela se sentia atraída por homens casados — havia lido que os homens mais velhos representavam uma figura paterna e a excitação do fruto proibido. Ela não tinha sacado a referência bíblica, mas compreendia muito bem a mistura de perigo e segurança. Dawn queria encontrar outro Matt, mas não tinha dinheiro para contratar babás, e a mãe não aprovava que ficasse na rua até tarde.

— O que você está fazendo? Indo a boates? Deus do céu, Dawn, veja aonde isso a levou na última vez. Você agora é mãe. Por que não sai para almoçar com uma das suas amigas?

Então ela fez isso. Dividir uma pizza de presunto e abacaxi com Carole, uma velha amiga de escola, foi legal, mas ela não voltou para casa zumbindo com música e doses de vodca.

*

Ela descobriu a sala de bate-papo por intermédio de uma revista na sala de espera do médico. Bella estava com febre e irritação de pele, e Dawn sabia que o Dr. John, como gostava de ser conhecido, conversaria com ela e lhe daria alguma atenção — *sentiria desejo por mim*, disse a si mesma, decidindo em cima da hora passar maquiagem. Ela precisava ser desejada. Toda mulher precisava.

Folheando as páginas de uma revista adolescente, manchada com marcas de dedos, ela lera sobre o novo mundo de encontros pela internet. Ficou tão absorta que não ouviu seu nome ser chamado. A recepcionista teve que gritar seu nome, e ela se levantou rapidamente, arrastando Bella do cercado com peças de Lego e enfiando a revista na bolsa para ler depois.

Seu laptop era velho e gasto, e, para piorar, ela o guardava no alto do armário, longe dos dedos grudentos de Bella. Um sujeito no trabalho lhe dera após comprar um novo. Ela havia usado o laptop no começo, mas o carregador parou de funcionar e ela não teve dinheiro para comprar outro, então perdera o interesse.

No caminho de volta para casa, ela usou seu cartão de crédito de emergência para comprar um novo carregador. A sala de bate-papo era magnífica. Ela se deleitou com a atenção de seus novos amigos, os homens que queriam saber tudo

sobre ela, que perguntavam sobre sua vida e seus sonhos e pediam sua foto, que não eram afugentados por ela ter uma filha. Alguns até mesmo queriam saber sobre a sua filhinha.

Ela não contou a ninguém. Ninguém fora do laptop. Aquilo era uma coisa dela.

CAPÍTULO 39

Quinta-feira, 21 de janeiro de 2010

O DETETIVE

A casa na Manor Road parecia mais limpa e arrumada. Os brinquedos de Bella foram empilhados em uma caixa perto da televisão, e a sala da frente fora transformada no quartel-general da campanha Encontrem Bella. Voluntários estavam sentados a uma mesa separando a correspondência.

— Recebemos umas cem cartas em um dia bom — disse Dawn, orgulhosa — e as colocamos em três pilhas: pessoas que podem ter visto, cartas de solidariedade e malucos. A pilha dos malucos parecia muito maior que as outras, mas Sparkes não comentou.

— Muita gente manda dinheiro para nos ajudar a encontrá-la — disse Dawn.

Ela usava o fundo para colocar anúncios em jornais do mundo inteiro e, de vez em quando, pagar detetives particulares para conferir uma pista.

— Vamos para algum lugar mais tranquilo, Dawn — disse ele, e a conduziu pelo cotovelo até a cozinha, fechando a porta atrás deles.

À menção a Matt, ela caiu em lágrimas.

— Como vocês o encontraram? O que ele falou de mim? E de Bella?

— Ele disse que achava ser o pai dela. Estamos esperando o resultado do exame de DNA.

— Ele tem outros filhos?

— Sim, Dawn.

— Eles se parecem com ela?

— Sim.

Ela chorou mais ainda.

— Vamos lá, Dawn, precisamos conversar sobre outra coisa que Matt Evans nos contou. Sobre ter visto você em uma sala de bate-papo na internet.

Isso conteve as lágrimas.

— Matt me viu em uma sala de bate-papo? Eu não o vi.

— Mas você entrou em salas de bate-papo?

— Sim, mas não como os lugares de que você falou no julgamento. Não foi nada sujo ou sobre sexo.

Sparkes fez uma pausa.

— Por que você não disse que frequentava salas de bate-papo?

Dawn enrubesceu.

— Eu estava constrangida. Nunca contei a ninguém o que estava fazendo porque achei que as pessoas pensariam que eu só entrava para conseguir sexo. Eu não fiz isso, inspetor Sparkes. Só estava me sentindo sozinha. Só estava

conversando. Coisas sobre o que tinha acontecido em alguma novela ou reality show... Nunca encontrei ninguém na vida real. Eu sinceramente não achei necessário mencionar.

Sparkes se inclinou para a frente e deu um tapinha na mão dela.

— Você comentou sobre Bella nas salas de bate-papo, Dawn?

Ela o encarou e lutou para falar.

— Não. Quer dizer, sim, um pouco. Com outras garotas. Mas, você sabe, só coisas como Bella ter me mantido acordada de noite ou algo engraçado que ela havia feito. Estávamos apenas conversando.

— Mas outras pessoas tinham acesso ao que você falava, não?

Dawn deu a impressão de que iria desmaiar, e Sparkes contornou a mesa até o lado dela, puxando a cadeira para trás e delicadamente a colocando com a cabeça sobre o colo por um momento. Ela ainda estava de uma palidez mortal quando se sentou novamente.

— Você está se referindo a ele? Ele soube do que falei sobre Bella? Foi assim que a encontrou?

Não havia necessidade de citar nomes, ambos sabiam quem era “ele”.

— Não podemos ter certeza, Dawn, mas precisamos que você se recorde, tente lembrar com quem conversou na internet. Também vamos examinar o seu laptop.

Um voluntário entrou para fazer uma pergunta a Dawn e, ao ver seu rosto em prantos, recuou imediatamente.

— Não, por favor, fique — disse Sparkes. — Poderia dar uma olhada em Dawn por um minuto? Ela teve um choque, e uma xícara de chá poderia fazer bem a ela.

O inspetor saiu e telefonou para Salmond.

*

Ele embrulhou o computador gasto de Dawn e o levou ao QG, enquanto sua sargento tomava o depoimento da mãe arrasada. Sparkes queria participar da caçada nos sites. Queria estar lá quando surgisse Ursão, ou qualquer que fosse a referência doentia a pré-escola que Taylor tivesse usado.

A atmosfera no laboratório era fétida, uma mistura de vestiário e pizzas esquecidas, e os técnicos de informática pareciam cansados quando levaram o computador para catalogação e garimpo de dados. Ficaram gratos por dessa vez só haver uma pequena parcela da atividade a examinar, mas mesmo assim demoraria para gerar uma lista de sites de bate-papo e contatos.

A lista, quando surgiu, era a mistura conhecida de fantasia e nomes chocantes,

e Sparkes passou por eles rapidamente a fim de descartar os avatares conhecidos de Taylor.

— Ele deve ter usado outro nome — disse a Fry.

— Temos todas as identidades de Taylor no laptop dele, senhor.

— Temos certeza de que ele só tinha um laptop?

— Nenhum sinal de qualquer outro, mas ele certamente estava usando pelo menos uma lan house, talvez outras em suas viagens.

O técnico suspirou.

— Teremos que descartar todos os avatares que pudermos, depois limitar um pouco o campo.

Sparkes pegou a lista e voltou à casa de Dawn.

*

Ela ainda estava chorando. Salmond segurava sua mão e conversava em voz baixa.

— Vamos continuar, Dawn. Você está se saindo muito bem — disse Salmond e, em seguida, olhou para Sparkes. — Ela está se saindo muito bem, senhor.

Dawn olhou para ele parada na entrada de casa, assim como havia acontecido no dia em que Bella sumira. A sensação de *déjà-vu* era assombrosa.

— Consegui uma lista de pessoas com quem você interagiu nas salas de bate-papo. Vamos dar uma olhada juntos para ver se lembra de alguma coisa.

O resto da casa estava em silêncio. Os voluntários tinham partido havia muito, expulsos pela sensação de fracasso e a perturbação de Dawn.

Ela correu o dedo pelos nomes, página após página.

— Eu não sabia que tinha conversado com tanta gente — falou.

— Provavelmente não conversou, Dawn. As pessoas podem simplesmente entrar em uma sala de bate-papo, dizer olá e em seguida apenas escutar.

Ela parou diversas vezes, fazendo o coração de Sparkes acelerar, e contou a Salmond pequenos detalhes que ia lembrando — “Gaivota: ela morava em Brighton e queria saber os preços das casas aqui... BillieJean era uma grande fã de Michael Jackson, estava sempre falando sobre ele... Ruiva100 estava em busca do amor. Fico me perguntando se encontrou” —, mas a maioria do papo era tão banal que Dawn não recordava quase nada.

Quando chegou a MorenoAltoBonitão ela parou.

— Eu me lembro deste. Ri muito quando vi o nome. Que clichê. Acho que trocamos mensagens uma ou duas vezes fora da sala de bate-papo, por e-mail. Não havia nada de romântico. Uma vez eu estava deprimida e foi bom falar com ele, mas não mantivemos contato.

Sparkes saiu do aposento e telefonou para Fry.

— Examine MorenoAltoBonitão. Pode ser ele. Conversaram fora da sala de bate-papo. Mande uma mensagem se descobrir algo.

Demorou um pouco, mas finalmente seu telefone apitou: “Encontrei.”

*

Um dos peritos estava esperando por Sparkes quando ele chegou.

— Encontramos o contato por e-mail entre Dawn Elliott e MorenoAltoBonitão; apenas três e-mails, mas Bella é mencionada.

Sparkes não era o tipo que dava soquinhos no ar, mas chegou perto disso naquele momento.

— O próximo passo é ligar o endereço de e-mail a Taylor, senhor.

Eles também estavam vasculhando a página de Dawn no Facebook. Havia centenas de fotos de Bella, mas Dan Fry estava ajudando a procurar as imagens disponíveis antes do sequestro, e investigando os amigos em busca de sinais do suspeito.

Marchando na lama, nova versão, pensou Sparkes enquanto observava a equipe trabalhando.

Um perito de aparência cansada foi vê-lo mais tarde naquele dia.

— Um problema, senhor. Dawn Elliott não colocou nenhuma segurança em sua página do Facebook até depois do desaparecimento da garotinha, então qualquer um poderia ter olhado as informações dela e as fotos sem precisar solicitar amizade.

— Cristo. Nós verificamos mesmo assim?

— Claro. Nem Glen Taylor nem qualquer das identidades que conhecemos aparecem. O estranho é que Jean Taylor está lá. Ela é uma amiga da campanha Encontrem Bella.

— Jean? Tem certeza de que é ela?

— Sim. Nessa época a página já tinha segurança. Ela não apenas curtiu a página, como também postou duas mensagens.

— Mensagens?

— Sim, ela disse a Dawn que rezava pela volta de Bella em segurança, e depois enviou uma mensagem no quarto aniversário da criança.

Sparkes estava confuso. Por que Jean Taylor seria amiga de Dawn Elliott?

— Tem certeza de que é ela e não alguém se fazendo passar por ela?

— O endereço de e-mail é um que ela usa, e o endereço de IP corresponde à sua área de Londres. Não podemos pôr a mão no fogo, mas certamente aponta para isso.

Sparkes avaliou as possibilidades. Poderia ser o marido se fazendo passar por ela, mas isso foi após o sequestro. Talvez ele só estivesse garantindo ter todas as informações sobre a caçada.

— Bom trabalho. Vamos continuar cavando — disse ao perito, e fechou a porta do escritório para poder pensar um pouco.

Ele precisava conversar com Glen e Jean. Separadamente.

CAPÍTULO 40

Sexta-feira, 22 de janeiro de 2010

A VIÚVA

Eu estava lavando a mão na pia quando Bob Sparkes tocou a campainha. Pus as mãos debaixo da torneira para enxaguar o sabonete, depois as sacudi conforme andava até a porta. Eu não estava esperando ninguém, mas Glen instalara uma pequena câmera para que pudéssemos ver em uma tela quem estava na entrada. “Isso nos poupa o tempo de abrir a porta para a imprensa, Jeanie”, disse ele, apertando o último parafuso no suporte.

Não gostei. Fazia todos parecerem criminosos, tudo distorcido como no verso de uma colher, até mesmo a mãe dele. Mas ele insistiu. Olhei, e ali estava Sparkes, o nariz tomando conta da tela. Apertei o interfone e perguntei:

— Quem é?

Não fazia sentido facilitar para ele. Ele meio que sorriu. Sabia que era um jogo, então respondeu:

— É o investigador Sparkes, Sra. Taylor. Podemos ter uma rápida conversa?

Abri a porta e ele estava lá, o rosto novamente nas proporções normais — um belo rosto, na verdade.

— Não achei que o veria novamente, depois do acordo de indenização e tudo mais — falei.

— Bem, aqui estou. Já faz algum tempo. Como estão as coisas? — perguntou, descarado.

— Estamos bem, embora não graças a vocês. Sinto informar que Glen não está aqui, inspetor. Talvez devesse telefonar antes na próxima vez, caso queira voltar.

— Não, está bem. Eu só queria lhe fazer algumas perguntas.

— Para mim? O que você poderia ter para me perguntar? O caso contra Glen está encerrado.

— Eu sei, eu sei, mas há algo que preciso lhe perguntar, Jean.

A intimidade implícita ao usar meu nome me apanhou desprevenida, e disse a ele para limpar os pés.

Quando ele entrou, foi direto para a sala de estar — como se fosse da família. Sentou-se em seu lugar habitual, e eu fiquei junto à porta. Não iria ficar à vontade com ele. Ele não deveria ter vindo. Isso não era certo.

Ele não pareceu lamentar por ter ido, por nos assediar depois que os tribunais disseram que tudo estava encerrado. De repente, fiquei assustada. Tê-lo ali era como se tudo voltasse à estaca zero. As perguntas começando outra vez. E eu estava com medo. Com medo de que ele tivesse descoberto algo novo com o que

nos caçar.

— Jean, quero lhe perguntar por que se tornou amiga de Dawn Elliott no Facebook.

Eu não esperava aquilo. Não soube o que dizer. Eu começara a usar a internet depois que Glen foi indiciado e levado embora. Queria entender como aquilo funcionava — colocar-me no lugar de Glen, talvez —, então comprei um pequeno laptop. O homem na loja me ajudou a configurá-lo e a fazer uma conta de e-mail e um perfil no Facebook. Demorei um pouco para entender como mexer, mas comprei um guia de ajuda para idiotas, e tinha muito tempo livre para gastar descobrindo. Isso ocupou minhas noites, e era uma alternativa à televisão. Não contei a Glen enquanto ele estava preso em Belmarsh. Fiquei preocupada que achasse que eu estava fazendo isso para pegá-lo. Poderia pensar que eu estava sendo desleal.

De qualquer maneira, não usei muito. Quando ele voltou, ficou surpreso, mas não irritado. Imagino que havia muita coisa acontecendo para que qualquer ação minha tivesse alguma importância.

Mas ele certamente não sabia que eu era amiga de Dawn no Facebook, e agora Bob Sparkes estava ali para criar confusão por causa disso. Foi idiota da minha parte — "imprudente", diria Glen se soubesse. Fiz isso uma noite após ter visto Dawn no telejornal. Eu só queria participar da campanha para encontrar Bella, fazer algo para ajudar, pois acreditava que estava viva.

Não parei para pensar que a polícia me veria no meio de todas aquelas centenas de nomes, mas claro que eles veem tudo. "Você nunca pensa, Jean", diria Glen se estivesse aqui agora. Mas eu não deveria ter feito aquilo, porque levaria a polícia a voltar os olhos para nós outra vez. Causaria problemas a Glen. O investigador Sparkes está olhando para mim, mas acho melhor ficar calada. Devo parecer idiota e deixar que ele vá em frente. E é o que ele faz.

— Você entrou para a campanha, Jean, ou alguém usou a sua identidade?

Suponho que ele se refira a Glen.

— Como eu poderia saber, inspetor Sparkes?

Preciso manter o distanciamento. Nada de nomes. Onde Glen está? Ele disse que voltaria em dez minutos. Ouço enfim a chave dele na fechadura.

— Estamos aqui dentro, Glen — chamo. — O inspetor Sparkes está aqui.

Glen olha para dentro, ainda vestindo o casaco, e assente com a cabeça para o inspetor. Bob Sparkes se levanta e vai ao corredor falar com ele sozinho. Fico sentada, petrificada de medo de Glen explodir por causa da coisa do Facebook, mas as vozes não se elevam, e depois ouço o estalo da porta.

— Ele foi embora — diz Glen, do corredor. — Nem deveria ter vindo. Falei que isso é assédio policial, e ele saiu. O que ele disse?

— Nada. Queria saber quando você voltaria.

Bem, ele queria.

Saio para pendurar minhas meias lavadas no varal portátil, depois pego o laptop para ver se consigo me deletar da página de Bella no Facebook. Não faz muito sentido, na verdade, considerando que a polícia já viu, mas Glen não. Acho que o inspetor Sparkes não disse nada a ele. Isso foi bom de sua parte.

Mas acredito que ele volte.

*

Apareço na cozinha, e Glen está remexendo na geladeira em busca de algo para colocar em um sanduíche. De brincadeira eu o empurro de lado para fazer isso por ele.

— O que você prefere? Queijo ou atum?

— Atum, por favor. Temos fritas para acompanhar?

Preparo um sanduíche com um pouco de alface e tomate. Ele precisa comer mais verduras e legumes frescos. Está com um aspecto doente e ganhando peso por ficar o tempo todo sentado dentro de casa.

— Aonde você foi? — pergunto enquanto coloco o prato diante dele. — Agora?

Glen faz aquela cara, aquela de quando o estou irritando.

— Até a papelaria, Jean. Pare de me vigiar.

— Estou interessada, só isso. Como está o sanduíche? Posso dar uma olhada no jornal?

— Esqueci de comprar. Agora me deixe comer em paz.

Vou para a outra sala e tento não me preocupar, mas acho que tudo está começando de novo. Os absurdos dele. Ele começou a desaparecer mais uma vez. Não dentro de casa — eu saberia. Mas às vezes fica fora por uma hora ou duas e volta sem conseguir dizer o que esteve fazendo. E fica irritado se eu fizer muitas perguntas.

Não quero realmente saber, mas preciso. Para ser sincera, achei que Bob Sparkes tinha aparecido hoje por causa disso. Achei que Glen havia sido pego mais uma vez fazendo alguma coisa em um computador.

Eu me esforço muito para acreditar nele, mas em certos dias, como hoje, é complicado. Começo a imaginar o que poderia acontecer. Não faz sentido pensar no pior, meu pai diz à minha mãe quando ela tem um ataque, mas é difícil não fazer isso. Difícil quando o pior está logo ali. Bem do outro lado da porta.

Eu deveria fazer algo para impedir isso. Se não fizer, estaremos perdidos.

CAPÍTULO 41

Sexta-feira, 11 de junho de 2010

A VIÚVA

Tom Payne liga para mim no hotel e diz que o contrato parece aceitável, mas ele está preocupado com o que vão escrever. Com Kate no quarto fica difícil falar, então vou ao banheiro para ter alguma privacidade.

— A imprensa não é sua amiga, Jean — diz ele. — Eles conseguirão a matéria que quiserem escrever. O contrato não prevê uma leitura prévia do artigo, então você não tem como voltar atrás caso eles distorçam as coisas. Estou preocupado por você estar fazendo isso sozinha. Quer que eu vá até aí?

Não quero Tom ali. Ele vai tentar me fazer mudar de ideia, mas sei o que estou fazendo. Estou pronta.

— Estou bem, Tom, obrigada. Depois aviso como me saí.

Kate está de volta ao meu quarto, novamente agarrando o contrato.

— Vamos lá, Jean — diz ela. — Vamos assinar isto e seguir em frente com a entrevista.

Ela está determinada e eu quero ir para casa, então pego o pedaço de papel e assino meu nome na linha pontilhada. Kate sorri, seus ombros relaxam e ela se senta em uma das poltronas.

— Tiramos as formalidades do caminho, Jean — diz ela, e saca do fundo da bolsa um gravador velho. — Você se importa se eu gravar a entrevista? — pergunta, colocando o aparelho na minha frente. — Só para o caso de haver problemas com as minhas anotações — acrescenta, sorrindo.

Faço que sim com a cabeça, em silêncio, e tento descobrir como começar, mas não precisaria me preocupar. Kate está no comando.

— Quando você ouviu pela primeira vez que Bella Elliott estava desaparecida, Jean?

Consigo lidar bem com essa pergunta. Penso naquele dia, em outubro de 2006, quando a notícia foi dada no rádio enquanto eu estava na cozinha.

— Eu trabalhei naquela manhã — conto para Kate. — Mas tive a tarde de folga para compensar o turno de domingo de manhã. Estava fazendo algumas coisas, arrumando a casa, descascando batatas para a ceia. Glen passou em casa para tomar um chá, e eu me arrumei para minha aula no centro esportivo. Tinha acabado de voltar e estava ligando o forno quando ouvi a notícia no rádio. Disseram que havia uma grande busca policial por uma garotinha que tinha desaparecido em Southampton. Uma garotinha estava no jardim de casa e desapareceu. Na hora tive um calafrio. Uma garotinha como aquela, na verdade ainda um bebê. Não suportei pensar naquilo.

Tenho outro calafrio agora. Foi um choque ser confrontada com aquele rostinho, o curativo e os cachos. Kate está olhando, ansiosa, e volto a falar.

— O assunto lotou os jornais do dia seguinte. Muitas fotografias e aspas da avó sobre como ela era um amor. Realmente de partir o coração. Todas nós conversamos sobre isso no salão. Estávamos chateadas e preocupadas; você sabe como as pessoas são.

— E Glen? — pergunta Kate. — Qual foi a reação dele?

— Ele ficou chocado com aquilo. Tinha feito uma entrega em Hampshire naquele dia, claro, vocês sabem disso, e não estava conseguindo superar. Nós adorávamos crianças. Estávamos chateados.

A verdade é que, afora a coincidência de ele ter estado em Hampshire, não conversamos muito sobre o desaparecimento. Tomamos o chá com os pires no colo enquanto assistíamos ao telejornal, e depois ele subiu e foi para o computador. Eu me lembro de ter dito: “Espero que encontrem aquela garotinha, Bella.” E não consigo me lembrar de ouvi-lo dizer mais nada. Na época não achei isso estranho. Era apenas Glen sendo Glen.

— E então a polícia apareceu — diz Kate, inclinando-se para a frente sobre o caderno e olhando diretamente para mim. — Isso deve ter sido horrível.

Conto a ela a história sobre estar chocada demais para falar e ainda continuar de pé no corredor uma hora depois de a polícia ter partido, feito uma estátua.

— Você teve alguma suspeita sobre o envolvimento dele, Jean? — pergunta ela.

Tomo outro gole de café e balanço a cabeça. Estava esperando que perguntasse isso — foi o que a polícia me perguntou várias e várias vezes — e estava com a resposta preparada.

— Como eu poderia acreditar que ele estaria envolvido em algo tão hediondo? — respondo. — Ele adorava crianças. Nós dois adorávamos.

Mas não da mesma forma, no fim das contas.

Kate está olhando para mim, então reparo que fiquei calada novamente.

— Jean, no que está pensando?

Quero dizer que estou pensando sobre quando Glen me disse que tinha visto Bella, mas não posso contar isso a ela. É grave demais para ser dito.

— Só pensando nas coisas — digo, e em seguida acrescento: — Sobre Glen e se eu o conhecia de verdade.

— O que quer dizer com isso, Jean? — pergunta ela.

— No dia em que foi preso, o rosto dele estava inexpressivo. Por alguns segundos não o reconheci. Isso me assustou.

Ela anota isso, levantando a cabeça para assentir e me olhar nos olhos. Kate me deixa falar, e a coisa sobre a pornografia jorra. Ela fica sentada, escrevendo

rapidamente no caderno, mas sem tirar os olhos de mim. Anuindo, incentivando com o olhar, cheia de simpatia e compreensão. Durante anos aceitei a culpa pelo que Glen fez, dizendo a mim mesma que havia sido minha obsessão doentia em ter um bebê que o levara a fazer coisas terríveis, mas hoje ele não está aqui para me lançar aquele olhar. Posso ficar com raiva e magoada pelo que ele fez no nosso outro quarto. Enquanto eu estava deitada no quarto bem em frente, ele convidava aquela sujeira para dentro de nossa casa.

— Que tipo de homem vê fotografias como aquelas, Kate? — pergunto.

Ela dá de ombros, impotente. Seu velho não olhava imagens de criancinhas sofrendo abusos. Sorte dela.

— Ele me disse que não era de verdade. Que eram mulheres vestidas como crianças, mas não eram. Pelo menos não todas. A polícia disse que eram reais. Glen alegou que era um vício. Não conseguia evitar. Disse que começou com "pornografia normal". Não sei direito o que é normal. Você sabe?

Ela balança a cabeça novamente.

— Não, Jean, não estou certa. Mulheres nuas, suponho.

Eu faço que sim. Era o que eu pensava. O tipo de coisa que tem em revistas nas bancas ou em filmes para maiores de idade.

— Mas isso não era normal. Glen disse que continuava descobrindo coisas novas para ver, era mais forte que ele. Disse que tinha encontrado coisas por acaso, mas isso não é possível, é?

Ela dá de ombros, depois balança a cabeça.

— Você tem que pagar — digo a ela. — Você tem que colocar o número do cartão de crédito, seu nome e endereço. Tudo. Não dá para simplesmente tropeçar em um desses sites da internet. É um ato deliberado que demanda tempo e concentração. Foi o que a testemunha da polícia disse no julgamento. E que o meu Glen fazia aquilo noite após noite, procurando coisas cada vez piores. Novas fotos e novos vídeos, a polícia falou que eram centenas. Centenas! Não dava para imaginar que havia tantos para ver. Ele me disse que odiava olhar aquilo, mas que alguma coisa dentro dele o fazia procurar mais. Disse que era uma doença. Não conseguia se conter. E me culpava.

Kate olha para mim, incentivando-me a prosseguir, e agora não consigo mais parar.

— Ele falou que eu o levei a isso. Mas ele me traiu. Fingiu ser um homem normal, indo para o trabalho, tomando uma cerveja com os colegas e me ajudando com a louça, mas se transformava em um monstro em nosso outro quarto todas as noites. Ele não era mais o Glen. Era ele o doente, não eu. Se ele podia fazer isso, acredito que era capaz de qualquer coisa.

Paro de falar, chocada com o som da minha própria voz. E ela olha para mim.

Para de escrever, se inclina para a frente e coloca a mão em cima da minha. Está quente e seca, e viro a mão para segurá-la.

— Sei como isso deve ser difícil, Jean — diz.

Ela parece falar sério. Quero parar, mas ela aperta minha mão outra vez.

— É um grande alívio poder dizer essas coisas — afirmo, e as lágrimas correm. Ela me entrega um lenço de papel, e eu assoo com força o nariz. Continuo falando, mesmo aos soluços. — Não sabia que ele estava fazendo isso, realmente não sabia. Eu teria ido embora se soubesse. Não teria ficado com um monstro feito aquele.

— Mas você ficou quando descobriu, Jean.

— Eu tive que ficar. Ele explicou tudo de um modo que eu não conseguia mais saber o que era certo. Glen fez com que eu me sentisse culpada por achar que ele havia feito aquelas coisas. Tudo tinha sido inventado pela polícia, pelo banco ou pelas empresas de internet. E depois ele me culpou. Me levou a encarar isso como se fosse culpa minha. Ele era muito convincente quando me contava as coisas. Glen me fez acreditar nele.

E ele fez mesmo. Mas não está mais aqui para fazer.

— E Bella? — pergunta Kate, como previsto. — E quanto a Bella? Ele a pegou, Jean?

Fui longe demais para parar agora.

— Sim — respondo. — Acho que sim.

O quarto fica em silêncio, e fecho os olhos.

— Ele lhe contou que a tinha raptado? O que você acha que ele fez com ela, Jean? Onde a colocou?

As perguntas dela estão se chocando contra mim, chegando rápido demais. Não consigo pensar. Não posso dizer mais nada, senão perderei tudo.

— Não sei, Kate — respondo.

O esforço para impedir a mim mesma de dizer mais faz com que me sinta trêmula e com frio, então passo os braços ao redor do corpo. Kate se levanta, se senta no braço da minha cadeira e me envolve com carinho. É agradável ser abraçada, e me sinto como na época em que minha mãe me abraçava quando eu estava chateada. “Não chore, filhota”, dizia ela, e me abraçava para passar segurança. Nada podia me tocar. Claro que agora é diferente. Kate Waters não pode me proteger do que virá, mas fico sentada lá com a cabeça apoiada nela por algum tempo.

Ela começa novamente, em voz baixa.

— Glen contou algo sobre Bella, Jean? Antes de morrer?

— Não — respondo, suspirando.

Então há uma batida à porta. O sinal secreto. Deve ser Mick. Ela murmura

baixo, e posso sentir que está lutando para decidir se grita “Some daqui, porra!” ou se o deixa entrar. Ela retira o braço e ergue as sobrancelhas, como se dissesse “Malditos fotógrafos”, e vai até a porta. A conversa entre os dois se dá em sussurros ferozes. Pego as palavras “Não agora”, mas Mick não vai embora. Diz que precisa ter algumas fotos “prontas”, porque o editor de fotografia está “muito irritado”. Eu me levanto e vou ao banheiro me recompor antes que ele entre. Vejo no espelho o meu rosto, vermelho. Com olhos inchados e bolsas embaixo.

— O que eu estou parecendo? — digo em voz alta.

É algo que costumo dizer quando me olho no espelho. Pareço péssima, e nada vai ajudar, então preparo um banho. Não dá para ouvir o que está acontecendo no quarto até fechar as torneiras. Kate está gritando, Mick está gritando.

— Onde ela está? — berra ele.

— Na porra do banheiro, o que você acha? Seu idiota, estávamos chegando em algum lugar, e você tinha que se meter.

Eu me deito nas bolhas do hotel, agitando a água ao meu redor, e penso. Concluo que já disse o que tinha a dizer. Vou me sentar e tirar as fotos porque prometi fazer isso, mas depois vou direto para casa. Aí está, a decisão é toda minha. Aí está, Glen. Vá se foder! E dou um sorriso.

*

Quinze minutos depois eu saio, rosada devido ao calor do banho e o cabelo frisado pelo vapor. Kate e Mick estão sentados lá, sem olhar um para o outro e em silêncio.

— Jean — diz Kate, levantando-se rapidamente. — Você está bem? Fiquei preocupada. Você não me ouviu chamar do outro lado da porta?

Lamento de verdade por ela. Devo estar levando Kate à loucura, mas preciso pensar em mim mesma.

Mick tenta um sorriso amigável.

— Jean, você está ótima — diz, mentindo. — Você se importaria se eu tirasse umas fotos enquanto a luz está boa?

Eu concordo e procuro minha escova de cabelo. Kate se aproxima para me ajudar e sussurra.

— Me desculpe. Mas isso tem que ser feito. Prometo que não será doloroso demais — fala, apertando meu braço.

Temos que ir lá para fora, pois Mick diz que ficará mais natural. “Mais natural do que o quê?”, fico com vontade de perguntar, mas não me dou ao trabalho. Vamos acabar com isso, e então poderei ir para casa.

Ele me faz andar pelo gramado do hotel, de um lado para outro, indo até ele e me afastando.

— Faça um olhar distante, Jean — pede, e eu faço. — Pode vestir alguma outra coisa? Vou precisar de imagens diferentes.

Obedeço sem questionar, voltando ao quarto para colocar meu novo pulôver azul e pegar emprestado um colar de Kate antes de descer as escadas de volta. A recepcionista deve achar que sou famosa ou algo do tipo. Suponho que estou prestes a ser. Famosa.

Depois que até Mick fica entediado de me fotografar apoiada em uma árvore, sentada em um banco ou em uma cerca, descendo uma trilha — "Não sorria, Jean!" —, voltamos todos para dentro.

Kate diz que precisa começar a escrever, e Mick tem que passar as fotos para o computador. Ficamos parados no corredor diante dos quartos, e Kate me diz para relaxar umas duas horas e pedir o que eu quiser no quarto. Quando ela desaparece no seu quarto, volto ao meu e começo a colocar tudo em uma bolsa. Não tenho certeza se posso ficar com as roupas que o jornal comprou para mim, mas estou vestindo quase todas, e não vou me dar o trabalho de trocar. Depois me sento novamente. Por um momento não fico segura se posso ir embora. Isso é ridículo. Sou uma mulher de quase quarenta anos. Posso fazer o que quiser. Pego minhas coisas e desço as escadas. A recepcionista é toda sorrisos, ainda achando que sou uma celebridade, suponho. Peço a ela para chamar um táxi que me leve à estação mais próxima, e me sento em uma das poltronas, diante de uma tigela de maçãs. Pego uma e dou uma grande mordida.

CAPÍTULO 42

Sexta-feira, 11 de junho de 2010

A REPÓRTER

Kate se jogou na escrivaninha, que era uma reprodução de algum estilo antigo, e empurrou para o lado a reprodução de mata-borrão em couro. Seu adorado e gasto laptop estava na cama, onde o deixara naquela manhã depois de digitar suas anotações tomando a primeira xícara de café do dia. O cabo serpenteava por toda a extensão dos lençóis brancos até uma tomada atrás da mesa de cabeceira. Ela o desembaraçou e recolocou na tomada, tirou o paletó e o ligou. Sua cabeça zumbia com a voz de Jean Taylor, e a matéria já ganhava forma em sua mente.

No que dizia respeito a escrever, ela mergulhava, não planejava. Na verdade, fazia isso no que dizia respeito à vida como um todo. Alguns de seus colegas se sentavam com os cadernos, marcando aspas com asteriscos e sublinhando passagens importantes. Alguns até mesmo numeravam parágrafos, como se com medo de que suas anotações desaparecessem ou que quebrassem alguma espécie de feitiço por começarem a escrever.

Outros — os verdadeiros talentos, reconhecia ela consigo mesma — escreviam a coisa toda na cabeça tomando um café ou uma cerveja, e depois colocavam no papel em um rascunho belo e fluente. Ela fazia um pouco de ambos, dependendo da quantidade de coisas que estivesse acontecendo ao redor; escrevia um pouco de cabeça enquanto deixava a entrevista, depois mergulhava na matéria em seu computador, ganhando fluência, editando e recompondo enquanto avançava.

Era engraçado: embora todos escrevessem em computadores, os jornalistas da sua geração ainda falavam como se escrevessem em pedaços de papel e ditassem matérias para redatores desalmados — “Ainda tem muito mais disso?” — a partir de cabines telefônicas com manchas de mijo. Ela começara bem no fim dos anos de ouro da Fleet Street, mas adorara a dureza do jornalismo da época. A redação zumbia com o barulho de homens e mulheres trabalhando. Agora sua redação era um andar aberto, silenciado e suavizado por arquitetos de interiores. Parecia mais o escritório de uma seguradora do que um jornal de relevância nacional, e, expostos pelo silêncio, o mau comportamento e os personagens exuberantes desapareceram. Agora era um mundo cinzento.

Ela deveria ligar para o chefe de reportagem, mas ainda não queria ouvir o que ele pensava da entrevista. Ele provavelmente se meteria, dizendo a ela como escrever, embora só tivesse conhecimento de algumas aspas. Depois entraria a passos largos na sala do editor e lhe diria que havia conseguido o furo. Era a sua recompensa — raramente gratificante — por toda a merda que ele precisava

aturar. Ela compreendia, mas queria saborear o momento: tinha a confissão de Jean sobre Glen e Bella. Não era a coisa toda, mas Jean havia dito que achava que Glen tinha levado a criança. Bom o bastante. As primeiras palavras da viúva, Kate começou a digitar.

De tempos em tempos erguia os olhos para repensar uma frase e via de relance o rosto de uma mulher no enorme espelho acima da escrivaninha. Ela parecia uma estranha — séria, concentrada em algo ao longe, e de algum modo mais jovem. Não parecia esposa ou mãe. Parecia uma jornalista.

Seu telefone tocou quando terminava a parte com as aspas mais difíceis, e Kate atendeu imediatamente.

— Oi, Terry. Terminei a entrevista. Tenho uma declaração brilhante dela.

Quinze minutos depois, ele telefonou de novo. O jornal separara três páginas internas e planejava repercussões para um segundo dia. Kate só precisava terminar de escrever.

— Duas mil e quinhentas palavras para dentro, Kate. Vamos fazer o histórico do casamento deles e tudo o mais para o Dia Dois. Dê uma acelerada na primeira página, certo?

A mulher séria no espelho assentia.

Kate ficou imaginando o que Jean Taylor estaria fazendo na porta ao lado enquanto escrevia sobre ela.

— É um trabalho esquisito — disse a si mesma enquanto começava uma cirurgia no corpo da matéria, cortando todas as boas declarações sobre o casamento dos Taylor e as passando para a matéria de repercussão. A despeito do que quase todas as pessoas achavam, os homens e as mulheres comuns que passavam por tragédias ou dramas e cruzavam o caminho de Kate eram, em sua maioria, gratos por sua atenção e pelas matérias que escrevia. As celebridades, os criminosos e outros críticos alegavam que todos odiavam a imprensa porque eles mesmos odiavam, mas muitos dos entrevistados por Kate permaneciam em contato por anos. Ela fazia parte da vida deles, parte de um acontecimento que mudara tudo para a maioria dessas pessoas.

“É realmente intenso e íntimo durante o tempo que passamos juntos”, dissera a Steve nos primeiros dias de seu relacionamento. “Mesmo que sejam só algumas horas. É como quando você conhece alguém em uma longa viagem de trem e lhe conta tudo. Porque você pode, porque é um instante no tempo.”

Steve começara a rir de sua seriedade.

Eles haviam se conhecido no norte de Londres, por intermédio de amigos em um desastroso jogo que envolvia a solução de um assassinato, e formaram uma conexão ao rirem no momento errado, ofendendo mortalmente os anfitriões. Dividindo um táxi para casa depois, ele se instalara em um dos bancos em frente

para poder olhar para ela, e, levados pelo álcool, tinham falado sobre si mesmos.

Steve era um estudante de medicina no último ano, trabalhando com pacientes com câncer, e achava que o jornalismo era superficial, até mesmo frívolo, e ela compreendeu. Era um equívoco comum, e Kate tentou explicar por que o jornalismo era importante. Então esperou para ver se o caso iria decolar e, depois que isso aconteceu, Steve passou a ver as coisas de modo diferente.

Ele testemunhou os telefonemas dos perturbados de manhã cedo, as noites em que ela ficava acordada até tarde lendo documentos do tribunal ou pegando a estrada para localizar uma evidência-chave para uma matéria. Era coisa séria, e a prova disso era seu carregamento de cartões de Natal que chegava todo ano, pendurados junto com aqueles dos pacientes gratos do Dr. Steve. Os dela tinham saudações de pais de assassinados, vítimas de estupro, sobreviventes de quedas de aviões, vítimas de sequestro resgatadas e vencedores de causas no tribunal. Todos tinham lugar nas fitas que decoravam a casa dos dois a partir do começo de dezembro. Lembranças de dias felizes.

Duas horas depois, Kate estava burilando o texto: lendo, relendo, procurando adjetivos repetidos, mudando uma palavra aqui, outra ali, tentando ver o lide com outros olhos. Tinha uns cinco minutos até que Terry começasse a berrar pedindo a matéria, e deveria apertar o botão de enviar, mas não queria abandonar a história. Estava enrolando quando de repente se deu conta de que não havia discutido o Dia Dois com Mick, e pegou o telefone para falar com ele.

Ele parecia bem relaxado quando atendeu — provavelmente estava deitado de costas na cama, assistindo a algum filme adulto no canal pago.

— Lamento, Mick, mas a secretaria disse que vai publicar a matéria em dois dias. Só queria saber se você está satisfeito com seu material.

Ele não estava.

— Vamos pegar Jean e fazer outra sessão de fotos — sugeriu.

Kate telefonou para o quarto dela, preparando o discurso: “Só precisamos de mais umas fotos, Jean. Não demora nada.” Mas ninguém atendeu. Kate podia ouvir os toques através da parede do quarto.

— Vamos lá, Jean, atenda — murmurou ela. Enfiou os pés nos sapatos e foi bater à porta ao lado. — Jean! — disse junto à porta, a boca quase tocando a madeira.

Mick saiu do quarto dele com uma câmera na mão.

— Ela não está respondendo. Que diabo ela está fazendo? — perguntou Kate, esmurrando a porta novamente.

— Calma. Será que ela está no spa? Ela adorou aquela massagem — sugeriu Mick.

Kate quase correu até o elevador, depois se virou e disparou pelo corredor até

seu quarto. Tinha que mandar a matéria primeiro.

— Isso manterá o Terry ocupado enquanto a encontramos — gritou para Mick.

No spa, que exalava um cheiro de ylang-ylang, a esteticista não tinha como ajudar. Balançou a cabeça com coque apertado em sinal de desculpas enquanto passava o dedo sobre a tela à frente, lendo os nomes. Nenhum horário marcado.

Os jornalistas recuaram e se reagruparam. Mick assumiu posição enquanto Kate continuou tentando o celular de Jean. Uma onda de pânico revirava seu estômago enquanto pensava em catástrofes; outro jornal devia tê-la encontrado e levado embora bem debaixo do nariz de Kate. O que diria ao chefe de reportagem? Como contaria?

Vinte minutos depois, a dupla estava no saguão do hotel, olhando pelas portas de vidro, planejando desesperadamente o próximo passo, quando a segunda recepcionista voltou de sua pausa para descanso e apareceu atrás do balcão.

— Estão procurando por sua amiga?

— Sim — guinchou Kate. — Você a viu?

— Ela saiu há duas horas; quase três horas, na verdade. Chamei um táxi para levá-la até a estação.

O telefone de Kate tocou.

— É da redação.

Mick fez uma careta e decidiu sair para fumar um cigarro.

— Oi, Terry — disse ela, soando perturbada e tentando disfarçar. — Não, está tudo bem... Bem, nem tanto. Veja, temos um pequeno problema. Jean foi embora. Ela saiu enquanto eu estava escrevendo. Tenho quase certeza de que foi para casa, mas estamos a caminho... Eu sei... Eu sei... Lamento. Ligo para você assim que souber mais... Como está a matéria?

CAPÍTULO 43

Sexta-feira, 11 de junho de 2010

A VIÚVA

Quando cheguei em casa, o lugar parecia pequeno e sujo depois de todos aqueles carpetes fofos e candelabros. Caminho em silêncio, abrindo as portas e acendendo as luzes. Digo a mim mesma que vou vender esta casa assim que puder. Glen está por toda parte, como um cheiro fraco. Não entro no outro quarto. Está vazio — jogamos fora tudo que a polícia não havia levado. “Um recomeço”, dissera Glen.

Quando volto ao corredor ouço um zumbido e por um minuto não percebo o que é. É o meu celular. Devo ter colocado no mudo mais cedo, então reviro a bolsa procurando. O maldito aparelho está bem no fundo, e tenho que jogar tudo no carpete para encontrá-lo. Tenho dezenas de chamadas perdidas. Todas de Kate. Espero o zumbido parar, depois respiro e ligo de volta. Kate atende quase antes que toque.

— Jean, onde você está? — pergunta ela.

Ela parece estar péssima. A voz é esganiçada e tensa.

— Em casa, Kate — respondo. — Peguei um trem e vim para casa. Achei que você já tinha terminado comigo, e eu queria voltar. Me desculpe. Eu deveria ter ficado aí?

— Eu estou a caminho. Não saia de casa. Estaremos aí em uns quarenta minutos. Simplesmente fique aí até eu chegar — diz. — Por favor — acrescenta, como se só então se lembrasse.

Coloco a chaleira para esquentar e preparo uma xícara de chá enquanto espero. O que ela poderia querer de mim agora? Conversamos durante dois dias, e tiraram centenas de fotos minhas. Ela conseguiu sua matéria. A viúva falou.

Isso não termina nunca, e estou ficando um pouco farta de esperar. Quero sair e comprar comida para a semana. Estamos quase sem nada. Estou quase sem nada.

Quando finalmente ouço uma batida à porta, dou um pulo e abro. Não é Kate. É o homem da TV.

— Ah, Sra. Taylor, fico muito contente de encontrá-la — diz ele, animado.

Fico imaginando quem deu a ele a dica de que estou em casa. Olho para a Sra. Grange do outro lado da rua e vejo movimento na janela.

— Posso falar com a senhora por um momento? — pergunta o homem da TV, agindo como se fosse entrar. Então vejo Kate se aproximando, chegando até nós com o rosto vermelho, e não digo nada, simplesmente espero a briga.

— Olá, Jean — diz Kate, passando pelo Sr. TV e me levando para dentro com

ela. O pobre sujeito mal consegue perceber.

— Sra. Taylor! Jean! — tenta ele enquanto a porta é fechada.

Kate e eu ficamos de pé no corredor olhando uma para a outra. Começo a explicar que achei que tinha sido ela quando bateram à porta, mas ela me interrompe, falando mais alto que eu.

— Jean, você assinou um contrato conosco. Concordou em cooperar plenamente, e está colocando todo o negócio em risco com o seu comportamento. O que você estava pensando quando fugiu daquele jeito?

Não acredito que esteja falando comigo desse modo. Como ousa me censurar como se eu fosse criança, em minha própria casa? Algo irrompe dentro de mim, e posso sentir que estou ficando vermelha — não consigo evitar. Eu nunca poderia jogar pôquer, dizia Glen.

— Se você vai ser desagradável, pode ir embora imediatamente — digo, um pouco alto demais. Aquilo ecoa nas paredes, e aposto que o Sr. TV consegue ouvir. — Eu vou e volto como quiser, e ninguém vai me fazer agir diferente. Eu lhe dei a sua maldita entrevista, fiz todas as fotos de Mick. Fiz tudo que você pediu. Está tudo feito. Você não é minha dona só porque eu assinei um pedaço de papel.

Kate olha para mim como se tivesse levado um tapa na cara. A pequena Jeanie cuidou de si mesma. Claramente um choque.

— Jean, me desculpe se fui um pouco dura, mas fiquei muito preocupada quando você desapareceu daquele jeito. Vamos voltar ao hotel para mais uma noite, até que a matéria seja publicada. Você terá o mundo inteiro à sua porta quando ela sair.

— Você disse que lhe dar a entrevista impediria que isso acontecesse — digo. — Vou ficar aqui.

E me viro para voltar à cozinha. Ela me segue, agora em silêncio. Pensando.

— Certo — diz. — Ficarei aqui com você.

Essa é a última coisa de que preciso, mas ela parece tão infeliz que concordo.

— Apenas hoje à noite, e depois você pode ir embora. Preciso ficar um tempo sozinha.

Eu me sento no banheiro enquanto ela telefona para Mick e o chefe. Dá para ouvir cada palavra.

— Não há mais ninguém aqui. Não, ela não falou com mais ninguém, mas não voltará para o hotel, Terry — diz ela. — Eu *tentei*. Pelo amor de Deus, claro que tentei convencê-la, mas ela não vai. Ela não quer outra massagem, Terry. Quer ficar em casa. A não ser que eu a sequestre, não posso fazer absolutamente nada. Não, isso não é uma opção. Olhe, vai dar tudo certo. Vou garantir que ninguém chegue até ela.

Há uma pausa, e imagino Terry descarregando sua fúria ao telefone com Kate. Ela fala que não tem medo dele — diz que na verdade é um frouxo, mas não acredito nela. Vejo quando ela pousa a mão fechada sobre a boca do estômago ao receber uma bronca dele pelo telefone, balançando levemente. Aquele sorriso apertado diz tudo. “Como vai a pauta?”, pergunta, para mudar de assunto. Ela se refere à matéria. Estou começando a aprender a linguagem. Subo para ter um pouco de paz.

Mais tarde ela sobe e bate à porta do meu quarto.

— Jean, estou fazendo uma xícara de chá. Quer uma?

Estamos de volta à estaca zero. É engraçado como as coisas andam em círculos. Respondo que não tem leite e ela se oferece para mandar trazer compras.

— Devemos fazer uma lista? — pergunta do outro lado da porta, e me sento na sala de estar enquanto ela anota os artigos de que precisamos.

— O que você quer para o jantar hoje? — pergunta, e sinto vontade de rir.

Como podemos estar discutindo se prefiro iscas de peixe ou frango ao curry, como se esta casa fosse como uma qualquer?

— Eu não ligo, pode escolher — digo. — Realmente não estou com fome.

Ela diz que tudo bem, e coloca na lista pão, manteiga, chá, café, detergente e uma garrafa de vinho.

— Vou mandar Mick comprar e trazer pelos fundos — diz ela, pegando o telefone.

Kate lê para ele, que parece estar anotando muito lentamente, de modo que ela tem que repetir tudo duas vezes. No fim está ficando irritada e respira fundo ao desligar o telefone.

— Homens! — diz, forçando uma risada. — Por que são tão terrivelmente inúteis?

Digo a ela que Glen nunca fez compras sozinho, nem mesmo com uma lista.

— Ele odiava isso, e sempre comprava as coisas erradas. Não se preocupava em ler os rótulos, então chegava em casa com geleia dietética ou café descafeinado por engano. Ele só comprava metade dos ingredientes para uma receita, e depois ficava entediado. Esquecia as latas de tomate para um espaguete à bolonhesa, ou a carne para um refogado. Talvez fizesse isso de propósito para que eu não pedisse novamente.

— O meu velho é igual. Apenas uma obrigação chata — acrescenta Kate, tirando os sapatos e mexendo os dedos dos pés como se morasse ali. — Irônico que Glen estivesse fazendo compras quando aconteceu o acidente.

Ela agora o chama de Glen. No começo era sempre “seu marido”, mas agora ela acha que o conhece. Conhece o suficiente para falar dele assim. Não

conhece.

— Não era comum ele fazer compras comigo. Nunca tinha ido antes de isso acontecer; costumava ir jogar futebol com o time do pub enquanto eu fazia as compras do mês. Depois de ser preso, foi algumas vezes comigo para que eu não tivesse que encarar as pessoas sozinha. Disse que fez isso para me proteger.

Mas, com o tempo, ele deixou de ir comigo porque as pessoas pararam de dizer coisas. Não acho que tenham parado de pensar "Assassino de criança", mas suponho que nos acusar havia deixado de ser uma novidade e algo emocionante.

— No dia em que morreu, ele insistiu em ir. Realmente estranho.

— Por que fez isso? — pergunta Kate.

— Acho que talvez quisesse ficar de olho em mim — respondo.

— Por quê? Você estava planejando desaparecer no Sainsbury's?

Dou de ombros.

— As coisas estavam meio tensas naquela semana.

"Tensas" não é realmente a palavra correta. O ar parecia denso com aquilo, e eu não conseguia respirar direito. Sentei-me em um banco do lado de fora da cozinha, nos fundos, em busca de algum alívio, mas nada ajudou. Eu estava me sufocando com os meus pensamentos. Lutando contra eles o tempo todo. Fechando os olhos para evitar vê-los. Aumentando o rádio para não ouvi-los, mas eles estavam lá, fora de alcance, esperando que eu ficasse fraca.

Na segunda-feira antes de morrer ele me levou uma xícara de chá na cama. Às vezes fazia aquilo. Sentou-se no colchão e olhou para mim. Eu ainda estava meio adormecida, ajeitando os travesseiros atrás de mim e tentando ficar confortável para tomar o chá.

— Jean — disse ele, e a voz parecia embotada. Morta. — Não estou bem.

— O que houve? — perguntei. — É uma daquelas dores de cabeça? Tenho uns analgésicos bem fortes no armário do banheiro.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não é dor de cabeça. Apenas me sinto muito cansado. Não consigo dormir.

Eu sei. Eu o senti se agitando e virando para o meu lado, e ouvi quando se levantou no meio da noite.

Ele parece cansado. Velho, na verdade. A pele parece acinzentada, e há sombras escuras debaixo dos olhos. Pobre Glen.

— Talvez você devesse ir ao médico — sugeri, mas ele balançou a cabeça de novo e virou o rosto para encarar a porta.

— Eu a continuo vendo quando fecho os olhos — diz.

— Quem? — pergunto, mas sei muito bem o que ele quer dizer. Bella.

CAPÍTULO 44

Segunda-feira, 1º de fevereiro de 2010

O DETETIVE

Enquanto Fry e sua equipe trabalhavam na base de dados, Sparkes retornou à van. Taylor tinha roteiros regulares para o litoral sul, e Sparkes começou a comparar outras datas e horas nos registros da empresa de entregas com as declarações dele, relatórios de trânsito e câmeras de vigilância nas estradas. Estava fazendo isso pela segunda vez, o que devia ser entediante, mas ele tinha uma nova energia naquele momento.

Ele fizera pedidos oficiais à polícia local e às forças policiais de Surrey, Sussex e Ken, que controlavam a colcha de retalhos de rodovias e ruas potencialmente utilizadas pelo suspeito. Cada uma delas tinha prometido procurar de novo o número da placa de Taylor nas datas próximas ao sequestro. Ele só precisava esperar.

No entanto, o primeiro telefonema recebido não foi sobre Taylor.

Era de um dos carros de patrulha rodoviária de sua própria polícia.

— Inspetor Sparkes? Desculpe incomodá-lo, mas pegamos um Michael Doonan e um Lee Chambers na Fleet Services. Os dois nomes estão registrados como sendo de interesse do caso Bella Elliott. O senhor os conhece?

Sparkes engoliu em seco.

— Conheço os dois. Droga, podíamos ter esperado que Chambers reaparecesse em algum lugar. Mas Mike Doonan? Tem certeza? Pelo que entendemos, ele estava inválido demais para sair de casa.

— Bem, ele conseguiu chegar ao posto de gasolina para comprar algumas imagens repulsivas, senhor. Prendemos cinco homens por comercializar imagens pornográficas ilegais.

— Para onde estão levando os dois?

— Para os seus domínios. Chegamos em uns trinta minutos.

Sparkes ficou sentado à escrivaninha, tentando processar a informação e suas implicações. Doonan, e não Taylor? Assolado pela ideia terrível de que tinha caçado o homem errado por mais de três anos, ele repassou a entrevista no apartamento de Doonan, reavaliando cada palavra que o motorista pronunciara. O que ele deixara passar?

Tinha deixado passar Bella?

Os minutos tiquetaquearam no relógio de parede enquanto ele lutava contra o medo e a necessidade ardente de saber, até que uma voz do outro lado da porta o arrancou de sua inércia. Deu um pulo e correu pelos corredores até o laboratório de perícia.

— Salmond, Fry, estão trazendo Mike Doonan sob acusação de pornografia. Estava comprando do porta-malas do carro de Lee Chambers na Fleet Services.

Os dois policiais ficaram boquiabertos.

— O quê? O motorista inválido com a coluna em frangalhos? — reagiu Salmond.

— Pelo visto não está tão imobilizado quanto diz — falou Sparkes, totalmente profissional. — Vamos pegar as imagens da câmera da Fleet Services no dia em que Bella foi levada.

Todos acompanharam, sérios, enquanto os técnicos começavam a busca na internet, e a tensão crescente perseguiu Sparkes até o corredor. Ele estava procurando o número de Ian Matthews quando Salmond enfiou a cabeça pela porta.

— É melhor entrar e olhar, senhor.

Sparkes se sentou em frente à imagem granulada da tela.

— É ele. Está lá junto ao porta-malas do carro de Chambers, examinando as revistas. Curvado. As costas obviamente estão muito bem — disse Salmond.

— Qual é a data, Salmond? Ele estava lá no dia em que Bella sumiu?

Zara Salmond fez uma pausa.

— Sim, é o dia em que ela foi raptada — respondeu. Sparkes quase se levantou da cadeira, mas a sargento ergueu a mão em sinal de alerta. — Mas isso o elimina de nossa investigação.

— Como assim? Nós temos Doonan na área do sequestro, mentindo para nós sobre seus movimentos e a extensão de sua incapacidade, e comprando pornografia no caminho para casa.

— Sim, mas ele foi gravado fazendo um negócio com Chambers enquanto Bella estava sendo sequestrada. São 15h02. Os horários não batem. Ele não pode tê-la levado.

Sparkes fechou os olhos, esperando que o rosto não revelasse o alívio.

— Certo, bom trabalho detalhando isso. Vamos em frente — disse ele, sem erguer as pálpebras.

De volta à privacidade de sua sala, Sparkes esmurrou a mesa, depois foi dar uma volta para clarear a mente.

*

Quando voltou, retornou ao Primeiro Dia e a seus instintos sobre o caso. Eles — ele — sempre tinham tratado o sequestro de Bella como um crime de oportunidade. O sequestrador viu a criança e a levou. Nada mais fazia sentido. Não foi encontrada ligação alguma entre Dawn e Taylor, e assim que o homem

de cabelo comprido inventado por Stan Spencer foi descartado, não houve relatos de ninguém circulando pela rua ou agindo de forma suspeita na área antes de Bella desaparecer. Nenhum exibicionista nem qualquer crime sexual relatado.

E não havia nenhum padrão de comportamento a ser seguido por um predador. A criança ia e voltava da creche com Dawn, mas não todos os dias, e só de vez em quando brincava do lado de fora. Se alguém tinha planejado raptá-la, teria feito isso à noite, pois, pelo horário, saberia onde ela estaria. Ninguém teria ficado sentado em uma rua residencial para o caso de ela sair para brincar. Teria sido visto.

A tese da polícia era de que a criança havia sido levada em uma janela de vinte e cinco minutos, aleatória. Na época, com as evidências disponíveis, eles haviam estado certos em descartar um sequestro planejado.

No entanto, vendo em retrospecto os últimos três anos e meio, Sparkes achou que talvez tivessem sido precipitados demais em descartar a hipótese, e de repente quis rever essa possibilidade.

— Vou até a sala de controle — disse a Salmond. — Para pedir um favor.

*

Russell Lynes, seu melhor amigo na força — um sujeito com quem ele se alistara —, estava de serviço.

— Olá, Russ, quer tomar um café?

Eles se sentaram na cantina, mexendo o líquido marrom diante deles com pouca intenção de bebê-lo.

— Como está indo, Bob?

— Tudo certo. Voltar ao trabalho de verdade faz uma grande diferença. E essa nova pista está me dando algo em que me concentrar.

— Hum. Isso o deixou doente da última vez, Bob. Tome cuidado.

— Tomarei. Eu não estava doente, Russ. Só cansado. É o seguinte, quero dar uma olhada em uma coisa que posso ter deixado passar da primeira vez.

— Você é o chefe. De qualquer modo, por que está aqui embaixo pedindo favores? Mande alguém da equipe dar uma olhada nisso.

— Eles já têm o bastante para fazer, e podem levar semanas para chegar a isso. Se você me der uma mãozinha, posso confirmar ou descartar em dois dias.

— Certo, que tipo de mãozinha? — perguntou Russel Lynes, empurrando o café para longe e derramando um pouco na mesa.

— Obrigado, parceiro. Sabia que podia contar com você.

Os dois se sentaram no escritório de Sparkes com a planilha das entregas de Taylor, e assinalaram suas visitas a Southampton e cidades vizinhas.

— Examinamos cada quadro das gravações das câmeras que englobam a área no dia do sequestro — disse Sparkes. — Mas a única vez que vimos a van de Taylor foi no endereço de uma entrega em Winchester, e na ligação da estrada M3 com a M25. Gastei os olhos estudando, mas não havia nada que colocasse a van dele no local do crime.

Ele conseguia se lembrar claramente da expectativa cada vez que baixavam uma nova gravação, e a amarga decepção quando ela terminava sem um vislumbre de uma van azul.

— Quero conferir outras datas — disse. — As datas em que Taylor teve outras entregas em Hampshire. Preciso que você me lembre: onde ficam as câmeras na região de Manor Road?

Lynes destacou as localizações nos mapas em verde-neon — um posto de gasolina duas ruas depois tinha uma câmera no pátio para pegar fugitivos; havia uma no grande cruzamento, para pegar ultrapassagem de sinal fechado, e algumas das lojas, incluindo a que vende jornais e revistas, tinham câmeras pequenas e baratas para coibir os roubos.

— E a creche de Bella tem uma câmera do lado de fora, mas ela não estava na creche naquele dia. Examinamos as gravações de todas as câmeras, mas não havia nada interessante.

— Bem, vamos dar uma olhada de novo. Devemos ter deixado passar alguma coisa.

*

Quatro dias depois, o telefone de Sparkes tocou. Assim que ouviu a voz de Lynes, Parkes soube que o amigo havia encontrado alguma coisa.

— Estou a caminho — disse.

— Aí está — disse Lynes, apontando para o veículo passando pelo quadro. Sparkes apertou os olhos para a tela, tentando ajustar os olhos à resolução granulada da imagem.

Estava ali. A van estava ali. Os dois homens se entreolharam, triunfantes, e depois voltaram a olhar para a tela a fim de desfrutar o momento.

— Temos certeza de que é ele? — perguntou Sparkes.

— Corresponde à data e à hora de uma entrega em Fareham em sua planilha de trabalho, e a perícia conseguiu uma parte do número de placa incluindo três letras que correspondem à do veículo de Taylor.

Lynes apertou o botão de play.

— Agora veja.

A van parou ao alcance da câmera, apontada a partir da creche. Como se

recebendo uma deixa, Dawn e Bella apareceram no portão da escola no fundo de um aglomerado de crianças e pais, a mãe se atrapalhando com o zíper do casaco da filha, e a criança segurando um enorme pedaço de papel. A dupla passou pela van e virou a esquina, segura em sua rotina. Segundos depois, a van seguiu na mesma direção.

Sparkes sabia que estava vendo o momento em que Glen Taylor havia tomado sua decisão, e seus olhos se encheram de lágrimas. Ele murmurou que ia pegar um bloco e foi à sua sala para ficar um pouco sozinho.

— Estamos muito perto — disse a si mesmo. — Não estrague tudo agora. Nada de correr, vamos fazer tudo direito.

Ele olhou para Taylor, com aquele sorriso na parede, e sorriu de volta.

— Espero que você não tenha feito planos para as férias, Glen.

*

De volta ao laboratório, Lynes estava escrevendo em um quadro branco.

— Esta gravação foi feita na quinta-feira, 28 de setembro, quatro dias antes de Bella ser levada — disse ele.

Sparkes fechou os olhos antes de ter confiança para falar.

— Ele planejou isso, Russ. Este não foi um sequestro de oportunidade. Ele estava observando. Alguma outra imagem da van nesse dia?

— No posto de gasolina em Hook, abastecendo a caminho de casa. O horário se encaixa.

— Vamos trabalhar nessas imagens e conseguir o máximo de detalhes possível. Depois vou até a casa de Glen Taylor — disse Sparkes.

Os dois homens se sentaram novamente diante do monitor enquanto um técnico avançava e voltava as imagens da van, dando zoom no para-brisa.

— Está borrado pra cacete, mas estamos bem confiantes de que é um homem branco com cabelo escuro curto, sem óculos nem pelos faciais — disse o técnico.

O rosto no para-brisa ficou visível. Um oval branco com manchas escuras no lugar dos olhos.

CAPÍTULO 45

Segunda-feira, 2 de outubro de 2006

O MARIDO

Glen Taylor viu Bella Elliott pela primeira vez no Facebook depois de encontrar Dawn (também conhecida como Pequena Miss Sunshine) em uma sala de bate-papo no meio daquele ano. Ela estava contando a um grupo de estranhos sobre sua filha e um passeio ao zoológico.

Um dos novos amigos perguntou se Dawn tinha uma foto de Bella no passeio — uma com os macacos, que a menina havia adorado. Glen acompanhara preguiçosamente a conversa, e quando Dawn encaminhara todos à sua página no Facebook, ele tinha dado uma olhada. A página não era bloqueada, e ele passara pelas fotos de Dawn.

Então, quando a imagem de Bella finalmente apareceu, Glen olhou para aquele pequeno rosto confiante e o guardou na memória, para resgatá-lo quando quisesse em suas fantasias obscuras. Bella se juntou à sua galeria, mas não ficaria ali como todas as outras. Ele se pegou procurando por ela sempre que via uma criança loura na rua ou nos parques onde às vezes almoçava quando estava na estrada.

Era a primeira vez que suas fantasias se moviam da tela para a vida real, e isso o assustava e empolgava igualmente. Glen queria fazer alguma coisa. No início, não sabia ao certo o quê, mas começou a planejar um modo de encontrar Bella durante as horas que passava ao volante da van.

A Miss Sunshine era a chave, e ele criou um novo avatar especialmente para encontros com ela. A Operação Ouro o ensinara que não podia haver rastros, então parara na lan house perto da garagem após o trabalho para entrar no mundo de Dawn. Iria atraí-la para o seu.

Chamou a si mesmo de MorenoAltoBonitão, e se aproximou da Pequena Miss Sunshine discretamente, entrando em bate-papos coletivos quando sabia que ela estava na sala e falando pouco. Não queria atrair o tipo de atenção indevida para si, então de vez em quando fazia perguntas perspicazes, cortejando-a, e aos poucos se tornou um dos conhecidos dela. Em duas semanas, a Pequena Miss Sunshine mandou a primeira mensagem particular ao MorenoAltoBonitão.

Pequena Miss Sunshine: Oi, como está?
MorenoAltoBonitão: Bem. E você? Muito trabalho?
Pequena Miss Sunshine: Presa em casa hoje com a minha garotinha.
MorenoAltoBonitão: Podia ser pior. Ela parece adorável.
Pequena Miss Sunshine: Ela é. Realmente tenho sorte.

Ele não estava lá todo dia. Não tinha como, já que lidava com Jean e o trabalho, mas conseguiu manter contato por algum tempo, usando um lugar calmo com acesso à internet aonde Mike Doonan o tinha levado uma vez, quando ainda se falavam. Quando ainda visitavam as mesmas salas de bate-papo e fóruns. Antes de Glen falar com o chefe sobre o golpe da invalidez que Doonan estava tramando. Ele o vira saltar de sua van em frente ao Internet Inc. como um homem com a metade da idade, e achara que era sua obrigação denunciar aquela mentira. Era o que qualquer pessoa decente faria, dissera a Jean. E ela concordara.

Foi no clube que ele levantou os detalhes da vida de Dawn. Descobrira seu nome verdadeiro e a data do aniversário de Bella em sua página no Facebook, e soubera, em uma conversa sobre bons restaurantes para crianças, que elas moravam em algum lugar em Southampton. Dawn gostava do McDonald's "porque ninguém se irrita quando seu filho chora, e é barato", e fizera uma menção especial à filial que ficava perto de sua casa.

Foi até lá assim que precisou fazer uma entrega pela área. *Só olhando*, disse a si mesmo, enquanto desembrulhava um hambúrguer e observava as famílias ao redor.

Quando saiu, ele deu uma circulada. Só olhando.

Demorou um pouco, mas Dawn finalmente deixou escapar o nome da creche de Bella enquanto conversava com outra mãe daquele jeito descuidado que usava na internet. Dawn tratava qualquer diálogo como se fosse uma conversa privada — do mesmo modo como as pessoas nos ônibus falam no celular sobre o fim do casamento ou verrugas genitais. Glen soltou um *Sim* silencioso e guardou a informação.

*

Mais tarde, sentado diante de Jean, comendo um ensopado de frango, ele perguntou como havia sido o dia dela.

— Lesley disse que fiz um trabalho ótimo no cabelo de Eve hoje. Ela queria cachos como os da Keira Knightley com luzes vermelhas. Eu sabia que não combinaria, porque ela, com aquele rosto grande e redondo, não se parece nem um pouco com a Keira Knightley, mas ela adorou.

— Bom trabalho, querida.

— Fico pensando no que o marido dela disse quando chegou em casa. Quer o último pedaço de frango? Pegue ou vou jogar no lixo.

— Certo. Não sei por que estou com tanta fome; comi um sanduíche grande no almoço, mas isto está delicioso. O que vai passar na TV hoje? *Top Gear*?

Vamos lavar a louça rápido para dar uma olhada.

— Vai lá, eu lavo a louça.

Ele a beijou no topo da cabeça quando passou por ela em frente à pia. Enquanto enchia de água quente, ela colocou a chaleira no fogo.

Só depois de se sentar diante da TV é que ele se permitiu pegar a nova informação e estudá-la minuciosamente. Sabia onde encontrar Dawn e Bella. Podia esperar perto da creche, e segui-las. Mas e depois? No que estava pensando? Não queria pensar sobre aquilo ali, em sua sala com a esposa aninhada no sofá. Pensaria naquilo depois, quando estivesse sozinho. Inventaria alguma coisa. Só queria vê-las.

Só queria dar uma olhada.

Ele não iria falar com Dawn. Tinha tomado o cuidado de garantir que ela não soubesse como ele era fisicamente, mas não podia se arriscar a falar com ela. Precisava mantê-la à distância. Mantê-la fora daquilo.

*

Teve que esperar semanas até sua próxima entrega no litoral sul. Era exaustivo se angustiar e se preocupar com os detalhes de sua fantasia, ao mesmo tempo que mantinha o papel de marido dedicado em casa. Mas ele precisava manter os limites. Não escorregar.

No décimo sétimo aniversário de casamento deles, Glen tinha feito uma grande comemoração, com flores e jantar fora. Mas não estivera realmente ali à mesa no restaurante italiano preferido do casal. Jean parecera não notar. Ele esperava que não.

Glen se sentia nauseado de ansiedade enquanto seguia pela rodovia. Tinha procurado a creche no clube de internet e encontrara o endereço. Ficaria sentado na rua e observaria.

Glen chegou quando as crianças estavam começando a sair do prédio, agarrando trabalhos de arte com macarrão pintado em uma das mãos, e as mães com a outra. Ficou com medo de ter chegado muito tarde, mas estacionou de modo a poder olhar pelo espelho retrovisor sem que ninguém conseguisse ver seu rosto.

Ele quase as perdeu. Dawn parecia mais velha e desleixada do que em suas fotos no Facebook, com o cabelo preso para trás e um velho pulôver a engolindo. Foi Bella quem ele reconheceu primeiro. Pulando pela calçada. Glen as seguiu pelo retrovisor até passarem pela van, e teve a primeira visão direta das duas. Perto o bastante para ver a maquiagem borrada sob os olhos de Dawn e o brilho dourado do cabelo de Bella.

Elas viraram a esquina, e ele ligou o motor.

— Só quero ver onde moram — disse a si mesmo. — Só isso. Qual é o problema? Elas nem ao menos vão saber que estive aqui.

*

Dirigindo de volta para casa, ele passou para o acostamento e pegou uma via sem pavimento, desligou o telefone e se masturbou. Tentou pensar em Dawn, mas ela insistia em sumir da cena. Depois ficou sentado, chocado com a intensidade da experiência e com medo do homem que ele se revelara ser. Disse a si mesmo que isso nunca mais aconteceria. Iria parar de entrar na internet, parar de ver pornografia. Aquilo era uma doença, e ele ficaria curado.

*

Mas no dia 2 de outubro ele pegou um serviço de entrega em Winchester, e soube que iria novamente até a rua de Bella.

Ligou o rádio no caminho para se distrair, mas só conseguia pensar naquele brilho dourado.

— Só vou ver se elas estão lá — disse a si mesmo.

No entanto, quando parou para abastecer na estrada, comprou doces e um saco de dormir que estava em promoção.

Estava tão mergulhado em sua fantasia que perdeu o acesso e teve que fazer o retorno até a garagem. Parecia estar sonhando quando interpretou o papel de entregador para o cliente, brincando e perguntando sobre os negócios, escondendo seu segredo. Estava a caminho da Manor Road, e nada poderia impedi-lo.

O perigo era parte do motivo pelo qual estava fazendo aquilo. Glen Taylor, ex-executivo de banco e marido devotado, podia ver a vergonha, a desgraça a que se arriscava com seus atos, mas MorenoAltoBonitão queria ficar perto disso, tocar isso, ser queimado por isso.

— Vejo você em breve — disse um dos sujeitos na Parts Department.

— É. Até logo — respondeu Glen.

Caminhou até a van e subiu. Ainda havia tempo de dar meia-volta, ir para casa e ser ele mesmo de novo. Mas Glen sabia o que iria fazer, e ligou a seta para sair.

A Manor Road estava deserta. Todos no trabalho ou dentro de casa. Dirigiu devagar, como se procurando um endereço, interpretando o papel. Então a viu, parada atrás de um muro baixo, olhando para um gato cinza que rolava sobre a poeira na calçada. O tempo desacelerou e ele parou a van. O som do motor tinha

distraído a criança, que olhava para ele e sorria.

Ele foi arrancado de volta para a realidade quando a porta da frente de uma casa bateu atrás da van e, pelo retrovisor, ele viu um homem idoso parado na soleira. Glen foi embora, virando à esquerda em uma rua lateral quase imediatamente, e deu a volta no quarteirão. Será que o velho o tinha visto? Tinha visto seu rosto? E se tivesse, e daí? Ele não havia feito nada errado. Tinha só estacionado.

Mas sabia que precisava voltar. A garotinha estava esperando por ele.

A van avançou para retornar à Manor Road, e Glen notou que não havia ninguém lá. As únicas coisas eram o gato e a criança, parada no jardim de casa, acenando para ele.

Glen não se lembrava de saltar ou andar até ela. Lembrava de erguê-la, segurá-la e voltar para a van, prendendo-a no banco do carona. Demorou menos de um minuto, e ela não criou nenhum caso. Pegou o doce e ficou sentada em silêncio enquanto ele a levava da Manor Road.

CAPÍTULO 46

Sexta-feira, 11 de junho de 2010

A VIÚVA

Dawn está sempre na TV. Ela gosta de dizer a todo mundo que Bella está viva. Que alguém a levou porque não podia ter filhos e queria desesperadamente uma filha. Alguém que está cuidando dela, amando-a e lhe dando uma vida boa. Dawn agora está casada — um dos voluntários de sua campanha, um homem mais velho que está sempre tocando nela. Agora tem outra garotinha. Onde está a justiça nisso? Ela segura o novo bebê com firmeza durante o programa matinal, para mostrar como é uma boa mãe, mas Dawn não me engana.

Se Glen estivesse vivo, ele desligaria a TV, tranquilamente, para fingir que não se importava, e depois sairia. Eu só assistia ao caso Bella quando ele não estava em casa. Também comprava jornais e revistas quando escreviam sobre Bella. Adorava ver as fotografias e os vídeos dela. Brincando, rindo, abrindo os presentes de Natal, cantando com seu jeito de bebê, as palavras embaralhadas, empurrando seu pequeno carrinho de bebê. Agora tenho uma linda coleção das revistas e dos jornais com os quais Dawn falou. Ela sempre adorou a publicidade. Seus cinco minutos de fama.

E agora estou prestes a ter os meus.

Quando Mick finalmente aparece, está carregando sacolas de compras e comida chinesa para viagem.

— Não tenho forças para cozinhar — diz Kate, dando uma risada. — Achei melhor comprar alguma coisa para a gente comer logo.

Está claro que Mick vai ficar, e tento lembrar onde coloquei os lençóis e a colcha para o sofá-cama.

— Não se preocupe comigo, Jean — diz ele com seu sorriso adolescente. — Posso dormir no chão. Não tenho frescura.

Dou de ombros. Estou farta demais da coisa toda para continuar me preocupando. Antes eu teria saído correndo para fazer camas, pegar toalhas novas, trocar o sabonete usado por um novo. Mas agora não quero saber. Eu me sento com um prato de yakisoba com frango vermelho brilhante no joelho e me pergunto se tenho energia para erguer o garfo.

Kate e Mick se sentam no sofá olhando para mim. Estão comendo os yakisobas sem nenhum entusiasmo.

— Isto está horrível — diz Mick finalmente, e desiste.

— Foi você quem escolheu — responde Kate, e olha para o meu prato cheio. — Me desculpe, Jean. Quer que peça outra coisa?

Balanço a cabeça.

— Apenas uma xícara de chá — respondo.

Mick pergunta se tenho alguma panela no armário da cozinha, e sai para preparar feijões com torrada. Eu me levanto para ir dormir, mas Kate liga a TV no jornal, e me sento novamente. Estão dizendo alguma coisa sobre soldados e Iraque, e recosto no meu assento.

Eu sou o assunto seguinte. Não consigo acreditar no que estou vendo. Meu rosto em uma das fotos que Mick tirou.

— Mick, rápido, seu material está na televisão — grita Kate para a cozinha; ele entra correndo e se joga no sofá.

— Finalmente a fama — diz ele com um sorriso enquanto o apresentador tagarela sobre a entrevista exclusiva que concedi ao *Daily Post*, e minha "revelação" de que Glen foi o responsável por raptar Bella. Começo a dizer algo, mas o jornal corta para Dawn, que tinha chorado, os olhos totalmente inchados, e é perguntada sobre o que pensa da entrevista.

— Ela é um monstro do mal — diz, e levo um minuto para me dar conta de que Dawn está falando de mim. De mim. — Ela deve ter sabido o tempo todo — uiva. — Devia saber o que o marido dela fez com meu pobre bebê.

Eu me levanto e viro para Kate.

— O que você escreveu? — cobro. — O que você disse para fazer de mim o monstro do mal? Eu confiei em você, eu lhe contei tudo.

Kate tem dificuldade de me olhar nos olhos, mas me diz que Dawn "entendeu tudo errado".

— Não é isso o que a matéria diz — insiste. — O texto diz que você é mais uma entre as vítimas de Glen, que só se deu conta muito depois de que ele poderia tê-la levado.

Mick está assentindo em silêncio, apoiando-a, mas não acredito neles. Estou com tanta raiva que saio da sala. Não consigo suportar a traição deles. Depois volto.

— Vão embora agora — digo. — Saiam ou chamarei a polícia para tirar vocês daqui.

Há um silêncio enquanto Kate pensa se pode me fazer mudar de ideia.

— Mas o dinheiro, Jean... — começa a dizer enquanto a empurro juntamente com Mick para o corredor, e a corto.

— Podem ficar com o dinheiro — digo e abro a porta da frente. O Sr. TV ainda está de pé com a sua equipe em frente à minha casa.

Conforme ela se aproxima do portão, ele lhe diz algo, mas ela já está ao telefone com Terry, explicando como tudo havia "desandado". Chamo a equipe de televisão. Há algo que quero dizer.

CAPÍTULO 47

Sexta-feira, 14 de maio de 2010

O DETETIVE

Dias se passaram, e depois semanas, sem que se tomasse uma decisão de prender Taylor outra vez. Os novos chefes claramente não queriam sair tropeçando pelo mesmo caminho desastroso de seus predecessores, e defenderam com firmeza sua falta de ação.

— Onde está a evidência que liga Taylor a essas novas imagens de câmeras de segurança? Ou ao clube de internet? — perguntou o inspetor-chefe Wellington após ver as imagens. — Temos um número incompleto de placa e a palavra nada confiável de um comerciante de pornografia. Não há outra identificação do suspeito, além de sua intuição, Bob.

Sparkes estivera prestes a pedir demissão, mas não podia abandonar Bella. Eles estavam perto demais. A equipe de perícia trabalhava no número da placa da van na gravação para tentar revelar mais um número ou letra, e especialistas tentavam estabelecer uma relação entre a escrita dos e-mails de MorenoAltoBonitão e de Ursão. Ele estava quase com a mão no braço do homem.

Então, quando soube que Glen Taylor estava morto, sentiu fisicamente o golpe.

— Morto?

Um agente que ele conhecia da polícia local ligara assim que a notícia chegou à sala de operações.

— Imaginei que você iria querer saber imediatamente, Bob. Lamento.

Foi o “lamento” que causou aquilo. Ele desligou e pôs as mãos na cabeça. Ambos sabiam que agora não haveria uma confissão, nenhum momento de triunfo. Bella nunca seria encontrada.

De repente, ele ergueu a cabeça. Jean. Ela agora estava livre dele — poderia falar, poderia contar a verdade sobre aquele dia.

Sparkes chamou Salmond aos gritos. Quando a sargento enfiou a cabeça pela porta, ele grunhiu.

— Glen Taylor está morto. Atropelado por um ônibus. Estamos indo para Greenwich.

Salmond pareceu prestes a chorar, mas se controlou e entrou em modo supermulher, organizada e alerta.

No carro, Sparkes lhe passou os detalhes do plano. Ela sabia tanto sobre o caso quanto ele, mas o inspetor precisava dizer tudo em voz alta, para conseguir se organizar.

— Sempre achei que Jean estava protegendo o marido. Era uma mulher decente, mas totalmente dominada. Eles eram muito novos quando se casaram; ele era o brilhante da dupla, aquele que se saiu bem na escola e tinha um bom emprego, e ela era a esposinha bonita.

Salmond olhou de soslaio para o chefe.

— Esposinha bonita?

Ele teve a graça de sorrir.

— O que quero dizer é que Jean era tão nova quando se conheceram que Glen a deixou deslumbrada com o terno e as perspectivas dele. Ela nunca teve uma chance de ser alguém.

— Acho que minha mãe foi um pouco assim — disse Salmond, dando sinal para sair da rodovia.

Mas não você, pensou Sparkes. Ele conhecera o marido dela. Um sujeito sério e agradável que não tentava ofuscá-la nem rebaixá-la.

— Soa como se pudesse ser uma *folie à deux*, senhor — disse Salmond, pensativa. — Como Brady e Hindley, ou Fred e Rose West. Estudei esses casos para um trabalho que fiz na faculdade. Uma dupla partilha uma psicose ou ilusão por um deles ser muito dominante. Acabam acreditando na mesma coisa; em seu direito de fazer algo, por exemplo. Partilham um sistema de valores que não é aceito por ninguém fora da parceria ou do relacionamento. Não sei se estou explicando isso devidamente. Me desculpe.

Bob Sparkes ficou em silêncio por um momento, revolvendo a teoria na cabeça.

— Mas se era uma *folie à deux*, então Jean soube e aprovou quando Glen pegou Bella.

— Isso já aconteceu antes. Como disse — continuou Salmond, sem tirar os olhos da estrada. — Então, quando se separa o casal, aquele que foi dominado pode rapidamente deixar de partilhar a ilusão. Ele meio que recobra os sentidos. Entende o que quero dizer?

Mas Jean Taylor não deixara a máscara cair quando Glen fora preso. Seria possível que ele tivesse mantido o controle sobre ela mesmo atrás das grades?

— Fiquei pensando em dissonância cognitiva ou amnésia seletiva — arriscou Sparkes, um pouco nervoso de experimentar seu dever de casa lendo psicologia forense. — Será que ela estaria com medo demais de perder tudo para admitir a verdade? Li que um trauma pode fazer a mente apagar coisas que são dolorosas ou estressantes demais. Então ela deletou quaisquer detalhes que pusessem em xeque a crença de que Glen era inocente.

— Mas dá mesmo para fazer isso? Forçar-se a acreditar que preto é branco? — perguntou Salmond.

A mente humana é uma coisa poderosa, pensou Sparkes, mas isso soou banal demais para ser dito em voz alta.

— Não sou especialista, Zara. Apenas estive lendo algumas coisas em casa. Teremos que conversar com alguém que tenha feito a pesquisa.

Era a primeira vez que ele a chamara de Zara, e sentiu um toque de constrangimento. *Inadequado*, disse a si mesmo. Ele sempre chamou Ian Matthews pelo sobrenome no trabalho. Arriscou lançar um olhar à sargento. Não deu qualquer sinal de estar ofendida nem de ter registrado seu deslize antiprofissional.

— Quem deveríamos procurar, senhor?

— Conheço uma acadêmica que poderia nos dar uma orientação. A Dra. Fleur Jones nos ajudou antes.

Ele ficou grato por Salmond não ter reagido ao nome. A culpa não era de Fleur Jones por tudo ter dado errado.

— Por que não liga para ela? — sugeriu. — Antes de chegarmos lá. Precisamos descobrir a melhor maneira de abordar Jean Taylor.

Salmond parou no primeiro posto de gasolina e começou a ligar.

*

Uma hora depois, Sparkes passou pelas portas do departamento de acidentes e emergências.

— Olá, Jean — disse, sentando-se ao lado dela em uma cadeira de plástico laranja.

Ela mal se moveu para saber quem era. Estava muito pálida, com os olhos escurecidos pela dor.

— Jean — disse novamente, tomando a sua mão.

Ele nunca a tocara antes, à exceção de quando a levara até um carro de polícia, mas não conseguiu evitar. Parecia muito vulnerável.

A mão de Jean Taylor estava fria, mas ele não a soltou. Continuou falando, em voz baixa e urgente, fazendo sua aposta.

— Você agora pode me contar, Jean. Pode me contar o que Glen fez com Bella, onde a colocou. Já não há mais necessidade de segredos. Esse segredo era de Glen, não seu. Você foi vítima dele, Jean. Você e Bella.

A viúva virou a cabeça para longe dele e pareceu estremecer.

— Por favor, me conte, Jean. Livre-se disso agora, e você terá um pouco de paz.

— Não sei nada sobre Bella, Bob — disse ela lentamente, como se explicando a uma criança.

Depois desvencilhou a mão do aperto dele e começou a chorar. Sem som, apenas lágrimas correndo e pingando do queixo para o colo.

Sparkes ficou sentado, incapaz de ir embora. Jean Taylor se levantou e caminhou em direção ao toalete.

Quando saiu, quinze minutos depois, segurava um lenço de papel sobre a boca. Foi direto até as portas de vidro da emergência e partiu.

A decepção paralisou Sparkes.

— Destruí a nossa última chance — murmurou para Salmond, que agora estava sentada na cadeira de Jean. — Eu realmente ferrei tudo.

— Ela está em choque, senhor. Não sabe em que direção olhar no momento. Deixe que se organize e pense direito nas coisas. Deveríamos ir à casa dela daqui a alguns dias.

— Amanhã, iremos lá amanhã — disse Sparkes, levantando-se.

*

Eles estavam à porta da casa de Jean vinte e quatro horas depois. Ela estava toda vestida de preto, parecendo dez anos mais velha, e pronta para eles.

— Como está passando, Jean? — perguntou Sparkes.

— Bem e mal. A mãe de Glen ficou comigo ontem à noite — respondeu. — Entrem.

Sparkes se sentou ao lado dela no sofá, portando-se de maneira a ter toda a atenção dela, e deu início a um cortejo mais gentil. Zara Salmond e a Dra. Jones haviam repensado o panorama, e ambas sugeriram lançar mão de certa bajulação no início, para fazer com que Jean se sentisse importante e responsável por suas decisões.

— Você foi um grande apoio para Glen, Jean. Sempre lá para ajudá-lo.

Ela piscou ao ouvir o elogio.

— Eu era esposa dele, e ele dependia de mim.

— Às vezes isso deve ter sido difícil para você. Muita pressão nos seus ombros.

— Eu ficava feliz de fazer isso. Sabia que ele não havia feito nada — disse, soando vazia com a constante repetição de sua resposta-padrão.

A sargento Salmond se levantou e começou a olhar pela casa.

— Nada de cartões ainda? — perguntou.

— Não estou esperando nenhum; apenas as cartas habituais de ódio — respondeu Jean.

— Onde será o funeral, Jean? — perguntou Sparkes.

A mãe de Glen Taylor, que claramente escutava a conversa no corredor,

apareceu à porta.

— No crematório. Vamos ter uma cerimônia particular simples para dizer adeus, não é mesmo, Jean?

Jean assentiu, pensando profundamente.

— Acha que a imprensa vai aparecer lá? — perguntou. — Não sei se consigo suportar isso.

Mary Taylor se sentou no braço do sofá ao lado da nora e acariciou seu cabelo.

— Nós vamos suportar isso, Jeanie. Suportamos até agora. Talvez finalmente eles a deixem em paz.

A observação foi dirigida tanto aos dois detetives que enchiam a sala de estar quanto à imprensa que esperava do lado de fora.

— Eles estão batendo à porta desde as oito horas da manhã. Eu disse que Jean está aborrecida demais para falar, mas eles continuam vindo. Acho que Jean deveria passar um tempo comigo, mas ela quer ficar em casa.

— Glen está aqui — disse Jean, e Sparkes se levantou para ir embora.

CAPÍTULO 48

Quinta-feira, 27 de maio de 2010

A VIÚVA

O funeral chegou tão rápido que tive que deixar Mary escolher os hinos e as leituras. Eu não conseguia pensar direito e não saberia o que escolher. Ela ficou com as escolhas seguras, “Amazing Grace” e “The Lord is My Shepherd”, porque todos conhecem a melodia — o que é sorte, já que há apenas quinze de nós cantando na capela do crematório.

Fomos ver Glen na câmara-ardente, todo elegante em seu terno de três peças do banco e a gravata azul-marinho e dourada de que gostava. Eu tinha lavado e passado sua melhor camisa, e ela parecia perfeita. Glen teria ficado satisfeito. Claro que não era realmente Glen no caixão. Ele não estava lá, se entende o que quero dizer. Ele parecia um Glen de cera. A mãe dele chorou e eu fiquei atrás, deixando que tivesse um momento com seu garotinho. Fiquei olhando para as mãos dele, com as unhas reluzentes e perfeitamente rosadas, mãos inocentes.

Mary e eu fomos da casa funerária à loja John Lewis para comprar chapéus.

— Vocês encontrarão todas as opções ali — disse a assistente, apontando, e ficamos paradas diante de trinta chapéus pretos, tentando nos imaginar no funeral de Glen.

Escolhi um tipo de chapéu redondo sem aba e com um pequeno véu para esconder meus olhos, e Mary pegou um com aba. Os dois chapéus custaram uma fortuna, mas nenhuma de nós tinha energia para dar importância a isso. Saímos com as sacolas e ficamos paradas na rua, perdidas por um instante.

— Venha, Jeanie, vamos para casa tomar uma xícara de chá — disse Mary. Então fizemos isso.

*

Hoje nós colocamos os chapéus novos em frente ao espelho do corredor antes de entrar no táxi rumo ao crematório. Mary e eu damos as mãos frouxamente, apenas um toque. O pai de Glen olha pela janela para a chuva fina.

— Sempre chove em funerais — diz ele. — Que maldito dia horroroso.

Coisas engraçadas, os enterros. Muito como casamentos, acho. Concentrações de pessoas que você nunca vê em nenhum outro momento, reunidas ao redor de um bufê, rindo e chorando. Até ali no funeral de Glen eu ouço um dos tios velhos rindo baixo com alguém. Quando chegamos, somos guiados até a área de espera, eu com meus pais, os pais de Glen e uma pequena multidão de Taylors. Sou grata de verdade por todos terem vindo.

Ninguém do banco nem do salão. Não somos mais parte daquele mundo.

Então Bob Sparkes aparece, todo respeitoso de terno preto e gravata, parecendo um agente funerário. Fica distante de nós, no limite do Jardim da Lembrança, fingindo ler o nome dos mortos nas placas. Ele não enviou flores, mas pedimos que as pessoas não mandassem. “Apenas flores da família”, recomendara o agente funerário, então há apenas a minha coroa de lírios e louros — “Clássico e elegante”, dissera a jovem florista, quase efusiva —, e Mary encomendara o nome de Glen em crisântemos brancos. Ele teria odiado isso. “Muito comum”, posso ouvi-lo dizer, mas Mary adora, e é isso o que importa.

Continuo olhando para ver onde Bob Sparkes está.

— Quem o convidou? — pergunta Mary, aborrecida.

— Não se preocupe com ele, amor — diz George, dando um tapinha em seu ombro. — Isso não é importante hoje.

O vigário da igreja de Mary realiza a cerimônia, falando sobre Glen como se fosse uma pessoa real, não o homem nos jornais. Fica me olhando, passando a impressão de que estivesse falando apenas comigo. Eu me escondo atrás do véu do chapéu conforme o vigário prossegue seu discurso sobre Glen, como se o conhecesse. Fala sobre a paixão de Glen pelo futebol, sua inteligência no colégio e sua esposa maravilhosamente solidária durante os momentos mais difíceis. Há um murmúrio entre os presentes. Apoio a cabeça no ombro do meu pai e fecho os olhos enquanto o caixão desliza para a frente e as cortinas se fecham atrás. Tudo terminado.

Lá fora, procuro Bob Sparkes, mas ele também sumiu. Todos querem me beijar e me abraçar, e dizer como fui fantástica. Consigo sorrir, abraço as pessoas e então está tudo terminado. Havíamos pensado em fazer um chá, mas não sabíamos se alguém apareceria, e se houvesse um chá teríamos que falar sobre Glen, e alguém poderia mencionar Bella.

Simplificamos as coisas. Nós cinco fomos para a minha casa, tomamos uma xícara de chá, comemos sanduíches de presunto que Mary fez e colocamos o que sobrou na geladeira. Embrulhei meu chapéu no papel de seda e na bolsa John Lewis, e a empurrei para o alto do armário. Mais tarde, com a casa quieta pela primeira vez desde a morte de Glen, vesti meu robe e vaguei por todos os aposentos. Não é uma casa grande, mas ele está em cada canto dela, e continuo esperando ouvi-lo gritar para mim: “Jeanie, onde você colocou o jornal?” ou “Indo para o trabalho, amor, vejo você mais tarde.”

No fim, preparo um drinque e o levo para a cama com o punhado de cartões e cartas da família. As cartas nojentas eu queimei no fogão.

A cama parece maior sem Glen. Ele nem sempre estava nela — às vezes dormia no sofá do primeiro andar quando estava inquieto. “Não quero atrapalhar

seu sono, Jean”, dizia, e pegava seus travesseiros. Ele não queria mais ir para o outro quarto, então compramos um sofá-cama, e ele ia para lá no meio da noite. Mantínhamos uma colcha atrás dele durante o dia. Não sei se alguém notou.

CAPÍTULO 49

Sábado, 12 de junho de 2010

O DETETIVE

Depois do funeral, Bob Sparkes tinha lido a cobertura da imprensa e olhado as fotos de Jean no crematório, inclusive um close da palavra “Glen” escrita com flores. “Como iremos encontrá-la agora, Bella?”, perguntaram os jornais, provocando-o.

Ele tentou se concentrar no trabalho, mas se via olhando para o nada, perdido e incapaz de avançar. Decidiu tirar uma folga e organizar as ideias.

— Vamos arrumar as coisas e ir de carro para Devon. Encontramos um lugar para ficar quando chegarmos lá — disse a Eileen na manhã de sábado.

Ela saiu para pedir à vizinha que alimentasse o gato, e ele se sentou à mesa com a correspondência.

Eileen entrou pela porta dos fundos, as mãos cheias de vagens.

— Colhi as vagens rapidamente, senão vão estar ruins quando voltarmos. É uma vergonha desperdiçá-las.

Eileen estava determinada a fazer a vida seguir em frente na casa deles, mesmo que estivesse estagnada na cabeça do marido. Ele sempre fora um pensador — era o que ela amava nele. Profundo, os amigos dela disseram. Ela gostava disso. Sua profundidade. Mas naquele momento era apenas escuridão.

— Vamos lá, Bob, acabe de soltar estas ervilhas enquanto arrumo a mala. Quanto tempo vamos ficar fora?

— Uma semana? O que você acha? Só preciso de um pouco de ar puro e algumas longas caminhadas.

— Parece ótimo.

Sparkes cumpriu sua tarefa mecanicamente, deslizando a unha ao longo de cada vagem e empurrando as ervilhas para um escorredor enquanto lutava com seus sentimentos. Ele sabia que tinha deixado aquilo se tornar pessoal. Nenhum outro caso o havia tocado como aquele, nenhum o havia reduzido a lágrimas nem ameaçado sua carreira. Será que deveria voltar à conselheira maluca? Ele riu, apenas uma risada rouca, mas Eileen ouviu e desceu correndo para ver o que havia acontecido.

A viagem foi indolor: um dia quente de verão antes das férias escolares, com pouco tráfego na estrada. Sparkes aproveitou para se distanciar do caso o mais rapidamente possível. Eileen estava sentada perto dele, volta e meia dando tapinhas em seu joelho ou apertando sua mão. Ambos se sentiam jovens e levemente imprudentes com sua espontaneidade.

Eileen ficou falando com ele sobre os filhos, atualizando-o sobre os assuntos

de família, como se o marido estivesse emergindo de um coma.

— Sam disse que Pete e ela vão se casar no próximo verão. Ela quer fazer isso em uma praia.

— Uma praia? Imagino que não seja Margate. Bem, como ela quiser. Parece feliz com Pete, não?

— Muito feliz, Bob. É com James que estou preocupada. Está trabalhando demais.

— Fico imaginando a quem ele puxou — falou ele, espiando a mulher para ver sua reação.

Sorriram um para o outro, e o estômago de Sparkes começou a relaxar pela primeira vez em semanas. Na verdade, meses.

Era maravilhoso estar falando sobre a própria vida em vez da vida de outras pessoas.

Decidiram parar em Exmouth para comer sanduíches de caranguejo. Haviam levado as crianças ali nas férias de verão quando pequenas, e tinham boas lembranças. Tudo permanecia igual quando estacionaram — os pompons azuis das hortênsias, as bandeiras tremulando ao redor da torre do relógio do jubileu, as gaivotas guinchando, os tons pastel das cabanas na praia. Era como se tivessem retornado aos anos 1990, e eles caminharam ao longo do passeio para esticar as pernas e ver o mar.

— Vamos lá, amor. Vamos indo. Telefonei para o pub e reservei um quarto para hoje à noite — disse ele, puxando-a para perto e lhe dando um beijo.

Em mais uma hora, aproximadamente, eles estariam em Dartmouth, e depois em Slapton Sands para comer um peixe no jantar. Dirigiram com as janelas abertas, e o vento soprando dava formas loucas ao cabelo deles.

— Expulsando a maldade — disse Eileen, como ele sabia que faria.

Era o que sempre dizia. Isso o fez pensar em Glen, mas não disse nada.

No pub, eles se esticaram nos bancos do lado de fora, absorvendo o resto do calor do sol e planejando o mergulho matinal.

— Vamos acordar cedo e partir — sugeriu ele.

— Não vamos, não. Vamos dar a nós mesmos o direito de ficar na cama, depois andar por aí sem destino. Temos a semana inteira, Bob — disse Eileen, e riu com a ideia de uma semana inteira só para eles.

Subiram tarde para o quarto e, como de hábito, Sparkes ligou a televisão para ver o último telejornal enquanto Eileen tomava uma chuveirada rápida. O vídeo de Jean Taylor sentada em sua sala de estar, sendo entrevistada, fez seu estômago se contrair, um desconforto familiar, e ele voltou ao seu papel.

— Eileen, amor, eu tenho que voltar — disse ele. — É Jean Taylor. Ela disse que Glen pegou Bella.

Eileen saiu do banheiro enrolada em uma tolha, com outra envolvendo o cabelo molhado como um turbante.

— O quê? O que você disse? — perguntou ela, então viu os rostos na TV e afundou na cama. — Meu Deus, Bob. Isso não tem fim?

— Não, Eileen. Lamento muito, mas, até eu saber o que aconteceu com aquela garotinha, isso não vai ter fim. Jean sabe, e tenho que perguntar a ela novamente. Você consegue se arrumar para partir em quinze minutos?

Ela fez que sim, soltando a toalha da cabeça e secando o cabelo.

*

A viagem de volta foi silenciosa. Eileen dormiu enquanto Sparkes dirigia por estradas desertas, ligando o rádio a cada hora para ver se havia alguma novidade.

Ele teve que sacudir a esposa para acordá-la quando chegaram em casa. Caíram na cama mal tendo trocado uma palavra.

CAPÍTULO 50

Domingo, 13 de junho de 2010

A REPÓRTER

— Aqui está ela, nossa repórter estrela! — gritou o editor na redação quando Kate entrou na manhã seguinte. — Brilhante exclusiva, Kate. Muito bem!

Houve aplausos dos colegas e gritos de “Grande matéria, Kate!”. Ela se sentiu corando, e tentou sorrir sem parecer arrogante.

— Obrigada, Simon — disse após finalmente chegar à sua escrivaninha e conseguir se livrar da bolsa e do paletó.

O chefe de reportagem, Terry Deacon, já havia se aproximado para desfrutar de qualquer glória distribuída pelo chefe.

— Então, o que temos para o Dia Dois, Kate? Outro furo? — perguntou o editor, dentes amarelos exibidos em triunfo.

Kate sabia que ele sabia, pois tinha enviado a matéria à noite, mas Simon Pearson queria fazer um showzinho na frente do seu pessoal. Não tivera muita chance nos últimos tempos — “Maldita política chata. Onde estão as exclusivas?” era o seu mantra —, e naquele dia ele ia aproveitar o máximo.

— Temos a matéria do casamento sem filhos — contou Terry. — “Foi isso o que transformou o Sr. Normal em um monstro?”

Simon deu um largo sorriso. Kate se encolheu. A manchete era grosseira, transformando sua matéria bem apurada e sensível em um cartaz de cinema escandaloso, mas ela deveria estar acostumada com isso. “Vender a matéria” era outro dos mantras de Simon. Ele era um homem de mantras. Força bruta e condicionamento pela repetição era o seu *modus operandi* preferido com seus executivos, descartando frescuras como pensamento criativo e questionamento.

O editor identificava uma boa manchete quando escrevia uma, e acreditava que sempre valia a pena usá-la mais de uma vez. Em algumas épocas, toda semana, quando o agradava especialmente, para ser logo descartada quando ele se dava conta de que estava sendo motivo de deboche nos bares frequentados por jornalistas. A pergunta na manchete — “Será este o homem mais malévolo da Grã-Bretanha?” — era um clássico e protegia a aposta. Apenas perguntando, não afirmando.

— Tenho algumas declarações boas da viúva — disse Kate, ligando o computador.

— Declarações de matar — acrescentou Terry, aumentando a aposta. — Todos saíram correndo para tentar nos alcançar ontem à noite, e as revistas e a imprensa estrangeira faziam fila pelas imagens. Só se fala nisso nas ruas.

— Você está traindo sua idade, Terry — disse Simon. — Não existe mais rua.

Estamos agora em uma aldeia global.

O chefe de reportagem sorriu para a repreensão do chefe, determinado a ver aquilo como um gracejo. Nada estragaria o dia; ele conseguira a matéria do ano, receberia o aumento que tanto merecia e depois levaria a esposa — ou talvez a amante — para jantar no Ritz.

Kate já estava lendo seus e-mails, deixando os homens debaterem quem tinha o pau maior.

— Como ela é, Kate? Jean Taylor?

Kate olhou para o editor e viu a verdadeira curiosidade por trás da bravata. Ele tinha um dos cargos mais poderosos na imprensa, mas o que realmente queria era ser repórter de novo, enfiado até o fundo na matéria, fazendo as perguntas, parado junto à porta da personagem e transmitindo suas palavras brilhantes para o redator, e não apenas ouvir sobre isso depois.

— Ela é mais inteligente do que finge ser. Faz aquela encenação de dona de casa, você sabe, apoiando seu homem, mas há muita coisa passando por sua cabeça. É difícil para ela, porque acho que em certo momento acreditou que ele era inocente, mas alguma coisa aconteceu. Alguma coisa mudou no relacionamento deles.

Kate sabia que deveria ter conseguido tirar mais informações dela, deveria ter conseguido tudo. Culpou Mick por interromper, mas já tinha visto a cortina se fechar nos olhos de Jean. O controle da entrevista havia trocado de mãos entre as duas mulheres, mas não havia dúvida de quem estivera no comando no fim das contas. Kate não estava disposta a admitir isso para aquela plateia.

Os outros repórteres estavam prestando atenção, afastando suas cadeiras para escutar a conversa.

— Ele fez aquilo, Kate? E ela sabia? — perguntou o jornalista da editoria de Polícia. — É o que todo mundo quer saber.

— Sim e sim — respondeu. — A questão é *quando* ela soube. Na época ou depois? Acho que o problema foi que ela esteve presa entre o que sabe e aquilo em que quer acreditar.

Todos olharam para ela esperando mais, e, como se aproveitando a deixa, o telefone de Kate tocou, mostrando o nome de Bob Sparkes.

— Me desculpe, mas tenho que atender este, Simon. É o policial encarregado do caso. Pode ser um Dia Três.

— Mantenha-me informado, Kate — disse ele enquanto voltava para a sua sala, e ela passava pelas portas em direção aos elevadores para ter alguma privacidade.

— Alô, Bob. Achei que teria notícias suas esta manhã — disse ela.

Sparkes já estava à espera em frente à sede do jornal, protegendo-se de uma

chuva de verão no grandioso pórtico do prédio.

— Venha tomar um café comigo, Kate. Precisamos conversar.

*

O café italiano perto da esquina em uma rua transversal suja estava lotado, e as vitrines, cobertas de vapor da máquina de café. Eles se sentaram a uma mesa distante do balcão e se entreolharam por um minuto.

— Parabéns, Kate. Você conseguiu fazer com que ela dissesse mais do que eu jamais teria conseguido.

A repórter manteve o olhar. A generosidade dele a desarmara, a fizera querer contar a verdade. Precisava admitir que ele era bom.

— Eu deveria ter conseguido mais, Bob. Havia mais a conseguir, mas ela parou quando quis. Um autocontrole inacreditável. Na verdade, assustador. Em um momento, ela segurava a minha mão e literalmente chorava no meu ombro por causa do monstro com quem havia se casado. No minuto seguinte, estava de volta ao controle. Ela se fechou, e não cedeu — contou, mexendo o café. — Ela sabe o que aconteceu, não sabe?

Sparkes assentiu.

— Acho que sim. Mas ela não conta, não sei por quê. Afinal, ele está morto. O que tem a perder?

Kate balançou a cabeça com simpatia.

— Alguma coisa tem, é óbvio.

— Muitas vezes fiquei me perguntando se ela estaria envolvida no crime — disse Sparkes, principalmente para si mesmo. — Talvez no planejamento? Será que tudo isso tenha sido para conseguir uma criança para os dois, e algo acabou dando errado? Talvez ela o tenha convencido a fazer isso?

Os olhos de Kate brilhavam com as possibilidades.

— Que droga, Bob. Como você vai fazer com que ela confesse?

De fato, como?, pensou ele.

— Qual é o ponto fraco dela? — perguntou Kate, brincando com a colher.

— Glen — respondeu. — Mas ele não está mais aqui.

— Crianças, Bob. Esse é o ponto fraco dela. É obcecada por elas. Quando estávamos conversando, tudo sempre retornava a crianças. Ela quis saber tudo sobre os meus filhos.

— Eu sei. Você deveria ver o álbum de recortes cheio de bebês.

— Álbum de recortes?

— Isso é em off, Kate.

Ela guardou a informação para depois e automaticamente colocou a cabeça de

lado. Submissão. Você pode confiar em mim.

Ele não se deixou enganar.

— Estou falando sério. Isso poderia ser parte de uma futura investigação.

— Certo, certo. — Ela aceitou, irritada. — O que você acha que ela vai fazer agora?

— Se ela sabia de algo, pode voltar até a criança — disse Sparkes.

— Voltar a Bella — ecoou Kate. — Onde quer que esteja.

Naquele momento, Jean não tinha mais no que pensar. Ela faria um movimento, ele tinha certeza.

— Você vai me ligar se souber de alguma coisa? — perguntou ele.

— Vou pensar — respondeu ela, automaticamente provocando.

Ele corou e, mesmo que tenha sido sem querer, ela ficou contente por vê-lo reagir ao seu tom de flerte. Sparkes subiu das profundezas de repente.

— Kate, não estamos fazendo joguinhos — disse, tentando voltar a uma postura profissional. — Vamos manter contato.

Eles se separaram na rua, e ele tentou apertar sua mão, mas ela se inclinou para beijá-lo no rosto.

CAPÍTULO 51

Sexta-feira, 11 de junho de 2010

A VIÚVA

Quando a equipe foi embora, fiquei sentada em silêncio e esperei o último telejornal da noite. O Sr. TV havia dito que eu seria a matéria principal, e assim foi. “Viúva do caso Bella fala pela primeira vez” pisca na tela, com música tocando por cima e entrando na minha sala. E ali estou eu, na TV. Na verdade, não demorou muito, mas digo que não sei nada sobre o desaparecimento de Bella e suspeito que Glen estivesse envolvido. Disse claramente que não tinha certeza, que ele não havia confessado nada para mim e que os jornalistas distorceram o que eu disse.

Respondi às perguntas deles calmamente, sentada no meu sofá. Admiti que recebi uma oferta de pagamento, mas que a recusara quando descobri o que o jornal estava publicando. Houve uma breve declaração do *Post* e uma imagem de Kate e Mick saindo da minha casa. E isso foi tudo.

Espero o telefone tocar. Primeiro é a mãe de Glen, Mary.

— Como você pôde dizer essas coisas, Jeanie? — pergunta ela.

— Você sabe tão bem quanto eu, Mary — retruco. — Por favor, não finja que não desconfiava dele, pois sei que desconfiava.

Ela permanece calada, depois diz que vai conversar comigo amanhã.

Depois Kate liga. Está toda profissional, dizendo que o jornal está incluindo minha declaração à TV em sua matéria, para que eu possa “contar o meu lado da história”.

Sua ousadia me faz rir.

— Você deveria estar escrevendo o meu lado da história — retruco. — Você sempre mente para as suas vítimas?

Ela ignora minha pergunta e diz que posso ligar para o celular dela a qualquer momento, e eu desligo sem me despedir.

*

O jornal é jogado pela abertura da caixa de correio na manhã seguinte. Não tenho assinatura. Imagino que Kate o tenha colocado lá. Ou um vizinho. A manchete berra: “VIÚVA CONFESSA CULPA DO ASSASSINO DE BELLA”, e estou tremendo demais para abrir o jornal. Meu retrato está na capa, olhando para o nada como Mick tinha orientado. Eu o coloco na mesa da cozinha e espero.

O telefone toca a manhã toda. Os jornais, a televisão, o rádio, a família. Minha mãe liga, soluçando pela vergonha que causei a eles, e meu pai berra ao fundo,

dizendo que me alertou para não me casar com Glen. Ele não fez isso na época, mas imagino que gostaria de ter feito.

Tento consolar mamãe, dizendo que erraram em minha declaração e que o jornal distorceu tudo, mas isso não surte efeito e ela desliga.

Fico exausta, então tiro o telefone do gancho e me deito na cama. Penso em Bella e Glen. E naqueles poucos dias antes da morte dele.

Ele começara a me perguntar o que eu ia fazer. “Você vai me deixar, Jeanie?” Eu respondia “Vou preparar uma xícara de chá”, e o deixava ali parado. Coisas demais em que pensar. Traição. Decisões. Planos.

E só voltei a falar com ele quando era estritamente necessário. “Sua mãe no telefone.” Apenas o mínimo.

Ele era como um fantasma, assombrando-me na casa inteira. Eu o flagrava me olhando por trás do jornal. Eu o pegara. Ele não sabia o que sua Jeanie faria, e isso o matava de medo.

Glen não me deixou sozinha naquela semana. A qualquer lugar que eu fosse, ele também ia. Talvez achasse que eu iria procurar Bob Sparkes de imediato. Isso porque ele não entendia nada sobre mim. Eu não contaria nada a ninguém. Não para protegê-lo — não me faça rir.

Naquele sábado, ele estava no meu pé quando saímos do Sainsbury’s, e o vi olhando para uma garotinha em um carrinho de bebê. Foi só de relance, mas vi algo nos olhos dele. Algo morto. E eu o afastei da criança. Um empurrãozinho, e ele tropeçou no meio-fio e cambaleou para a rua. O ônibus surgiu no mesmo instante. Foi tudo muito rápido, e me lembro de olhar para ele caído ali, em uma pequena poça de sangue, e pensar: *Ah, bem. Esse é o fim dos absurdos dele*.

Isso agora faz de mim uma assassina? Eu me olho no espelho, tento descobrir se isso se revela em meus olhos, mas acho que não. Glen na verdade se safou. Ele poderia ter sofrido por anos, se perguntando quando seria desmascarado. Ouvi dizer que pessoas como Glen não conseguem se conter, não mesmo, então eu o ajudei a sair disso.

Vou vender a casa assim que puder. Primeiro tenho que passar pela investigação, mas Tom Payne disse que será algo rápido. Tenho apenas que contar ao magistrado que Glen tropeçou nos próprios pés e tudo estará encerrado. Poderei recomeçar.

Liguei para uma corretora de imóveis ontem para descobrir quanto a casa vale. Dei meu nome, mas ela pareceu não notar — vai acabar percebendo, mas eu disse que queria uma venda rápida, e ela virá amanhã de manhã. Fico em dúvida se a ligação com Glen fará o preço subir ou baixar. Algum mórbido poderia pagar um pouco a mais. Nunca se sabe.

Ainda estou decidindo para onde ir, mas com certeza vou sair de Londres. Vou

entrar na internet para descobrir lugares, talvez no exterior ou nos arredores de Hampshire. Para ficar perto da minha menininha.

CAPÍTULO 52

Quinta-feira, 1º de julho de 2010

A REPÓRTER

O magistrado era bem conhecido da imprensa. Era um pequeno advogado elegante que gostava de gravatas-borboleta de seda muito coloridas e mantinha um bigode prateado cuidadosamente aparado. Hugh Holden gostava de pensar em si mesmo como um personagem, uma pedra ocasional no sapato das autoridades, sem medo de chegar a veredictos polêmicos.

Normalmente Kate gostava das investigações dele, seus interrogatórios peculiares e floreios verbais, mas naquele dia não estava no clima. Temia que aquela fosse a última aparição pública de Jean Taylor. Ela não tinha necessidade de mostrar o rosto novamente, e poderia desaparecer para sempre em sua própria concha.

Diante do tribunal, Mick estava circulando com os outros fotógrafos, esperando para fazer as imagens da chegada.

— Oi, Kate — chamou ele por cima da cabeça dos outros. — Vejo você depois.

Ela entrou com o resto dos repórteres e curiosos, conseguindo um dos últimos lugares da imprensa na frente, virada para o banco das testemunhas. Seus pensamentos estavam totalmente voltados para Jean, e vigiava a porta esperando a sua entrada. Não notou Zara Salmond se colocando no fundo do tribunal com alguns dos agentes da polícia local que seriam chamados a testemunhar. Sparkes a mandara em seu lugar. “Você vai, Salmond. Preciso dos seus olhos e da sua análise do desempenho dela. Não consigo ver nada direito no momento.”

Ela acabara de chegar quando o rangido das dobradiças da porta anunciou a entrada da viúva. Jean Taylor parecia digna e controlada, usando o mesmo vestido que colocara para o funeral de Glen. Caminhou lentamente pelo tribunal com o advogado, até seu lugar na primeira fileira.

Tom Payne, sua cobra, pensou Kate, anuindo afavelmente para ele e dizendo sem som “Bom dia, Tom”. Ele acenou para alguém, e Jean olhou para ver a quem se destinava. Seus olhos se encontraram, e Kate por um momento pensou que ela iria cumprimentá-la. Tentou dar um pequeno sorriso, mas Jean se virou, indiferente.

As outras testemunhas levaram algum tempo para se acomodar, apertando mãos e abraçando umas às outras nos corredores, mas finalmente todos ocuparam seus lugares e se ergueram quando o magistrado entrou.

O legista se adiantou para dizer ao tribunal que o pai do falecido identificara o corpo como sendo de Glen George Taylor. Em seguida, o patologista

testemunhou sobre a autópsia. Kate manteve os olhos em Jean, registrando sua reação aos detalhes da dissecção do marido. *Ele pelo menos tomou um belo café da manhã final*, pensou Kate enquanto o patologista descrevia, de modo meio distante, o conteúdo do estômago de Glen. Nenhum sinal de doença. Contusões e lacerações em braços e coxas consistentes com a queda e a colisão com o veículo. A lesão fatal foi na cabeça. Traumatismo craniano causado por impacto com ônibus e superfície da rua, trauma cerebral. Morte praticamente instantânea.

Jean colocou a bolsa no colo e abriu um pequeno pacote de lenços de papel explicitamente, desdobrando um deles para enxugar um olho. *Ela não está chorando*, pensou Kate. *Está fingindo*.

O motorista do ônibus foi o seguinte. Tinha lágrimas de verdade no rosto conforme contava do vislumbre de um homem caindo diante da janela de sua cabine.

— Eu não vi, então não houve nada que pudesse fazer. Tudo aconteceu rápido demais. Cheguei a frear, mas era tarde demais.

Um oficial de justiça o ajudou a descer do banco, e depois Jean foi chamada.

Seu desempenho foi impecável — até demais. Aos ouvidos de Kate, cada palavra soava como se tivesse sido ensaiada diante do espelho. A ida às compras foi descrita, passo a passo; contornando os corredores, saindo pelas portas automáticas para a High Street. A discussão sobre o cereal e o tropeço de Glen que o lançou no caminho do ônibus. Tudo contado em voz baixa e séria.

Kate anotou tudo, e ergueu os olhos para captar expressões e qualquer emoção.

— Sra. Taylor, pode nos contar como seu marido tropeçou? A polícia examinou a calçada e não conseguiu encontrar nada que pudesse fazê-lo perder o equilíbrio — perguntou gentilmente o magistrado.

— Não sei, senhor. Ele caiu debaixo do ônibus bem ali, na minha frente. Nem sequer tive tempo de gritar. Ele morreu — respondeu.

Ela decorou isso, pensou Kate. *Está usando frases idênticas*.

— Ele estava segurando sua mão ou seu braço? Sei que faço isso com minha mulher quando estamos juntos — perguntou o magistrado, insistindo.

— Não. Bem, talvez. Não consigo me lembrar — disse, agora um pouco menos confiante.

— Seu marido estava distraído naquele dia? Era ele mesmo?

— Distraído? Como assim?

— Sem conseguir se concentrar no que estava fazendo, Sra. Taylor.

— Ele tinha muita coisa na cabeça — disse Jean Taylor, e olhou para os assentos da imprensa. — Mas estou certa de que sabem disso.

— Bastante — disse o magistrado, contente consigo mesmo por arrancar uma

nova informação. — Então, qual era o estado de espírito dele naquela manhã?

— O estado de espírito dele?

Kate percebeu que aquilo não estava transcorrendo do modo como Jean planejara. Repetir perguntas para quem as fez era um claro sinal de estresse. Você faz isso para ganhar tempo. A repórter se inclinou para a frente de modo a garantir que não perdesse uma só palavra.

— Sim, o estado de espírito dele, Sra. Taylor.

Jean Taylor fechou os olhos e pareceu oscilar no banco das testemunhas. Tom Payne e o legista saltaram para segurá-la e colocá-la em uma cadeira enquanto o tribunal zumbia de preocupação.

— Acho que isso dá alguma coisa — um repórter atrás de Kate murmurou para o colega. — "Esposa de suspeito de Bella desmaia." É melhor que nada.

— Ainda não terminou — sibilou Kate, olhando para trás.

Jean agarrou um copo de água e fitou o magistrado.

— Está melhor agora, Sra. Taylor? — perguntou ele.

— Sim, obrigada. Me desculpe por isso. Não comi nada hoje de manhã e...

— Está tudo perfeitamente bem. Não precisa se explicar. Agora podemos retornar à minha pergunta?

Jean respirou fundo.

— Ele não estava dormindo direito havia muito tempo, e sentia fortes dores de cabeça.

— E ele estava recebendo algum tratamento para insônia e dores de cabeça?

Ela balançou a cabeça.

— Ele disse que não estava bem, mas não queria ir ao médico. Não queria falar sobre isso, imagino.

— Entendo. Por que não, Sra. Taylor?

Ela olhou para o colo por um momento, depois ergueu a cabeça.

— Porque ele disse que não parava de sonhar com Bella Elliott.

Hugh Holden continuou olhando para ela, e a sala ficou imóvel enquanto ele anuía para que ela continuasse.

— Glen disse que ela estava lá quando ele fechava os olhos. Isso o estava deixando doente. E ele queria ficar comigo o tempo todo. Ele me seguia pela casa. Eu não sabia o que fazer. Ele não estava bem.

O magistrado anotou isso com cuidado, enquanto os repórteres rabiscavam furiosamente à sua esquerda.

— Considerando o estado de espírito dele, Sra. Taylor, haveria a possibilidade de que seu marido tenha se colocado diante do ônibus de propósito? — perguntou o magistrado.

Tom Payne se levantou para protestar contra a pergunta, mas Jean o deteve.

— Não sei, senhor. Ele nunca disse nada sobre tirar a própria vida. Mas ele não estava bem.

O magistrado agradeceu a ela pelo depoimento, deu as condolências e registrou um veredicto de Morte Acidental.

— Eu estarei no noticiário esta noite — disse alegremente ao oficial de justiça enquanto a imprensa saía.

CAPÍTULO 53

Quinta-feira, 1º de julho de 2010

O DETETIVE

Os sonhos de Glen Taylor com Bella abriram os boletins das rádios durante toda a tarde e apareceram em um respeitável terceiro lugar no noticiário da televisão. Nos dias mortos de verão — a “temporada de tolices” da imprensa, quando políticos estão de férias, as escolas estão fechadas e o país está parado —, qualquer coisa que pareça notícia ganha destaque.

Sparkes tinha ouvido tudo de Salmond logo depois da audiência, mas ainda assim leu nos jornais, estudando cada palavra.

— Jean está começando a desmoronar, Bob — dissera Salmond, bufando suavemente enquanto marchava de volta ao carro. — Tentei falar com ela depois. Todos os repórteres estavam lá, a sua Kate Waters estava lá, mas Jean não disse mais nenhuma palavra. Ainda está se segurando, mas por muito pouco.

Sparkes tinha a sensação de que o choque no tribunal era um sinal de que, com Glen morto, o segredo estava se tornando demais para ela.

— Jean está deixando vazar de um modo controlado, como quando se costumava sangrar um paciente na Idade Média. Para se livrar da coisa ruim um pouco de cada vez — sugerira a Salmond. Olhou para ela, que estava sentada ao computador dele, olhando para as matérias da imprensa. — Vamos esperar por Jean do lado de fora. Literalmente.

*

Eles estavam em posição às cinco horas da manhã seguinte, estacionados fora de vista, a oitocentos metros da casa de Jean Taylor, esperando uma ligação da equipe de vigilância.

— Sei que é uma aposta arriscada, mas temos que tentar. Ela vai fazer alguma coisa — dissera Sparkes a Salmond.

— Sente isso nos ossos, senhor? — perguntou ela.

— Não sei exatamente como estão meus ossos, mas sim. Eu sinto.

Doze horas depois, o ar no carro estava denso com a respiração deles e o cheiro de comidas de fast food.

Às dez da noite, eles haviam esgotado suas histórias de vida, os criminosos que prenderam, desastres de férias, programas de TV da infância, pratos preferidos, melhores filmes de ação e quem estava dormindo com quem no escritório. Sparkes achava que podia participar do programa *Mastermind* e responder a perguntas sobre Zara Salmond sem medo de errar, e ambos ficaram

silenciosamente aliviados quando a equipe de vigilância enfim ligou para dizer que todas as luzes na casa haviam sido apagadas.

Sparkes encerrou o dia. Eles ficariam no hotel barato no pé da colina para dormir um pouco antes de reiniciar a vigília. Outra equipe permaneceria de vigia durante a noite.

*

O telefone dele tocou às quatro da manhã.

— As luzes estão acesas, senhor.

Ele vestiu as roupas correndo e ligou para Salmond ao mesmo tempo, deixando o telefone cair por uma perna da calça.

— Alô, é o senhor?

— Sim, sim. Ela acordou. Lá embaixo em cinco minutos.

Zara Salmond pela primeira vez parecia menos que perfeita; com cabelos de quem acabou de acordar e sem maquiagem, ela esperava por ele junto à porta da frente.

— E pensar que eu disse à minha mãe que queria ser aeromoça — falou.

— Então vamos lá. Poltronas em posição vertical para a decolagem — retrucou ele com um arremedo de sorriso.

*

Jean saiu pela porta da frente com rapidez, disparando a luz de segurança, e parou sob a luz do poste, olhando para os dois lados da rua em busca de sinais de vida. Apertou o botão na chave para destravar o carro, e o bipe eletrônico ecoou na fachada das casas do outro lado da rua enquanto ela abria a porta e se sentava atrás do volante. Estava novamente com o vestido do funeral.

A duas ruas dali, Zara Salmond ligou o carro e aguardou as instruções da equipe. Sparkes estava mergulhado em pensamentos ao lado dela, mapas no colo.

— Acabou de entrar na A2 em direção à M25, senhor — rosnou pelo telefone o policial no carro sem identificação.

E eles partiram para iniciar a perseguição.

— Aposto que está indo para Hampshire — disse Salmond enquanto acelerava pela larga rodovia.

— Vamos tentar não antecipar nada — respondeu Sparkes.

A expectativa dele era quase insuportável enquanto acompanhava com o dedo a trajetória dela no mapa.

O sol nascente começava a clarear o céu, mas o GPS ainda não tinha abandonado as cores noturnas quando entraram na M3 em Southampton. O comboio estava bem espaçado ao longo de quase cinco quilômetros de rodovia, com Sparkes e Salmond se contendo para não serem reconhecidos.

— Ela está dando sinal para entrar no posto de gasolina, senhor — informou o homem na van. — Onde estão os seus policiais agora? Vamos ter que trocar, ou ela vai nos identificar.

— Estamos aí. Temos outro veículo esperando no próximo acesso. Fique por perto até que ela saia do posto, e então assumiremos — respondeu Sparkes.

A van se arrastou até a área de estacionamento e parou em uma vaga dois carros atrás do alvo. Um policial da equipe saltou, coçando a cabeça e se esticando, e foi atrás de Jean Taylor. Ela entrou no toalete e o policial ficou na fila para comprar um hambúrguer. Fingiu comparar as qualidades dos pratos anunciados em cores nucleares acima do balcão enquanto esperava que Jean saísse. Pouco tempo depois, ela saiu sacudindo as últimas gotas de água das mãos. O policial mastigou seu cheesebúrguer duplo e a viu entrar na loja e examinar os baldes plásticos com flores, escolhendo um buquê de botões de rosas e lírios brancos embrulhados em papel de seda rosa e celofane. Ela os levou ao rosto para sentir o perfume dos estames cobertos de pólen enquanto caminhava até o balcão de doces para pegar um pacote com cores brilhantes. Skittles, registrou o policial do outro lado da loja deserta. Depois entrou na fila para pagar.

— Ela comprou flores e doces, senhor. Está indo para o carro. Vamos segui-la até a rodovia e transferir.

Sparkes e Salmond se entreolharam.

— Ela está indo a um túmulo — disse Sparkes, a boca seca. — Prepare os nossos rapazes.

*

Cinco minutos depois, dois outros veículos estavam na cola dela, ultrapassando um ao outro, revezando-se para ficar sempre três carros atrás. Jean manteve uma velocidade constante de cento e cinco quilômetros por hora. *Motorista cautelosa*, pensou Sparkes. *Provavelmente não está acostumada a dirigir na estrada. Fico imaginando se é a primeira vez que faz essa viagem*.

Salmond e ele não tinham falado desde que saíram do posto; estavam concentrados nas conversas nos canais da polícia. Mas em Winchester, quando ouviram que o carro de Jean Taylor havia deixado a rodovia e seguia rumo ao leste, ele pediu para ela acelerar.

Estavam pegando um pouco mais de trânsito, mas o carro de Jean estava agora menos de dois quilômetros à frente, com outro veículo da polícia ensanduichado no meio.

— Ela está parando — dizia a mensagem enviada pelo policial. — Árvores à direta, trilha, sem portão. Tenho que seguir com o carro ou ela me verá. Faço o retorno logo. Ela é toda sua.

— Firme, Salmond — disse Sparkes. — Suave e firme.

Eles quase perderam o carro dela, enfiado na trilha enlameada, mas Sparkes notou o lampejo metálico entre as árvores no último minuto.

— Ela está aqui — disse ele, e Salmond reduziu e deu a volta. — Estacione na estrada. Vamos precisar de acesso para os outros veículos.

Quando saltaram, uma chuva fina começou a cair sobre as árvores, e eles pegaram os casacos no porta-malas.

— Ela provavelmente ouviu o carro — sussurrou Sparkes. — Não sei até onde as árvores vão. Sigo na frente, e você espera a equipe. Chamarei quando precisar de você.

Salmond assentiu, de repente parecendo chorosa.

Sparkes atravessou a estrada rapidamente, virando-se e acenando antes de desaparecer entre as árvores.

Ainda não havia luz do dia suficiente para penetrar no bosque, e ele seguiu com cautela. Não conseguia ouvir nada além de sua respiração e dos corvos grasnando acima, perturbados por sua presença.

De repente, viu movimento à frente. Um flash de algo branco na penumbra. Parou e esperou um momento até estar pronto. Precisava se controlar, e ficou feliz por Salmond não estar lá para vê-lo tremer feito um mergulhador à beira de um trampolim. Respirou fundo três vezes, depois avançou com cuidado. Estava com medo de tropeçar nela. Não queria assustá-la.

Então a viu, no chão sob a copa de uma árvore. Estava sentada em um casaco, as pernas colocadas de lado para que todos vissem, como se em um piquenique. Ao lado dela, as flores pousadas no papel de seda.

— É você, Bob?

Ele ficou paralisado ao som de sua voz.

— Sim, Jean.

— Pensei ter ouvido um carro. Sabia que seria você.

— Por que está aqui, Jean?

— Jeanie. Prefiro que me chame de Jeanie — disse ela, ainda sem olhar para ele.

— Por que está aqui, Jeanie?

— Vim ver nossa menininha.

Sparkes se agachou ao lado da viúva, depois tirou o casaco, no qual se sentou para poder ficar perto dela.

— Quem é sua menininha, Jeanie?

— Bella, claro. Ela está aqui. Glen a colocou aqui.

CAPÍTULO 54

Sábado, 3 de julho de 2010

A VIÚVA

Não consegui evitar. Eu tinha que vê-la. A entrevista e o inquérito despertaram algo em mim, fizeram com que eu pensasse o tempo todo, e nem mesmo os comprimidos conseguiram dar um jeito nisso. Achei que haveria paz depois que Glen partiu, mas não houve. Eu ainda pensava o tempo todo. Não conseguia comer nem dormir. Sabia que precisava ir até ela. Nada mais importava.

Não era a primeira visita. Glen tinha me levado ao túmulo de Bella na segunda-feira antes de morrer. Depois de ter se sentado na cama e contado que não conseguia mais dormir. Ele começou a falar sobre o dia em que Bella desapareceu, encolheu-se no seu lado da cama, de costas para mim de modo que eu não pudesse ver seu rosto. Não me movi em nenhum momento enquanto ele me contava. Tinha medo de quebrar o encanto, e ele parar. Então escutei sem falar.

Ele disse que havia pegado Bella porque ela queria que ele fizesse isso. Não tinha sonhado aquilo. Ele sabia que havia deixado Bella sozinha no limite de um pequeno bosque ao voltar para casa e para mim, e sabia que tinha feito algo horrível. Ela adormecera nos fundos da van. Ele tinha um saco de dormir na van. Simplesmente a levantara dos fundos da van, ainda adormecida, e a colocara sob uma árvore para ser encontrada. Deixara alguns doces para ela comer. Skittles. Ele pretendia ligar para a polícia, mas entrou em pânico.

Depois ele se levantou e saiu do quarto antes que eu pudesse falar. Fiquei deitada, imóvel, como se pudesse parar o tempo naquele instante, mas minha mente estava correndo para longe de mim. Só conseguia pensar: *Por que ele tinha um saco de dormir na van? Onde o comprou?* Eu não conseguia me permitir pensar no que havia acontecido na van, no que meu marido tinha feito.

Eu queria apagar aquilo, e fiquei parada sob o chuveiro, deixando a água tamborilar em minha cabeça e encher meus ouvidos. Mas nada conseguia me impedir de pensar.

Desci para vê-lo na cozinha, e disse que a encontraríamos. Glen olhou para mim com expressão vazia e falou:

— Jeanie, eu a deixei há quase quatro anos.

Mas eu não aceitaria um não como resposta.

— Temos que ir — falei.

*

Entramos no carro e fomos procurar por Bella. Eu me assegurei de que não estávamos sendo observados ao sair, mas a imprensa não morava mais na nossa rua. Eu havia decidido que se víssemos um dos vizinhos, diríamos que estávamos indo fazer compras em Bluewater.

O tráfego estava pesado, e não conversamos enquanto seguíamos as placas rumo à M25.

Seguimos o roteiro que Glen devia ter feito naquele dia, de Winchester a Southampton, e então pegamos o caminho. As estradas rurais que pegara com Bella nos fundos da van. Eu a imagino sentada alegremente no assoalho da van com um punhado de doces, e me aferro a essa imagem com grande determinação. Sei que não foi assim, mas ainda não posso pensar em como foi de verdade.

Glen está pálido e suado ao volante.

— Isto é terrivelmente idiota, Jean.

Sei que ele quer retornar àquele dia. Ao que aconteceu. E estou permitindo que faça isso porque quero Bella.

Cerca de duas horas após termos saído de casa, ele diz:

— Foi aqui.

Não parece nada diferente das dezenas de agrupamentos de árvores pelos quais passamos, mas ele encosta.

— Como você pode ter tanta certeza? — pergunto.

— Fiz uma marca na cerca — diz.

E lá está. Uma mancha desbotada de óleo de motor em uma trave da cerca.

Ele pretendia voltar, penso. Depois coloco o pensamento de lado.

Glen tira o carro da estrada para não ser visto. Deve ter feito a mesma coisa naquele dia. Então ficamos sentados em silêncio. Sou eu que me movo primeiro.

— Venha — digo.

E ele solta o cinto de segurança. O rosto ficou vazio novamente, como havia ficado naquele dia no corredor. Não parece Glen agora, mas não estou com medo. Ele está tremendo, mas não o toco. Quando saltamos do carro, ele me leva a uma árvore perto do limite e aponta para o chão.

— Aqui — diz. — Eu a deixei aqui.

— Mentiroso — digo, e ele parece chocado. — Onde? — pergunto, minha voz soando como um guincho, assustando a ambos.

Ele me leva mais fundo nas árvores, então para. Não consigo ver nada que revele que alguém esteve lá antes, mas acho que dessa vez ele está dizendo a verdade.

— Eu a coloquei aqui — diz, e cai de joelhos. Eu me agacho ao lado dele sob a copa de uma árvore e faço com que me conte tudo de novo.

— Ela ergueu os braços para mim. Ela era bonita, Jeanie, e simplesmente me curvei sobre a mureta, peguei-a e coloquei na van. Quando paramos, eu a abracei bem forte e acariciei seu cabelo. Ela no começo gostou disso. Riu. E beijei sua bochecha. Dei um doce e ela adorou. Depois ela foi dormir.

— Ela estava morta, Glen. Não dormindo. Bella estava morta — digo, e ele começa a soluçar.

— Não sei por que ela morreu — diz ele. — Eu não a matei. Eu saberia se tivesse feito isso, não saberia?

— Sim, você saberia — digo. — Você sabe.

Só consigo ouvir os soluços dele, mas acho que está chorando por si mesmo, não pela criança que assassinou.

Ele diz:

— Talvez a tenha apertado demais. Eu não queria fazer isso. Era como um sonho, Jeanie. Então a cobri com o saco de dormir, galhos e coisas para mantê-la segura.

Consigo ver um fragmento de um material azul desbotado, preso nas raízes da árvore. Estamos ajoelhados ao lado do túmulo de Bella e acaricio o chão, consolando-a, deixando que saiba que agora está segura.

— Está tudo bem, meu bebê — digo e, por um segundo, Glen acha que estou me referindo a ele.

Eu me levanto, caminho de volta ao carro e deixo que ele faça o próprio caminho. Glen deixou o carro destrancado. Quando entro, mexo no GPS e marco este lugar como Lar. Não sei bem por quê, mas parece correto. Glen aparece e dirigimos de volta sem falar nada. Olho pela janela para o campo se transformando em subúrbios e planejo meu futuro.

*

Glen fizera algo horrível, mas eu podia cuidar de Bella, tomar conta dela e amá-la. Podia ser a mamãe dela para sempre.

Ontem à noite, decidi que acordaria cedo e iria encontrá-la. Ainda estaria escuro, então ninguém me veria sair. Não dormi enquanto esperava para partir. Estava com medo — com medo de dirigir na rodovia —, Glen sempre dirigia quando saíamos em viagens longas. Era o departamento dele. Mas eu me forcei a fazer isso. Por ela.

Parei no posto de gasolina porque queria comprar flores e levar comigo. Botõezinhos de rosa. Ela gostaria. Pequenos, rosados e bonitos como ela. E lírios para seu túmulo. Eu não sabia se iria deixá-los lá. Talvez os trouxesse de volta para casa para poder observá-los com ela. Também comprei doces para Bella.

Escolhi Skittles, e no carro me dei conta de que era o doce que Glen havia escolhido. Joguei-o pela janela.

O GPS me trouxe diretamente para cá. “Você chegou ao seu destino”, disse o aparelho. E eu havia chegado. *Lar*, dizia a tela. Desacelerei um pouco para deixar que o carro que vinha atrás me ultrapassasse. Em seguida, entrei na estrada de terra. Estava ficando claro, mas ainda era cedo, de modo que não havia ninguém por perto. Entrei em meio às árvores e procurei por Bella. Eu tinha deixado o pano amarelo que Glen usava para limpar o para-brisa enfiado ao lado do material azul sob a raiz da árvore onde ele a largara, e esperei que ainda estivesse lá. O bosque não era muito grande, e eu tinha levado uma pequena lanterna por precaução. Não demorou muito para que encontrasse. O pano estava lá, um pouco ensopado por causa da chuva.

Eu tinha planejado o que iria fazer. Faria uma prece, depois conversaria com Bella, mas no fim só quis me sentar e ficar perto dela. Estendi o casaco, sentei-me ao lado dela e mostrei as flores. Não sei quanto tempo passei ali antes de ouvi-lo. Eu sabia que seria ele quem iria me encontrar. Destino, minha mãe diria.

Ele foi muito gentil quando falou comigo. Quando me perguntou por que estava lá. Ambos sabíamos, claro, mas ele precisava que eu dissesse. Precisava muito disso. Então falei para ele.

— Vim ver nossa menininha.

Ele achou que eu estava falando da minha menininha com Glen, mas na verdade Bella é minha e de Bob. Ele a ama tanto quanto eu. Glen nunca a amou. Apenas a queria, e a tomou.

Ficamos um tempo sentados, sem conversar, e então Bob me contou a história real. A história que Glen não conseguiu me contar. Ele me disse que Glen havia encontrado Bella na internet e a caçara. Explicou como a polícia vira uma filmagem dele seguindo Bella e Dawn desde a creche quatro dias antes de sequestrá-la. Como tinha planejado a coisa toda.

— Ele disse que havia feito por mim — falei.

— Fez isso por ele mesmo, Jean.

— Ele disse que eu o levei a fazer isso por precisar tanto de um bebê. Que era culpa minha. Ele fez isso porque me amava.

Bob olhou com severidade para mim e falou lentamente.

— Glen a pegou para ele mesmo, Jean. Ninguém mais tem culpa. Nem Dawn, nem você.

Eu me senti como se estivesse debaixo d’água, e não consegui ouvir nem ver nada com clareza. Senti como se estivesse me afogando. Parecia que estávamos lá por horas quando Bob me ajudou a levantar, colocou meu casaco sobre os ombros e segurou minha mão para me levar embora.

Eu me virei e sussurrei:

— Adeus, querida.

Depois caminhamos em direção às luzes azuis que lampejavam por entre as árvores.

*

Vi as imagens do funeral na TV. Um pequeno caixão branco com botões de rosa no alto. Centenas de pessoas de todo o país compareceram, mas eu não pude ir. Dawn conseguiu uma ordem judicial para me impedir. Recorremos ao tribunal, mas o juiz concordou com o psiquiatra que seria demais para mim.

Ainda assim, eu estava lá.

Bella sabia que eu estava lá, e é só isso que importa.

AGRADECIMENTOS

À irmã Ursula IBVM, por acender a luz.

E aos que ajudaram a trocar a lâmpada: meus pais, David e Jeanne Thurlow; minha irmã, Jo West; e Rachael Bletchly, Carol Maloney, Jennifer Sherwood, Wendy Turner, Rick Lee e Jane McGuinn.

Os especialistas: o ex-investigador-chefe Colin Sutton, por me colocar na direção certa nas questões policiais, e John Carr, fonte de todo o conhecimento sobre segurança infantil na internet.

Minha maravilhosa agente, Madeleine Milburn; os editores Danielle Perez e Frankie Gray, e todos na Transworld e na NAL/Penguin Random House por seu estímulo, sua paciência e determinação de colocar *A viúva* no papel.

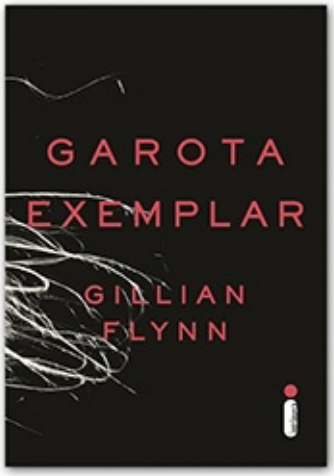
SOBRE A AUTORA



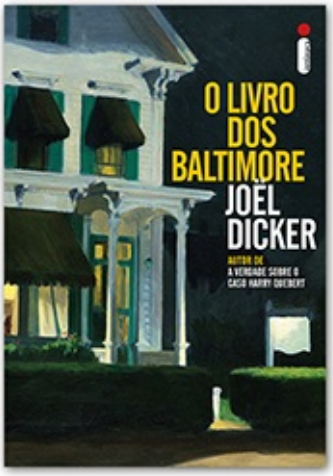
© Justyn Wilsmore

FIONA BARTON é uma experiente jornalista. Foi repórter do *The Daily Mail*, chefe de reportagem do *The Daily Telegraph* e repórter especial do The Mail on Sunday, onde conquistou o prêmio de Jornalista do Ano pelo British Press Awards. *A viúva* é seu primeiro romance. Nascida em Cambridge, na Inglaterra, atualmente mora no sudoeste da França.

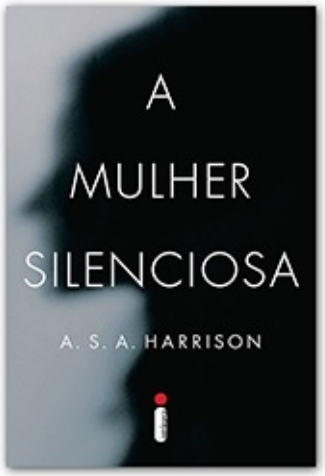
LEIA TAMBÉM



Garota exemplar
Gillian Flynn



O livro dos Baltimore
Joël Dicker



A mulher silenciosa
A. S. A Harrison

Table of Contents

Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também